

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

RENATA DOS SANTOS DE MATTOS

**A DIRECCIÓN DE INTELIGENCIA NACIONAL (DINA), O TERRORISMO DE
ESTADO NO CHILE E AS RELAÇÕES COM O IMPERIALISMO
ESTADUNIDENSE (1973-1977)**

Porto Alegre

2019

RENATA DOS SANTOS DE MATTOS

**A DIRECCIÓN DE INTELIGENCIA NACIONAL (DINA), O TERRORISMO DE
ESTADO NO CHILE E AS RELAÇÕES COM O IMPERIALISMO
ESTADUNIDENSE (1973-1977)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Linha de Pesquisa: Relações de Poder Político-Institucionais.

Orientador: Prof. Dr. Mathias Seibel Luce

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Mattos, Renata dos Santos de
A DIRECCIÓN DE INTELIGENCIA NACIONAL (DINA), O
TERRORISMO DE ESTADO NO CHILE E AS RELAÇÕES COM O
IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE (1973-1977) / Renata dos
Santos de Mattos. -- 2019.
253 f.
Orientador: Mathias Seibel Luce.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Ditadura civil-militar. 2. Terrorismo de Estado
. 3. Chile . 4. Estados Unidos . 5. Direção de
Inteligência Nacional (DINA). I. Luce, Mathias Seibel,
orient. II. Título.

RENATA DOS SANTOS DE MATTOS

**A DIRECCIÓN DE INTELIGENCIA NACIONAL (DINA), O TERRORISMO DE
ESTADO NO CHILE E AS RELAÇÕES COM O IMPERIALISMO
ESTADUNIDENSE (1973-1977)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 24 de maio de 2019 e atribuído o conceito “A”.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Mathias Seibel Luce (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Caroline Silveira Bauer (UFRGS)

Prof. Dr. Enrique Serra Padrós (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Mariana Joffily (UDESC)

Porto Alegre

2019

AGRADECIMENTOS

Após dois anos de estudo, tensão e total imersão em meu objeto de pesquisa, nada mais justo e significativo do que começar este trabalho pelos agradecimentos. Concluir esta etapa da vida acadêmica, que para mim é um sonho, foi resultado de trabalho e de esforço coletivo. É uma conquista minha, mas de muitas outras pessoas também.

Primeiramente, gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa, permitindo que eu pudesse concentrar todas as minhas energias na realização desta pesquisa, na participação em eventos e pesquisas de campo. Da mesma forma, agradeço aos professores, funcionários e bolsistas do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS e, principalmente, ao meu orientador Mathias, que desde a graduação é para mim uma referência nos estudos latino-americanos e que, apesar da distância, me forneceu todo o suporte e incentivo para desenvolver este trabalho. Muito me orgulha ter tido a oportunidade de concluir a graduação e agora, o mestrado numa Universidade pública de qualidade como a UFRGS. Que este seja sempre um espaço diverso e aberto para o debate, para a troca e a produção do conhecimento.

À banca, composta pelos professores Enrique Padrós, Caroline Bauer e Mariana Joffily, profissionais que tanto admiro e acompanho há bons anos, minha gratidão. Não apenas por aceitarem fazer parte do processo de avaliação, mas também pelas relevantes contribuições ao trabalho e por serem grande inspiração para nós alunos.

Agradeço aos colegas da graduação, da pós-graduação, colegas dos arquivos por onde passei e colegas de profissão pelos debates, diálogos dentro e fora de sala de aula, pelo apoio e por dividirem as angústias e as alegrias que só o curso de História nos proporciona.

A todos os meus amigos e afilhados que, com sorrisos, mensagens, palavras de conforto, viagens e carinho renovaram minhas energias durante esses dois anos para que eu tivesse forças de seguir adiante. Só posso dizer que sou grata pela amizade e parceria em todos os momentos.

Aos meus avós, tios, primos e familiares agradeço pela paciência, pela compreensão nos dias em que estive ausente e pela torcida para que tudo resultasse em sucesso e felicidade. O apoio de vocês sempre foi e é muito importante, me motiva e ajuda a crescer.

Aos meus pais e irmãos gostaria de agradecer por absolutamente tudo, desde minha existência até o apoio incondicional em tudo aquilo que sempre almejei realizar. Sem a

compreensão e a força para que eu alçasse vôos mais altos, eu jamais teria chegado até aqui. Vocês são o que tenho de mais precioso na vida, os amo e guardo no fundo do coração.

Ao meu companheiro de vida, digo que me faltam as palavras para descrever o que significou ter contado contigo em todos os instantes desta e de outras difíceis jornadas. Não à toa, ao mesmo tempo em que celebramos a conquista do mestrado vivemos outro grande sonho juntos. Teu amor e suporte diários me fizeram sentir mais forte e capaz. Mesmo com perspectivas distintas sobre alguns aspectos da vida, me disseste que eu deveria seguir adiante, que eu tinha potencial e que eu tudo posso neste mundo. Que assim como eu, todas as mulheres possam ocupar os espaços que desejarem, especialmente, o universo acadêmico e científico, buscando, junto de seus companheirxs, um mundo mais justo e igual. Por isso e tudo mais, todo o meu amor e agradecimentos.

Ao povo chileno, pela recepção calorosa; pela atenção em cada arquivo e espaço de memória; pelas palavras de incentivo sempre que questionada sobre meu tema de pesquisa; pela inspiradora e incessante luta e pela resistência em esquecer o passado, meu maior respeito e gratidão. O interesse e a paixão despertados em 2011, em minha primeira viagem ao Chile, se renovam a cada retorno ao país, a cada contato com pesquisadores e sobreviventes, a cada leitura que faço e parágrafo que escrevo. E dessa forma, espero contribuir de alguma maneira para que os tristes eventos aqui narrados nunca sejam *olvidados*, para que jamais se repitam. *Por la memoria, la verdad y la justicia!*

*“Todo se hunde en la niebla del olvido, pero cuando
la niebla se despeja el olvido está lleno de memoria”*

Mario Benedetti

RESUMO

Em setembro de 1973, através de um golpe de Estado, as Forças Armadas instauraram no Chile uma ditadura alicerçada nos preceitos da Doutrina de Segurança Nacional e do Terrorismo de Estado, sob influência do imperialismo estadunidense. Em decorrência disso, a Junta de Governo, liderada por Augusto Pinochet, se valeu de elementos tais como a violência física e psicológica como recursos para a legitimação do regime e a contenção de toda oposição e resistência. A constante vigilância e a eliminação de inimigos internos, características das ditaduras latino-americanas do período, geraram a demanda de um órgão de inteligência que fosse autônomo e centralizado, que realizasse operações direcionadas e se reportasse diretamente ao ditador, a fim de debelar implacavelmente a resistência em um país onde as lutas sociais contavam com partidos e movimentos de esquerda com sólida experiência organizativa e expressão de massas como o Chile. Dessa maneira, nasceu no mesmo ano do golpe a clandestina *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA), dirigida pelo coronel Manuel Contreras Sepúlveda e composta por centenas de agentes civis e militares. Oficializada somente em 1974 como “órgão militar de caráter técnico-profissional”, cuja função seria reunir informação e produzir conteúdo de inteligência que culminasse em medidas de resguardo da “segurança nacional e do desenvolvimento”, à DINA foram acrescentados os encargos de perseguir, torturar, assassinar e desaparecer opositores políticos, sobretudo militantes de partidos e grupos de esquerda. Até 1977, quando passou a se chamar *Central Nacional de Informaciones* (CNI), o aparato repressivo criado por Pinochet estabeleceu conexões com países do Cone Sul, formando a Operação Condor, em colaboração com os EUA e, especialmente, com a CIA. Assim, partindo dessas premissas e dando continuidade ao estudo realizado em meu Trabalho de Conclusão de Curso em que foi analisado o Plano ITT-CIA durante o governo de Salvador Allende, a presente dissertação visa a examinar, a partir de fontes desclassificadas estadunidenses e chilenas, o período ditatorial com o objetivo de compreender o papel da DINA, as dimensões do seu poder no Chile e a profundidade de suas relações com os órgãos de inteligência estadunidenses.

Palavras-chave: DINA, Estados Unidos da América, Chile, repressão, Terrorismo de Estado.

ABSTRACT

In September 1973, through a coup d'état, the Armed Forces established a dictatorship in Chile based on the precepts of the National Security Doctrine and State Terrorism, under the influence of US imperialism. In consequence, the Junta de Gobierno, led by Augusto Pinochet, used the elements such as physical and psychological violence as resources for the legitimation of the regime and the containment of all opposition and resistance. The constant vigilance and elimination of internal enemies, characteristic of the Latin American dictatorships of the period, generated the demand for an autonomous and centralized intelligence agency that would carry out targeted operations and report directly to the dictator in order to contain relentlessly the resistance in a country where social struggles had left-wing parties and movements with solid organizational experience and mass expression, such as Chile. In this way, the clandestine National Intelligence Directorate (DINA), headed by Colonel Manuel Contreras Sepúlveda and composed of hundreds of civilian and military agents, was born in the same year. Officialized only in 1974 as a "technical and professional military body", whose function would be to gather information and produce intelligence content that culminated in measures to safeguard "national security and development," DINA added the burden of persecuting, torturing, assassinating and disappear political opponents, mainly party militants and leftist groups. Until 1977, when it became the National Information Center (CNI), the repressive apparatus created by Pinochet established connections with countries of the Southern Cone, forming Operation Condor, in collaboration with the US and especially the CIA. Thus, starting from these premises and continuing the study carried out in my research to finish the undergraduate course in which the ITT-CIA Plan was analyzed during the Salvador Allende administration, this dissertation aims to examine, from declassified US and Chilean sources, a dictatorial period in order to understand the role of DINA, the dimensions of its power in Chile, and the depth of its relations with US intelligence agencies.

Keywords: DINA, United States of America, Chile, Repression, State Terrorism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma das principais brigadas da DINA	94
Figura 2 - Mapa de Tejas Verdes.....	112
Figura 3 - Planta baixa do antigo recinto clandestino Londres 38	119
Figura 4 - Fundación 1367 Casa Memoria José Domingo Cañas	122
Figura 5 - Antigo recinto clandestino Venda Sexy.....	125
Figura 6 - “La Torre”, ex-centro clandestino de Villa Grimaldi	130
Figura 7 - Ex- centro clandestino Colonia Dignidad.....	132
Figura 8 - Antigo centro clandestino de detenção Cuartel Simón Bolívar	137

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1- Fragmento do documento “Pinochet’s role in the Letelier Assassination and Subsequent Coverup”	225
Anexo 2 - Documento do Ministério da Saúde Pública chileno solicitando ao Ministério de Justiça a retirada dos cadáveres das ruas no mês seguinte ao golpe de Estado.....	227
Anexo 3 - Manual de Operaciones Secretas da DINA	228
Anexo 4 - Resposta da DINA sobre os antecedentes de cidadãos chilenos	229
Anexo 5 - Decreto-lei nº 521, decreto que oficializou a Dirección de Inteligencia Nacional	230
Anexo 6 - Fragmento do jornal El Mercurio	233
Anexo 7 - Reportagem “La Vendetta Chilena” lançada no marco da Operação Colombo pela revista argentina Lea.....	234
Anexo 8 - Memorando do Vice-Diretor de Operações para o Diretor Central de Inteligência (EUA)	236
Anexo 9 - Documento desclassificado "Meeting with Col Contreras”	237

LISTA DE ABREVIATURAS

AAA – Aliança Anticomunista Argentina

ALPRO – Aliança para o progresso

APS - Área de Propriedad Social

BIC – Brigada de Inteligência Cidadã

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

BIM – Brigada de Inteligência Metropolitana

BIR – Brigada de Inteligência Regional

BOC - Brigada Obrero Campesina

CAGLA - Chicago Action Group for the Liberation of Americas

CEPAL - Comissão Econômica para América Latina e Caribe

CIA – Central Intelligence Agency

CNI – Central Nacional de Informaciones

CUT – Central Única de Trabalhadores

DIA – Defense Intelligence Agency

DINA – Dirección de Inteligencia Nacional

DINE – Direção de Inteligência do Exército

DSN - Doutrina de Segurança Nacional

ELN- Ejército de Libertación Nacional

ENI – Escuela Nacional de Inteligencia

ERP - Ejército Revolucionario del Pueblo

ESG – Escola Superior de Guerra

EUA – Estados Unidos da Américas

FBI – Federal Bureau of Investigation

FER - Frente de Estudiantes Revolucionarios

FIN - Fuente de Información Norteamericana

FPMR – Frente Patriótico Manuel Rodríguez

FTR - Frente de Trabajadores Revolucionarios

GPM - Grupo Político Militar

IPS – Institute for Policy Studies

ITT – Internacional Telephone and Telegraph

IWG- Inter-agency Working Group

JCR - Junta Coordinadora Revolucionaria

JID - Junta Interamericana de Defensa

MAPU - Movimento de Ação Popular Único

MCR - Movimiento Campesino Revolucionario

MIR – Movimiento de Izquierda Revolucionária

MPR - Movimiento de Pobladores Revolucionarios

MUI - Movimiento Universitario de Izquierda

MLAT - Mutual Legal Assistance Treaty

NAAIC - North American Anti-Imperialist Coalition

NARA - National Archives Records Administration

NSDM - National Security Decision Memorandum

OAS - Organisation de l'Armée Secrète

OEA – Organização dos Estados Americanos

OSS – Office of Strategic Services

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PC – Partido Comunista

PCI – Partido Comunista Italiano

PDC – Partido Democrata- Cristão

PN – Partido Nacional

PROTECO – Protección Comunal

PRPM – Política de Rebelião Popular de Massas

PS – Partido Socialista

PyL – Patria y Libertad

SENDET - Secretaria Ejecutiva Nacional de Detenidos

SICAR - Servicio de Inteligencia de Carabineros

SIDE - Servicio de Inteligencia del Estado

SIFA - Servicio de Inteligencia de la Fuerza Aerea

SIM - Servicio de Inteligencia Militar

SIN- Servicio de Inteligencia Naval

SNI – Serviço Nacional de Informações

SOA – School of Americas

TDE – Terrorismo de Estado

TIAR - Tratado Interamericano de Assistência Recíproca

TNI – Transnacional Intitute

UP – Unidade Popular

USAID - United States Agency for International Development

VRM - Vanguarda Revolucionária Marxista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1. Doutrina de Segurança Nacional e Terrorismo de Estado na configuração do Estado de contrainsurgência no Chile: as relações com o imperialismo	31
1.1. Doutrina de Segurança Nacional (DSN) e Terrorismo de Estado (TDE) nas relações interamericanas	31
1.2. Panorama histórico da CIA e seu engajamento como braço do imperialismo	49
1.3. A preparação do Estado de contrainsurgência no Chile	59
Capítulo 2. A DINA, o Terrorismo de Estado e sua vinculação com o imperialismo	66
2.1. O 11 de setembro de 1973 e a gestação da DINA	66
2.2. Sobre a estrutura da DINA e seu maior oponente	84
Capítulo 3. “Se torturó en la DINA? Jamás di una orden de torturar”: Os centros clandestinos de detenção	111
3.1. Tejas Verdes e Rocas de Santo Domingo - o começo	112
3.2. Londres 38 e Cuartel Ollagüe – o cárcere dos miristas	116
3.3. La Venda Sexy ou <i>Discothèque</i>	125
3.4. Villa Grimaldi – Cuartel Terranova.....	128
3.5. Colonia Dignidad – a presença alemã	132
3.6. Cuartel Simón Bolívar	137
Capítulo 4. Operação Condor: o marco das ações da DINA no exterior e da relação com os Estados Unidos da América	141
4.1. As origens do “Mercosur del terror”	141
4.2. Missing – o caso de Frank Teruggi e Charles Homan.....	147
4.3. O assassinato de Carlos Prats	154
4.4. Operación Colombo – o caso dos 119	161
4.5. O crime em Sheridan Circle	166
4.6. Projeto Andrea, Carmelo Soria e Eugenio Berríos.....	175
Capítulo 5. Continuidades e rupturas	179
5.1. a transição: o fim da DINA e o nascimento da CNI.....	179
5.2. As mudanças na relação EUA – Chile e seus impactos	188
5.3. A DINA no banco dos réus: para além do caso Letelier	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	219
ANEXOS	225

REFERÊNCIAS 238

INTRODUÇÃO

O século XX marcou um período de transição, divisão e disputas no mundo inteiro. A partir da Guerra Fria, Ocidente e Oriente cindiram o globo em dois blocos – capitalista e comunista - selando os destinos de diversas sociedades, sobretudo, na América Latina. Nesse contexto e, principalmente após a Revolução Cubana, mas em tendência desde o segundo pós-Guerra, observa-se um crescente intervencionismo do imperialismo estadunidense nas relações interamericanas, seja para conter a radicalização das lutas sociais na América Latina, seja para preservar a região como esfera de influência econômica e geopolítica dos EUA. Dessa maneira, buscava-se tanto a supremacia de seus interesses econômicos, como preservar sua hegemonia na contenda política e ideológica mundial.¹

O Chile, inserido nessa conjuntura de disputas por poder, desde meados dos anos 1920 até 1970, de certo modo, se manteve alinhado aos interesses estadunidenses. A relação comercial que garantiu tamanha proximidade entre os dois países estava pautada pela extração de cobre, principal produto chileno de exportação. Desse modo, foram instalados no país corporações tais como *Braden Copper & Co.*, *Anaconda Copper* e *Kenecott Copper Co.*, que obtiveram lucros extraordinários até o processo de *chilenización* do cobre durante a administração do Partido Democrata Cristão (PDC), e especialmente, sob nacionalização do cobre durante o governo de Salvador Allende.² Assim, a fim de defender seus investimentos e sustentar os princípios do “livre mercado” na região, os EUA praticaram uma política exterior que abrangeu diversas modalidades para influenciar a dinâmica interna do Chile, de modo a garantir a manutenção do *status quo* que o favorecia na competição mundial intercapitalista e na rivalidade geopolítica no contexto do conflito que marcou a Guerra Fria.

¹ A esse respeito, ver SUÁREZ SALAZAR, Luis Armando e GARCÍA LORENZO, Tania. **Las relaciones interamericanas: continuidades y cambios**. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

² Não se sugere com isso que a nacionalização do cobre sob o governo Frei não tenha sido limitada, mas pontua-se esse evento como um primeiro momento em que o intento de desenvolvimento nacional, naquele então à luz da ideologia desenvolvimentista, procurou reter internamente uma parcela maior da renda gerada pelo cobre. Seria, sobretudo, na década de 1970 sob o governo Allende, em que se promoveria uma nacionalização radical da principal riqueza nacional do Chile. Para uma análise sobre a questão do cobre na economia chilena, ver o estudo do economista e ex-gerente de CODELCO (Corporación Nacional del Cobre) nos anos da Unidad Popular, Orlando Caputo. “La nacionalización del cobre durante el gobierno de Allende y la desnacionalización actual”. **Rebelión**, 2 de setembro de 2008. Disponível em <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=71886>>

Embora políticas como a “Aliança para o progresso” (ALPRO) estabelecida por John F. Kennedy na América Latina, através da OEA, estivessem garantindo relações econômicas com o Chile favoráveis aos interesses imperialistas e contribuindo na contenção do avanço do nacionalismo revolucionário ou de projetos socialistas e anticapitalistas, as eleições de 1964 desencadearam agressivas ingerências que, entre outras coisas, buscavam frear o candidato socialista Salvador Allende e as possibilidades de uma “segunda Cuba” no Cone Sul. Nesse mesmo ano, ocorreram o golpe de Estado do Brasil e a entrada da *Central Intelligence Agency* (CIA) em território chileno, eventos que dão início a um período de arbitrariedades, violência e acirramento da luta de classes.

As eleições presidenciais rivalizadas por Eduardo Frei, candidato Democrata Cristão e Salvador Allende, candidato socialista, configura-se como estopim para o início das “operações encobertas” (*covert actions*)³, operações de guerra psicológica (*Psyops*)⁴ e pesados financiamentos aos meios de comunicação e partidos políticos de orientação conservadora e anti-tendências esquerdizantes. Dessa forma, após sofrer diversos ataques orquestrados

³ “Operações encobertas são utilizadas por um governo ou organização para tentar influenciar sistematicamente o comportamento de outro governo ou organização através da manipulação de aspectos econômicos, sociais e políticos relevantes para aquele ator, numa direção favorável aos interesses e valores da organização ou governo que patrocina a operação [...] Quatro tipos de operações encobertas podem ser destacados. O primeiro tipo é o mais extremado, envolvendo o apoio a grupos já existentes (ou o financiamento e a organização de grupos) para a condução de guerra subterrânea, operações paramilitares, guerrilhas, campanhas de contra-insurgência ou terrorismo [...] Um segundo grupo de operações encobertas envolve os chamados *wet affairs*, desde o apoio a golpes de Estado e tentativas de assassinatos de líderes das forças adversárias (ou de governantes) até incursões militares irregulares numa fronteira, sabotagem e perpetração de atos terroristas isolados [...] O terceiro tipo envolve operações de sabotagem econômica e política contra forças adversárias ou, por outro lado, o fornecimento de assistência secreta a governos e forças aliadas, tais como partidos políticos, organizações não-governamentais, meios de comunicação, etc. [...] Por sua vez, o quarto tipo de operações encobertas abarca um conjunto de medidas para tentar influenciar as percepções de um governo ou mesmo da sociedade como um todo através de agentes de influência, desinformação, falsificação de dinheiro ou documentos, além, dos vários tipos mais ou menos encobertos de propaganda”. CEPIK, Marco. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 61-62.

⁴ Segundo a visão dos militares estadunidenses especialistas em estratégia, informação e segurança, “Operações psicológicas podem ser definidas amplamente como o uso planejado de comunicações para influenciar as atitudes e comportamentos humanos. Isso consiste de ações políticas, militares e ideológicas conduzidas para criar em grupos-alvo comportamentos, emoções e atitudes que apoiem a consecução dos objetivos nacionais. Se usado corretamente, *PSYOP* normalmente precederá, acompanhará e seguirá todas aplicações de força. Isto será realizado sob a mais abrangente política nacional dos EUA, e as forças armadas componente do esforço geral de operações psicológicas deve ser coordenado total e cuidadosamente com outras agências do governo. Mais especificamente, a *PSYOP* pode ser usada para desmoralizar, desorientar e confundir grupos hostis. Quando grupos hostis são alvo, a *PSYOP* é empregada como arma ofensiva que pode melhorar a eficácia global das operações militares. Também pode ser usada para unir, informar e reforçar moral dos grupos não hostis. Ao segmentar neutro ou grupos amigáveis, é usado para apoiar os objetivos militares desenvolver atitudes cooperativas e comportamento no alvo grupo.” IKLE, Fred. The modern context. In: BARNETT, Frank R.; LORD, Carnes. **Political Warfare and psychological operations – Rethinking the US approach**. National Defense University Press. Washington, DC, 1989. p.3

conjuntamente entre forças políticas chilenas e estadunidenses, Allende perdeu o pleito eleitoral, abrindo espaço para o mandato que dava continuidade às forças políticas que serviam de esteio para a ALPRO no Chile.⁵ Entre os quatro anos que separam o governo de Eduardo Frei e as eleições de 1970, ocorreram a primeira nacionalização do cobre e os primeiros passos para a reforma agrária. O partido democrata-cristão apresentava pautas econômicas sem confrontar incisivamente os investimentos estrangeiros, ao mesmo tempo em que buscava conciliá-las com algumas políticas de estatização. Um ingrediente a mais nesse sentido era a ligação pessoal do presidente Frei com o alto escalão da inteligência estadunidense e o presidente Lyndon B. Johnson.

A Revolução Cubana em 1959 foi um processo-chave nas mudanças que ocorreriam no Chile e em toda a América Latina. O triunfo do Movimento 26 de Julho, sob a liderança de Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos, Celia Sánchez, Haydée Santamaría, entre outros, além de demonstrar que uma tirania como a de Batista apoiada pelos EUA, poderia ser derrotada, teceu esperanças aos grupos revolucionários incipientes em todo o continente, apontando que a revolução, sim, era possível. Somado a isso, o “Maio de 68” europeu, despertou nos movimentos sociais a vontade da mudança e levou os jovens às ruas. Presente nessa conjuntura de efervescência política mundial e regional, Salvador Allende apresentou-se no Chile como uma opção com potencial de, finalmente, vencer o pleito. Através da “Via Chilena para o Socialismo”, a Unidade Popular (UP) – coalizão entre os Partido Socialista, Partido Comunista, Partido Radical, Partido Social Democrata e o Movimento de Ação Popular Unitária - enfrentou o PDC novamente, representado por Radomiro Tomic e o Partido Nacional por Jorge Alessandri.⁶

⁵ O governo Frei, que tinha como lema “Revolução em Liberdade”, propunha na verdade algumas tímidas reformas nos marcos do capitalismo. E sua reforma agrária, concebida aos moldes do mercado, coadunavam-se com as diretrizes da ALPRO, que preconizava algumas medidas de reforma no continente como prevenção para a irrupção de rupturas com o sistema, como acontecera em Cuba. Para uma análise crítica dos limites da reforma agrária do governo Frei, ver KAY, Cristóbal. **El reformismo agrario y la transición al socialismo en América Latina**. Medellín: La Oveja Negra, 1986 (nesse trabalho, o chileno Cristóbal Kay compara as políticas de reforma agrária dos governos Frei e Allende. Embora trace balanço crítico acerca de ambas, expõe as diferenças entre uma e outra, no contexto dos projetos político-ideológicos que as motivavam).

⁶ Além desses partidos, outra organização política importante no período foi o Movimiento Izquierda Revolucionaria (MIR). Embora não tenha aderido à coalizão da UP, mantendo sua independência e uma relação de apoio crítico, o MIR mantinha contatos com círculos do governo Allende e com o próprio presidente, tendo quadros seus, inclusive, na guarda pessoal do Presidente Allende. Para uma história política do Chile no período, ver WYNN, Peter. **A Revolução Chilena**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

A vitória da UP por 36,3% dos votos criou um ambiente de euforia e ao mesmo tempo de apreensão na esquerda chilena.⁷ Apesar de a presidência estar nas mãos de um político socialista, que fora antes Senador e dirigente partidário, de longa trajetória e com promessas revolucionárias, haveria que enfrentar os grupos dominantes, setores das camadas médias e o imperialismo. Durante os três anos em que governou, os embates entre Allende e o Congresso foram constantes, a oposição não poupou críticas ao governo, tampouco permitiu que o presidente implementasse, com alguma estabilidade, as propostas do Programa de governo da UP. No entanto, desafiando os desmandos estadunidenses e a oposição interna, a experiência chilena buscou ir além de tudo aquilo que se vira na América Latina até então. O governo socialista procurou romper com as estruturas do passado, dando ao país, através de mecanismos legais, a chance de se fazer a revolução. Os trabalhadores estavam assumindo postos de comando dentro das fábricas (*cordones industriales* e *comandos comunales*), a classe baixa detinha o acesso aos direitos básicos como saúde e alimentação e parte da população estava convicta do poder popular e, por isso, ocupava as ruas manifestando apoio ao governo da UP.⁸ Mas, com efeito, o país cindia-se. Assim como nos demais países do Cone Sul que tiveram sua democracia defraudada, a burguesia e os EUA não aceitaram a transição em curso liderada por Allende e sua “via Chilena ao Socialismo”, apesar de suas tentativas de acordos com os grupos opositores.⁹

Nos anos que precederam o golpe de Estado no Chile, a CIA, as grandes corporações multinacionais, aliadas à burguesia chilena, aos meios de comunicação e aos militares desencadearam uma série de ações que impediram Allende de governar. Traçada a conspiração desde os anos 1960, os EUA desenvolveram uma “fórmula para o caos” que resultaria, mais tarde, no 11 de setembro de 1973. O bombardeio do Palácio da Moneda marcou o início de uma ditadura que disseminou o Terrorismo de Estado (TDE) em todas as esferas. Atuava-se em nome da missão de “extirpar o marxismo”, como proferiu o general

⁷ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. A Revolução chilena e a ditadura militar. In: WASSERMAN, Cláudia; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (Org.). **Ditaduras militares na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.84

⁸ Um dos melhores estudos disponíveis sobre as lutas populares na conjuntura chilena de finais dos anos 1960 e os anos do governo da UP é o trabalho de CURY, Márcia. **O protagonismo popular. Experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2017.

⁹ Esse quadro de efervescência política e avanço das lutas populares, mas também de reação violenta dos grupos dominantes é narrado, respectivamente, na terceira e segunda partes do documentário A Batalha do Chile, de Patricio Guzmán. A terceira parte é intitulada “O poder popular”. E a segunda, “A Insurreição da burguesia” (já a primeira parte é voltada ao golpe de 1973).

Gustavo Leigh na primeira transmissão da Junta ao público; era imprescindível apagar a ideologia defendida por Salvador Allende de uma transformação social revolucionária. E, para tanto, foi criado um sistema de inteligência capaz de perpetrar as maiores atrocidades vistas na América Latina. Sob a promulgação das leis nº 5, 10 e 15, de 11 de setembro de 1973, a Junta Militar atacou o governo anterior afirmando que esse teria “quebrado la unidad nacional fomentando artificialmente una lucha de clases estéril y en muchos casos cruenta”¹⁰. Ademais, listou dezenas de nomes de políticos ligados ao ex-presidente, intimando-os a entregarem-se no Ministério da Defesa para serem presos¹¹ e instaurou o estado de sítio no Chile, além da completa censura aos meios de comunicação.¹²

Ainda em 1973, Pinochet ordenou ao coronel Manuel Contreras Sepúlveda que esse iniciasse o treinamento de um grupo de elite de militares, os quais formariam posteriormente o corpo de ação da *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA). A Doutrina de Segurança Nacional (DSN), inspirada nas teorias de guerra contrarrevolucionária da *Organisation de l'Armée Secrète* (OAS) francesa na Argélia e da contra-insurgência dos EUA, segundo apontam Miguel Rojas Mix¹³ e Pablo Policzer¹⁴, chegava ao Chile com extrema força, aniquilando a esquerda e os primeiros sinais de resistência e oposição à ditadura recém implantada. Conhecida pelo apelido “o monstro”¹⁵ dentro do próprio *Centro de Contrainteligencia de las Fuerzas Armadas* (CECIFA) do Chile, segundo aponta um relatório secreto da Inteligência do Departamento de Defesa dos EUA, a DINA ganharia plenos poderes para executar qualquer ação no combate da subversão, até mesmo para além das fronteiras chilenas. Nascia oficialmente a DINA, em junho de 1974, sob o decreto-lei nº 521. Classificada como "organismo técnico-profissional dependente direto da Junta de

¹⁰CHILE. Bando nº5. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/doc_jm_gob_pino8/DMdocjm0023.pdf> Acessado em: mar. de 2018.

¹¹CHILE. Bando nº10. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/doc_jm_gob_pino8/DMdocjm0022.pdf> Acessado em: mar. de 2018.

¹²CHILE. Bando nº15. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/doc_jm_gob_pino8/DMdocjm0021.pdf> Acessado em: mar. de 2018.

¹³MIX, Miguel Rojas. La dictadura militar en Chile e América Latina. In: WASSERMAN, Cláudia; GUAZZELLI, Cezar Augusto Barcellos (Org.). **Ditaduras militares na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 14

¹⁴ POLICZER, Pablo. **Los modelos del horror. Represión e información en Chile bajo la dictadura Militar**. Santiago: Lom Ediciones 2014. p.74

¹⁵ U.S Department of State - Freedom of Information Act. DINA and CECIFA internal conflicts and the treatment of detainees, February 5th, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pdod/9c01.PDF>> Acessado em: mar. de 2018.

Gobierno"¹⁶, o órgão foi criado para auxiliar na extração e reunião de informações que formariam o sistema de inteligência e segurança – sob preceitos daquilo que Michael Löwy e Eder Sader caracterizaram como Estado de dominante coercitiva.¹⁷

Contreras teve fundamental papel dentro da estrutura repressiva, foi o "arquiteto de um sistema de Inteligência singular"¹⁸, auxiliado por civis e militares chilenos e estrangeiros, criou um aparato independente dos demais setores das Forças Armadas e fundamentado na clandestinidade. A fim de alcançar todos os inimigos internos e externos ao Chile, foi criada a Brigada Exterior¹⁹ e seus membros postos em diversos países para desenvolverem operações de espionagem, apreensão, sabotagem e até mesmo eliminação de indivíduos considerados subversivos, o que justifica, sob sua lógica, seu caráter semiclandestino²⁰. No Chile, o MIR, maior resistência armada contra a ditadura Pinochet, teve suas lideranças rapidamente aniquiladas²¹, assim como Carlos Prats, ex-comandante- em- chefe das Forças Armadas chilenas, exilado na Argentina, entre outros.²² Intimamente ligado a isso está a relação entre DINA e CIA, já que a primeira contou com o auxílio estadunidense para treinamento de agentes, além do amplo conhecimento e consentimento da colaboração repressiva advinda da

¹⁶CHILE. Decreto- ley nº 521, 17 de junio de 1974. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/html/dic_militar_leyes_dm.html> Acessado em: mar. de 2018. Ver Anexo 5.

¹⁷ LÖWY, Michael e SADER, Eder. A militarização do Estado na América Latina. In: Pedro Calil Padis (org.). **América Latina. Cinquenta anos de industrialização**. São Paulo: HUCITEC, 1979.

¹⁸ DINGES, John. **Os anos do Condor: Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 108-109.

¹⁹Ver KORNBLUH, Peter. **The Pinochet File: A Declassified Dossier on Atrocity and Accountability**. New York: New Press, 2003. pp. 174-178.

²⁰ No documentário “La flaca Alejandra” (1994), em entrevista a Carmen Castillo, o ex-agente da DINA Osvaldo Romo destaca a existência de “duas DINA’s”, uma pública e uma não-pública, sendo essa última aquela que realizava desde prisões, até assassinatos. Disponível em: <<https://vimeo.com/89833418>> Acessado em: mar. de 2018.

²¹ Miguel Enríquez, o principal porta-voz do MIR foi morto em combate em 1974, na Calle Santa Fé, em Santiago. Seu irmão, Edgardo, outra importante liderança da organização, foi vítima do Plano Condor, coordenado por Contreras e pela DINA, em operação conjunta na Argentina com os aparatos repressivos dos demais países do Cone Sul (DINGES, op. cit. p.216). Estima-se que 15% dos assassinatos e desaparecimentos da ditadura de Pinochet, 448 dos 3.000 reconhecidos, foram de integrantes do MIR. Para uma série de documentos políticos do MIR, incluindo apêndice com a relação de militantes vitimados pelo Terrorismo de Estado, ver a compilação “**Miguel Enríquez. Con vista a la esperanza**. Santiago de Chile: Escaparate Ediciones, 1998; para uma história política do MIR, ver PALIERAKI, Eugenia. **¡La revolución ya viene! El MIR chileno en los años sesenta**. Santiago: LOM Ediciones, 2014.

²² Prats seria assassinado em seu exílio na capital argentina, por ação executada por grupo tático vinculado ao Plano Condor. Ver DINGES, op. cit., p.192

conhecida e brutal Operação Condor (ou Plano Condor) - todos dados que compõem controvérsias do Informe Hinchey.²³

Através de uma trajetória acadêmica atenta aos assuntos relacionados às Ditaduras de Segurança Nacional latino-americanas, baseada em leituras, participação em seminários e discussões, disciplinas e estágios, concluiu-se que os debates e as reflexões acerca do passado recente chileno permanecem incipientes no contexto regional brasileiro. Embora o desenvolvimento de pesquisas científicas sobre as múltiplas temáticas que envolvem a ditadura chilena sejam uma crescente no meio acadêmico, ainda persiste a ausência de aprofundamentos em questões tais como o golpe de estado, a repressão, os meios utilizados pela burocracia estatal para impor o terror e os valores neoliberais, assim como o uso de abundantes fontes desclassificadas²⁴ como ferramenta para se compreender tais eventos. Dessa forma, a partir do contato com fontes primárias decorrentes do trabalho em arquivos, conciliada à verificação de uma elementar produção na conjuntura acadêmica brasileira desses aspectos e o interesse despertado por uma viagem ao Chile, reveladora por apresentar elementos de permanência em relação ao regime autoritário nos âmbitos sociopolítico e econômico, deu-se início a esta pesquisa que sucede o trabalho de conclusão de curso sobre o plano ITT-CIA e seus desdobramentos.²⁵

Após constatar a longa duração²⁶ do complô articulado entre a agência de inteligência estadunidense e a corporação multinacional *International Telephone and Telegraph* – comumente descrito como um plano realizado em dois meses- surgiram questões acerca da continuidade da intervenção da CIA e dos EUA no Chile. Tendo a superpotência norte-americana incitado um golpe militar e interferido política, econômica e ideologicamente no país, estaria ela satisfeita somente com a retirada de Allende da presidência através do golpe

²³ Relatório sobre as atividades da CIA no Chile desde 1970 até os anos do Condor. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?abstract&did=438476>> Acessado em: nov. de 2017.

²⁴ A utilização desse tipo de fonte e de outros nesta pesquisa partiu da ideia de que documentos administrativos e de inteligência, sigilosos ou não, e em parte tarjados, poderiam servir como prova para diversos eventos descritos ao longo dos capítulos. Embora não se possa confiar cegamente nas fontes, até mesmo àquelas ligadas à oficialidade, se analisou a viabilidade das informações através de uma crítica às fontes, confrontando-as com outras fontes e/ou bibliografia para então, utilizá-las enquanto evidência. Na sua maioria, a crítica aos documentos não está exposta no corpo do texto, deixando o espaço da dissertação, em sua maioria, para análises dos fatos ligados ao seu tema principal, a DINA e os EUA.

²⁵ MATTOS, Renata dos Santos de. **Make the economy scream: o plano ITT-CIA e os impactos no governo de Salvador Allende (1970-1972)**. 2015, 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

²⁶ 1970-1973.

de Estado? Nessa mesma lógica, é viável refletir que se os EUA desejavam eliminar do continente modelos que negavam o capitalismo, bem como seus defensores, a retirada da UP do governo não bastaria, sendo necessário dar prosseguimento às ações que garantissem a “conquista inicial” advinda do golpe, através de ações como a repressão, a censura, a vigilância e a ininterrupta perseguição, em todos os espaços. Percebendo as possibilidades de materialização dessa linha de raciocínio, que colocam os dois países na condição de colaboradores, um dos objetivos desta análise é tentar encontrar elementos de ligação entre os setores de inteligência e repressão no período pós-golpe, sobretudo, no momento de maior coerção. Considerando ainda que a DINA se apresenta como principal órgão sob o mando de Pinochet e que, durante sua existência, violações de direitos humanos tornaram-se sistemáticas, qual foi, de fato, seu papel?

Na busca por dados e fontes que respondessem as questões postas e enriquecessem a presente pesquisa, constatou-se a necessidade de ir ao Chile, acessar os arquivos disponíveis e conhecer espaços de memória, observando de perto as reminiscências do passado traumático relacionado à ditadura de Augusto Pinochet. Essa rica experiência permitiu acompanhar debates em eventos tais como o *Seminário Internacional de Memoria y Derechos Humanos: Crímenes de lesa humanidad y Terrorismo de Estado ¿Existen garantías de no repetición?* promovido pela Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi e a palestra *Archivos en transición : Diálogos de História Reciente a 44 años del golpe militar de 1973* na Universidade Diego Portales. Além disso, percorreram-se os antigos centros de detenção e tortura pertencentes à DINA: Londres 38, Villa Grimaldi e José Domingo Cañas, transformados em espaços de resistência, memória e promoção dos direitos humanos, assim como o Estádio Nacional, local emblemático e carregado de significado que remete, principalmente, ao momento da instauração da ditadura. Nesse contato foi possível ainda ouvir sobreviventes e suas trajetórias, entrar em espaços onde agentes repressores e militantes passaram, perceber as profundas marcas do passado refletidas na criação de eventos e mobilização social em passeatas pelos 44 anos do golpe. Adicionado a isso, a pesquisa nos *Archivo Nacional de Chile* e no *Centro de Documentación (CEDOC)* do *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* resultaram profícuas dado o contato com fontes do Ministério da Justiça e do Interior, do acervo particular de Orlando Letelier e da Comissão Chilena de Direitos Humanos; e ainda com os documentos desclassificados estadunidenses, jornais, reportagens e relatórios do período ditatorial contidos no CEDOC.

A possibilidade de contato com a história recente do Chile, da aproximação entre historiador e objeto de análise, através de múltiplos suportes, como mencionado acima, fazem parte da oportunidade gerada pelo trabalho com a História do Tempo Presente (HTP). Relativamente novo, o campo da HTP, surgido no pós-Segunda Guerra Mundial, teve sua institucionalização, debates e teorizações ligadas, especialmente, às “demandas sociais de reconhecimento e justiça [...] relativas a passados traumáticos difíceis de assumir” como aponta Christian Delacroix.²⁷ Assim como a Alemanha, a Espanha e outros países latino-americanos, que viveram ditaduras civil-militares após 1945 tornaram-se terrenos férteis para reflexões sobre novas abordagens teóricas na História e o papel do profissional, ao historiar não mais sobre um passado distante e concluído, como defendiam os positivistas, mas algo que está em constante transformação.

A fim de compreender suas premissas dessa HTP, é imperativo trazer o pensamento do historiador Eric Hobsbawm que aborda o presente como o “nosso próprio tempo”²⁸ e permite pensar na história como um processo em aberto, inacabado, fazendo, portanto, com que o historiador da contemporaneidade se mantenha atualizado e sempre em busca de completar as lacunas, geralmente impostas por barreiras como a disputa pela memória, a proximidade entre os fatos e o profissional, e o acesso às fontes. Apesar dos problemas que os historiadores possam ter diante da escolha dessa abordagem, deve-se levar em conta o pensamento de Marc Bloch de que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe sobre o presente”.²⁹ Desse modo, considerando a ideia de que para entender o passado é necessário responder as questões do presente, percebe-se a História do Tempo Presente como ferramenta essencial, de tal forma que sem suas reflexões, dificilmente estudos sobre períodos ditatoriais recentes, como o caso do Chile, seriam levados adiante apenas três décadas após o seu término.

Tal linha teórica contempla, entre outras coisas, a possibilidade do estudo de fontes majoritariamente virtuais, corroborando a ideia de Hobsbawm de que o historiador de seu próprio tempo está numa situação mais confortável do que aqueles que pesquisam períodos

²⁷ DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L’histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres. p.47

²⁸ HOBBSAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras; 1998. p.244

²⁹ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001. p.65

recuados temporalmente, já que o acesso de documentos integrais é significativamente maior.³⁰ Entretanto, é necessário mencionar que tratar de experiências traumáticas recentes como as ditaduras no Cone Sul é também enfrentar a permanente reivindicação pelo passado autoritário e revisionista, por uma parcela da sociedade, ou seja, deparar-se com a imposição de barreiras ao acesso às fontes que provem a violência do Estado contra os cidadãos. Em relação à DINA, as fontes permanecem intocadas, pois se temendo a descoberta de vestígios das ações secretas, assassinatos e torturas, essas teriam sido incineradas, marcando o passo das redemocratizações conservadoras³¹, em que não se depurou as forças armadas e polícias responsáveis por práticas de tortura e outros crimes contra os direitos humanos. Dessa forma, apesar de desafiadora, a tarefa de buscar outros meios para além dos arquivos repressivos do próprio órgão de inteligência mostrou-se frutífera, já que através de documentos produzidos pelos Estados Unidos liberados pela Lei de Acesso à Informação (FOIA)³², somadas às fontes por eles salvaguardadas, mas com informações produzidas pelo aparato chileno, preenchem algumas brechas que, caso contrário, permaneceriam sem respostas. Vale destacar que, o silêncio documental, no caso dos arquivos da DINA, também pode expressar além da verdadeira atuação desse órgão, o caráter clandestino de suas ações, o temor de um julgamento futuro e a responsabilidade pela supressão dos direitos civis.

A recente abertura de arquivos, os julgamentos de militares e repressores envolvidos nas graves violações de direitos humanos, a mobilização social ao redor da defesa dos direitos das vítimas e sobreviventes, além da consigna para que nunca mais se repita um episódio similar na história mundial possibilitam um espaço para pesquisas e debates sobre o tema da violência institucional, do Terrorismo de Estado, da cooperação entre as ditaduras do Cone Sul, assim como a sistematização de fontes ainda desconhecidas que cumprem papel de prova sobre o período. Segundo Groppo,

La documentación reunida en diferentes archivos, públicos y privados, permite reconstruir al menos parcialmente la verdad sobre lo que pasó durante este período, particularmente sobre la suerte de los desaparecidos y

³⁰ HOBSBAWM, op. cit., p.254

³¹ Para uma análise das redemocratizações conservadoras no Cone Sul, ver ANSALDI, Waldo. Logros, falencias y límites de las democracias de los países del Mercosur, 1982-2005. In: Waldo Ansaldi (org.). **La democracia en América Latina, un barco a la deriva**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

³² Usualmente conhecida por manter os cidadãos informados, essa lei assinada por Lyndon Johnson em 1967 concedeu à população o acesso às informações das agências federais estadunidenses. Apesar de decretada na década de 1960, a lei passou a ser mais conhecida após o escândalo de Watergate e a renúncia de Nixon. Para saber mais acessar <<https://www.foia.gov/about.html>>

outras vítimas. Permite também reconhecer oficialmente a existência de um terrorismo de Estado e a responsabilidade política do Estado, em tanto tal, em los crimes de la dictadura, así como aportar elementos de prueba permitiendo a la justiça juzgar y condenar a los responsables. En fin, permite a las víctimas ser restablecidas en sus derechos y obtener una reparación, al menos parcial.³³

Nesse sentido, percebendo que trabalhos acadêmicos científicos também contribuem para a ampliação do debate historiográfico e político, e para a difusão informações e fontes relevantes no contexto democrático, se pretende valorizar o corpus documental disponível, utilizando-o como principal base de todas as etapas desta análise. Sobre os tipos de fontes que compõem a presente pesquisa de Mestrado destacam-se os *arquivos da repressão*, definidos por Bauer e Gertz como “conjuntos documentais produzidos pelos órgãos de informação e segurança do aparato estatal em ações repressivas, durante períodos não democráticos.”³⁴ No âmbito desse tipo de fontes, serão examinadas tanto virtuais, quanto físicas dos seguintes acervos³⁵:

- documentos desclassificados estadunidenses disponibilizados nos sites do *National Security Archive*, pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, através do *U.S Department of State* sob o *Freedom of Information Act* (FOIA) e pelo *School of the Americas Watch*³⁶;
- documentos produzidos pela ditadura chilena tais como o *Manual de Operaciones Secretas* da DINA e outros mais, disponibilizados pelo portal *Archivo Chile*, onde encontram-se fontes digitalizadas dos organismos repressivos, permitindo analisar a visão interna do Estado;
- documentos salvaguardados pelo *Archivo Nacional de Chile*, especialmente fontes pertencentes ao Ministério da Justiça chileno, onde foram encontrados memorandos da DINA, mediante missão de pesquisa ao país.

³³ GROPPPO, Bruno. Dictaduras militares, archivos de movimientos políticos y sociales y archivos de la represión en América Latina. In: ACUÑA, M.; FLIER, P. et.al., **Archivos y memoria de la represión en América Latina** (1973-1990). p.37

³⁴ BAUER, Caroline Silveira; GERTZ, René E. Arquivos policiais de extintos regimes repressivos: fontes sensíveis da história recente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p.177

³⁵ Todas as citações de documentos em inglês, salvo indicação diferente, são tradução direta da autora R.S.M.

³⁶ Disponível em <<https://nsarchive.gwu.edu/>>; <<https://foia.state.gov/Search/Search.aspx>>; e <<http://www.soaw.org/index.php>> Acessados em: mar. de 2018.

Diferentemente das fontes elencadas acima, os *arquivos sobre a repressão* são aqueles que tratam da violência estatal e do período ditatorial, porém sem derivarem do Estado repressor, oferecendo uma perspectiva diferente.

- Nesse caso, serão utilizadas fontes do *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* de Santiago e os Informes da *Comisión de la Verdad y Reconciliación (Rettig)* e da *Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (Valech)*.

A análise das fontes provenientes do aparato repressivo, bem como o entendimento da formação da sua estrutura requer um estudo mais detalhado, perspectivas atualizadas e conceitos clássicos que expliquem o contexto ditatorial latino-americano. Assim, parte-se da fundamental leitura de *The Pinochet File: A declassified dossier on atrocity and accountability* do diretor do *National Security Archive* da Universidade George Washington dos Estados Unidos, Peter Kornbluh.³⁷ É através de seu constante esforço à frente da instituição que, periodicamente, documentos são abertos pelo Departamento de Estado norte-americano, permitindo o acesso irrestrito de pesquisadores. A obra que conta com dezenas de documentos, traça um histórico das relações entre EUA e Chile desde o alvorecer do governo de Salvador Allende até a redemocratização. Essa obra, além de rica por suas fontes e por apresentar a perspectiva estadunidense sobre a temática, assiste no entendimento sobre a atuação conjunta dos órgãos de inteligência. Segundo Kornbluh, “a estação [CIA] também estabeleceu relações próximas com os novos serviços secretos de Pinochet, fornecendo treinamento organizacional e apoio para a DINA depois de iniciarem suas operações no final

³⁷ Fundado em 1985 por acadêmicos e jornalistas, o *National Security Archive* tinha função primordial de verificar e investigar as ações e documentos secretos dos Estados Unidos. Atualmente conta com um centro de jornalismo investigativo, um Instituto de pesquisa sobre assuntos internacionais e uma biblioteca, além da maior coleção não-governamental de documentos desclassificados dos EUA salvaguardadas no arquivo. Valendo-se da Lei de Informação (Freedom of Information Act - FOIA), o *National Security Archive* divulga e publica fontes e análises sobre o conteúdo do seu acervo. Dentre os diversos assuntos referentes à política externa e relações internacionais estadunidenses divulgadas pela instituição, está o *Chile Documentation Project*, alicerce do trabalho de Peter Kornbluh e base de dados com milhares de documentos que vão desde o período anterior ao governo de Salvador Allende até o fim da ditadura Pinochet. São alguns exemplos de fontes que fazem parte desse grande acervo, documentos sobre o assassinato de Orlando Letelier em Washington e sobre o desaparecimento do cidadão norte-americano Charles Horman no Chile.

de 1973.”³⁸ Nesse sentido, consiste em uma das principais referências bibliográficas que esta dissertação utiliza.

Da mesma forma, sobre a intervenção norte-americana na América Latina e seus mecanismos é imprescindível um aprofundamento do que foi a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) e para tanto, será empregada a perspectiva de Joseph Comblin apresentada na obra *A ideologia da Segurança Nacional: o poder militar na América Latina*, bem como a análise de Lesley Gill em *Escuela de las Américas: Entrenamiento militar, violencia política e impunidad en las Américas*. Nascida na Guerra Fria, essa doutrina, exportada pelos Estados Unidos foi empregada pelas escolas militares, frequentadas por diversos militares chilenos, dentre eles Manuel Contreras, chefe da DINA e Miguel Krassnoff Martchenko, torturador.

A DSN, defendendo a bandeira do binômio “segurança” e “desenvolvimento”, adotou a guerra e a estratégia da contra-insurgência e contra-inteligência como respostas a tudo³⁹, além de servir como um instrumento de dominação estadunidense pelo mundo. Relacionado a isso está o Terrorismo de Estado (TDE), conjunto de práticas e configuração do Estado estudadas mediante este conceito que, cada vez mais, ancora os trabalhos dedicados à análise das ditaduras de segurança nacional sul-americanas. Levando em conta a abordagem do historiador Enrique Padrós, em *Como el Uruguay no hay: terror de estado e segurança nacional: Uruguai (1968-1985): do pachecato à ditadura civil-militar*, de que o TDE é um “mecanismo fundamental para viabilizar a nova ordem interna e o estabelecimento de novos padrões de acumulação”⁴⁰, é possível avaliar a traumática substituição do governo de Allende pela ditadura de Pinochet, assim como a criação de um aparato repressivo capaz de aniquilar as marcas deixadas pela Unidade Popular, do ponto de vista político e econômico-social, a partir para um novo modelo econômico, de perfil neoliberal, alinhado aos interesses estrangeiros. Padrós ampara esta análise ainda a partir do conceito de “inimigo interno”, importante noção na qual se pautaram os agentes treinados na Escola das Américas, bem como na DINA e que buscavam entre outras coisas, a eliminação do inimigo, indivíduo ou grupo que se opusesse à ditadura.

³⁸“The Station also established close relations with the Pinochet’s new security services, providing organizational training and support for DINA after it began operations in late 1973.” In: KORNBLUH, op. cit., p.214

³⁹ COMBLIN, Joseph. *A ideologia da Segurança Nacional: o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978. p.17

⁴⁰ PADRÓS, Enrique Serra. *Como El Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional. Uruguai (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar*. 2005. 875f. Porto Alegre. Tese. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p.28

Tendo em vista a necessidade da História do Tempo Presente “para realizar com êxito suas pesquisas, trabalhar com cientistas políticos, jornalistas, sociólogos geógrafos, psicanalistas, antropólogos e críticos literários”⁴¹ será levado em conta o ponto de vista do cientista político Pablo Policzer e a obra *Los modelos del horror* que trata do cenário da repressão no Chile no ímpeto de aprofundar teoricamente a organização do aparato repressivo chileno. O autor analisa, especificamente, o caráter coercitivo da DINA, as motivações para sua construção e como suas atividades foram desenvolvidas ao longo dos anos, admitindo-a como uma “agencia para el exterminio sistemático de sectores claves de la izquierda.”⁴² A partir das categorias “monitoramento interno” e “externo”⁴³ e suas variáveis de intensidade, Policzer estabelece o grau de poder e coerção da instituição no decorrer da ditadura, além de tratar da transição entre o fim da DINA e o início da *Central Nacional de Informaciones (CNI)*, “un progreso [...], ya que no recurrió a las desapariciones como instrumentos político.”⁴⁴ Ao mesmo tempo, Mario Amorós em *La DINA: El Puño de Pinochet*⁴⁵ e Manuel Salazar com o livro *Las Letras del Horror. Tomo I: la DINA*⁴⁶ abarcam as consequências da criação da agência para os movimentos de resistência desde sua criação. Salazar, especialmente, dá voz às vítimas diretas dos mandos e desmandos da estrutura controlada por Manuel Contreras e Augusto Pinochet, elencando os centros de detenção e o que se passaram nos seus interiores, auxiliando no mapeamento e narrativa sobre os crimes cometidos pelos agentes do Estado. Somado a isso estão os resumos das relevantes declarações judiciais dos membros da DINA que, em alguns casos, corroboram às lembranças dos sobreviventes, ao

⁴¹ DOSSE, François. História do Tempo Presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, vol. 4, núm. 1, enero-junio, 2012. p.14

⁴² POLICZER, *op.cit.*, p.93

⁴³ O Monitoramento Interno (MI) se refere a informação compilada dentro da mesma organização que o chefe (Pinochet/Contreras). Assim, os chefes podem realizar o monitoramento interno por si mesmos, observando o comportamento dos agentes. Se o número de subordinados é relativamente pequeno é possível que o chefe monitore diretamente as operações, mas a medida que o número de agentes aumenta torna-se mais difícil, necessitando de outro agente especializado para fazê-lo. Ambos os monitoramentos classificam-se como baixo, médio e alto, conforme variáveis. Por outro lado, monitoramento externo (ME) compreende a informação proveniente de fontes alheias ao controle do chefe ou governante, como por exemplo quando em alguns casos os chefes permitem apelações ou informações que provem livremente da população, mediante audiências especiais e outros mecanismos, ou ainda, a reunião de informações de grupos da sociedade civil. No caso de MI podem ser medidos o intercâmbio de informações, número de monitores, corrupção e coerção com fins pessoais, etc. Já em ME, o acesso de terceiros aos prisioneiros, existência de organismos de direitos humanos, supervisão legislativa, leis de liberdade de informação, entre outros aspectos.

⁴⁴ POLICZER, *op.cit.*, p.137

⁴⁵ AMORÓS, Mario. **La DINA: El Puño de Pinochet**. Ponencia presentada en el 53º Congreso Internacional de Americanistas, México DF, julio de 2009. Disponível em: <<http://memoriando.com/noticias/1100-1199/1152amoros.pdf>> Acessado em: mar. de 2018.

⁴⁶ SALAZAR, Manuel. **Las letras del horror. Tomo I: La DINA**. Santiago: Lom Ediciones, 2011. p.303

caráter violento da instituição, além de nominar os agentes da repressão. Segundo Germán Jorge Barriga Muñoz, ex- agente da DIN A em Villa Grimaldi, Pedro Espinoza e Marcelo Moren – agentes que negaram pertencer a postos de liderança na instituição, bem como seu envolvimento em assassinatos – foram seus chefes e coordenaram prisões, ordenadas, sobretudo, por Manuel Contreras.⁴⁷

Ao tratar do período de 1973-77, dentro do marco dos “anos do Condor” conforme define John Dinges, é necessário compreendê-lo a partir da atuação de Contreras, da DIN A e da comunicação com os Estados Unidos. Nesse sentido, o livro de Dinges intitulado *Os anos do Condor: Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*, assim como o de Patrice McSherry na obra *Los Estados depredadores: la Operación Condor y la guerra encubierta en América Latina*⁴⁸, pautados em documentação desclassificada e em relatos, tratam da comunicação entre a Agência Central de Inteligência estadunidense e a ditadura Pinochet, assim como das ações da DIN A dentro e fora do território chileno. Dinges traça um histórico do plano que conjugou o Chile, a Argentina, Bolívia, o Paraguai, Uruguai e o Brasil com o objetivo de perseguir e desmobilizar o "inimigo interno" dividindo-o em três fases: primeiramente, a criação de um centro Coordenador no Chile para colher, trocar e comunicar informações sobre as pessoas ligadas à subversão; posteriormente, operações secretas internas; e por último, operações secretas externas, o que “espantou até alguns membros daquele grupo de rígidos veteranos dos Serviços de Inteligência.”⁴⁹ Já McSherry, enfatiza, o papel de cada país nas ações dentro da Operação, além dos perfis dos comandantes e agentes, dentre eles, os homens da DIN A como Osvaldo Romo Mena, Enrique Arancibia Clavel, Mario Jahn Barrera e Eugenio Berríos, “un brillante químico de extrema derecha”.⁵⁰

Ancorada nas fontes e na relevante referência bibliografia enunciada, pretende-se, a partir deste estudo, compreender como se estabeleceu o aparato repressivo no Chile após o golpe de Estado que derrubou o governo socialista de Allende, especificamente, a estrutura coordenada pelo coronel Manuel Contreras Sepúlveda, a DIN A, bem como seu papel na luta contra os setores e organizações consideradas parte do "inimigo interno"; a extensão das suas

⁴⁷ SALAZAR, *op.cit.*, p.303

⁴⁸ MCSHERRY, Patrice. **Los Estados depredadores: la Operación Cóndor y la Guerra encubierta en América Latina**. Santiago: Lom Ediciones, 2009.

⁴⁹ DINGES, *op.cit.*, p.34-37

⁵⁰ MCSHERRY, *op.cit.*, p.253

ações; sua autonomia no conjunto das forças de segurança; a colaboração recebida de agências e órgãos dos EUA.

A dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo pretende-se explicar os conceitos de Doutrina de Segurança Nacional e Terrorismo de Estado, elementos que vinculam a atuação do imperialismo estadunidense e a política nos países latino-americanos, lançando bases para compreender o golpe de Estado no Chile e a construção do aparato repressivo. O treinamento na Escola das Américas surge então, como um dos indícios dessa colaboração. Ainda nesse capítulo, serão exploradas as ações da CIA no mundo e, sobretudo, no Chile, – quer dizer, em suas dimensões interna e na vinculação com o imperialismo estadunidense –, demonstrando o seu *modus operandi*, o seu retrospecto e as consequências das operações encobertas.

No segundo capítulo serão analisados os principais aspectos da DINA enquanto sistema de inteligência que, excedendo suas funções oficiais, transforma-se num complexo aparato repressivo. Inicialmente será realizada a narrativa do contexto da instauração da ditadura de Pinochet por meio do golpe de Estado e seus desdobramentos, sendo um deles, a gestação do aparato repressivo com a DINA. A partir das primeiras ordens do ditador para a criação do órgão de inteligência e informação, propõe-se refletir acerca de sua organização, institucionalização e motivações para a sua concepção. Assim, dando sequência a expansão da DINA, no terceiro capítulo buscam-se compreender a atuação da instituição a partir da criação e gerenciamento dos centros clandestinos de detenção como um dos principais mecanismos do Terrorismo de Estado.

Já o quarto capítulo abordará o marco da articulação das forças postas em ação como veículo da DSN para defender os interesses dos EUA e dos regimes aliados na região: a Operação Condor (ou Plano Condor) que, desenvolvida por Contreras e vinculada a outros países sul-americanos, prendeu, desapareceu e exterminou “inimigos internos” para além das fronteiras geográficas. Para tanto serão apresentados os principais casos de repressão envolvendo os agentes chilenos e estadunidenses sendo eles: os assassinatos de Charles Horman, Frank Terruggi, Carlos Prats, Orlando Letelier, Ronni Moffitt, Carmelo Soria, Eugenio Berríos, além do atentado a Bernardo Leighton e o desenvolvimento da Operação Colombo.

Por fim, o quinto e último capítulo versará sobre a transição da DINA para CNI em 1977, as permanências e discontinuidades que caracterizaram esse período, além das razões pelas quais essa transição foi efetivada. Por fim, tendo em vista a gravidade das violações perpetradas pelo aparato repressivo chileno nos primeiros anos da ditadura civil-militar, a repercussão mundial e a luta pela verdade, é indispensável maior aprofundamento nas questões que abordem a cumplicidade estadunidense. Assim, serão expostos argumentos que não só apresentam novas evidências em relação ao Informe Hinchey e à alegada suspensão de colaboração entre os EUA e o Chile no período pós-golpe, como também demonstram o receio das autoridades estadunidenses em torno da vinculação dos organismos norte-americanos com as atrocidades cometidas pela DINA. São questões que ainda permanecem irresolutas e que serão debatidas com o objetivo de lançar luz ao tema: por que, ao receber diariamente memorandos sobre a situação violenta no Chile, os EUA preferiram abster-se? Como, em nome da liberdade, puderam auxiliar, treinar e patrocinar aqueles Estados latino-americanos onde se instauraram ditaduras brutais? Qual o tamanho da responsabilidade da maior potência mundial na ausência de democracia no Chile e na imposição do Terrorismo de Estado via DINA? Por último, serão apontados os efeitos da prisão do ditador Augusto Pinochet na punição dos ex-agentes da repressão, pauta vigente na justiça chilena.

Capítulo 1. Doutrina de Segurança Nacional e Terrorismo de Estado na configuração do Estado de contrainsurgência no Chile: as relações com o imperialismo

1.1. Doutrina de Segurança Nacional (DSN) e Terrorismo de Estado (TDE) nas relações interamericanas

Ao final da Segunda Guerra Mundial, os EUA, assumindo o status de principal força econômica do globo, desenvolveram sua política externa baseados numa postura intervencionista, empenhados em manter-se na posição de superioridade alcançada. Essa condição, somada ao impacto dos eventos posteriores, nomeadamente a disputa com a URSS no âmbito da Guerra Fria, o processo de descolonização e a profusão de movimentos de inspiração terceiro-mundista e, sobretudo, o triunfo da Revolução Cubana, levou os EUA a traçar uma nova configuração do papel dos Estados e das forças armadas no continente.

A ideia de superioridade dos EUA, desenvolvida desde o século XIX através do conceito de “destino manifesto”⁵¹, ultrapassou o tempo e se cristalizou no ideário dos cidadãos estadunidenses contemporâneos. A crença de que o país havia sido escolhido por Deus para se expandir e guiar as demais nações para os caminhos da liberdade e democracia, erradicando as fontes de instabilidade e os inimigos culturalmente diferentes, passou a justificar suas ações intervencionistas. Da expansão ao oeste e o assassinato dos nativos norte-americanos ao bombardeio do Palácio de la Moneda e as guerras dos anos 2000, incalculáveis vidas foram agressivamente dizimadas, e governos foram depostos. Segundo Gill, “[...] desde el siglo XIX, EE.UU, se ha embarcado voluntariosamente en una carrera como potencia imperialista y ha reunido los instrumentos de represión que se requieren para ello”⁵² estabelecendo um *modus operandi* que explica a trajetória das suas relações políticas externas.

Em março de 1947, almejando preservar os interesses capitalistas e geopolíticos estadunidenses, o presidente Harry Truman lançou mão de um conjunto de diretrizes que recebeu seu nome, a “Doutrina Truman”, estabelecendo novos preceitos à sua política internacional. Tinha ela como finalidade autoproclamada conter o avanço soviético, embora abrangesse todo e qualquer intento de independência política e econômica que escapasse ao raio de influência dos EUA.⁵³ Dessa forma, pautados em operações intervencionistas financeiras e militares nos países que oferecessem riscos à ideologia do “mundo livre”, os EUA assumiram para si a segurança de todo o sistema, reprimindo focos localizados de resistência e organizando subsistemas regionais sob sua direção e seu guarda-chuva nuclear.⁵⁴ Sancionada a Lei de Segurança Nacional, foi estabelecido o *National Security Council* (NSC), responsável pela direção de todas as atividades de inteligência e contrainteligência nacionais e estrangeiras, das quais faziam parte além do presidente da república, o vice-presidente, o secretário da Defesa, o diretor da CIA – também criada no mesmo ano- e o chefe do Estado-Maior. A partir desse momento, “as Forças Armadas e os serviços de inteligência adquirem

⁵¹ Ver AVILA, Arthur Lima de, História e destino: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner. **Revista Cena Int.**, 2005. pp.151-169. Disponível em: <http://132.248.9.34/hevila/CENAIInternacional/2005/vol7/no1/7.pdf> Acessado em: mar. de 2018.

⁵² GILL, Lesley. **Escuela de las Americas**. Santiago: Lom Ediciones, 2005. p.20

⁵³ Ver, a respeito, os ensaios em HOROWITZ, David (org.). **Revolução e repressão**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1969.

⁵⁴ Assim, surgiram a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTASE) e a própria OEA.

uma capacidade operativa que os transforma em instrumentos privilegiados da ação do Estado nos assuntos internacionais.”⁵⁵

Na mesma conjuntura foram criadas bases militares estadunidenses em diversos lugares do mundo, intensificando o treinamento de soldados norte-americanos, latino-americanos e provenientes de outros lugares. Sob o pretexto de frear o comunismo e defender a democracia, foram difundidos nesses espaços, os preceitos da DSN, direcionada, especificamente, ao subcontinente desde 1948, quando ocorreu a IX Conferência Interamericana,

A nona conferência interamericana (o termo ‘panamericanismo’ havia caído em desuso e era visto até com suspicácia), celebrada em Bogotá, em 1948, deu forma ao quadro institucional que se aplicou às relações internacionais do continente, daí para diante, através da carta constitutiva da Organização dos Estados Americanos (OEA), que absorveu a antiga União Panamericana. O sistema estava flanqueado por um pacto militar – O Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), aprovado na conferência do Rio de Janeiro, em 1947 – que se complementaria, a partir de 1952, com os acordos bilaterais de assistência militar que os Estados Unidos firmariam com quase todos os países latino-americanos; aspecto relevante nessa assistência foi o programa de treinamento de pessoal militar, pelas repercussões que viria a ter na onda de autoritarismo desatada na década de 1960. Por outra parte, em Bogotá, registrou-se o início de uma ofensiva norte-americana visando a criar condições privilegiadas para os investimentos norte-americanos na região, a serem codificadas em um acordo de garantias (...)⁵⁶

A partir de instituições vinculadas ao sistema da OEA, como o Colégio Interamericano de Defesa e a Junta Interamericana de Defesa (JID), e também mediante programas bilaterais como os mencionados acima, a DSN chegaria a todas as partes do continente. E apesar de não ser a única matriz doutrinária das ditaduras civil-militares do Cone Sul, certamente, seria a de maior destaque, pelo impacto que causou sobre o aparato militar e as correntes de pensamento da direita relativas à segurança nacional. Dentre as várias bases teóricas que prefiguram essa doutrina é possível perceber igualmente a influência francesa, que cada vez mais se apresenta como recurso dos países latino-americanos no momento da “guerra suja”.

Em razão da derrota na Indochina e da guerra de independência da Argélia na década de 1950, o Estado-Maior francês, sob as ordens do Coronel Charles Lacheroy, desenvolveu a teoria de guerra antissubversiva, posteriormente conhecida como Doutrina de Guerra

⁵⁵ AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. p.80

⁵⁶ MARINI, Ruy Mauro. **América Latina. Dependência e integração**. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992, p. 27-28.

Revolucionária (DGR). Desse modo, surge o conceito de “guerra psicológica”, que adquiriu central relevância no escopo da política estatal de guerra contrarrevolucionária e que foi utilizada para manipular a população, declaradamente apoiadora da Frente de Libertação Nacional (FLN). Além disso, a doutrina francesa baseou-se, mais do que em qualquer outra coisa, na tortura, método difundido pelo teórico e coronel Roger Trinquier, influenciando diretamente regimes de segurança nacional tais como o brasileiro, a partir de 1964.⁵⁷ Recentemente, o autor Cristian Gutiérrez Tapia em seu livro “La contrasubversión como política” aprofundou os impactos da doutrina francesa nas forças armadas chilena e argentina, apresentando o intercâmbio de informações entre os países através cursos e manuais. Segundo o autor,

(...) los puntos de contacto son variados. Desde aquellos militares que en el año 57 pasarán por la Escuela Superior de Guerra de París y participarán en el escenario represivo argelino, pasando por los militares que estarán en el Primer Curso de Guerra Contrarrevolucionaria realizado en Argentina, hasta los viajes que ya desde la segunda mitad de la década del sesenta se comienzan a acrescentar al Canal de Panamá, donde, como hemos señalado, habrá alumnos militares franceses capacitando a las fuerzas especiales norteamericanas, quienes a su vez liderarán la inducción a militares latinoamericanos sobre las ideas doctrinales francesas y sus interpretaciones, modificaciones y aplicaciones para combatir a la subversión comunista internacional.⁵⁸

Além disso, a Espanha franquista também desenvolveu suas próprias diretrizes a fim de controlar a resistência à ditadura imposta por longos anos e da qual Augusto Pinochet Ugarte, ditador chileno, era grande admirador. Outra vertente identificada na difusão de uma DSN foi aquela relacionada ao pensamento nazifascista, devido ao contato de alguns militares com ex-combatentes da guerra na Alemanha e na Itália, além de experiências e ideias próprias ligadas à ideologia de extrema-direita.

A Doutrina de Segurança Nacional (DSN)

Embora seja possível verificar a presença de traços de cada uma dessas fontes doutrinárias nos acontecimentos que se sucederam no Chile da década de 1970, seja pela

⁵⁷ Mais sobre a guerra de independência da Argélia, ver YAZBEK, Mustafá. **A Revolução Argelina**. São Paulo: EDUNESP, 2010. Sobre a guerra de libertação da Indochina (futuramente Vietnã), ver GIAP, Vo Nguyen. **People's war, people's army**. Nova York: Bentam Books, 1968 (volume acompanhado de prefácio de Roger Hilsman, ex subsecretário de Estado dos EUA para assuntos de Extremo Oriente).

⁵⁸ TAPIA, Cristian Gutiérrez. *La contrasubversión como política*. Santiago: LOM Ediciones, 2018. Kindle Edition, Posição 2374 [e-book]

ocorrência de torturas ou pela cooperação de adeptos do nazismo⁵⁹-, foi a DSN, oriunda das relações interamericanas sob influência estadunidense, aquela que serviu de alicerce ideológico para as ações desenvolvidas contra o governo da UP e a população chilena.

No âmbito econômico, a ideologia de segurança nacional⁶⁰ era um instrumento empregado “pelos setores dominantes, associados ao capital estrangeiro, para justificar e legitimar a perpetuação por meios não democráticos de um modelo altamente explorador de desenvolvimento dependente.”⁶¹ Caracterizada pela exacerbação das relações de exploração e por uma enorme desigualdade social, a América Latina caracteriza-se historicamente por ampliar as contradições sociais. Na conjuntura dos anos 1950 em diante, esse incremento da conflitividade passou a ser respondido sob os cânones fornecidos pela DSN, a começar pelas oligarquias e as burguesias locais avessas à agenda de reformas estruturais, que as organizações e os movimentos de esquerda agitavam em suas bandeiras. A conjuntura dos anos 1950 e 60 abriu assim um impasse entre reforma, revolução e contrarrevolução. Associado a esta última veio o elemento da intervenção. Segundo Padrós, “os setores economicamente dominantes viram, nessa intervenção e na própria DSN, a viabilização da ‘tranquilidade social’ tão necessária para seus interesses”⁶² Assim, especificamente no Chile,

queda en evidencia con solo revisar las numerosas publicaciones aparecidas en los meses precedentes y posteriores al golpe de estado de septiembre de 1973. En esta materia, los esfuerzos más sistemáticos y permanentes fueron realizados por el Instituto de Estudios Generales, una organización inspirada y financiada por la CIA, muchos de cuyos miembros han ocupado u ocupan importantes cargos dentro del gobierno Pinochet”⁶³

O *Instituto de Estudios Generales*, mencionado por P. Valdés era composto por empresários e encabeçado por Pablo Barona, um dos economistas que auxiliaria Pinochet na

⁵⁹ Os exemplos mais conhecidos da presença nazi no Chile tratam da relação entre a DINA e Paul Schäfer, líder da Colonia Dignidad, local conhecido como Villa Baviera, onde prisioneiros políticos foram assassinados e torturados. Além disso, Walther Rauff, ex-membro da SS alemã foi um dos conselheiros de Contreras.

⁶⁰ Por ideologia, entende-se aqui conjunto de ideias e práticas utilizadas nos embates políticos entre as classes e demais grupos sociais ou, em outras palavras, consciência social prática nos conflitos de poder (Ver MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004). Na historiografia latino-americana, costuma-se encontrar como alternativos os termos *doutrina* e *ideologia* de segurança nacional, como se vê por exemplo em COMBLIN, (op. cit.), que adota o segundo termo.

⁶¹ ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru/SP: Edusc, 2005. p.27

⁶² PADRÓS, *op.cit.*, p.59

⁶³ VALDÉS, Jorge A. Tapia, **El terrorismo de Estado. La octrina de la Seguridad Nacional en el Cono Sur**. México: Ed. Nueva Imagen, 1980. p.126

implantação do neoliberalismo durante a ditadura.⁶⁴ Assim, a DSN serviu a muitos propósitos simultaneamente para garantir a manutenção do *status quo*: impedindo o avanço das lutas populares e da afirmação das ideias de esquerda, impondo a implantação de sistemas desfavoráveis aos projetos desse espectro político, preservando assim, o enriquecimento dos já abastados empresários e assegurando regimes e mercados aliados. Sob as insígnias da ordem e progresso, da segurança e do desenvolvimento, parte significativa dos países latino-americanos que receberam a influência política e do poder econômico deram passo a regimes de contrainsurgência, como nos países do Cone Sul, ou ainda, sob democracias de fachada, como na Venezuela de Rómulo Betancourt.⁶⁵

Outro aspecto que diz respeito aos fundamentos da DSN são os conceitos que a Doutrina afirmava derivarem da geopolítica. Compreendida por Joseph Comblin como “a relação entre a geografia e os Estados, a sua história, o seu destino, as suas rivalidades, as suas lutas”⁶⁶, a geopolítica implica encontrar orientações para uma política futura, em dado local, através de informações geográficas - prática já comum aos militares conduzidos à guerra. No contexto da bipolaridade mundial, transmitia-se aos militares aprendizes argumentos com pretensão científica, como nos conceitos de “fronteiras ideológicas” e “objetivos nacionais permanentes”, para que os oficiais em formação atuassem em prol da coesão nacional de tal maneira a negar a existência inerente de conflitos no seio da sociedade e taxando todo e qualquer questionamento da ordem como subversão “antinacional”, inimigo interno ou inimigo comunista.

Dessa forma, compreendendo a bipolaridade como a ameaça aos valores da civilização (representada pelo bloco capitalista e pelas sociedades ocidentais às quais a América Latina pertencia “naturalmente”), frente ao bloco comunista soviético, fazia-se necessário

⁶⁴ ROJAS, Máximo Quitral. **Los desafíos de una agenda bilateral: Chile y Bolivia. Entre las diferencias políticas y los acercamientos económicos 1970-1990.** Santiago: RIL Ed, 2011. p.46-47. Um paralelo poderia ser feito entre o Instituto de Estudios Generales, no caso chileno, e o IPES e IBAD, no caso brasileiro. Essa questão extrapola os objetivos desta dissertação, mas ver, sobre o IPES e IBAD, o trabalho de DREYFUS, René Armand. 1964. **A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe.** Petrópolis: Vozes, 1981.

⁶⁵ Presidente venezuelano, do partido Acción Democrática, que no começo da década de 1960 cunhou a Doutrina Betancourt, expressão singular da DSN no país caribenho e que tinha como máxima, diante da crescente onda de protestos dos sindicatos e do movimento estudantil, “disparar primeiro, averiguar depois”.

⁶⁶ COMBLIN, *op.cit.*, p.23

empreender uma guerra total e interna, eliminando todos os inimigos e salvando os valores do “mundo livre”.⁶⁷

Com isso, partindo da perspectiva da impossibilidade de coexistência entre duas visões de mundo antagônicas, a DSN desenvolveu uma guerra total e permanente contra o “inimigo interno”. Podendo este ser “toda pessoa ou organização armada, política ou social de oposição aos interesses da ordem vigente”⁶⁸, o inimigo interno esteve, a partir dos golpes de Estado, passível de sofrer violações físicas e psicológicas que os desestabilizassem e desmobilizassem, debelando assim a resistência perante o Estado terrorista que se impunha. Prisões, assassinatos, torturas e desaparecimentos foram ações comuns a todas as ditaduras civil-militares latino-americanas e provas das arbitrariedades cometidas em nome da “liberdade” e “democracia”, as quais ideologicamente os EUA nomearam como suas bandeiras. Apesar de o Terrorismo de Estado (TDE) ser perceptível em momentos anteriores na história, como na já mencionada guerra de independência da Argélia, por exemplo, métodos amplamente difundidos de violência tornaram-se práticas intrínsecas ao Estado nesse período da história latino-americana e, sobretudo, no contexto aqui analisado.

Terrorismo de Estado

Partindo da concepção marxista de que o “Estado nasceu direta e fundamentalmente dos antagonismos de classes que se desenvolviam no seio da própria sociedade”⁶⁹, contata-se no seu cerne o elemento da violência, mantenedor da opressão de classe. Do mesmo modo, o Estado também se impõe como produtor de consentimento e de ideologias para assegurar o sistema de dominação, mediante instrumentos mais sofisticados e velados.⁷⁰ Assim, em todas as sociedades é possível observar maior ou menor grau de ações extremadas do Estado a fim de controlar e enquadrar os indivíduos de acordo com sua doutrina. A esse padrão de ações constatados ao longo do século XX sob os diversos Estados autoritários ou em conjunturas de

⁶⁷ Sobre a DSN na América Latina, ver também MANRIQUE, Miguel. Los componentes autoritarios de la DSN. In: **La seguridad en las fuerzas armadas venezolanas**. Caracas: UCV, 1996.

⁶⁸ PADRÓS, *op.cit.*, p.25

⁶⁹ ENGELS, Friedrich. **A origem da propriedade da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1984. p.190

⁷⁰ Ver OSORIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização**. A sociedade civil e o tema do poder. São Paulo: Outras Expressões, 2004.

guerra se denominou Terrorismo de Estado. No caso das ditaduras latino-americanas, o jurista argentino, Eduardo Duhalde pondera sobre sua origem, dizendo que

El Estado Terrorista aparece como consecuencia de la imposibilidad que encuentra el Estado Militar de llevar adelante sus fines mediante el solo control discrecional de la coerción y de la subordinación de la sociedad civil. La represión pública, por muy intensa que sea no alcanza para el logro de los objetivos propuestos. Faltan dos componentes esenciales que son lo que aportará el Estado Terrorista: el accionar clandestino global del Estado Militar y el crimen y el terror como método fundamental. Así, el Estado Terrorista es la culminación degenerativa del Estado Militar “eficiente”⁷¹

Quando se conjetura sobre o resultado dessa degeneração do Estado Militar, as ditaduras ou regimes de TDE, se está diante de uma reconfiguração do Estado acentuando seu aspecto repressivo e tornando-o Estado de dominante coercitiva⁷² para sustentar os interesses das classes dominantes por meio de seus instrumentos de poder: polícia, Poder Judiciário, parlamento, Exército. Assim, o Estado pode assumir formas históricas específicas de autoritarismo empregando sistematicamente o terror e conseqüentemente, viabilizando uma nova ordem interna e o estabelecimento de novos padrões de acumulação.⁷³

Ainda sobre isso, Padrós coloca que “é pertinente destacar que as ditaduras de SN (Segurança Nacional) procuraram esconder, com seu discurso patriótico, moralista e tecnocrático que o TDE se constituiu numa estratégia contextualizada de luta de classes”⁷⁴. Assim, a DSN transforma em inimigo interno da nação todo aquele indivíduo identificado com alguma classe ou luta específica, pois um dos sustentáculos dessa doutrina é a noção de unidade, coesão política. Tendo em conta essa percepção, não apenas o militante ligado à luta armada ou político do partido em oposição representavam uma ameaça, ampliando o conceito de inimigo de tal forma que todos estavam permanentemente sob suspeita. Para os militares latino-americanos advogados dessa visão, segundo discorre Comblin,

O Estado é o único intérprete da vontade da nação. Os partidos representam necessariamente interesses particulares. O Estado não pode depender dos partidos; situa-se acima deles. Os atuais militares não podem compreender absolutamente nada de um sistema de análise do poder político que relacione esse poder a classes ou grupos. A missão do Estado é justamente manter-se

⁷¹ DUHALDE, Eduardo L. **El Estado Terrorista argentino**. Buenos Aires: Colihue, 2013. p.250

⁷² Ver LÖWY, Michael e SADER, Eder, op. cit.

⁷³ PADRÓS, *op.cit.*, p. 28

⁷⁴ *Id. Ibid.*, p.123

acima da confusão e de fazer calar as visões e interesses particulares todas as vezes que o bem comum o exigir.⁷⁵

Ao encontro disso, Silvia Simões aprofunda-se ainda mais na questão dos mecanismos utilizados pelo Estado para “calar as visões particulares”, sobretudo, daqueles indivíduos ideologicamente ligados à esquerda, considerados inimigos da nação pelas forças militares autoritárias e conservadoras. Nesse sentido, a autora diz

Essa irradiação do terror jogava com a oposição entre chilenos e não chilenos, estes últimos sendo assim considerados porque, mesmo que tivessem nascido no território nacional, por serem “marxistas” atentariam, inevitavelmente, contra os valores básicos da *chilenidad*. E, seguindo esta lógica, tem-se que à verdadeira e legítima essência nacional dos chilenos, definida como natural e imutável, os marxistas também possuem uma, que é a de serem intrinsecamente perversos. Daí provém o perigo-aberto ou latente – de sua existência, pois, nessa visão seriam uma ameaça constante aos valores superiores e permanentes da alma nacional.⁷⁶

Dos mecanismos de terror implementados pelo Estado, a "cultura do medo" geradora da autocensura, resignação e imobilização dos indivíduos cumpria a função pedagógica do Terrorismo de Estado, a alienação ou colaboração com o regime. Aberta ou clandestinamente, os aparatos repressivos criados pelos regimes autoritários empreenderam múltiplas ações com refinadas técnicas para atemorizar a sociedade como um todo e eliminar seus opositores de forma que pudessem justificá-las ou ocultá-las. No caso do Chile, serão elencados, ainda neste trabalho, alguns dos centros clandestinos de detenção que operaram sob essa lógica e as ações internas e externas que corroboram o mecanismo do TDE como norteador do aparato repressivo em questão.

A ideia de que "El tríptico que caracteriza la ideología del terrorismo de Estado es: secreto, clandestinidad e impunidad"⁷⁷ se evidencia com as investigações realizadas pelas Comissões da Verdade instauradas nos países do Cone Sul e a ausência de punição a muitos agentes estatais que, comprovadamente, violaram os direitos humanos. Da mesma forma, é possível atestar, em pesquisas como esta e outros trabalhos acadêmicos que analisam a esfera repressiva das ditaduras, que o elemento da clandestinidade é o que suporta a impunidade e a

⁷⁵ COMBLIN, *op.cit.*, p.73

⁷⁶ SIMÕES, Sílvia Sônia. **Canto que ha sido valiente siempre será canción nueva: o cancionero de Víctor Jara e o golpe civil-militar no Chile**. 2011. 428 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. p.226

⁷⁷ DEL BARRIO, REYNA, y LEON REYES, J. **Terrorismo, ley antiterrorista y derechos humanos**. Santiago: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 1991.

ausência de fontes documentais, haja vista o exemplo da *Dirección de Inteligência Nacional* chilena.

A DSN no Chile

Sobre o advento da DSN no Chile, é possível perceber na historiografia a questão do embate entre a tradição militar constitucionalista versus a intervenção militar na política nacional. Conforme aponta Jorge Tapia Valdés, a Doutrina chegou ao país por duas vias: “el numeroso contingente militar, más de 6.000 hombres, entrenando en Estados Unidos, particularmente en la Zona del Canal de Panamá y el trabajo de propaganda emprendido por un grupo de escritores, políticos y periodistas de la extrema derecha y de clara posición fascista.”⁷⁸ Assim como o restante da América Latina, o Chile sofreu com o processo de “pentagonização”, compreendido por Padrós como a

expressão da ampliação gradual de uma complexa rede de relações, subordinadas ao poder norte-americano, que compreendeu: intercâmbio de informação, fornecimento de equipamentos militares e munição, treinamento diverso para fins de segurança interna, instrução para ações encobertas, acesso às escolas militares estadunidenses criadas ou reconvertidas para esses fins, oferta de linhas de financiamento específicas, etc.⁷⁹

Formado por setores e instituições ligadas às funções de segurança e informação de cada país latino-americano, esse processo contribuiu para a instrumentalização e reforço da militarização dos Estados. Assim, além de se valer dos países do continente como elos de defesa frente ao acirramento das contradições sociais, os EUA os capturaram como potenciais mercados tanto da indústria bélica, em grande avanço desde a Segunda Guerra Mundial, quanto para as corporações de setores estratégicos da economia. No Chile, essa questão se apresentou desde o controle via investimento externo na produção de cobre pelas corporações estadunidenses no início do século XX. Contudo, na década de 1960, durante a candidatura de Eduardo Frei, altos desembolsos para financiar campanhas eleitorais, empréstimos e ajuda internacionais em recursos para o setor militar deram início a uma política mais agressiva que duraria até a ditadura de Augusto Pinochet.

⁷⁸ VALDÉS, *op.cit.*, p. 125

⁷⁹ PADRÓS, Enrique. Escolas Militares dos Estados Unidos e a pentagonização das forças armadas da América Latina. **Outros Tempos**, vol.1, 2007. p.14

A DSN, estruturada de maneira a necessitar ampla difusão, desenvolveu cursos em escolas militares, muitas das quais foram fundadas para aprimorá-la. São vários os exemplos dessas verdadeiras fábricas ideológicas, sendo a *National War College* e o *Industrial College of the Armed Forces* casos localizados em Washington. Já no Brasil destaca-se a Escola Superior de Guerra, onde Golbery do Couto e Silva aprimorou a ideologia de segurança nacional, tornando-se um expoente da geopolítica com traços da Guerra Fria. Enquanto isso, no Chile, a *Academia Superior de Seguridad Nacional* do Chile, originalmente fundada em 1947 com o nome de *Academia de Defensa Nacional*, seria utilizada por Pinochet para o sistemático treinamento de militares para atuarem conforme os moldes da Doutrina. Os instrutores dessas escolas recomendavam leituras e procedimentos de manuais e instruíam em aulas teóricas e práticas sobre a ideologia comunista, guerrilha urbana, métodos de contenção e técnicas de “interrogatórios.”

Precursora da *Latin American Ground School*, localizada até a década de 1980 na zona do Canal do Panamá, a *School of the Americas* (SOA) ou *Escuela de las Américas* foi o principal centro de treinamento militar de oficiais ligados às ditaduras civil-militares latino-americanas. Como instituto pertencente ao Departamento de Defesa dos EUA, a SOA, após a Revolução Cubana, passou a ter como objetivos além de difundir a DSN, aproximar e adestrar militares de países do hemisfério para a contrainsurgência. Dentre os cursos ofertados, eram ensinadas técnicas de guerra psicológica, intervenção militar e métodos de “interrogatório” (técnicas de tortura), todas matérias aplicadas nas ditaduras sul-americanas. Os manuais desse centro de estudos utilizados desde 1982 e desclassificados nos anos 1990 pela CIA, apesar de não contemplarem o período de treinamento dos agentes nos períodos de maior repressão ditatorial, permitem que sejam conhecidos alguns dos conteúdos transmitidos para os oficiais e o tipo de formação que recebiam. Salvaguardados pelo *SOA Watch*⁸⁰, os documentos apresentam conteúdos sobre contra-inteligência, guerrilha e interrogatórios.⁸¹

O capítulo vinte oito do manual da SOA, por exemplo, trata do terrorismo, suas fases, características de operações, organização, os métodos de segurança e armas utilizadas. No

⁸⁰ Organização independente dedicada à denúncia das atividades relacionadas à tortura e assassinatos da Escola das Américas, hoje chamada de *Western Hemisphere Institute for Security Cooperation* (Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação em Segurança).

⁸¹ Sobre a Escola de las Américas, ver também MATTOS, Dyonisius Dias de. **A infame academia: a história da Escola das Américas sob a Doutrina de Segurança Nacional na América Latina (1959-1989)**. UFRGS. Departamento de História. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientador: Enrique Serra Padrós. 2013.

entanto, o que chama atenção são as páginas nas quais traçam o perfil de um “extremista”, caracterizando-o como sendo majoritariamente masculino, estudantes e intelectuais e que o recrutamento seria realizado principalmente pelas universidades. De acordo com o manual, “elas [universidades] introduzem doutrinas anarquistas e marxistas e muitas das federações de estudantes são controlados por radicais”, além de tenderem a ser “ateístas, devotados à violência”.⁸² Já referente à ideologia comunista, é desenvolvido um manual exclusivamente para “familiarizar os estudantes [oficiais em adestramento] com os princípios da ideologia” e evidenciar que não se pode combater o inimigo se forem ignoradas “as fontes de sua filosofia, seu ideal ou seus planos de ação.”⁸³

No que se refere aos “interrogatórios” - método amplamente utilizados por regimes de Terror de Estado para coletar informações, realizar apreensões, desmantelar grupos, etc.- o manual da SOA dos anos 1980 trata do tema com cautela, visto que já eram recorrentes as acusações de violação de direitos humanos e utilização de métodos dessa natureza com prisioneiros de guerra pelos EUA. Se pode ler nas páginas iniciais que “o uso da força, tortura mental, ameaças, insultos, exposição a trato desagradável e desumano de qualquer classe como ajuda ao interrogatório está proibido por lei”.⁸⁴ Não obstante, ao pensar nos elementos que conectam as ditaduras latino-americanas à DSN e ao TDE é inevitável elencar a tortura como central, além de ser uma prática conhecida por franceses e estadunidenses em experiências anteriores no período da Guerra Fria. Dessa forma, recuando no tempo é possível encontrar o chamado Manual KUBARK⁸⁵, desenvolvido para o projeto MKUltra⁸⁶ da CIA, com início nos anos 1950 até finais da década de sessenta, que criou drogas e procedimentos a

⁸² School of the Americas Watch. Manual SOA. CounterIntelligence. Chapters 27-28. p.262 Disponível em: <<http://www.soaw.org/about-the-soawhinsec/soa-manuals/counter-intelligence/68>> Acessado em: abr. de 2018.

⁸³ School of the Americas Watch. Manual SOA . Manual SOA. Guerra Revolucionária e Ideologia Comunista. p.85 Disponível em: < <http://www.soaw.org/docs/SOA%20Guerra%20Rev%20I%2061-83.pdf>> Acessado em: abr. de 2018.

⁸⁴ School of the Americas Watch. Manual SOA. Interrogación. p.4 Disponível em: <<http://www.soaw.org/docs/SOA%20Guerra%20Rev%20I%2061-83.pdf>> Acessado em: de 2018.

⁸⁵ Manual Kubark. Disponível em: <http://67.225.133.110/~gbpprorg/mil/mindcontrol/Kubark_Counterintelligence_Interrogation.pdf> Acessado em: abril de 2018.

⁸⁶ Sobre o projeto MKUltra ver MCCOY, Alfred W. **A question of torture: CIA interrogation, from the Cold War to the War on Terror**. New York: Hanry Hold and Company, 2006.

serem utilizados em interrogatórios a fim de forçar confissões de inimigos considerados comunistas.⁸⁷

O manual, desclassificado em 1975 após a realização de uma investigação pelo Congresso dos EUA sobre as atividades da CIA (Comitê Church e Comissão Parlamentar Rockefeller), tinha como objetivo treinar agentes para realizar interrogatórios de contra-inteligência. Baseado em estudos de técnicas psicossomáticas e psicossociais, o manual contém análises de psicólogos e outros pesquisadores da mente humana que corroboram os métodos transmitidos. Nas páginas iniciais, recomendações indicavam a necessidade de o interrogador avisar seu supervisor sobre os métodos utilizados e estar ciente sobre as leis que regem o local do interrogatório⁸⁸, precauções para futuras penalizações ou encobrimento dos fatos. Apesar de todo este manual ser uma fonte com diversos elementos para compreender o período histórico da Guerra Fria, é a questão dos interrogatórios coercitivos que esclarece a trajetória da prática da tortura, a qual perpassa o contexto ditatorial latino-americano. De acordo com o manual em análise, I.E. Farber diz que a resposta à coerção geralmente contém “pelo menos três elementos importantes: debilidade, dependência e pavor”⁸⁹, sensações que em caso de perdurar longo período de tempo gera apatia, retardando o objetivo inicial de se obter respostas. Assim, para coletar o maior número de informações possíveis de um interrogado podem ser usadas as técnicas de prisão, privação de estímulos sensoriais, debilidade, dor, hipnose, ameaças, narcose e regressões induzidas.⁹⁰ Essas múltiplas formas de emprego da violência aparecem como meios de enfraquecer física e psicologicamente o inimigo, tal qual fizeram os torturadores do aparato repressivo chileno e de outros países após a instauração do TDE sob a égide da DSN.

Embora não haja comprovação oficial de que o Manual Kubark foi utilizado na *School of the Americas* como parte do treinamento dos agentes latino-americanos, há indícios que apontam para esse caminho. Segundo o Informe da Comissão da Verdade e Reconciliação do Chile, métodos tais como tortura, prisão e manipulação de drogas em interrogados⁹¹ eram alguns dos métodos utilizados para “enfraquecer ou destruir a resistência” dos presos

⁸⁷ Ver KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo do desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

⁸⁸ Manual Kubark. *op.cit.*, p. 6

⁸⁹ *Id. Ibid.*, p. 83-84

⁹⁰ *Id. Ibid.*, p.85

⁹¹ Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación (Informe Rettig). p.750 Disponível em: <<https://bibliotecadigital.indh.cl/handle/123456789/170>> Acessado em: abril de 2018.

políticos. Ao levar-se em conta que o Chile enviou “más soldados a recibir entrenamiento en la SOA que ningún otro país durante la década completa”⁹² e que isso significa “mil quinientos sesenta soldados chilenos [...] entre 1970 y 1975”⁹³, sendo que desse contingente 58% receberam treinamento após o golpe de Estado, pode haver uma geração inteira de integrantes das forças armadas chilenas exposta aos ensinamentos do Kubark. Essa constatação liga a SOA ao Chile e ratifica não só a exportação da DSN para o Cone Sul, como também a absorção dos métodos desenvolvidos pela CIA para infligir o terror de Estado a partir do aparato repressivo chileno, a DINA. Ademais, destacam-se os agentes Manuel Contreras, Miguel Krassnoff e Eduardo Iturriaga Neumann como alunos da SOA e posteriores agentes do alto escalão da DINA, acusados de violações dos direitos humanos.

A fim de empregar as diretrizes da doutrina conforme as especificidades locais e repassá-las aos agentes chilenos, a *Dirección de Inteligencia* desenvolveu seu próprio manual de operações clandestinas. Em setembro de 2013, 40 anos após o golpe de Estado, foi enviado pelo historiador Danny Monsálvez da Universidade de Concepción ao site *The Clinic*⁹⁴, um documento intitulado *Manual de Operaciones Secretas*.⁹⁵ A partir da leitura dessa significativa fonte, à qual Monsalvez teve acesso, mantendo sigilo sobre sua origem, é possível compreender mais profundamente no que consistiu o aparato repressivo chileno e os objetivos do serviço secreto desenvolvido por Contreras e Pinochet. De acordo com essa fonte, a instituição tinha

[...] por misión realizar todo tipo de operaciones de Inteligencia en el país y en el extranjero mediante maniobras ocultas y clandestinas que no produzcan comprometimiento al Estado o sus autoridades y que permita aprovechar sus resultados en beneficio de los intereses nacionales y de la propia organización⁹⁶

Opera clandestinamente en cualquier lugar y todo tipo de objetivos. El S.S. (serviço secreto) debe aprovechar que la gente piensa que la ley no será vulnerada. Esta credibilidad nos dá la ventaja de vulnerar la ley. Lo interesante es que al actuar clandestinamente hay que saber hacerlo a objeto de mantener esta credibilidad. Ahora bien, la ley tambien ofrece una serie de

⁹² GILL, *op.cit.*, p.111

⁹³ *Id. Ibid.*, p.112

⁹⁴ Manual de Operaciones Secretas. Disponível em: <<http://www.theclinic.cl/2013/09/11/operaciones-secretas-el-manual-inedito-de-la-dina/>> Acessado em: mar. de 2018.

⁹⁵ Ver o fragmento do Manual em Anexo 3.

⁹⁶ Manual de Operaciones Secretas, *op.cit.*, p.1

garantias, las cuales deben ser explotadas con habilidad y en nuestro provecho.⁹⁷

Extrapolando os limites constitucionais com o objetivo de subjugar a população e defender os interesses dominantes, aspecto característico do TDE, a DINA converteu-se em um aparato coercitivo altamente treinado e com amplos poderes, o que lhe custou até mesmo disputas internas com outros setores estatais ligados ao aparato de inteligência e à repressão no país.⁹⁸ Utilizando a tática da semiclandestinidade, a DINA buscou não apenas legitimar-se dentro da sociedade enquanto órgão defensor dos princípios da segurança nacional e da ordem, como também cometeu crimes e protegeu as identidades de seus agentes, sinalizando a vulnerabilidade das leis em períodos ditatoriais. Instrumento do regime autoritário chileno – que impôs por meio do terror os interesses do imperialismo estadunidense e dos grupos dominantes locais –, a complexa estrutura, hierarquicamente subordinada, de modo direto a Pinochet - aplicou exemplarmente as táticas de diluição dos antagonismos sociais, buscando por meio de assassinatos, desaparecimentos e tortura eliminar o inimigo interno e salvaguardar a nação “refundada” em 1973.

Portanto, admitindo que as bases para o emprego da violência e a súbita e violenta mudança de ordem política no Estado chileno sejam a DSN e o TDE, se compreende como os militares perceberam as mulheres e os homens chilenos nos quase vinte anos em que se mantiveram no poder. Além disso, os conceitos acima referidos explicam o intercâmbio entre os EUA e o Chile quando, na percepção das autoridades, os interesses estrangeiros estavam em risco, fosse pelo alegado avanço do comunismo ou pelas reformas econômicas que trariam ao país autonomia. Dependência e ingerência, violação e ocultação são características da conexão que transformou a América Latina na ponta de lança estadunidense no período do acirramento das tensões sociais no continente e sob a conjuntura histórica da Guerra Fria.

O Estado de contrainsurgência

⁹⁷ Manual de Operaciones Secretas, *op.cit.*,p.4

⁹⁸ Ao longo da ditadura foram mantidos e criados novos setores de inteligência dentro das forças armadas, tais como o Servicio de Inteligencia Militar (SIM), Servicio de Inteligencia de la Fuerza Aerea (SIFA), Servicio de Inteligencia de Carabineros (SICAR), entre outros. Após a criação da DINA houve quem disputasse poder com ela, mas também quem a auxiliasse. Um exemplo disso são os agentes da SICAR, mais tarde incorporados à DINA e que assumiram papéis de interrogadores e torturadores nesse órgão. Diferentemente disso, a SIFA colidiu com a DINA, acarretando ações desencontradas, buscas simultâneas e rivalidade entre elas até certo momento de suas atuações.

Sendo as ditaduras latino-americanas fruto do processo de contrarrevolução no continente latino-americano, segundo aponta o sociólogo Ruy Mauro Marini ⁹⁹, é importante mencionar brevemente suas origens para compreender o processo chileno. Estratégia global estadunidense adotada pelo governo Kennedy no final dos anos 1950 e início de 1960, o Estado de contrainsurgência nasce como uma resposta aos processos revolucionários anticapitalistas no Vietnã, Cuba, Congo e Argélia. Ao mesmo tempo, buscava-se neutralizar a potencial ampliação do campo de poder para a União Soviética, sufocando as insurreições de esquerda que irromperam em meio ao conflito mundial, independentemente dos matizes ideológicos e políticos.

Tendo isso em vista, a estratégia desenvolvida pelos EUA teve como base as modificações do plano militar, criando assim, brigadas especiais, realizando treinamento contra focos guerrilheiros, capacitando e financiando grupos militares e forças policiais para atuarem em regiões ideologicamente contrárias. O modelo de treinamento adotado teve como referencial os “boinas verdes”, as forças especiais do exército estadunidense atuantes no Vietnã, aplicando na América Latina os métodos da guerra suja utilizados do sudeste asiático. A Escola das Américas cumpriu especial papel no caso do Chile e dos demais países do Cone Sul, treinando oficiais militares reconhecidos atualmente pela participação nos crimes das ditaduras civil-militares como mencionado no subcapítulo anterior. Segundo Padrós,

Um objetivo importante dessa rede de treinamento e capacitação antiinsurgente foi a introjeção, no aluno, de que o rol protagônico, decorrente da sua função militar, dependia das suas atitudes e iniciativas. Assim, a DSN abria uma “nova dimensão da política interna” ao convocar a participação da corporação militar, exigindo-lhe que extrapolasse a simples intervenção, saneadora e transitória, assumindo o protagonismo necessário para “refundar” o Estado. Questionando a ineficiência e a corrupção moral do poder civil (sobretudo dos partidos políticos), em prevenir e extirpar os focos radicais resultantes das mazelas sociais e das políticas econômicas locais existentes, a combinação de programas de contra-insurgência, com a ação cívica militar, serviu para catapultar as Forças Armadas. Sob o disfarce da tecnocracia e da neutralidade da corporação, os cursos de treinamento de oficiais especializados na repressão anti-subversiva foram fundamentados, em termos doutrinários, na defesa dos sentimentos mais profundos da Nação e dos valores da civilização cristã-ocidental.¹⁰⁰

⁹⁹ MARINI, Ruy Mauro. O Estado de Contrainsurgência. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, vol. 2 nº3, 2018.p.5 Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/20985/19316>> Acessado em: fev. de 2019.

¹⁰⁰ PADRÓS, 2007, *op.cit.*, p.27

Desse modo, a formulação da doutrina de contrainsurgência estabeleceu uma linha de enfrentamento aos movimentos revolucionários, que pode ser desenvolvida de três formas, sejam elas o aniquilamento, a conquista de bases sociais e a institucionalização. Desse modo, essa estratégia que parte de um enfoque militar, prevê que não apenas é possível vencer o oponente no campo político, como se deve aniquilá-lo, já que se trata de um inimigo “infiltrado” no seio da sociedade que representaria a falta de coesão nacional. Assemelhando-se ao fascismo, essa doutrina parte do pressuposto de que sua função é curar um organismo social contaminado e restabelecer a ordem burguesa, reconquistando as bases sociais e partindo para a fase de institucionalização.

No que diz respeito à integração imperialista dos sistemas de produção como outra vertente da contrarrevolução no contexto latino-americano, essa deve ser vista como uma forma de desenvolver uma burguesia monopolista local associada aos EUA. O Chile, assim como outros países do Cone Sul que sofreram golpes coordenados entre militares e civis, foi alvo justamente de corporações investidoras de capital estrangeiro e dependentes dos ditames estadunidenses, sendo um dos exemplos a *International Telephone and Telegraph*. Segundo Chomsky, para o secretário de Defesa dos EUA nos anos 1960, Robert McNamara, é isso que garantiu o sucesso da luta “revolucionária” pelo “poder entre os principais grupos constitutivos da atual estrutura de classe na América Latina”, resultado esse que protege o investimento privado estadunidense que é “a essência do interesse político dos Estados Unidos na América Latina”.¹⁰¹

Como consequência de tal integração é possível citar a proletarização do trabalhador e o consequente acirramento da luta de classes. Assim, o rompimento das alianças, elemento característico da burguesia, pressiona parte das classes média e baixa, que desfeitas, rapidamente se associam a outros grupos marginalizados na luta contra o sistema que os explora. Desse modo, formam-se os movimentos de massas operários, urbanos e camponeses que irrompem

nas brechas do sistema de dominação criadas pela fratura do bloco no poder e que incide no sentido de agravar as contradições existentes, o que explica a violenta reação da burguesia e do imperialismo, isto é, a contrarrevolução que então se desencadeia no continente.¹⁰²

¹⁰¹ CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas**. Nova York: Seven Stories Press, 1999. p.28

¹⁰² MARINI, *op.cit.*, p.5

A contrarrevolução latino-americana se inicia com um processo de desestabilização, quando as forças reacionárias reúnem-se a fim de desarticular os movimentos populares e, para tanto, utilizam mecanismos como desinformação, financiamento de grupos paramilitares fascistas e ações encobertas. O processo chileno é um claro exemplo da utilização dessas táticas. Ao longo de três anos em que o país foi presidido por Salvador Allende, tornou-se primordial para os EUA e a burguesia monopolista embargar quaisquer tentativas de promover projetos políticos e econômicos voltados aos trabalhadores e setores oprimidos da população. Além disso, mesmo os experimentos conciliadores interclassistas agenciados por Allende foram frustrados, desenvolvendo o caos social e político no país. A segunda etapa e mais violenta desse processo de desestabilização se deu através do golpe de Estado e a instauração da ditadura civil-militar, nascido da “impossibilidade que se encontra a burguesia monopolista de atrair para o seu campo setores significativos do movimento popular”¹⁰³. Assim, para enfrentar o movimento popular utiliza-se o TDE como método de subordinação e desmobilização.

A utilização das forças armadas pela burguesia monopolista com a intenção de solucionar as “enfermidades sociais” confere à primeira um poder descomedido, impondo à esfera política as regras autoritárias comuns à hierarquia militar. Nesse sentido, ocorre o que Marini aponta como uma “hipertrofia do poder executivo”¹⁰⁴ em relação aos demais poderes, quando os ramos militar e econômicos compartilham espaços de interesse e tomadas de decisão fora da influência das demais instituições que compõem o Estado. No caso das ditaduras civil-militares latino-americanas, um desses espaços é o Conselho de Segurança Nacional, onde os serviços de inteligência, tecnocratas civis e militares e as lideranças das forças armadas conformam o comando do Estado de contrainsurgência. Em síntese,

[...] o Estado de contrainsurgência é o Estado corporativo da burguesia monopolista e das Forças Armadas, independentemente da forma que assuma, isto é, independentemente do regime político vigente. Esse Estado apresenta semelhanças formais com o Estado fascista, assim como com outros tipos de Estado capitalista, mas a sua especificidade está na sua peculiar essência corporativa e na estrutura e funcionamento que lá se geram.¹⁰⁵

¹⁰³ MARINI, *op.cit.*, p.6

¹⁰⁴ *Id. Ibid.*, p.8

¹⁰⁵ *Id. Ibid.*

Por fim, devem-se compreender as forças armadas em contextos tais como o do Chile como representantes dos interesses monopolistas, mas não somente destes, já que as demais frações da burguesia também constituem papel central nas ditaduras latino-americanas. Prova disso está no constante embate entre os movimentos antifascistas e a burguesia não monopolista que resultou não apenas em golpes de Estado, mas também na sustentação de regimes antidemocráticos por décadas.

1.2. Panorama histórico da CIA e seu engajamento como braço do imperialismo

Criada em 1947, durante o governo Truman, assim como o *National Security Council* (NSC), a *Central Intelligence Agency* estadunidense sucedeu a *Office of Strategic Services* (OSS), órgão criado no contexto final da II Guerra Mundial e que continha em suas fileiras agentes duplos no contexto da contenda entre Aliados e a Alemanha nazista. Sua oficialização ocorreu em 26 de julho daquele ano, com a assinatura do *National Security Act*, que concedeu à CIA uma funcionabilidade como um serviço de inteligência completo, encarregando-a de assessorar o NSC em questões relacionadas à segurança nacional; fazer recomendações ao Conselho sobre a coordenação das atividades de inteligência dos Departamentos, além de correlacionar e avaliar inteligência e prover sua adequada disseminação¹⁰⁶

No ano seguinte, em um memorando datado em 24 de maio, o primeiro diretor da CIA, Roscoe Henry Hillenkoetter tentou, logo nos primeiros momentos, conceder certa legalidade ao conceito de *covert actions*, termo que se tornou amplamente conhecido na intervenção estadunidense no Chile anos mais tarde.¹⁰⁷ Nas páginas desclassificadas constam alguns dos objetivos dessas ações tais como *black propaganda* ou propaganda negra¹⁰⁸, ajuda a movimentos clandestinos e apoio à resistência aos governos opositores aos interesses dos EUA. Dessa forma, nasceram práticas de um Terrorismo de Estado próprias à superpotência norte-americana, composta não apenas por operações encobertas, como também por *overt*

¹⁰⁶ Central Intelligence Agency. **History of the CIA**. Disponível em: < <https://www.cia.gov/about-cia/history-of-the-cia>> Acessado em: fev. 2019.

¹⁰⁷ U.S Department – Freedom of Information Act. “Modification of survey report resulting from conference between Robinson, Con and Armstrong”, May 24th 1948. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print280.pdf>> Acessado em: fev. de 2019.

¹⁰⁸ Dada a carga de preconceito linguístico presente no termo, será utilizado em demais passagens dessa dissertação outro termo próximo que é o de operações de guerra psicológica ou *psyops*, na sigla em inglês.

actions ou operações abertas, guerras e declarado apoio a governos ditatoriais e anticomunistas.

As ações encobertas permitiram que Washington sustentasse secretamente sua estratégia de contenção à alegada ameaça comunista na Europa e na Ásia. Hillenkoetter escreveu ao Conselho de Segurança Nacional dos EUA em junho de 1948 autorizando um amplo programa clandestino de propaganda, guerra econômica, ações diretas preventivas como sabotagem, medidas de evacuação, etc. Também integravam o rol de ações a subversão contra Estados hostis, apoio aos elementos anticomunistas nacionais de modo que todas essas ações pudessem ser negadas em caso de descoberta por pessoas externas às operações e o governo dos EUA pudesse se desligar, se eximindo de quaisquer acusações. Nesse mesmo ano, nas eleições gregas, momento em que o Partido Comunista assumia posição favorável para vencer o pleito, as ações encobertas estadunidenses foram protagonistas de uma operação que visava reestabelecer a monarquia direita no país e reprimir a esquerda.¹⁰⁹ Ao final da década de 1940, a CIA estabeleceu uma de suas primeiras sedes na Europa e em poucos anos garantiu, por meio de um acordo com o Departamento de Justiça dos EUA, que seus agentes não fossem condenados criminalmente, já que suas ações envolviam questões de segurança nacional.¹¹⁰

Em 1949, o presidente Truman aprovou a *Central Intelligence Agency Act*, autorizando a CIA a financiar secretamente operações de inteligência e conduzir ações fora dos procedimentos padrão da burocracia estadunidense. De acordo com o autor Tim Weiner, esta lei concedeu à agência amplos poderes, desde que o Congresso assegurasse seu financiamento anual. Além disso, a agência contava com fundos não declarados, impedito qualquer instituição de rastrear seus investimentos em ações lícitas ou ilícitas.¹¹¹ A CIA estava livre de todas as amarras de um órgão comum de inteligência dentro de um governo.

Na década seguinte, na Itália, o Partido Comunista Italiano (PCI), respeitado por sua resistência antifascista durante a Segunda Guerra Mundial, teve sua imagem maculada por

¹⁰⁹ Ver o capítulo de GITLIN, Todd. *Contra-insurreição. Mito e realidade na Grécia*. In: David Horowitz (org.), op. cit.

¹¹⁰ Ver Justice Department Handling of cases involving classified data and claims of national security. **Second Report by the Committee on government operations**, 1979. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP85-00003R000100010025-9.pdf>> Acessado em: mar. de 2018.

¹¹¹ WEINER, Tim. **Legado de Cinzas**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p.60-61

uma onda de contrapropagandas e ações encobertas dirigidas pela CIA. Nas eleições de 1958, William Colby, ex-diretor da agência estadunidense e chefe da sede em Roma, celebrou a derrota do PCI e o redirecionamento dos votos para o Partido Demócrata Cristão, alinhado com a Casa Branca, como uma das maiores conquistas da CIA. Esse período ficou marcado também pela presença da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em diversos países europeus, sobretudo, na Itália, no que se conheceu por “Operação Gladio”. No marco dessa operação, foram matidos na Europa exércitos clandestinos e grupos de extrema-direita dirigidos tanto pela CIA, quanto pelo *Secret Intelligence Service* (SIS) ou *Military Intelligence Section 6 (MI6)* inglês, integrados numa rede *stay-behind*.¹¹² Assim, até o final da Guerra Fria esses grupos atuaram secretamente intervindo na esfera política de países estratégicos. Ao mesmo tempo, o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) garantiu que o hemisfério ocidental, sobretudo a América Latina, permanecesse alinhada politicamente aos Estados Unidos e suas matérias-primas continuassem sob controle estadunidense.

A CIA na América Latina

A fim de assegurar sua autoridade, os EUA desenvolveram projetos que contavam com o auxílio de militares latino-americanos para eliminar governos e governantes opositores, prometendo-lhes material bélico e financiamento. A decisão do Pentágono de transferência de armamento “no solo les ayudaba a asegurar el acceso de los EE.UU a las materias primas (...) sino que también ataba a los ejércitos locales al uso de armas y tecnologías producidas en las fábricas norteamericanas”¹¹³ Consequência dessa aproximação foi a fundação da *Latin American Ground School*, precursora da *School of the Americas* no Panamá, principal local de treinamento de agentes ligados às ditaduras latino-americanas com visível consentimento da CIA, como referido mais acima neste capítulo.

¹¹² As células *stay-behind*, do inglês “ficar para trás”, ou seja, clandestina, constituíam redes ligadas à OTAN, durante o período da Guerra Fria. Implantadas em 16 países da Europa Ocidental, essas células visavam deter a ameaça de uma ocupação pelo bloco do Leste e estavam sempre prontas para ser ativadas em caso de invasão pelas forças do Pacto de Varsóvia. Na Itália se chamou rede *Gladio*, enquanto em outros países como a Noruega se chamou *ROC* e na Turquia *Counter-Guerrilla*.

¹¹³ SALAZAR, *op.cit.*, p.10

A partir da década de 1950, a intervenção arbitrária dos EUA no continente se deu de forma ampla em todos os países com tendências políticas à esquerda. Na Guatemala de Jacobo Arbenz, o governo voltado às questões agrárias e dos trabalhadores urbanos e indígenas não tardou em sofrer com os desmandos de Dwight E Eisenhower. Acusado de comunismo, Arbenz era, na verdade, um coronel nacionalista que ousou tentar tocar no monopólio da *United Fruit Company*, empresa bananeira proprietária do maior latifúndio guatemalteco e responsável pelo controle de parcela importante da economia do país centro-americano, o que suscitava o temor de estatização daquela corporação. Assim, a CIA conjuntamente às forças políticas de direita no país desenvolveram a ação “*PBSuccess*”, que tinha como objetivo derrubar o governo através de um golpe de Estado, substituir o presidente por um ditador militar e alinhar a política e a economia aos interesses de Washington.¹¹⁴ Segundo Manuel Salazar, a “intervención norteamericana en Guatemala fue el primer y más claro mensaje para las fuerzas políticas y sociales que intentaban cambiar el modelo de desarrollo en América Latina”¹¹⁵.

Embora a Guatemala tenha sido o primeiro passo de uma estrada sem retorno no que diz respeito ao Terrorismo de Estado perpetrado pelos Estados Unidos na América Latina, Cuba tornou-se o caso mais emblemático de intervenção da CIA. Acreditando (erroneamente) que a Revolução Cubana de 1959 não tinha fortes fundamentos nacionais e que não passaria de uma conspiração internacional alinhada a Moscou e que isso influenciaria os demais países do terceiro mundo, a agência estadunidense reforçou o elemento da contrainsurgência como base sustentadora do pensamento militar e da DSN. Conforme já colocado, essa nova diretriz de segurança ampliou o papel dos militares, impulsionando-os a introduzir seus elementos nas esferas política, econômica, social e cultural de cada país.

Durante os anos que se seguiram à conquista do poder pelos revolucionários cubanos com a derrubada da ditadura de Batista, foram comuns os bombardeios da ilha por aviões estadunidenses, o recrutamento de exilados contrarrevolucionários cubanos a fim de desenvolver ações paramilitares, a destruição de canaviais por meio de produtos químicos,

¹¹⁴ Talvez o mais completo estudo sobre o golpe da CIA na Guatemala de Arbenz seja o trabalho de GLEIJESES, Piero. **La esperanza destrozada. La revolución guatemalteca y los Estados Unidos. 1944-1954.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

¹¹⁵ SALAZAR, *op.cit.*, p. 11

além da recusa em comprar o açúcar cubano e a interrupção do abastecimento de petróleo.¹¹⁶ A soma desses fatores desgastou ainda mais a frágil relação diplomática entre os dois países, levando ao episódio da invasão à Baía dos Porcos sob as ordens de John F. Kennedy e a posterior crise dos mísseis já no início da década de 1960. Inteiramente envolvida, a CIA treinou agentes cubanos contrarrevolucionários e planejou o que convencionou chamar de *Program of Covert Actions Against Castro's Regime*. Orquestrado com auxílio do próprio Departamento de Estado norte-americano e o Conselho de Segurança Nacional, esse plano tinha como objetivo, nos termos de seus próprios mentores intelectuais:

[...] planejar, implementar e sustentar um programa de ações encobertas delineado para explorar econômica, política e psicologicamente as vulnerabilidades do regime de Castro. É indiscutível que a execução bem sucedida do programa encoberto irá por si só resultar na queda do regime de Castro. Esse plano deve ser visto somente como uma contribuição encoberta para um programa nacional geral desenvolvido para acelerar moral e fisicamente a desintegração do governo de Castro e para apressar o dia em que a combinação das ações e circunstâncias farão possivelmente essa substituição por um governo democrático responsável pelas necessidades e desejos do povo cubano.¹¹⁷

A fim de realizar a substituição de governo, a ação encoberta supracitada deveria investir em operações de sabotagem contra alvos como refinarias, estações de rádio, TV, estradas, instalações militares, etc. Além disso, deveriam ser realizadas operações de apoio à guerrilha contrarrevolucionária, prisão de oficiais ligados a Fidel Castro e ações de guerra psicológica e desinformação para manchar a imagem do governante e sua administração. Ao final de 1960, o chefe da CIA, Allen Dulles, preocupado com os movimentos que tomavam conta do mundo, disse em um memorando ao presidente que “o espírito da revolução está lá fora, nas grandes áreas do mundo”, e que os EUA estavam diante de “uma revolta dos despossuídos - *have-nots*-, especialmente, na América Latina, Ásia e na África”.¹¹⁸ Segundo revelou em 1975 a investigação do Senado norte-americano conhecida como o Comitê

¹¹⁶ Ver mais sobre esse extenso rol de ações na compilação de casos em MORERA, José Luis e CALCINES, Rafael. **La guerra de la CIA contra Cuba**. La Habana: Agencia de Información Nacional, 1988.

¹¹⁷ “To plan, implement and sustain a program of covert action designed to exploit the economic, political and psychological vulnerabilities of Castro regime. It is neither expected nor argued that the successful execution of this covert program will in itself result in the overthrow of the Castro regime. This plan should be viewed only as the covert contribution to an overall national program designed to accelerate the moral and physical disintegration of the Castro government and to hasten the day when a combination of actions and circumstances will make possible its replacement by democratic government responsive to the needs, the aspirations and the will of the Cuban people.” In: https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/DOC_0000773399.pdf Acessado em: mar. de 2018.

¹¹⁸ RABE, Stephen. **Eisenhower & Latin America : The Foreign Policy of Anti-Communism**. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1988. p.139

Church¹¹⁹, o mesmo Dulles já autorizara as operações da CIA que resultaram no assassinato do líder congolês Patrice Lumumba¹²⁰, em fevereiro de 1961, *modus operandi* da agência em inúmeras circunstâncias.

O medo de uma “outra Cuba” na América do Sul desencadeou a intervenção estadunidense em diversos países como Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Bolívia. É importante ressaltar que os EUA, no plano mundial, sentiam por vezes estar em desvantagem em relação à União Soviética, que além de influenciar diversas das lutas mundiais por independência e autodeterminação, competia bélica e tecnologicamente com a superpotência. Nesse sentido, ao passo que Washington sentia-se afrontado pelas resistências em países cada vez mais próximos de seu território, desenvolvia-se uma nova operação de contenção e investimentos milionários em segurança nacional. Um exemplo disso foi a elaboração e continentalização da política da “Aliança para o progresso”, anunciada na reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA) em 1961. Esse programa de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina indicava que países latino-americanos deveriam delinear planos de desenvolvimento e garantir a maior parte dos custos dos programas, cabendo aos EUA o restante. A administração dos fundos norte-americanos competia em sua maior parte à *United States Agency for International Development* (USAID — Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional).

O fracasso do intento de remover pela força o novo governo revolucionário de Cuba levou os Estados Unidos a uma mudança de postura em matéria de política externa para a América Latina. As autoridades de Washington convictas de que o capital privado possibilitaria o crescimento econômico da América Latina, passando a reconhecer a necessidade de planos nacionais de desenvolvimento, propuseram a criação de um Fundo Especial Interamericano para o Desenvolvimento Social com recursos iniciais de aproximadamente quinhentos milhões de dólares, a serem aplicados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em projetos de reforma agrária, habitação,

¹¹⁹ Comissão do Senado norte-americano, composto por senadores e coordenado pelo representante democrata de Idaho, Frank Church. A Comissão para o Estudo das Operações Governamentais a respeito das atividades de Inteligência, lançou, em 1975, relatórios e, posteriormente, um informe com a investigação das ações encobertas realizadas pela CIA e em cooperação com a ITT no Chile.

¹²⁰Ver **Assassinaton Plannings and the plots: Congo.** In: https://www.aarclibrary.org/publib/church/reports/ir/pdf/ChurchIR_3A_Congo.pdf Acessado em: mar. de 2018.

educação e saneamento básico. Com a intenção de trazer as mudanças antes que a esquerda a fizesse, Kennedy levou a ALPRO a diversos países esperando reciprocidade. Após a sua morte, Lyndon B. Johnson assumiu a liderança desse projeto de estímulo ao capitalismo e de fortalecimento dos militares, demonstrando satisfação e alívio quando em 1964 um golpe civil-militar retirou o reformista João Goulart da presidência no Brasil.

A atuação da CIA no Chile a partir da década de 1960

No mesmo ano do golpe no Brasil contra o governo de João Goulart¹²¹, os EUA, seguindo as políticas da ALPRO e as operações encobertas da CIA, intervieram nas eleições presidenciais no Chile. Candidato pelo Partido Demócrata Cristão, Eduardo Frei Montalva, apresentava-se como representante aceitável para seguir à risca a cartilha dos interesses estadunidenses. Apoiado, sobretudo, pela classe média, Frei recebeu altos investimentos financeiros, ideológicos e propagandísticos pela agência, detalhados pelo informe *Covert Action in Chile, 1963-1973* realizado pelo Comitê Church em 1975. O montante de aproximadamente vinte milhões de dólares, como indica o ex-embaixador norte-americano Edward Korry, foi aprovado e repassado ao partido na intenção de estabelecer uma "dinastia democrata-cristã" no Chile.¹²²

Impulsionado, entre outras coisas, pela conexão político-ideológica entre os partidos dos representantes chileno e estadunidense, ambos democrata-cristãos, essa foi uma relação que se tornou cada vez mais estreita. Apesar do falecimento de Kennedy no final de 1963, não houve a suspensão dos benefícios dados pela Casa Branca ao PDC chileno. Ao assumir a presidência, Lyndon Johnson, presidente dos EUA até 1969, assegurou a manutenção de estreitas relações com o Chile, desencadeando as ações que viriam garantir a vitória de Frei. Segundo o Informe Church, "ações encobertas foram um fator em quase todas as eleições no

¹²¹ A respeito das conexões dos acontecimentos de 1964 com a política do imperialismo, a ALPRO, a DSN e o financiamento de forças direitistas locais pelo imperialismo, além do livro já mencionado de Dreyfus, ver a dissertação de mestrado de SILVA, Vicente Gil da. **A Aliança para o Progresso no Brasil: de propaganda anticomunista a instrumento de intervenção política (1961-1964)**. Porto Alegre: UFRGS-Programa de Pós-Graduação em História. 2008.

¹²² KORRY, Edward. The USA-in- Chile and Chile-in-USA : A full retrospective political and economic view (1963-1975). In: **Estudios Públicos**, nº 72. Chile, 1998. p. 1 Disponível em: https://cepchile.cl/cep/site/artic/20160303/asocfile/20160303183729/rev72_korryconf_ing.pdf Acessado em: mar. de 2018.

Chile entre a década de 1963 e 1973. Em muitos casos a intervenção dos Estados Unidos foi massiva".¹²³

No mesmo informe, a avaliação da CIA sobre suas ações realizadas no período do governo Frei foi positiva quanto ao êxito em atingir os objetivos imediatos de gerar temor na população através dos meios de comunicação e financiamento de grupos de direita.¹²⁴ A propaganda anticomunista pode ser destacada como a maior ferramenta da campanha de 1964 desenvolvida pela CIA, servindo de influência mais tarde para as eleições de 1970, além do uso de diversos veículos de comunicação para difundir os valores estadunidenses. Após 42,3% dos eleitores votarem em Frei, o presidente iniciou uma série de políticas alinhadas à “Aliança para o Progresso”, mas aparentemente autônomas e voltadas para benefícios internos do Chile. A *chilenización*, compra de parte das ações das maiores empresas multinacionais exploradoras de cobre, *Kennecott* e *Anaconda Copper*, a fim de torná-las estatais, tornou-se um trunfo provisório de Frei.

Apesar de alguns esforços, a crise do governo democrata-cristão não tardou. Na contramão do que se imaginou, houve o acirramento da luta de classes por conta das iniciativas de reforma agrária e nacionalização de empresas, afetando grandes empresários e a elite latifundiária do país, causando profundo desgaste. Em 1969, o Comandante da 1ª Divisão do Exército, General Roberto Viaux, encabeçou um movimento, aquartelando o Regimento de Tacna, localizado no norte do país, visando conquistar aumento salarial aos militares. Conhecido como *Tacnazo*, esse evento foi acompanhado pelas equipes locais da CIA que demonstraram preocupação em mapear quaisquer interesses das Forças Armadas em um golpe de Estado, antevendo as próximas eleições.

A chamada *Pre-Track II*, descrita no Informe Church, que consistia numa sublevação no momento anterior às eleições de 1970 como um teste para reconhecer os focos golpistas e possíveis apoiadores de uma ditadura militar, se valeu da experiência do chamado *Tacnazo* para estudar suas previsões. Porém, contrariamente ao que os EUA apostaram, Viaux não obteve apoio suficiente, reafirmando, por aquele momento, a tradição constitucionalista

¹²³ "Covert American activity was a factor in almost every major election in Chile in the decade between 1963 and 1973. In several instances the United States intervention was massive". In: *Covert Action in Chile 1963-1973*. Staff Report of the Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities. 94th Congress, 1st Session, U.S. printing Office, December 18, 1975. p. 9 Disponível em: <<https://archive.org/details/Covert-Action-In-Chile-1963-1973/page/n1>> Acessado em: mar. de 2018.

¹²⁴ *Id. Ibid.*, p.19

atribuída às forças armadas chilenas. Além disso, o fracasso desse possível golpe levou a CIA e o Departamento de Estado dos EUA a atentarem para ações futuras necessárias para evitar a chegada de um candidato nacionalista radical ou de orientação anticapitalista ao poder.

As *chilenización*, a reforma agrária e a promessa da “revolução em liberdade” de Frei não foram medidas capazes de manter o PDC no governo. No entanto, provocaram desconfiança nos EUA na postura ambígua de Frei, pois ao mesmo tempo em que o presidente seguia o programa de reformas por eles autorizado, não escondia suas críticas à postura estadunidense em fomentar conflitos violentos em outros países. Assim, nas eleições de 1970, o novo candidato do PDC, Radomiro Tomic, que demonstrava interesse em dar continuidade às políticas reformistas de Frei, indicava uma postura que parecia muito à esquerda na avaliação do então novo presidente dos EUA, Richard Nixon. Desse modo, persuadido pelas empresas multinacionais financiadoras da campanha de Frei, Nixon passou a apoiar o candidato do Partido Nacional, Jorge Alessandri, aquele que defendia os interesses dos setores mais à direita do espectro político-partidário chileno.

Com o recém exposto, se pode avaliar que em 1964 a presença da CIA nos bastidores eleitorais demonstrou uma forte ingerência da superpotência estadunidense na América Latina. E as eleições presidenciais de 1970 apontam para uma intromissão que assumia uma escalada intensa e criminosa, influenciando diretamente nos acontecimentos cuja conjunção geraria o golpe de 1973. “Oito milhões de dólares foram gastos, encobertamente, nos três anos entre 1970 e o golpe militar em setembro de 1973, sendo mais de três milhões gastos somente no ano fiscal de 1972”.¹²⁵ Essa informação do Informe Church não apenas comprova o auxílio financeiro aos setores da direita chilena, como também, um investimento de tempo e medidas diretamente orientados para conter a chegada do candidato socialista Salvador Allende à presidência. Representante da UP, o partido da soma das esquerdas chilenas, o médico e político tentaria pela quarta vez chegar ao Palácio *de la Moneda* pelas vias democráticas. Do ponto de vista norte-americano cresciam as chances de instauração de uma “ditadura marxista”.

A participação da população nas eleições registrou significativo aumento, sendo 72% da população total os possíveis eleitores a decidirem quem seria o novo presidente do Chile. O crescimento do número dos sindicatos na conjuntura que corresponde aos anos finais do

¹²⁵“Eight million dollars was spent, covertly, in the three years between 1970 and the military coup in September 1973, with over three million dollars expended in fiscal year 1972 alone.” In: Covert Actions, op. cit. p.1

mandato de Frei garantiu mais trabalhadores urbanos e rurais nas ruas para defender programas políticos que atendessem as demandas mais urgentes das camadas baixas.¹²⁶ Assim, embora a classe trabalhadora dividisse seu apoio entre os candidatos, por identificarem-se ou não com um estrato social mais elevado, a possibilidade de vitória real da “via chilena para o socialismo” – que consistia na transição ao socialismo dentro dos marcos da democracia - desencadeou ao mesmo tempo euforia e desespero. Se por um lado alguns setores da população clamavam por mudanças, entusiasmados pela onda de movimentos sociais da década de 1960 na América Latina e no mundo, por outro, os EUA viviam momentos de incerteza.

Os Partidos Comunista (PCCh), Socialista (PS), Radical (PR) e Social Democrata, o Movimento de Ação Popular Único (MAPU) e a Ação Popular Independente, que conjuntamente formavam a Unidade Popular, chegaram às eleições de 1970 com um programa de governo que se pretendia revolucionário. Com o objetivo de “preservar, hacer más efectivos y profundos los derechos democráticos y las conquistas de los trabajadores”, além de “transformar las actuales instituciones para instaurar un nuevo Estado donde los trabajadores y el pueblo tengan el real ejercicio del poder”¹²⁷, a UP esperava devolver aos trabalhadores o protagonismo que lhes fora negado por séculos. Além disso, o comprometimento com os “derechos democráticos” e “las garantías individuales y sociales de todo el pueblo”¹²⁸ passava aos eleitores credibilidade da capacidade de o partido realizar as transformações necessárias dentro dos marcos legais. Entretanto, as propostas para o setor econômico causaram apreensão nos setores privados, sobretudo estrangeiros. Tendo como primeira medida a nacionalização de “aquellas riquezas básicas que, como la gran minería del cobre, hierro”¹²⁹ e dos setores de telefonia, aéreo, ferroviário, bem como das terras, a esquerda estava propondo o redirecionamento das riquezas nacionais e dos benefícios financeiros aos trabalhadores e não mais a pequenos grupos privilegiados.

Lançadas as campanhas político- partidárias no Chile em 1969, surgiu nos EUA, em poucos meses, o *40 Committee* ou Comitê 40, grupo semiclandestino que perdurou até a administração de Henry Ford. Nascido oficialmente no governo de Harry Truman junto de

¹²⁶ Ver o trabalho de Márcia Cury, *op. cit.*

¹²⁷ Programa Básico del Gobierno de la Unidad Popular. p.7-8. Disponível em: <http://www.bicentenariochile.cl/attachments/019_Programa%20b%C3%A1sico%20de%20Gobierno%20de%20la%20Unidad%20Popular.pdf> Acessado em: mar. de 2018.

¹²⁸ Programa Básico del Gobierno de la Unidad Popular, *op.cit.*, p.8

¹²⁹ *Id. Ibid.*, p.12

diversos outros grupos ligados ao mais alto escalão da política norte-americana, o Comitê 40 tinha como objetivo a realização de operações clandestinas e ações encobertas. Originário do *300 Committee*, que por sua vez nasceu do *Special Group* na administração Kennedy, o novo grupo manteve as funções que atravessou o tempo e o espaço e agora era inteiramente dedicado às ações no Chile. A partir do memorando NSDM40, o presidente Richard Nixon mudou o nome do Comitê 300 para 40, convocou o Procurador-Geral John Mitchell como membro e reafirmou a responsabilidade do Diretor Central de Inteligência. Faziam parte dessa equipe de seletas autoridades além do Presidente dos EUA e o Assessor de Segurança Henry Kissinger, Richard Helms, diretor da CIA; Thomas Moorer, chefe do Estado Maior das Forças Armadas; Alexis Johnson, subsecretário de Estado para Assuntos Políticos; Melvin Leird do Departamento de Defesa; e David Packard, cofundador da Hewllet-Packard Company.

1.3. A preparação do Estado de contrainsurgência no Chile

A partir desse momento, Nixon e Kissinger deram início a uma escalada de conspiração, ações encobertas e guerra psicológica em um intervencionismo crescente, o qual redundaria na quebra da soberania chilena – tanto de sua soberania nacional, como da soberania popular. As medidas planejadas pela CIA começaram a passar pelo crivo do Comitê 40. No entanto, nem todas as ações coordenadas pelos líderes do grupo semiclandestino passavam pela agência central, tampouco necessariamente pelos demais integrantes do Comitê. Kissinger, enquanto Conselheiro de Segurança Nacional e braço direito do presidente estadunidense, direcionou o trabalho da agência de inteligência para “endossar certas atividades secretas destinadas a reduzir a possibilidade de uma vitória por um candidato da Unidade Popular em setembro nas eleições presidenciais de 1970.”¹³⁰ Tendo em vista a urgência da questão chilena para a política externa estadunidense, Nixon convocou o Comitê 40 para dar instruções de como a CIA deveria proceder daquele momento em diante. O bilhete desclassificado com as notas da reunião entre o presidente e Richard Helms deixam claros os objetivos da conspiração

¹³⁰“(…) endorse certain covert activities designed to reduce the possibility of a victory by a Popular Unity (UP) candidate in the September 1970 presidential election.” In: Foreign Relations, 1969–1976, Volume XXI. Chile, 1969- 1973. United States Government Printing Office Washington, 2014. Memorandum for the 40 Committee. March 5, 1970. p.73 Disponível em: <<https://static.history.state.gov/frus/frus1969-76v21/pdf/frus1969-76v21.pdf>> Acessado em: mar. de 2018.

Reunião com o Presidente sobre o Chile no 1525 em 15 de SET
de 1970. Presentes: John Mitchell + Henry Kissinger:
1 em 10 chances talvez, mas salvar o Chile!
Gastar pesado
Não importam os riscos a correr
Nenhum envolvimento da Embaixada
\$10,000,000 disponíveis, mais se necessário
Trabalho em tempo integral - melhores homens que tivermos
Jogo estratégico
fazer a economia gritar
48 horas para o plano de ação ¹³¹

Dessas ordens deu-se início ao plano FUBELT. Dividido em *Track I* e *Track II*, - caminhos I e II - esse conjunto de ações ocorreriam ou a partir do conhecimento e a atuação de Edward Korry, embaixador estadunidense no Chile, através de articulações políticas (Track I) ou seriam operações clandestinas com participação direta do Comitê 40, burlando até mesmo a estrutura burocrática norte-americana e com a finalidade de instigar um golpe militar (Track II). O documento em que consta a gênese do projeto FUBELT, escrito por William Broe, chefe das operações clandestinas no Hemisfério Ocidental para a CIA, deixa clara a posição do governo: "Presidente Nixon decidiu que o governo de Allende no Chile não era aceitável para os Estados Unidos" ¹³² e para tanto investiu pesadamente em ações encobertas, financiamento de partidos e movimentos de oposição, além de propaganda contrária ao governo chileno.

Inserida nesse contexto se desenvolveu também a conspiração de maior fôlego entre a agência de Inteligência estadunidense e uma corporação privada. O chamado "Plano ITT-CIA" teve como finalidade, assim como todas as demais operações secretas no Chile, deter a chegada e o avanço de um governo nacionalista radical e de orientação socialista. ¹³³. A

¹³¹ "Meeting with president on Chile at 1525 SEPT, 15 70'. Present: John Mitchell + Henry Kissinger: 1 in 10 chance perhaps, but save Chile!; worth spending; not concerned risks involved; no involvement of embassy; \$10,000,000 available, more if necessary; full time job -- best men we have; game plan; make the economy scream; 48 hours for plan of action". In: Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI. *op.cit.*, Editorial Note, September 15, 1970. p.254

¹³² "(...) President Nixon had decided that an Allende regime in Chile was not acceptable to the United States." In: Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI, *op.cit.*, Memorandum for the Record, September 16, 1970. p 255

¹³³ Essa foi uma constante nas preocupações do imperialismo estadunidense, em sua política para a América Latina. Em informe de inteligência de 1964, se podia ler: "O perigo na América Latina resulta menos da habilidade dos comunistas em converter pessoas ao comunismo do que da habilidade de uns poucos comunistas dedicados a explorar para seus próprios fins a tendência disseminada de nacionalismo anti[norte]americano". National Intelligence Estimante 80/94-64, 19 ago. 1964, secreto, Apud SPEKTOR, Matias. **Kissinger e o Brasil**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009, p.35

preocupação da *International Telephone & Telegraph*, empresa multinacional do setor das telecomunicações com sede nos EUA e subsidiária no Chile, foi levada à Casa Branca e ao Comitê 40, como se pode ver por meio de uma correspondência do mês de setembro. Com projeções negativas a respeito de Allende e sua possível administração que prometia a nacionalização de diversas empresas de setores estratégicos, a direção da ITT desenhava o pior cenário econômico às lideranças estadunidenses, tentando, assim, conquistar simpatia e auxílio à sua causa, intervenção militar no caso de uma vitória da UP. "Preparada para colaborar com no mínimo \$1.000.000." ¹³⁴, a ITT participou do plano que em termos teóricos durou apenas dois meses – setembro e outubro - mas que, na prática, se estendeu até os últimos instantes dos mil dias de Allende no governo. Mas este não era somente o desígnio da ITT. A política externa dos EUA – e suas diferentes agências albergadas no Conselho de Segurança Nacional, sob a coordenação de Kissinger – adotara, desde a resolução NSDM 40 ¹³⁵, a linha política pela intervenção no Chile.

Na campanha eleitoral chilena do ano de 1970, a CIA jogou pesado com diversas ações encobertas e guerra psicológica, criando notícias falsas e procurando criar um contexto de medo e aversão à candidatura de Salvador Allende, como candidato e futuro “ditador” de modo a reforçar a campanha anti-Allende em curso nas fileiras da direita. Esse perfil de notícias persistiu passado o período eleitoral, conservando intensidade até o momento do golpe de Estado em 1973. Essas notícias foram difundidas, sobretudo, pelo jornal *El Mercurio*, de Augustín Eastman Edwards, tradicional apoiador da direita chilena, nada reticente em criar um espectro ideológico de medo e anticomunismo no país. Financiado pela CIA, o *El Mercurio* produziu revistas, livros e estudos de circulação nacional e internacional sobre a Unidad Popular, a ideologia “marxista-leninista” que estaria sendo imposta ao Chile e os dias de instabilidade econômica que as próprias ações encobertas provocavam paulatinamente, mas que os meios direitistas atribuíam como prova da ineficiência estatal e do caos social sob a ascensão de forças da esquerda. De acordo com dados do Informe Church, o

¹³⁴ "(...) are prepared to put up a minimum of \$1,000,000 for this purpose". In: Foreign Relations 1969–1976, Volume XXI, *op.cit.*, Letter From John McCone to the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger). September, 14, 1970. p.250.

¹³⁵ "Responsibility for the Conduct, Supervision, and Coordination of Covert Action Operations", February 17th, 1970. In: Richard Nixon Presidential Library and Museum Responsibility. Disponível em: <<https://www.nixonlibrary.gov/national-security-decision-memoranda-nsdm>> Acessado em: mar. de 2018.

“El Mercurio foi o maior canal de propaganda durante 1970-1973, assim como o foi durante o período das eleições de 1970.”¹³⁶

Ao passar dos dias, o aumento da popularidade da esquerda e conseqüentemente, das chances de vitória no segundo turno das eleições contra Jorge Alessandri, levou Nixon a perceber que um golpe era a única alternativa para contê-la. Ainda de acordo com o Informe Church, entre os dias 05 e 20 de outubro daquele ano, a CIA realizou contatos com 21 dos principais oficiais militares e Carabineros do Chile¹³⁷. Contudo, de formação prussiana e comandado por René Schneider, um constitucionalista, o exército chileno parecia não estar inclinado a romper a cadeia hierárquica naquele momento. A chamada “Doutrina Schneider”, estabelecida desde o *Tacnazo* em 1969, preconizava a não intervenção militar nos assuntos políticos do país. Nas fontes documentais desclassificadas não é possível precisar de quem partiu a ideia de eliminar Schneider, mas sabe-se que a ITT estava disposta a realizar qualquer coisa para manter o Partido Nacional na presidência, bem como estavam convictos a CIA, o Comitê 40, presidente dos EUA e seu conselheiro de Segurança Nacional de que somente um golpe de Estado resolveria o impasse. Assim, a articulação da agência estadunidense com os generais Viaux, Canales e Camilo Valenzuela somados ao grupo paramilitar fascista *Patria y Libertad* (PyL), resultou no assassinato de Schneider no dia 25 de outubro de 1970.

O atentado contra vida do comandante- em- chefe das forças armadas do Chile, apesar de bem sucedido, falhou em sua missão de retirar o entrave constitucional para dar continuidade ao plano golpista, já que a posição ocupada por Schneider foi designada a outro general, Carlos Prats, um ávido defensor da não intervenção militar. A curto prazo as forças contrárias a Salvador Allende não lograram o êxito esperado. No entanto, com a persistência estadunidense, a difusão da DSN e da ideologia do anticomunismo entre setores das forças armadas e a defesa dos valores liberais do empresariado e das classes mais abastadas do Chile, rapidamente ocorreria um revés da situação. É nesse quadro que, a partir do final de 1970 até 1973, realizou-se um esforço contínuo e singular, em comparação aos outros países do Cone Sul, para bloquear as chances de uma “revolução pelas urnas” triunfar, contagiando a América Latina e o mundo.

¹³⁶ “El Mercurio was a major propaganda channel during 1970-73, as it had been during the 1970 elections (...).”
In: *Covert Action in Chile 1963-1973, op.cit.*, p.29

¹³⁷ “Between October 5 and October 20 1970, the CIA made 21 contacts with key military and *Carabinero* police officials in Chile. Those Chileans who were inclined to stage a coup were given assurances of strong support at the highest levels of the U.S. Government both before and after a coup.” *Id.*, p. 26

Em novembro de 1970 o desenvolvimento de uma fórmula para o caos que pretendia “fazer a economia gritar” tomou o lugar do projeto FUBELT. O documento *National Security Decision Memorandum* (NSDM) 93 apresenta as decisões tomadas pelo presidente Nixon e sua cúpula para enfrentar o governo de Salvador Allende, sendo elas: manter uma postura pública correta, mas fria; maximizar as pressões sobre o governo Allende para impedir sua consolidação política e capacidade de desenvolvimento de seus projetos políticos; assegurar que os países do hemisfério compreendam o perigo de um país comunista ou aliado dos comunistas, fazendo o primeiro voltar-se contra o Chile; usar de influência dos EUA para reduzir o preço mundial do cobre (principal produto de exportação do Chile); exercer máxima influência sobre as instituições financeiras internacionais para limitarem crédito e ajuda financeira ao país; não realizar nenhum acordo bilateral¹³⁸. Paralelamente a isso, Henry Kissinger delineou alguns pontos importantes para prosseguir com a guerra encoberta contra Allende, dentre eles a manutenção de contato com os militares chilenos, ações políticas que debilitassem a coalizão de esquerda, auxílio aos partidos e grupos de oposição ao presidente, assim como a utilização e financiamento de meios de comunicação que critiquem o governo e ressaltem seu caráter subversivo.¹³⁹

Em 1971 começaram as nacionalizações e a reforma agrária. Até o final do ano, mais de oitenta empresas de setores relevantes do comércio e indústria foram assumidas pelo governo da UP e a outra parte das fazendas, ainda não expropriadas pelo governo Frei, foi nacionalizada por Allende, transferindo-a para *Área de Propriedad Social* (APS). Em meio a esse processo, algumas corporações como a *ITT*, *Braden*, *Anaconda* e *Kennecott Copper* sofreram expropriações que mais tarde foram recompensadas com indenizações estabelecidas pelo governo. A resposta das multinacionais foi dura como no caso da corporação das telecomunicações. Harold Geenen, presidente da ITT, solicitou aos seus subalternos que enviassem a Richard Nixon uma correspondência na qual recomendava um novo plano de ataque para derrubar o governo Allende, o *18 point plan*. Dentre outras coisas, Geneen sugeriu que a CIA participasse como pudesse das ações, além de realizar contatos com militares em posição chave e provocar a escassez de dólares na economia chilena. Também compunha o leque de ações ajuda financeira ao *El Mercurio* e o fechamento do mercado

¹³⁸ Foreign Relations 1969–1976, Volume XXI, *op.cit.*, NSDM 93, November 9, 1970. p.451

¹³⁹ Foreign Relations 1969–1976, Volume XXI, Memorandum for the Record, November 19, 1970. p.486

estadunidense para produtos chilenos. Esse rol de medidas para sufocar a economia do país seria todo posto em prática.

O apoio financeiro oferecido ao *El Mercurio*, segundo Joan Garcés, rendeu, entre os meses de outubro de 1971 e março de 1972, 111 artigos¹⁴⁰ mencionando a existência de um caos socioeconômico que teria sido instaurado por Allende no Chile. A imposição do medo pela difusão de informações falsas colaborou fortemente para, mais tarde, robustecer motivações que levariam a tentativa de *putsch* sofrida por Allende, previamente ao golpe final desferido em setembro de 1973. Já em fevereiro de 1972, um informe da CIA indicou a gestação de um golpe com a participação do já mencionado general Alfredo Canales, além dos generais Arturo Marshall e Fernando Nieraad. De acordo com a fonte documental, Canales explicou à CIA os riscos de essa ser “a última chance de erradicar a ameaça marxista no Chile.”¹⁴¹

O *putsch* de março de 1972, também conhecido como "complot de marzo" trazia como propósito "el asalto de la Moneda, el asesinato de Allende, la excarcelación del ex general Viaux y la instauración de un régimen militar nacionalista.”¹⁴² Este intento de sedição aparece em um documento da CIA como um plano que esteve em vias de começar.¹⁴³ Avisado pelo Serviço de Investigações e a Inteligência Militar sobre o andamento da conspiração que deveria culminar em sua morte, Allende reorganizou seu esquema de segurança, evitando aparições que o colocassem em situação de risco. O papel de lealdade assumido pelos agentes de segurança interna pareceu demonstrar o quanto o governo da UP ainda possuía legitimidade e que apesar das infundáveis tentativas, seriam necessárias maiores pressões para destituir o presidente eleito.

Em suma, na linha do tempo dos “mil dias de Allende”, período marcado por uma situação pré-revolucionária, sucederam-se intensos acontecimentos como desde a visita de Fidel Castro ao Chile, o protesto conservador de mulheres de classe média pela falta de abastecimento de alimentos e greves patronais (*lock out*) financiadas pelos Estados Unidos para provocar a desestabilização do governo, atentados terroristas com bombas realizados pelo *Patria y Libertad*, confrontos diretos nas ruas entre militantes de organizações marxistas e

¹⁴⁰ GARCÉS, Joan. **Allende e as armas da política**. São Paulo: Páginas Abertas, 1993.p.219

¹⁴¹ Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI, *op.cit.*, Central Intelligence Agency Information Cable, March 10, 1972. p.775.

¹⁴²ZÁRATE, Verónica Valdivia Ortiz. **El golpe después del golpe: Leigh vs. Pinochet. Chile 1960-1980**. Santiago de Chile: LOM, 2003. p.78.

¹⁴³ KORNBLUH, *op.cit.*, p.141.

fascistas.¹⁴⁴ O Chile foi transformado em um verdadeiro campo de batalha, exatamente como havia preconizado Nixon e Kissinger. O oposto do que sonhara Allende para o futuro do socialismo democrático chileno. Ao final de 1972, o Comitê 40 autorizou 100 mil dólares para organizações do setor privado para o desenvolvimento do projeto eleitoral de março de 1973.¹⁴⁵ Embora o país estivesse vivendo uma escalada das disputas interclasses e pressões externas, a esquerda conquistou um considerável espaço no senado chileno, gerando esperanças que não tardaram a sucumbir pelos fatos que desencadearam o “11 de setembro” chileno. Os EUA, por meio de todas as forças que representavam seus interesses, deram prosseguimento ao seu plano para levar à derrocada do governo da UP e fortificar um ambiente pró-imperialismo em solo latino-americano, mesmo que isso implicasse na quebra da soberania e no fim da democracia no Chile, assunto do próximo capítulo.

¹⁴⁴A historiografia sobre os anos do governo da UP é tão numerosa quanto diversa. Para o leitor e a leitora interessados, consultar por exemplo: CURY, Márcia. O protagonismo popular..., op. cit. Ver também as indicações bibliográficas na nota de rodapé número 136, ao começo do Capítulo 2 desta dissertação.

¹⁴⁵“In October 1972, the Committee approved \$100,000 for three private sector organizations- the businessmen's organization, associations of large and small businessmen and an umbrella organization of opposition groups-as part of a \$1.5 million approval for support to opposition groups. According to CIA testimony, this limited financial support to the private sector was confined to specific activities in support of the opposition electoral campaign, such as voter registration drives and a get-out-the-vote campaign.” In: *Covert Action in Chile 1963-1973. op.cit.* p.30

Capítulo 2. A DINA, o Terrorismo de Estado e sua vinculação com o imperialismo

2.1. O 11 de setembro de 1973 e a gestação da DINA

“Em algum momento da manhã do dia 11 de setembro de 1973, Salvador Allende deve ter sabido, deve ter se dado conta que ia morrer”¹⁴⁶, disse Ariel Dorfman em *O longo adeus a Pinochet*. De fato, o presidente eleito estava ciente dos riscos que corria e do acirramento dos antagonismos sociais que ocorriam nas ruas de Santiago, mas, aparentemente, não calculou a dimensão do ataque que sofreria. Vários trabalhos e testemunhos dos próprios militares golpistas provam que Pinochet se juntou à conspiração na tarde de 9 de setembro de 1973, depois de o presidente Allende lhe ter comunicado a intenção de realizar um plebiscito como solução para a disjuntiva política estabelecida no país. Contudo, os momentos que separam o golpe da instauração das primeiras reformas estruturais implementadas pela UP são esclarecedores sobre o que viria a seguir.¹⁴⁷

O golpe contra o governo da UP

A movimentação golpista teve início já em 1972, apesar de as ações encobertas estadunidenses ocorrerem no país antes mesmo da vitória da UP nas eleições presidenciais. De acordo com a narrativa do embaixador Nathaniel Davis sobre os anos finais do governo de Allende, nesse período ocorreram inúmeras tentativas de golpe envolvendo o grupo paramilitar *Patria y Libertad*, grandes latifundiários e oficiais militares reformados e da ativa.¹⁴⁸ O chamado “Plano Setembro” ocorrido em 1972, é um exemplo de uma das conspirações descobertas pelos órgãos de segurança de Allende e publicamente denunciada. Dentre as ações previstas estavam o deslocamento de militares, bloqueios de estradas e

¹⁴⁶ DORFMAN, Ariel. *O longo adeus a Pinochet*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.28

¹⁴⁷ Extrapola os limites desta dissertação fazer um balanço acurado do encadeamento de causas que desaguarão no golpe de 1973. Para o leitor e a leitora interessados, remetemos para os distintos balanços dos anos da UP e da Via Chilena ao Socialismo escritos por dirigentes das três principais organizações políticas da esquerda chilena do período. Para uma visão a partir das fileiras do Partido Socialista, ver ALTAMIRANO, Carlos. *Dialéctica de una derrota*. Cidade do México; Siglo XXI, 1977; para uma visão de um dos principais dirigentes do Partido Comunista Chileno, ver CORVALÁN, Luis. *El gobierno de Salvador Allende*. Santiago: LOM Ediciones, 2003; para um balanço do ponto de vista do MIR, ver MARINI, Ruy Mauro. *El reformismo y la contrarrevolución*. Estudios sobre Chile. Cidade do México: Ediciones Era, 1976.

¹⁴⁸ DAVIS, Nathaniel. *Os dois últimos anos de Salvador Allende*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1990. p.184

ferrovias e a interceptação de navios carregados de alimentos. Ainda nesse ano, foram elaboradas listas de militantes de esquerda que deveriam ser “neutralizados”. Uma outra tentativa de golpe foi descoberta em maio de 1973, dirigida por um comandante da Força Aérea e frustrada por um leal coronel do exército que ameaçou contratacar. Embora houvesse inúmeros indicativos de uma possível intervenção armada, o presidente confiou nas forças constitucionistas e no apoio de Augusto Pinochet, que se tornara comandante geral do Exército após a renúncia de Carlos Prats.¹⁴⁹

Em junho de 1973, quando Prats ainda estava em seu posto, ocorreu o *Tancazo* ou *Tanquetazo*, tentativa de golpe pelo 2º Regimento Blindado de Santiago. Esse momento dramático somou-se a tantos outros enfrentados por Allende nos últimos anos de governo, levando o país à beira da guerra civil entre trabalhadores dos *cordones industriales*¹⁵⁰ e militantes da organização ultradireitista *Pátria y Libertad*, estes últimos envolvidos na trama com os militares conspiradores. À pedido do presidente os trabalhadores recuaram, realizando outra ação, a tomada das fábricas, que se estendeu por semanas, ao passo que forças paramilitares nas fileiras da direita não depunham as armas, nem suas ações de sabotagem.¹⁵¹ De acordo com o relato do representante diplomático estadunidense, esse evento teve uma consequência importante: “Os militares constataram, com grande interesse, o fracasso dos trabalhadores em ganharem as ruas da cidade, armas em punho para defenderem seu Presidente e a revolução”.¹⁵² Aliado a isso, havia um impasse nas fileiras internas da UP e forças políticas próximas. Diante da ofensiva contrarrevolucionária, levando o país à beira da guerra civil e sinalizando que um golpe militar era iminente, lideranças, por exemplo, do Partido Socialista diziam que era imperativo pactuar com a democracia cristã e evitar um cenário de maior acirramento ainda. Assim, sua palavra de ordem era “evitar a guerra civil”. Já representantes do MIR, que adotavam uma linha de apoio crítico ao governo Allende, denunciavam que o PDC fazia parte intrínseca da conspiração e da desestabilização do governo Allende e lançaram em contraste com a linha política favorável a um entendimento

¹⁴⁹ Sobre o general Carlos Prats, ver capítulo 4.

¹⁵⁰ Os cordones industriales, forma de organização singular da classe trabalhadora nos anos da UP, eram um misto de organização territorial e sindical que funcionava em diferentes zonas industriais e administrativas do país. Ver mais a respeito no trabalho de CURY, Márcia (op. cit.) e também em BORGES, Elisa Campos. **Con la UP ahora somos Gobierno! A experiencia dos cordones industriales no Chile de Allende.** Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2011. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1319.pdf>> Acessado em mai. de 2018.

¹⁵¹ Ver imagens do Tacnazo no documentário de Patricio Guzmán, *La Batalla de Chile*.

¹⁵² DAVIS, *op.cit.*, p.201

com a Democracia Cristã, a palavra de ordem “evitar a guerra civil ou vencê-la, se não puder ser evitada”.¹⁵³

A contrarrevolução estava posta. E se via tomar crescente espaço nas forças armadas, no parlamento e inclusive nas ruas. Demonstrada a fragilidade do governo, os dois meses que se seguiram ao *Tancazo* deram confiança aos demais conspiradores que não haviam se sublevado contra o governo naquele momento, permitindo que se articulassem e preparassem um golpe definitivo. Entre eles estava Pinochet. É importante ressaltar que até setembro de 1973 foram desencadeadas ainda greves de diversos setores, manifestações contrárias e a favor do governo, conflitos nas ruas entre distintas forças e constantes apagões.

A repercussão dos acontecimentos daqueles meses no Chile pautou os meios de comunicação nacionais e internacionais e também as conversas telefônicas entre Nixon e Kissinger que julgaram o *Tancazo* uma ação militar “prematura”.¹⁵⁴ No entanto, apesar de não estarem envolvidos nesse evento específico, passadas algumas semanas, os membros do Comitê 40 autorizaram o pagamento de um milhão de dólares aos partidos de oposição chilenos e setores privados comprometidos com a queda de Allende.¹⁵⁵ Embora o Informe Church negue o uso dessa quantia, sabe-se que após dois dias a Democracia Cristã aprovou na Câmara de Deputados uma resolução inconstitucional em que afirmava ser ilegítimo o governo da Unidade Popular. Nesse contexto, outro ingrediente foi a renúncia de Carlos Prats, que abdica do cargo de Ministro da Defesa em função das pressões do Alto Comando militar e dos fatos relacionados aos dias que antecederam a sublevação militar.¹⁵⁶ A decisão surpreendeu o presidente, tendo em vista o passado de Prats nas forças armadas e sua leal posição. Sobre isso, um documento desclassificado da CIA é esclarecedor, pois menciona a necessidade, do ponto de vista dos planos golpistas, de que Prats, além de outros dois altos

¹⁵³ A esse respeito, ver novamente os distintos balanços das organizações, nas obras mencionadas na nota de rodapé número 136.

¹⁵⁴ Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI. Transcript of a Telephone Conversation Between the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger) and President Nixon, July 4, 1973. p.880

¹⁵⁵ Covert Actions in Chile. op. cit., p.61

¹⁵⁶ Similar ao que ocorrera ao Comandante Geral René Schneider, o general Carlos Prats, dias antes do *Tancazo* foi perseguido por um carro. Temendo por sua vida e recordando o que havia ocorrido com Schneider em 1970, Prats sacou sua arma e alvejou o carro que continha uma mulher e dois homens. Apesar de Prats se desculpar pela reação, dos testemunhos de cidadãos que passavam pela Av. Costanera e manchetes dos meios de comunicação foram utilizados para condenar a atitude de Prats e aumentar a pressão sobre ele. Segundo Patrícia Verdugo (**Como os EUA derrubaram Allende**. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p.99-100), a motorista do carro fazia parte de um plano com objetivos bem delineados: causar constrangimento ao comandante-em-chefe e levá-lo à renúncia.

chefes militares constitucionalistas, fossem retirados dos seus postos para que o golpe pudesse ter sequência.¹⁵⁷ Em seu lugar, como mencionado anteriormente, assumiu Augusto Pinochet Ugarte.

Até a saída de Prats, a oficialidade estava dividida em diferentes correntes. Se, por um lado, existiam militares que apoiavam o comandante-em-chefe e a institucionalidade democrática, por outro, militares de extrema-direita, como Oscar Bonilla e Arellano Stark, exigiam a derrubada violenta do governo. Ainda havia outra vertente da qual faziam parte Gustavo Leigh e outros oficiais que defendiam um regime análogo ao corporativismo franquista. Existia ainda uma quarta via, liderada por José Merino e Sergio Huidobro, núcleo conspiratório que buscava criar “um espaço institucional anticomunista e que favorecesse a aplicação das ideias econômicas da Escola de Chicago (divulgadas no Chile pelos “Chicago Boys”) e viram na derrota da UP uma oportunidade ideal para impor seus anseios”.¹⁵⁸

Apesar do PDC ter depositado suas esperanças numa alternativa que apenas exigisse a passagem do poder de Allende às Forças Armadas através da criação de um gabinete militar ou saída do presidente para a entrada de um representante da oposição sem eleições, o que de fato ocorreu aproxima-se mais de um ataque brutal à Constituição do que mero restabelecimento da ordem como alegaram os militares. Joan Garcés, assessor pessoal do presidente, em setembro de 1973, entregou a Orlando Letelier e Allende sua análise crua da situação vivida no Chile,

Do meu ponto de vista, a derrubada progressiva do aparato do Estado vinha reduzindo a legitimidade ‘institucional’ de obediência das Forças Armadas à autoridade do chefe de Estado. A disciplina do setor militar anti-putsch só poderia ser mantida na medida em que se estabelecesse sua articulação direta com as organizações de trabalhadores. O informe [entregue a Orlando Letelier] me resenhava algumas das observações sobre as quais eu vinha insistindo desde fins de maio de 1973, sublinhando os indícios de que estávamos já dentro do golpe militar – o que tornava inadiáveis medidas de extrema urgência -, e terminava com a pergunta ‘quantos dias lhe restam, presidente?’¹⁵⁹

¹⁵⁷ U.S Department of State - Freedom of Information Act. Opposition in Chile, July 27th, 1973. p.13 Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/PCIA3/0000911F.pdf>> Acessado em: mai. de 2018.

¹⁵⁸ MONTEIRO, Tiago Francisco. As divisões políticas da primeira elite castrense da ditadura chilena (1973-1978): grupos políticos, alternativas institucionais e formação profissional. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, jul./dez. 2013. p.403

¹⁵⁹ GARCÉS, *op.cit.*, p.300

Previsto pelos oficiais conspiradores para o dia 14, o golpe foi adiantado em três dias por Pinochet para evitar que Allende tornasse pública no dia 11 de setembro sua resolução de convocar um referendo no qual seria votada a permanência ou saída da UP do governo. O primeiro dos cenários, na visão do presidente e do Partido Socialista significava a certeza de uma guerra civil que Allende buscava evitar, embora independentemente do resultado a vitória de uma classe sobre a outra àquela altura indicasse o inevitável uso da violência como arma para defender quaisquer valores. No dia 8 de setembro, a CIA já possuía informações sobre o planejamento do golpe. De acordo com o relatório desclassificado, a movimentação golpista teria início a partir da ação da Marinha juntamente da Força Aérea, com a ordem de rendição do presidente. Caso contrário, as forças armadas atacariam a sede do poder político em Santiago. Alguns detalhes, como o fechamento das rádios e a confirmação de apoio do Exército via ligação entre Gustavo Leigh e Augusto Pinochet, demonstram a organização minuciosa para o evento que se avizinhava, assim como o conhecimento das etapas do plano pelos EUA.¹⁶⁰ Ainda no mesmo documento, a CIA admite estar Allende diante da maior ameaça desde as eleições de 1970, em função do envolvimento das forças armadas, até então constitucionalistas.

Assim como descreveu o relatório da inteligência estadunidense, em 11 de setembro, às 6 horas da manhã a Marinha se sublevou. Tropas de Valparaíso se dirigiam à Santiago e Allende, ainda crente na lealdade dos militares mais próximos, rumou ao La Moneda. Simultaneamente, na costa, o tenente-coronel da marinha dos EUA, Patrick J. Ryan reportava às centrais na zona do Canal do Panamá o prognóstico das ações naquele dia. Marcado por mensagens de resistência do presidente ao povo chileno através da única rádio em operação, por tentativas de negociação entre governo e forças armadas, bem como por sons de bombas e aviões cortando o céu de Santiago, o dia do golpe permanece um momento emblemático cristalizado na memória das chilenas e chilenos, sobretudo, entre aqueles sobreviventes das violações desencadeadas pela ditadura instaurada posteriormente. A proclamação militar, em cadeia radiofônica, anunciou o bombardeio ao palácio do governo em resposta a negativa de Allende em deixar seu posto. Instantes antes da sua morte, declarando seus sentimentos e esperança de superação daquele “momento gris y amargo, donde la traición, pretende

¹⁶⁰ U.S Department of State - Freedom of Information Act. CIA Report. Claim that Navy to initiate Move to Overthrow the Government that Air Force will support. September 8th, 1973. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pcia/9c9b.PDF>> Acessado em: mai. de 2018.

imponerse”¹⁶¹, Allende transmitiu aos trabalhadores e trabalhadoras a ideia que o moveu por toda sua trajetória política. Na perspectiva de Mario Amorós,

El golpe de estado del 11 de septiembre de 1973 significó una quiebra hasta hoy irreparable en la historia de Chile. El derrocamiento del gobierno constitucional, el bombardeo de la moneda y la muerte del Presidente Salvador Allende marcaron para siempre al régimen de Pinochet y anunciaron lo que sobrevendría desde aquel mismo día y durante muchos años: el absoluto desprecio por la dignidad de millones de seres humanos y la vulneración de todas las libertades democráticas. Además, aquella sublevación militar, respaldada por la derecha y la dirección del PDC, abrió paso también a la refundación del país en términos políticos, culturales, económicos, sociales e incluso psicológicos.¹⁶²

A refundação mencionada por Amorós marcou as primeiras declarações da Junta Militar estabelecida e tornou-se o objetivo maior da ditadura, que através do apagamento do passado ansiava pelo alegado nascimento de uma “nova pátria”, com diferentes valores. A ata de constituição da Junta demonstra mais do que a vontade dos militares em “restaurar la chilenidad”, apresenta a aversão pelo governo anterior compreendido como uma “intromisión de una ideología dogmática y excluyente, inspirada en los principios foráneos del marxismo-leninismo”.¹⁶³ No mesmo dia, José Toribio Merino, membro da Junta, afirmou não se tratar de um golpe, já que a “consciência legalista” e o espírito cívico” das forças armadas os impediam de fazê-lo. Segundo o novo comandante, a partir da tomada do poder somente “governarán los más capaces y honestos”, “formados en una escuela de civismo, de respeto por la persona humana”¹⁶⁴, fatos que o próprio processo histórico retifica em contrário.

Em setembro e outubro de 1973, milhares de pessoas que militavam nos partidos e organizações de esquerda e que haviam apoiado o projeto de Allende foram detidas e torturadas em locais públicos transformados em centros de detenção. Exemplo disso são os estádios do Chile e de Santiago e a Ilha Dawson, verdadeiros campos de concentração após outorgadas as leis que ordenaram dirigentes políticos a se entregarem às autoridades militares que instauraram a censura.¹⁶⁵ Centenas de pessoas foram assassinadas, em alguns casos por

¹⁶¹ Últimas palabras de Salvador Allende. Disponível em: < <http://www.blest.eu/biblio/terrazas/cap4.html>> Acessado em: mai. de 2018.

¹⁶² AMORÓS, *op.cit.*, p. 5

¹⁶³ CHILE. Acta de Constitución dela Junta de Gobierno, 11 de septiembre de 1973. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <<http://www.archivochile.com/entrada.html>> Acessado em: mai. de 2018.

¹⁶⁴ CHILE. Proclama, 11 de septiembre de 1973. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <<http://www.archivochile.com/entrada.html>> Acessado em: mai. de 2018.

¹⁶⁵ CHILE. Bando n° 10 e bando n°15, *op.cit.*

pelotões de fuzilamento.¹⁶⁶ Um dos casos mais significativos nesses primeiros dias de repressão desenfreada foi do cantor Victor Jara, assassinado no Estádio de Santiago, sobretudo, por ser símbolo de resistência e apoio à UP.¹⁶⁷ O padrão de repressão se elevou com o uso das “caravanas da morte”, elemento de grande impacto social que consistiu numa política de extermínio sob o comando do general Sérgio Arellano Stark, percorrendo todos os recantos do país, contando mais de 70 vítimas.

Los oficiales al mando del general Sergio Arellano Stark, que actuó en la condición de delegado del jefe de la junta militar, llegaron a los regimientos de ciudades como Linares, Temuco, Cauquenes, La Serena, Copiapó, Antofagasta o Calama para asesinar con extrema crueldad a destacados dirigentes de izquierda y autoridades del Gobierno de Allende que estaban presas bajo la acusación de cargos menores por las autoridades militares locales. Entre los componentes de aquella comitiva estuvieron tres oficiales que después se contaron entre los más siniestros miembros de la DINA: el mayor Pedro Espinoza, el capitán Marcelo Moren Brito y el teniente Armando Fernández Larios.¹⁶⁸

Todos esses crimes ocorreram de forma impune e no total estado de guerra interna que regia o país imposto pela Junta Militar. A essa impunidade contribuíram, de maneira decisiva, a passiva cumplicidade do poder judiciário que apoiou explicitamente o golpe, reconheceu formalmente os membros da Junta como líderes do governo e reafirmou as ações terroristas do Estado a partir da negação de *habeas corpus* a prisioneiros e sancionando condenações injustas e ilegais.

A ditadura passou a se valer de todos os meios possíveis para, progressivamente, legitimar-se sob o argumento de “restabelecer a ordem”, seja eliminando opositores ou estabelecendo profundas conexões com o sistema judicial. O fato é que os militares careciam da opinião pública a seu favor e de justificativas para as violações por eles perpetradas, objeto de acusações internacionais. Dias após o golpe os meios de comunicação que não haviam sido censurados, ou seja, pró-ditadura, difundiram a existência de uma conspiração, chamada “plano Z” e descrita pela ditadura no *Libro Blanco del cambio del gobierno en Chile*. De acordo com Peter Kornbluh, dois colaboradores da CIA ainda auxiliaram na escrita e na divulgação da obra dentro dos EUA.¹⁶⁹ Conforme consta no livro, cumprindo uma prévia e unânime decisão, os militares depuseram Salvador Allende. “Desde entonces, la Junta de

¹⁶⁶ Ver Anexo 2.

¹⁶⁷ Ver SIMÕES, Silvia, *op.cit.*

¹⁶⁸ AMORÓS, *op.cit.* p.7

¹⁶⁹ KORNBLUH, *op.cit.*, p.215

Gobierno de Chile – en un clima interno de absoluta paz y normalidad – ha sido reconocida como legítima por muchos países y ha comenzado, con el beneplácito común de los chilenos, la urgente y difícil tarea de la reconstrucción nacional”.¹⁷⁰ Anexando documentos dos partidos políticos de esquerda e da administração anterior apreendidos, os defensores do regime se encarregaram de disseminar o medo afirmando ser o “plano Z” um autogolpe que começaria com a eliminação de membros do alto escalão das forças armadas por “extremistas da esquerda”. Dessa forma, estaria mais do que provada a necessidade de uma refundação com novas e sólidas bases absolutamente contrárias ao passado, assim como justificada a guerra contrainsurgente desenvolvida ao longo dos anos que se seguiram.

Seguindo a DSN, os militares avaliaram o momento pós-golpe a partir das perspectivas interna e externa para, então, por em prática o plano político-econômico que mesclava interesses de poder de grupos dominantes chilenos e estadunidenses. Enquanto no âmbito internacional, a preocupação se relacionava com o fortalecimento defensivo dos países fronteiriços e a debilidade chilena, no plano econômico os oficiais destacaram a queda da produção, especialmente nas áreas agrícola e mineira, da qual havia surgido o desabastecimento, queda das exportações, com a contração das divisas e uma espiral inflacionária classificada como catastrófica – ocorridas em função da série de boicotes das instituições financeiras internacionais e das empresas chilenas aliadas à direita política nos anos entre 1970-73. Já no aspecto industrial, a *Corporación de Fomento de la Producción de Chile* (CORFO) apresentava retrocessos na sua função de impulsionadora do desenvolvimento, ao mesmo tempo que, no plano político, se dava ênfase ao desequilíbrio entre os distintos poderes do Estado, as disputas partidárias que só desuniam os chilenos e provocavam a politização do trabalho que gerava indisciplina e a crise na produção e de autoridade. Por último, no aspecto social se mantinha a necessidade resolver problemas urgentes relacionados à moradia, educação, saneamento, salários, todos geradores do estado de agitação que, perigosamente, ameaçava a coesão interna do país – elemento de grande importância para garantir a legitimidade do governo e das ações violentas realizadas pelo aparato repressivo estatal montado poucos meses após o golpe.¹⁷¹

¹⁷⁰ CHILE. **Libro Blanco del cambio del gobierno de Chile**. Santiago: Ed. Lord Cochrane S.A., 1973. p.5

¹⁷¹ ZÁRATE, op. cit., p.102

Sob a lógica da Junta instaurada com o golpe de 1973, a implantação da DSN em sua totalidade, além dos aspectos relacionados à resolução das questões destacadas acima, dependia do componente coercitivo, indispensável para impor mudanças sem resistência e eliminar os focos da ideologia comunista e de toda e qualquer ideologia de esquerda, de modo a eliminar lutas contra os valores dominantes defendidos pelos perpetradores do golpe e pelos EUA. Embora o setor golpista tivesse se articulado desde os primeiros momentos do governo de Salvador Allende para derrubá-lo, não demonstrava preparação para assumir a direção do país, ou um contraprojeto para fazer frente aos programas desenvolvidos pela UP no passado. Do mesmo modo, agiram sem coordenação na questão repressiva nos primeiros dias pós-golpe, quando em diversos lugares do país as lideranças militares tomaram decisões distintas, com maior ou menor intensidade de violência. Enquanto em Santiago a perseguição desenfreada caracterizou a ação policial, em outras cidades mais distantes não houve prisões ou tortura. Nesse sentido, a DINA surge como um elemento padronizador da violência estatal no Chile entre os anos de 1973 e 1977.

O surgimento da Dirección de Inteligencia Nacional (DINA) na esteira do golpe

Desde o fim de setembro de 1973, Manuel Contreras Sepúlveda começou a revisar informes de inteligência e documentos encontrados nas sedes dos partidos de esquerda. A partir disso, requereu listas de prisioneiros, impôs prisões, ordenou métodos de interrogatório “fijó prioridades para el trabajo represivo”.¹⁷² Uma das pastas recebidas por ele trazia um informe produzido pelo médico militar Augusto Schuster Cortés, posteriormente Ministro da Saúde de Pinochet, sobre “Políticas a seguir con los miembros de la Unidad Popular”. A importância dessa fonte está na forma como são qualificados aqueles indivíduos apoiadores de Allende, imagem cristalizada nas forças armadas e em setores da população chilena através da disseminação de uma forte ideologia anticomunista. Conforme aponta Schuster, o primeiro caso é de extremistas, “elementos fanáticos, desequilibrados, altamente peligrosos [...] pueden ser extranjeros o chilenos. Tienen serias inestabilidades mentales [...] Son irre recuperables.”¹⁷³ Também irrecuperáveis seriam aqueles ativistas treinados tecnicamente que “ejercen una influencia enloquecedora sobre sus grupos de trabajo”¹⁷⁴ Por outro lado,

¹⁷² SALAZAR, op. cit., p.91

¹⁷³ *Id. Ibid.*, p.92

¹⁷⁴ *Id. Ibid.*

segundo a mesma visão, existiriam outros três grupos de pessoas, aqueles compostos por *activistas ideológicos, militantes partidários e simpatizantes da UP* que deveriam ficar sob vigilância, podendo até mesmo serem convertidos em função dos êxitos políticos do regime. Ao final, o médico adverte que

los extremistas y activistas más peligrosos deben ser deportados y otros neutralizados en algún lugar dentro del territorio nacional [...] Que quede claro que estamos en una firme e inexorable actitud de eliminar todos los elementos desequilibrantes de nuestra Patria.¹⁷⁵

As recomendações contidas nesse relatório apontam para um comportamento assumido pelos setores responsáveis pela aplicação da repressão até os momentos finais da ditadura, sobretudo a DINA, que permaneceu ativa até 1977. Ainda em setembro de 1973, o general Pinochet convocou Contreras para uma reunião da Junta de Governo com a Comunidade de Inteligência do Estado Maior da Defesa Nacional. Seus membros demandavam a unificação de critérios sobre o trabalho de inteligência e a manipulação das informações tocantes a cada um dos setores. Os chefes do *Servicio de Inteligencia Militar* (SIM), do *Servicio de Inteligencia de la Fuerza Aerea* (SIFA), do *Servicio de Inteligencia Naval* (SIN), do *Servicio de Inteligencia de Carabineros* (SICAR) e da *Polícia de Investigaciones* consideraram que para enfrentar a tarefa de lidar com as questões de inteligência e informação era necessário a criação de um organismo superior que centralizaria tais atividades. Rapidamente o coronel expôs sua estratégia para desenvolver esse novo serviço prestado à Junta e os nomes de civis que seriam de grande utilidade ao lado dos militares.

Em outubro de 1973, Contreras assumiu o mando de uma das dependências secretas pertencentes à *Secretaria Ejecutiva Nacional de Detenidos* (SENDET), organismo associado ao Congresso Nacional com a pretensão de “dotar de un cierto barniz humanitario a la implacable persecución desatada”¹⁷⁶. Chamado de *Dirección de Inteligencia Nacional*, desde esse momento, o grupo se encarregaria da fixação de normas nos interrogatórios, classificação dos presos e coordenação de tarefas de inteligência.¹⁷⁷ É relevante apontar que, embora a bibliografia específica entenda o nascimento do órgão de inteligência nessas circunstâncias, segundo a perspectiva da Comissão de Nacional da Verdade e Reconciliação do Chile é

¹⁷⁵ SALAZAR, *op.cit.*, p.93

¹⁷⁶ AMORÓS, *op.cit.*, p. 8

¹⁷⁷ SALAZAR, *op.cit.*, p. 95

plausível chamar de “grupo DINA” o conjunto de majores e coronéis que desde o 11 de setembro de 73 passaram a organizar o que veio a ser oficialmente a estrutura dirigida por Contreras.¹⁷⁸

Em novembro daquele mesmo ano, Pinochet encarregou Contreras de um projeto para estruturar um órgão de inteligência nacional, que em alguns dias já havia sido aprovado pela Junta Militar. Com a criação de um novo aparato repressivo, Pinochet tentou pôr fim às disputas entre os serviços de inteligência das distintas esferas das forças armadas e carabineiros, pois, submetida ao seu mando direto, a DINA realizaria todas as ações ordenadas diretamente pelo ditador e, do mesmo modo, responderia unicamente ao seu superior. Ainda nesse período, a Direção de Inteligência começou a assumir em suas propriedades novas funções tais como acumular, ordenar e processar as informações que chegavam pelos múltiplos canais, realizar interrogatórios e fornecer cursos intensivos de contrassubversão.

Na sequência, o coronel Contreras solicitou efetivos às forças armadas e aos Carabineiros para estruturar as brigadas. Revisadas as listas de graduados e estudantes de inteligência da forças armadas e carabineiros, analisados os seus antecedentes, considerados positivos quando associados a grupos de extrema direita e ao antimarxismo, a DINA criou suas primeiras agrupações, fundou sua própria escola de inteligência e elegeu quartéis e espaços de detenção secretos. Um dos 600 primeiros integrantes da DINA que chegaram ao Regimento Escola de Engenheiros Tejas Verdes, pertencente ao Exército, foi Samuel Fuenzalida.¹⁷⁹ Pertencente ao corpo de agentes até 1975, trouxe mais tarde a público fatos sobre o caráter violento do órgão dirigido por Contreras. Segundo Amorós, Fuenzalida, após assinar um documento que simulava o gozo de férias por bons serviços prestados, foi enviado junto a outros soldados para Tejas Verdes¹⁸⁰, onde foram instalados em cabanas construídas durante o governo da Unidade Popular para as férias dos trabalhadores de Rocas de Santo Domingo. Diante de diversos oficiais das forças armadas, o soldado recorda o anúncio de Manuel Contreras: “exterminaremos o marxismo e suas ideologias afins como se fossem

¹⁷⁸ Informe Rettig, op. cit., p. 38

¹⁷⁹ Entrevista ao centro de memória Londres 38 em junho de 2011. Disponível em: <<http://www.londres38.cl/1934/w3-article-100678.html>> Acessado em: abr. de 2018.

¹⁸⁰ Sobre Tejas Verdes ver o capítulo acerca dos centros clandestino de detenção e ler REBOLLEDO, Javier. **El despertar de los cuervos**. Santiago: Editorial Planeta Chilena, 2016.

pragas”.¹⁸¹ Ao explicar aos seus subordinados o papel da instituição da qual faziam parte, Contreras concedeu-lhes carta branca para atuarem como fosse necessário para atingir os objetivos da ditadura.

Para o treinamento dos agentes da DINA, Pinochet e o coronel Manuel Contreras contaram com o apoio de Ray Warren, chefe da estação da CIA no Chile, que pôs a sua disposição não apenas manuais técnicos de treinamento, como também dispôs pessoal da própria agência estadunidense para ensinar os militares chilenos. Nesse sentido, é possível perceber a permanência dos padrões de relação entre ambos os países no tocante à implantação de um sistema de vigilância, inteligência e repressão contra o comunismo e os inimigos internos. Segundo Amorós, Miguel Krassnoff, treinado na SOA e considerado um dos mais cruéis agentes da DINA, assumiu o posto de instrutor em inteligência, ao lado de Cristian Labbé, que naquele período, ocupava o posto de tenente. O período de treinamento durou até fevereiro de 1974, quando os agentes foram espalhados por todo o país, especialmente na capital, atuando clandestinamente em busca daqueles contrários e resistentes ao regime.

Em Riconada de Maipú se instaurou o primeiro quartel general da DINA, local que havia pertencido à Juventude Comunista e que a ditadura se apropriou. Confiscos como este ocorreram em diversos espaços e ao longo de todo o regime autoritário, na tentativa de apagar todos os símbolos, traços e memórias da esquerda e reafirmar o poder dos militares.¹⁸²

Em março de 1974 a Junta Militar levou a público a *Declaración de Principios del Gobierno de Chile*, redigida por Jaime Guzmán, conhecido militante do movimento liberal-conservador gremialista.¹⁸³ O conteúdo desse documento demonstra, entre outras coisas, a vontade de permanência dos militares no poder, já que por diversas vezes menciona a urgência de uma “reconstrução nacional” e convoca as famílias e jovens chilenos para auxiliá-los nessa tarefa. Tendo em vista as intenções da Junta, para estabelecer permanentemente a ditadura era preciso a união nacional e a eliminação total da oposição, o que iniciaria concretamente a partir de junho de 1974 com o Decreto-lei nº 521 que instaurou a *Dirección*

¹⁸¹ AMORÓS, *op.cit.*, p. 9

¹⁸² O próprio centro de torturas Londres 38 fora sede do Partido Socialista. Outro local confiscado, para sediar atividades da DINA, foi a Faculdade de Economia do Chile, edifício localizado ao n. 517 da Av. República.

¹⁸³ Movimiento gremial, ou simplesmente gremialismo, criado por estudantes da Escuela de Derecho da Universidade Católica.

de *Inteligencia Nacional*, principal instrumento de contenção dos “inimigos internos” durante a ditadura. Conforme o decreto considerava-se a necessidade do “Supremo Gobierno” em ter um organismo especializado que lhe garantisse a entrega de informações devidamente processadas, adaptando suas resoluções nos campos da Segurança Nacional e Desenvolvimento. Sob essa justificativa, cria-se a DINA,

[...] organismo militar de carácter técnico profesional, dependiente directamente de la Junta de Gobierno y cuya misión será la de reunir toda la información a nivel nacional, proveniente de los diferentes campos de acción, con el propósito de producir la inteligencia que se requiera para la formulación de políticas, planificación y para la adopción de medidas que procuren el resguardo de la seguridad nacional y el desarrollo del país.¹⁸⁴

Embora o decreto apontasse para funções ligadas ao processamento de informações somente, o papel da DINA extrapolava a própria lei que a instituiu. Os últimos três artigos, ocultos ao público, foram divulgados apenas no Diário Oficial de circulação restrita, definindo mais claramente o caráter repressivo que o órgão realmente passou a adotar. O artigo 10º, ao afirmar que “la Junta de Gobierno podrá disponer que las diligencias de allanamiento y aprehensión, fueran necesarias, sean cumplidas además por la Dirección de Inteligencia Nacional”¹⁸⁵, permitiu que além do âmbito da inteligência¹⁸⁶ e informação, o órgão recém criado atuasse em todo o espectro de ações da segurança nacional ou atividades de repressão.

Caracterizando a DINA no contexto do Terrorismo de Estado

A fim de refletir sobre o surgimento da DINA e sua importância para o regime, busca-se na análise de Pablo Policzer teorias que justifiquem os motivos pelos quais a Junta optou pela criação de um novo órgão e de que maneira se tornou o mais poderoso mecanismo repressivo da ditadura. Nesse sentido, o cientista político faz referências a três possibilidades de interpretação para os fatos em torno da instauração da *Dirección de Inteligencia*. O primeiro argumento caracteriza o nascimento dessa instituição como um desenvolvimento natural dentro da evolução do regime; o segundo sugere a DINA como um instrumento para a

¹⁸⁴ CHILE, Decreto- Ley nº521 , *op.cit.*

¹⁸⁵ *Id. Ibid.*

¹⁸⁶ Tomando inteligência pela perspectiva da ciência da informação, ou seja, inteligência como “camada específica da agregação e tratamento analítico de uma pirâmide informacional, formada, na base, por dados brutos, e no vértice, por conhecimentos reflexivos.” In: CEPIK, Marco. *op.cit.*, p.27-28

consolidação do poder de Pinochet – tese adotada por Amorós - e o terceiro, como mecanismo principal utilizado por seu diretor, coronel Manuel Contreras, para iniciar uma guerra contrainsurgente a ser deflagrada por razões ideológicas – levando em conta seu treinamento e o exacerbado anticomunismo. Apesar das explicações conferirem algumas noções adequadas sobre a problemática supracitada, individualmente não respondem a questão. Uma explicação mais correta precisaria levar em conta uma política associada aos custos e benefícios dos distintos modelos de organização da coerção. Corroborando essa ideia, Policzer afirma que

La DINA no fue simplemente un vehiculo para las ambiciones de Pinochet o Contreras, ni tampoco fue un desarrollo natural en la evolución del regimen. De hecho la DINA surgió a pesar de serias objeciones que se despertaron en sectores claves del liderazgo militar, incluyendo de la Junta. [...] el liderazgo militar tenia serias razones para temer el ascenso de la DINA, principalmente porque disminuía su propio poder.¹⁸⁷

Em outras palavras, a criação da DINA, para Policzer, é uma incógnita da perspectiva do poder político, já que há explicações óbvias para os poderosos atores dessa trama irem de encontro aos seus próprios interesses, limitando seu domínio. Ainda segundo Policzer, outra questão pendente de resposta é como Pinochet veio a consolidar um poder que ainda não detinha, já que apenas em final de 1974 solidificou sua posição central dentro da Junta.¹⁸⁸ Nesse sentido, segundo o autor, qualquer explicação sobre o surgimento da DINA precisa elucidar por que a liderança militar estava de acordo com a criação de uma poderosa polícia secreta, relativamente descontrolada e conduzida por homens que em sua maioria não eram confiáveis para os outros membros da Junta. Desse modo, Policzer propõe inicialmente que o mais provável é que, aliados, general Pinochet e coronel Manuel Contreras tenham convencido os demais membros da Junta da necessidade de uma nova estrutura que centralizasse as informações, reduzindo conflitos dentro dos órgãos de inteligência no interior da Armada (Marinha), Força Aérea, Exército e Carabineiros, além de concentrar o poder de

¹⁸⁷ POLICZER, *op.cit.* p.96

¹⁸⁸ Em junho de 1974, através do Decreto-Lei nº 527, institui-se que os poderes constituinte, legislativo e executivo passam a ser assumidos pelos membros da Junta, comandantes das forças armadas . Além disso, segundo os artigos 7º e 10º do decreto, ao presidente da Junta que passa a ser também o Chefe Supremo da Nação, está confiado o poder executivo. Assim, dentre suas atribuições estão ditar decretos ou instruções convenientes à execução das leis, nomear ministros, juízes, civis e militares para trabalhar em sua administração, bem como aposentar ou demitir aqueles que julgue ineficiente ou inepto para o posto por motivos variados, declarar guerra ou não após reunir-se com o Conselho de Oficiais Gerais, etc. Em dezembro do mesmo ano, com a promulgação do decreto nº 806, Pinochet torna-se oficialmente Presidente da República. In: CHILE. Decreto-Ley nº 527 de 1974. Estatuto de la Junta de Gobierno; CHILE. Decreto-Ley nº806 de 1974. Disponível em: <<https://www.leychile.cl/Navegar?idNorma=6164>> Acessado em 03 de mai. de 2018.

reprimir a oposição.¹⁸⁹ Desse modo, a DINA daria maior eficácia e direcionamento à repressão se comparada com a desenfreada onda de prisões, torturas e assassinatos iniciais, tornando-se um órgão “especializado”. Apesar dos benefícios apresentados por Contreras, houve resistência em setores das forças armadas, já que, segundo consta do relatório do *Department of Defense Intelligence* estadunidense, de julho de 1974, alguns oficiais chilenos comparavam a DINA à polícia alemã nazista Gestapo e temiam a concessão de poder por parte da Junta.¹⁹⁰

Certamente, o fato de a DINA responder diretamente ao presidente conferiu ainda maior poder a Pinochet. Contudo, afirmar que suas intenções estariam baseadas somente nessa ideia seria simplificar os objetivos da criação de um dos mais eficientes aparatos repressivos das ditaduras latino-americanas. Assim, é pertinente inferir que existam razões para além disto, tais como a realização de operações secretas, as quais tanto impediriam a oficialidade menos alinhada à linha dura de tomar conhecimento da dimensão das ações violentas realizadas pelo Estado, quanto reduziriam o foco dos organismos internacionais de direitos humanos sobre os excessos cometidos pelas forças armadas. Somado a isso, por meio de técnicas diferenciadas, como o desaparecimento, a DINA buscava eliminar a oposição sem que a opinião pública se voltasse contra o regime. Em suma, “es probable que Contreras haya propuesto a la Junta cumplir tres objetivos: uniformidad, secreto y precisión”¹⁹¹, recebendo em contrapartida, todo o poder das mãos de Augusto Pinochet para reorganizar os meios coercitivos sob as premissas da DSN.

Enquanto no âmbito da própria oficialidade chilena temas tais como as ações da DINA eram restritos ao presidente, ao diretor do órgão de inteligência e seus agentes, apenas outro ator mantinha-se ciente dos acontecimentos nos bastidores da ditadura, os EUA. A quantidade de documentos desclassificados a partir dos anos 2000 referentes ao regime autoritário chileno permite dimensionar a imersão da diplomacia e dos órgãos de inteligência estadunidenses nos mais variados setores do Estado ditatorial. Através de informes, relatórios, memorandos e todos os tipos de documentação confidencial, os EUA monitoraram as atividades da DINA e de outras esferas das forças armadas, acompanhando a sua consolidação

¹⁸⁹ POLICZER, *op. cit.* p.104

¹⁹⁰ U.S Department of State – Freedom of Information Act. Official decree on the creation of the National Intelligence Directorate (DINA), July 2nd, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/PDOD2/0000068F.pdf>> Acessado em: mai. de 2018.

¹⁹¹ POLICZER, *op.cit.*, p.110

como principal instrumento de perpetração de violações dos direitos humanos e como expressão do poder de Pinochet enquanto força máxima no interior do regime.

Em depoimento concedido após o fim da ditadura, Manuel Contreras confirmou que Pinochet o instruiu a entrar em contato com a agência estadunidense para que seus agentes fossem treinados “com os melhores”.¹⁹² Assim, Contreras alega que a CIA enviou oito agentes para auxiliarem na preparação operacional da agência chilena. O jornalista Manuel Salazar também indica que foi a agência, através de Ray Warren, chefe da estação da CIA em Santiago e informante estadunidense sobre os eventos relacionados ao golpe a partir de Valparaíso, quem colocou a DINA e o Serviço Nacional de Informações (SNI) brasileiro em contato. E que torturadores brasileiros teriam ido ao Chile auxiliar no aprimoramento dos métodos de interrogatório, confirmando o apoio estadunidense já nessa etapa.¹⁹³

De acordo com o Informe Hinchey, entregue pela Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos, consta que “los planes de acción encubierta de la CIA en Chile se dieron por oficialmente terminados en junio de 1974, cesando los desembolsos.”¹⁹⁴ Coincidentemente, o momento em que a CIA diz ter cessado suas atividades no Chile é exatamente quando a DINA é oficialmente criada por decreto. De fato, é possível inferir que a negação se deu pela tentativa de afastamento dos EUA das acusações em torno da violência praticada pela *Dirección de Inteligencia*. Apesar disso, tal fato não traduziu a realidade, já que a CIA manteve interesse e presença no território chileno por longo período. John Dinges¹⁹⁵, estudioso da relação entre Chile e Estados Unidos, afirma que “a CIA e a *Defense Intelligence Agency* relatavam as vitórias da DINA em relatórios a Washington que demonstravam um senso de temor reverente diante da eficácia de suas operações”.

Outro elemento emblemático da cooperação entre as ditaduras civil-militares do Cone Sul, a Operação Condor, talvez a melhor arquitetada de todas as ações colaborativas do período, foi encabeçada pela DINA e provavelmente consentida pelos Estados Unidos da América. O órgão de inteligência chileno desenvolveu um sistema intrincado que contou com

¹⁹² ARCHIVO CHILE. La CIA instruyó a la DINA. Entrevista de Nancy Guzmán a Manuel Contreras, ex-chefe da DINA. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/org_repre/DMorgrepre0015.pdf> Acessado em: set. de 2017.

¹⁹³ SALAZAR, op. cit., p.204

¹⁹⁴ Este trecho específico encontra-se na parte das perguntas sobre as ações encobertas da agência estadunidense e a sua participação na violação dos direitos humanos. Informe Hinchey, op.cit.

¹⁹⁵ DINGES, op.cit., p.158

a participação inicial da Argentina, Bolívia, do Uruguai e Paraguai, além do Brasil, Peru e Equador nos anos posteriores. Partindo da ideia de que o “inimigo interno” estava em todos os lugares, ultrapassando as fronteiras geográficas e de que era necessário alcançá-lo, diversas atividades desenvolvidas por agentes dos países do Condor iniciaram um processo de grave violação da soberania nacional e dos direitos humanos em territórios estrangeiros, dentre eles os próprios EUA e a Europa. Em depoimento, após a dissolução da DINA, Manuel Contreras afirmou à Suprema Corte do Chile que além do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), “a CIA também sabia sobre a organização Condor, e em muitas oportunidades contribuiu com informações a esse respeito.”¹⁹⁶ Ou seja, a superpotência norte-americana possuía pleno conhecimento tanto da estrutura que se formou, como de seus crimes. E apesar da negação, há quem confirme sua participação, como Contreras o fez reiteradas vezes. Outra fonte que colabora para o conhecimento dos eventos que se sucediam no Chile com profundo conhecimento da CIA são alguns dos documentos desclassificados do Departamento de Estado do EUA intitulados “Lists of dead and disappeared chilean extremists”¹⁹⁷, “Assassination of general Prats”¹⁹⁸ e “DINA operations”¹⁹⁹.

A colaboração entre os EUA e o Chile se pautou também pela estreita relação entre Pinochet e Henry Kissinger, assessor especial de Richard Nixon e proeminente figura da política exterior dos EUA. Conforme Chistopher Hitchens, que se dedicou a escrever um livro sobre este influente quadro da política estadunidense e estrategista do imperialismo, por ironia da história ganhador do prêmio Nobel da Paz (no contexto do desanuviamento das relações do Ocidente com a China):

Kissinger defendeu que as relações estreitas fossem mantidas com líderes militares nos países vizinhos, tanto para facilitar a coordenação da pressão contra o Chile como para gerar oposição dentro do país. De maneira geral, isso prefigura o desenrolar da Operação Condor, um conluio secreto entre as ditaduras militares do hemisfério orquestrado com o conhecimento e a indulgência dos Estados Unidos.²⁰⁰

¹⁹⁶ DINGES, *op.cit.*, p.186

¹⁹⁷U.S Department of State – Freedom of Information Act.. July 29th, 1975. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/8b8d.PDF>> Acessado em: set. de 2017.

¹⁹⁸U.S Department of State – Freedom of Information Act.. October 24th, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/8c6f.PDF>> Acessado em: set. de 2017.

¹⁹⁹U.S Department of State – Freedom of Information Act.. January 30th, 1975. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/8c2e.PDF>> Acessado em: set. de 2017.

²⁰⁰ HITCHENS, Christopher. **O julgamento de Kissinger**. São Paulo: Boitempo, 2002. p.99

Nesse sentido, o poder da DINA cresceu desenfreadamente, em que pese as críticas de alguns setores de inteligência do Exército e da Força Aérea que demonstravam contrariedade à hipercentralização sob a égide do “monstro” que Contreras havia criado e que disputavam com ele espaços no interior da ditadura – problemas que Pinochet prometeu à Junta resolver, com a criação de um órgão de inteligência centralizado e devidamente institucionalizado, o que evidentemente não ocorreu. Ao longo dos anos a imagem da DINA ficou maculada, não apenas internamente ao regime pelos órgãos que disputavam poder com Contreras e por uma parte da direita chilena, que discordava de suas ações extremas, como também pelos EUA, que diante das denúncias relativas aos abusos dos direitos humanos no Chile se viu numa difícil posição. Temendo sua imagem ser relacionada à repressão, os EUA demonstraram preocupação, visível em inúmeros documentos desclassificados sob a rubrica “human rights”. No entanto, foi principalmente após o atentado terrorista em solo estadunidense que matou o ex-chanceler chileno Orlando Letelier e sua assistente Ronnie Moffit e o qual será analisado mais profundamente nos próximos tópicos, que até mesmo agentes da CIA perceberam o grau de determinação da DINA em aniquilar seus adversários.

Os anos de 1974 a 1977 marcam o período de atividades de DINA, momento de uma repressão direcionada às organizações mais preparadas e resistentes da esquerda chilena como o MIR e os partidos Socialista e Comunista. Dividida em brigadas, lideradas por agentes conhecidos pelo histórico de torturas e extrema fidelidade ao regime, não por acaso a instituição adquiriu um status amedrontador e implacável seja no âmbito dentro das forças armadas, sejam em grupos civis e entre militantes da oposição. As ordens de Pinochet culminaram na formação de uma complexa estrutura composta por mais de mil agentes e cinquenta mil informantes²⁰¹, o que permitiu a expropriação de imóveis e a criação de centros clandestinos de detenção espalhados por todo o país, práticas refinadas de tortura, assassinato e desaparecimentos de presos políticos, além da infiltração no interior das próprias instituições estatais e privadas, entre outras ações. O “monstro”²⁰² criado para ocultar os crimes do Estado terrorista, contrariamente ao que se previa, chamou atenção mundial para a feroz ditadura instaurada no Chile.

²⁰¹ AMORÓS, *op.cit.*, p.13

²⁰² “the monster”, termo designado pelo serviço de inteligência do Centro de Contra-inteligência de las Fuerzas Armadas à DINA, segundo consta no relatório secreto do Departamento de Defesa dos EUA. In: U.S Department of State – Freedom of Information Act. DINA and CECIFA internal conflicts and the treatment of detainees, February 5th, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print293.pdf>> Acessado em: mai. de 2018.

2.2. Sobre a estrutura da DINA e seu maior oponente

Constituída por brigadas e grupos de trabalho, a DINA possuía uma estrutura mutável que contou, acima de tudo, com a já mencionada diretoria de Manuel Contreras. Dinâmica e com objetivos pautados na eliminação da oposição, a instituição necessitava de uma rede colaborativa extensa e que fizesse frente a todas as carências que pudessem surgir no decorrer do processo de apreensão de informações até a eliminação do inimigo interno. Assim, cercado por assistentes tais como Alejandro Burgos De Beer e Hugo Cezar Acevedo Godoy, Contreras contava ainda com as secretárias Nélide Gutiérrez, Maria Coll Webar, Marta Teixedo, Adriana Rivas e Sandra Montecinos e com a assessoria legal de Victor Gálvez, Miguel Ángel Rodríguez, Victor Manuel Avilés e Guido Poli Garaycochea. No tocante a segurança, essa era coordenada por Juan Morales Salgado e Hector Molina, segundo apresenta Sady Uriarte ao mencionar as investigações de 2003 realizadas pelo Departamento de Investigações lideradas pelo juiz Juan Guzmán.²⁰³

Ainda conforme as informações elencadas por Uriarte, abaixo de Contreras, o capitão da Marinha Rolando García LeBlanc ocupou o cargo de diretor geral, ao mesmo tempo em que o coronel da Força Aérea Mario Ernesto Barrera cumpria o papel de subdiretor. Além da cúpula mais próxima a Contreras, a DINA ainda era formada por um Estado Maior composto por Carlos Perera Silva, Christoph Willeke Floel e Aldo Briones Morales, além de Juan Saldías Stappung. A continuação da cadeia hierárquica da DINA se dividia em quatro grandes seções: Operações, Administrativo, Logístico, e Arquivo e documentação.

O mais relevante departamento dentro da estrutura da DINA foi o de Operações, sendo ele chefiado por Pedro Espinoza Bravo, conhecido como “Don Rodrigo” - quem além de assumir tal posição, desempenhou o papel de chefe do centro de detenção e torturas de Villa de Grimaldi²⁰⁴ - além de nomes como o coronel Victor Hugo Barría, e os tententes coronel Belarmino López Navarro e Vianel Cervantes. Sob as ordens da unidade de Operações estavam ainda os departamentos Econômico, de Contra-inteligência, Operações Psicológicas, do Exterior e Interior, sendo essa última responsável pela repressão dentro do país. Para isso, encontrava-se subdividida na Brigada de Inteligência Metropolitana (BIM), conduzida por

²⁰³ URIARTE, Sady Arenas. **La sorda justicia: El hoyo de José Domingo Cañas**. Cuartel Ollagüe de la DINA. Santiago, 2016. p.444

²⁰⁴ Atualmente, transformado em espaço de memória e educação para os direitos humanos Parque por la Paz Villa Grimaldi. Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl/>> Acessado em: jul. de 2018.

César Manríquez Bravo - “El abuelo”-, Brigada de Inteligência Regional (BIR) e Brigada de Inteligência Cidadã (BIC).

As brigadas repressivas, subordinadas à BIM, dividiam-se em três: Purén, Caupolicán e Lautaro, das quais faziam parte Raúl Iturriaga Neumann, Hermán Barriga Muñoz, Ingrid Olderock²⁰⁵ – também líder da Brigada de Inteligência Feminina (BIF)²⁰⁶, Marcelo Moren Brito e Miguel Krassnoff Martchenko, nomes conhecidos entre os presos políticos em razão das operações da DINA e os papéis assumidos por eles. Da Brigada Caupolicán derivavam ainda outros cinco grupos: Águia, Falcão 1, Falcão 2, Tucano e Vampiro, cada uma chefiada por Victor Lawrence Mires, Miguel Krassnoff, Gerardo Godoy García e Fernando Laureani Maturana, respectivamente. Junto da Brigada Lautaro outras brigadas repressivas - compostas por quatro ou cinco grupos de 20 a 30 agentes cada – assumiram o encargo pela perseguição, prisão e tortura de militantes do MIR e dos demais partidos políticos. Segundo o Informe Rettig, ainda, mais de mil agentes compunham a DINA, sendo a maior parte dos postos de comando exercidos por militares. Já nos grupos operativos era possível encontrar desde efetivos do Exército e Carabieniros, até civis provenientes de grupos conservadores e de extrema-direita.²⁰⁷ O órgão de segurança e inteligência contou também com informantes em todas as esferas do Estado, tais como Registro Civil, as empresas de telecomunicações, aviação e, sobretudo, com o Ministério das Relações Exteriores, onde garantiu relações estreitas a fim de controlar as informações de seu interesse no exterior.

Uma das brigadas menos conhecidas e apenas investigadas a partir do ano de 2006 – com a morte de Pinochet e a declaração de ex-agentes da DINA ao juiz Víctor Montiglio - foi a Lautaro, criada em 1974 e encarregada, principalmente, da segurança privada do diretor Manuel Contreras. Além dessa função, a Brigada Lautaro foi responsável pelo extermínio da direção clandestina do Partido Comunista e pelo lançamento de seus corpos ao mar.²⁰⁸ Primeiramente, os agentes da brigada instalaram-se na rua Marcoleta, no centro de Santiago, até 1975. Quando o número de pessoal e funções aumentaram, migraram para o quartel Terranova e, ainda, para La Reina, onde a Brigada Lautaro se estabeleceu no que se chamou quartel Simón Bolívar, que foi descrito detalhadamente por Jorgelino Vergara, “*El Mocito*”,

²⁰⁵ Sobre a trajetória de Ingrid Olderock e sua participação como uma das mais cruéis torturadoras da DINA ver GUZMÁN, Nancy. **Ingrid Olderock: La mujer de los perros**. Santiago: CEIBO, 2014.

²⁰⁶ URIARTE, *op.cit.*, p.446

²⁰⁷ Informe Rettig, *op.cit.*, p.723

²⁰⁸ AMORÓS, *op.cit.*, p.17

no livro “*La danza de los cuervos*” de Javier Rebolledo e que será analisada no tópico referente aos centros clandestinos de detenção. Conforme o testemunho do próprio Vergara, a Brigada Lautaro tinha como liderança maior Juan Morales Salgado, homem de confiança de Manuel Contreras.²⁰⁹

Entre os meses de maio e junho de 1975, chegou ao quartel Simón Bolívar outra brigada chefiada por Germán Barriga Muñoz, chamada Delfín. Inicialmente, as duas agrupações permaneceram separadas, sendo Lautaro chefiada pelo tenente dos Carabineiros, Ricardo Lawrence e ambas submetidas à liderança de Salgado. Na prática, as duas assumiram as mesmas responsabilidades e tinham os mesmos objetivos: eliminar os membros do PCCh.

Enquanto isso, a BIR atuava apenas em algumas cidades do país, sendo a mais importante das unidades aquela localizada em Rocas de Santo Domingo, onde operava a Agrupação Bronze, encabeçada por Mario Jara. Ao mesmo tempo, a BIC tinha como principal tarefa coletar informações das repartições públicas, hotéis, empresas, hospitais e outros estabelecimentos, sendo civis a maioria de seus agentes. Liderada por Carlos Labarca Metzger, a Brigada de Inteligencia Ciudadã transformou-se em uma subdireção de Inteligência na qual passou a tratar dos assuntos “movimentos subversivos”, “Partido Democrata Cristão”, “Sindical”, “Gremios”, “Igreja”, “empresas”, etc.²¹⁰

Em abril de 1974, a Brigada ou Departamento Exterior, iniciou suas missões fora do território chileno, com o objetivo de neutralizar indivíduos contrários à ditadura ou que apresentassem algum risco à sua estabilidade, além de organizar viagens de funcionários do alto escalão do regime e controlar toda a rede operativa no exterior. Dividida em *Condor* – grupo que atuava no Cone Sul-, *Inteligencia* e *Contrainteligencia*, essa repartição dispunha de agentes e colaboradores civis, geralmente ligados aos mesmos grupos ideológicos que os agentes da BIM, somados a militares três forças com formação na área de inteligência. Nesse sentido, o Informe Rettig afirma que

A partir de mediados de 1974, la DINA desarrolló cada vez más una ‘capacidad extraterritorial’, que incluía fuerzas operativas en vários países. Estas constaban com personal próprio y eran también fortalecidas con la colaboración con otros servicios y organizaciones en el exterior, en algunos

²⁰⁹ REBOLLEDO, Javier. **La danza de los cuervos**. Santiago: CEIBO, 2012. p.112

²¹⁰ SALAZAR, *op.cit.*, p.114

países. Además logró montar un sistema de comunicaciones internas e internacionales, a través de radio, telex y sistemas computacionales.²¹¹

No referido departamento foram desenvolvidas as ações da Operação Condor, plano coordenado pela DINA junto de outros países do Cone Sul e que terá seus desdobramentos analisados no próximo capítulo. A rede de colaboração internacional criada por Contreras permitiu perseguir e eliminar exilados e inimigos políticos, na tentativa de impedir a rearticulação de militantes no exterior e as denúncias das violações de direitos humanos.

Ao mesmo tempo, no setor de Contra-inteligência a responsabilidade dos agentes consistia em detectar qualquer forma de oposição ou reações internas nas forças armadas. Desse modo, estavam autorizados a neutralizar gupos e liderança ascendentes, a interceptar comunicações consideradas perigosas. Já o Departamento Econômico, a cargo do tenente coronel do Exército Alberto Elissalde Muller, tratava dos financiamentos, pagamentos de agentes, relações com empresas patrocinadoras, expropriações e vendas de prédios públicos e privados e saques de somas em dinheiro pertencentes a militantes capturados.²¹² Sobre isso, a revista chilena *Análisis*²¹³ em 1989 publicou uma matéria revelando detalhes sobre as chamadas “empresas fantasma” da DINA e o envolvimento de militares e empresários no financiamento da repressão no Chile.

A reportagem de Mónica González trata, especificamente, da empresa fantasma “Pedro Diet Lobos”, nome de um agente da DINA, próximo de Contreras e com histórico de atuação em várias frentes na ditadura, de assessor do canal de TV presidencial (canal nº 9) à gerente da empresa “Conas”, de Contreras e Victor Valdivieso.²¹⁴ Segundo a averiguação realizada para a publicação da revista, faziam parte dessa sociedade mais de 40 agentes da DINA, dentre eles membros do Estado Maior: Eduardo Iturriaga Neumann, como presidente, Francisco Ferrer – dirigente da Brigada Caupolicán em Villa Grimaldi até 1975 -, Pedro Epinoza, Ricardo Lawrence Meires, Rolf Gonzalo Wanderoth Pozo, e outros. Em razão

²¹¹ Informe Rettig, *op.cit.*, p.725

²¹² URIARTE, *op.cit.*, p.447

²¹³ *Análisis* foi uma revista publicada entre os anos de 1977 e 1993, inicialmente foi patrocinada pela Academia de Humanismo Cristão, criada pelo cardeal Raúl Silva Henríquez. Dirigida e editada por Juan Pablo Cárdenas Squella, *Análisis* figurava como um dos poucos meios de comunicação, que sem censura, se opunha à ditadura. Com apoio de embaixadas, governos europeus e da Fundação Ford, a revista se manteve até a crise econômica de 1983, quando passou a privilegiar as notícias econômicas. Foi nesse mesmo periódico que cartas de exilados políticos, membros da Unidade Popular, foram publicadas pela primeira vez. Disponível em: < <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-96756.html> > Acessado em: dez. de 2018.

²¹⁴ ARCHIVO NACIONAL DE CHILE. Comisión Chilena de Derechos Humanos. Caja 303. Carpeta 1 a 2. *Análisis*, 5 a 11 de junio de 1989. p.36

das investigações sobre o atentado e morte de Orlando Letelier o FBI teria descoberto, ainda, mais de cinco empresas que compunham esse grupo patrocinador da DINA. “Villar Reyes”, responsável pela remuneração de agentes; “Elissalde y Poblete”, dirigida pelo chefe do departamento Econômico da DINA; “Procin”; “Umansol”; a agência de turismo “Dinamictur”, além das estreitas relações com a Pesquera Chile e a Standard Electric.²¹⁵

Ainda de acordo com a reportagem, “la sociedad [Pedro Diet Lobos] registró movimientos importantes de dinero hasta hace tres años”²¹⁶, ou seja, após a dissolução da DINA, seus agentes ainda mantiveram as empresas ativas e lucrativas. Essa e outras sociedades mencionadas tinham como finalidade o financiamento de atividades terroristas, sobretudo, no exterior, durante o Plano Condor. Assim, como outras ditaduras civil-militares, associadas a empresas privadas nacionais e estrangeiras, a DINA além de estabelecer conexões com multinacionais tais como a Standard Electric²¹⁷, constituiu suas próprias fontes de capital e financiamento para além dos proventos do Estado, tudo administrado pelo Departamento Econômico.

Já o Departamento de Operações Psicológicas, setor de fundamental importância dentro da estrutura repressiva da DINA, tinha à sua frente o oficial do Exército Vianel Valdivieso Cervantes. A sua missão era “bloquear acontecimientos y noticias adversas al régimen en el plano interno y internacional, elaborar propaganda para su difusión por los medios de comunicación a fin de construir verdades”²¹⁸. Ademais, esse setor era encarregado da difusão de desinformação, encobrimentos e montagens - como nos casos desaparecimentos e assassinatos e a responsabilização dos grupos de esquerda por atos terroristas -, e ainda do estabelecimento de relações com repartições públicas e privadas para manter boas aparências. No livro “Mi verdad” da ex-militante de esquerda e agente da DINA Marcia Alejandra Merino Vega, conhecida como “la flaca Alejandra”²¹⁹ diz que “era funcionario de la DINA

²¹⁵ Sobre a investigação do FBI e menção às empresas “Procin” e “Consultec” ver os documentos: U.S Department of State – Freedom of Information Act, “Interviews”, March 17th, 1978. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print399.pdf>> ; Potential information on Letelier Case, April 11th, 1989. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print966.pdf>> Acessados em: dez. de 2018.

²¹⁶ ARCHIVO NACIONAL DE CHILE. *op.cit.*, p.34

²¹⁷ Sobre isso ver FRÜHLING, Hugo; HEINZ, Wolfgang. **Determination of gross human rights violations by State and State-sponsored actors in Brazil, Uruguay, Chile and Argentina, 1960-1990**. Netherlands: Kluwer Law International, 1999.

²¹⁸ URIARTE, *op.cit.*, p.447

²¹⁹ Marcia Alejandra ainda hoje figura como personagem chilena controversa. Uma das poucas dirigentes mulheres do MIR, Vega era vista como uma militante modelo, dada a rigidez e força com que liderava, segundo afirma a mirista e companheira de Miguel Eríquez Carmen Castillo. Presa em Curicó e posteriormente, levada a

Roberto Araya, entonces lector de noticias [apresentador] en el canal 7. En una oportunidad, un conocido crítico literario de apellido italiano dio una charla de tipo cultural en el Cuartel General, a la que asistieron oficiales y secretarias.”²²⁰ Desse modo, instruídos e munidos de apoio civil, os agentes desse setor providenciaram a desinformação em casos como dos “119 desaparecidos”, - que será abordado ainda neste capítulo- atribuindo à esquerda as mortes dos miristas em um conflito interno, quando na verdade as desapareições foram fruto de uma operação traçada pela DINA para eliminar militantes do partido. A notícia referente à semana de 14 a 20 de julho de 1975 do jornal *El Mercurio* possibilita verificar as características desse tipo de operação psicológica.

MIRISTAS MUERTOS EN ARGENTINA ERAN BUSCADOS EN CHILE. Los integrantes del Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR), que fueron asesinados la semana pasada cerca de Buenos Aires, figuraban como desaparecidos en Chile y entidades humanitarias, entre ellas Amnesty International, habían planteado reclamos a favor de ellos, se informo ayer en fuentes de Gobierno [...] Los cadáveres de Wendelman y Robostan fueron encontrados acribilados a tiros en el interior de un automóvil [...] Las informaciones recibidas desde la capital argentina dicen que sobre los cadáveres había un lienzo Blanco con la leyenda ‘dados de baja del MIR’. Más abajo aparecia la firma ‘Brigada Negra’. En las fuentes de Gobierno se informo, sin embargo, que bajo una bandera chilena había una leyenda que decia ‘traidores al MIR’. [...] Por outra parte, los servicios de seguridad comprobaron que está en marcha un plan para hacer falsos secuestros. Segun fuentes de Gobierno, elementos marxistas irrumpen en domicilios de compañeros; se identifican como personal seguridad y se llevan a los dueños de casa.²²¹

Similar a essas ações da DINA no sentido de desinformar, encobrir seus crimes e transmitir uma imagem do regime distinta da realidade, estavam as operações da CIA durante o governo de Salvador Allende. Embora não tenha sido possível estabelecer relação

Londres 38, Vega é brutalmente torturada até ceder e entregar nomes de companheiros e informações sobre a resistência armada. Temendo sua morte, a então militante passou a ser utilizada pela DINA como butim de guerra. A partir de 1974 até a dissolução da CNI, Marcia Alejandra cooperou com o aparato repressivo chileno. Em 1992, em declaração pública, pediu perdão às vítimas e familiares por sua responsabilidade em mortes e desaparecimentos. Após esse evento, Carmen Castillo deu início ao projeto documental já mencionado na nota 20, “La flaca Alejandra” (1994), onde busca compreender quem foi essa militante e a partir disso, seu próprio passado.

²²⁰ O livro escrito por Marcia Alejandra encontra-se aqui como testemunho de quem serviu a ambos os lados, tanto o da militância, quanto aquele da repressão. Nesse sentido, embora possa haver dúvidas em relação a veracidade dos fatos narrados por Vega, há de levar em conta o cruzamento com outras fontes e bibliografia, que tornam reais e possíveis os dados fornecidos pela autora. VEGA, Marcia Alejandra Merino. **Mi verdad**. Santiago: A.T.G. SA., 1993. p.114

²²¹ MUSEO DE LA MEMORIA Y DE LOS DERECHOS HUMANOS. Centro de Documentación (CEDOC). “Miristas muertos en argentina eran buscados en Chile”, *El Mercurio*, 14 a 20 de Julio, 1975. Item 000065. Ver Anexo 6.

direta entre agentes de ambas instituições para treinamento, especificamente no setor de operações psicológicas, mediante documentos que demonstrem instruções vindas dos EUA para o Chile, nitidamente a DINA inspirou-se no *modus operandi* estadunidense de produzir e ocultar informações, haja visto o passado recente de deliberada intervenção da CIA no Chile com a finalidade de desencadear a queda do governo socialista de Allende e firmar a ditadura. Coligada aos meios de comunicação de direita, como *La Segunda* e o próprio *El Mercurio*, a DINA pôde disseminar as versões que desejou, provocando reações na população, reforçando a posição de Pinochet e, conseqüentemente, atingindo seu objetivo primeiro de desacreditar a esquerda.

No tocante ao Departamento de Logística, esse tinha por finalidade “a implementación de los diferentes departamentos, dividiéndose en una sección a cargo de las adquisiciones e importación de equipos y materiales”²²² e outra, responsável pela intercomunicação entre as residências de Pinochet e Contreras e os comandos centrais e centros clandestinos. Dessa forma, tal setor mantinha contato com o departamento Econômico para a aprovação de capital necessário para os investimentos tecnológicos dentro do aparato repressivo. Sob o comando desse departamento estavam as divisões: “Brigada de Inteligencia Eletrônica” – que teve como integrante o agente civil estadunidense ligado à CIA, Michael Townley, “Aquisições e finanças”, “Comandos e Quartéis” e “Clínicas e Sanidade”.²²³ Sobre esse último, Marcia Alejandra Vega afirma que havia uma equipe médica que trabalhava para a DINA entre os quais estavam o psiquiatra Roberto Lailhacar Chávez, atuante na Clínica Santa Lúcia e Tejas Verdes e quem, segundo Javier Rebolledo, afirma ter trabalhado também no setor de Operações Psicológicas e recebido seus soldos, junto com outros médicos, pela empresa fantasma *Elissalde y Poblete*.²²⁴

A fim de administrar toda a comunicação, trocas de dados entre setores internos à DINA, fichas de presos políticos detidos em centros clandestinos, e toda as informações produzidas de interesse à instituição, criou-se o setor de “Arquivo e Documentação”. Com acesso irrestrito ao Registro Civil de Identificação, os agentes obtinham dados de qualquer cidadão chileno, além de poder, assim, falsificar a identidade daqueles agentes em operações

²²² URIARTE, *op.cit.*, p. 448

²²³ MEMORIA VIVA. Estructura DINA. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com/criminales/organizaciones/DINA.PDF>> Acessado em: dez. de 2018.

²²⁴ REBOLLEDO, Javier. **El despertar de los cuervos**. Santiago: Editorial Planeta Chilena, 2016. p.206

criminosas. Apesar de ter existido tal esfera dentro do aparato da DINA, ainda são, praticamente, desconhecidos todos os memorandos, telegramas e outros documentos sob domínio da instituição. A omissão de existência e o apagamento dessas fontes, com a intenção de eximir a culpa dos criminosos civis e militares subornados a Contreras, não evitou a descoberta de ações, prisões, perseguições, contato com outras esferas de poder dentro do Chile, tampouco, a condenação dos envolvidos. São exemplos disso, alguns dos documentos secretos pertencentes ao Ministério da Justiça e hoje disponíveis no *Archivo Nacional de Chile*. Veja-se um exemplo:

De la Dirección de Inteligencia Nacional
Al Sr. Director General de Gendarmería.
Adjunto se remite a US. Para su conocimiento y resolución
MEMORANDUM com infracciones debidamente procesadas por esta
Dirección.
Saluda a US.,
Manuel Contreras Sepúlveda
Director de DINA

Memorandum com irregularidades cometidas por funcionários del presídio de Cauquenes. Investigaciones realizadas por esta Dirección, han comprobado las siguientes irregularidades cometidas por personal de la Cárcel de Cauquenes: 1. AREANO FAUNDEZ FAUNDEZ, Alcaide Cárcel de Cauquenes. Pertenció a la DC [Democracia Cristã] y posteriormente al PS [Partido Socialista]. Durante el período de la ex-UP presionó a los funcionarios del Servicio con el objeto de que militaran en su partido político. Realizó discriminación funcionaria con las personas contrarias a sus ideas marxistas (Gendarmes y Reos), aceptando en cambio, la abierta introducción de política marxista en el Penal. En la actualidad, continúa en la comisión de este tipo de irregularidades, en compañía de los elementos marxistas que aún permanecen en el recinto carcelario. [...] ²²⁵

A seguir, outro documento explicita o funcionamento do aparato repressivo, no que diz respeito à concessão de informações a outras esferas de poder:

De la Dirección de Inteligencia Nacional,
Al Sr. Oficial de Seguridad del Ministerio de Justicia.
(Capitan de Corbeta (R:N) Don Alejandro Armstrong de Aguirre)
En atención a lo solicitado en el documento de la “Referencia”, se informa que las personas indicadas a continuación registran antecedentes en el Kárdex de esta Dirección de Inteligencia, pudiendo ser las mismas consultadas o bien tratarse de un alcance de nombres:
Registra un: 1. SOTO IBAÑEZ José: Sub-Teniente. Llamado a retiro del Servicio de Prisiones. 2. VARGAS DUQUE Armando: SOCIALISTA.

²²⁵ ARCHIVO NACIONAL DE CHILE. Ministerio de Justicia. Libro 28422, DINA nº 201728, 20 de agosto de 1976.

Militante de la Célula “AMÉRICA LIBRE”. 3. GONZALEZ LOPEZ Cecil: Teniente de Prisiones. MARXISTA. Elemento Directivo de la acción MARXISTA en el Servicio de Prisiones.

El resto de las personas consultadas en Oficio de la Referencia no registran antecedentes a esta fecha.²²⁶

Documentos oficiais como os apresentados acima, que consistem em respostas da DINA a outros setores da burocracia chilena, concedendo informações referentes à cidadãos chilenos, revelam a centralização desse órgão dentro do aparato repressivo, bem como comprovam a existência da perseguição como uma das tantas ações terroristas por ela praticada. Sobre isso, Mendes corrobora que “todas as autarquias, repartições públicas ou ministérios passaram a ser investigados pela DINA. [...] O controle do aparato repressivo estava em todas as instâncias governamentais.”²²⁷ Ao mesmo tempo que as fontes apresentam tal perspectiva, deixam explícitas também as relações de cumplicidade entre a DINA, os ministérios, repartições públicas e administração para além da cadeia militar, reforçando o caráter civil da ditadura e a ideia de que, apesar de clandestina, a instituição atuava com o consentimento desses.

Ligada à direção da DINA estava, ainda, a *Escuela Nacional de Inteligencia* (ENI), localizada em Rinconada de Maipú, onde agentes eram treinados e tinham suas técnicas de apreensão, interrogatório, tortura e assassinato aprimoradas. Nesse local eram ministrados cursos como Relações Internacionais, Criptografia, tiro, Inteligência e Contra-inteligência, e Serviço Secreto como faz referência o próprio *Manual de Operaciones Secretas*²²⁸, já mencionado. Embora não se tenha acesso aos registros oficiais que confirmem as características e estrutura da ENI, o testemunho de “la flaca Alejandra” colabora na reconstrução de fatos e na composição da lista de alguns dos alunos e professores que por ali passaram. Segundo as lembranças da agente,

En 1977, antes de ese viaje, Wenderoth Pozo me envió, junto a Luz [Luz Arce] y "Carola" [Maria Alícia Uribe Gómez], a la Escuela Nacional de Inteligencia -ENI-, donde formamos parte de un curso para Oficiales. Este curso incluía materias como: Guerra Antisubversiva, Economía, Caracterización y Maquillaje, Tiro, Defensa Personal, Allnamientos y

²²⁶ ARCHIVO NACIONAL DE CHILE, Ministerio de Justicia, Libro 28422, DINA nº404363, 25 de Octubre de 1976. Ver Anexo 4.

²²⁷ MENDES, Clécio. **O papel da Direção de Inteligência Nacional (DINA) na Ditadura Chilena : para além da repressão (1974-77)**, 2016. 211f. Tese em História Social, PUCSP, São Paulo. p.173

²²⁸ SALAZAR, *op.cit.*, p.112

Registros de Domicilios, Claves, y otras que no recuerdo. Entre los alumnos estaban: el Capitán de Ejército Tito Ureta; el Teniente de Ejército ORASA (Oficial en Retiro llamado a Servicio Activo) Armando Maldonado; el capitán de Ejército Manuel Provis Carrasco; el civil Eduardo Garea; el Capitán de Ejército Roberto Guiza; el Capitán de Ejército Marcelo Canobbio; un Teniente de Ejército de nombre Alfredo; un Teniente de Ejército ORASA de apellido Parra, al que decían "Parrita". También había funcionarios de la Policía de Investigaciones, aunque no recuerdo sus identidades. Todos ellos eran miembros de la DINA.²²⁹

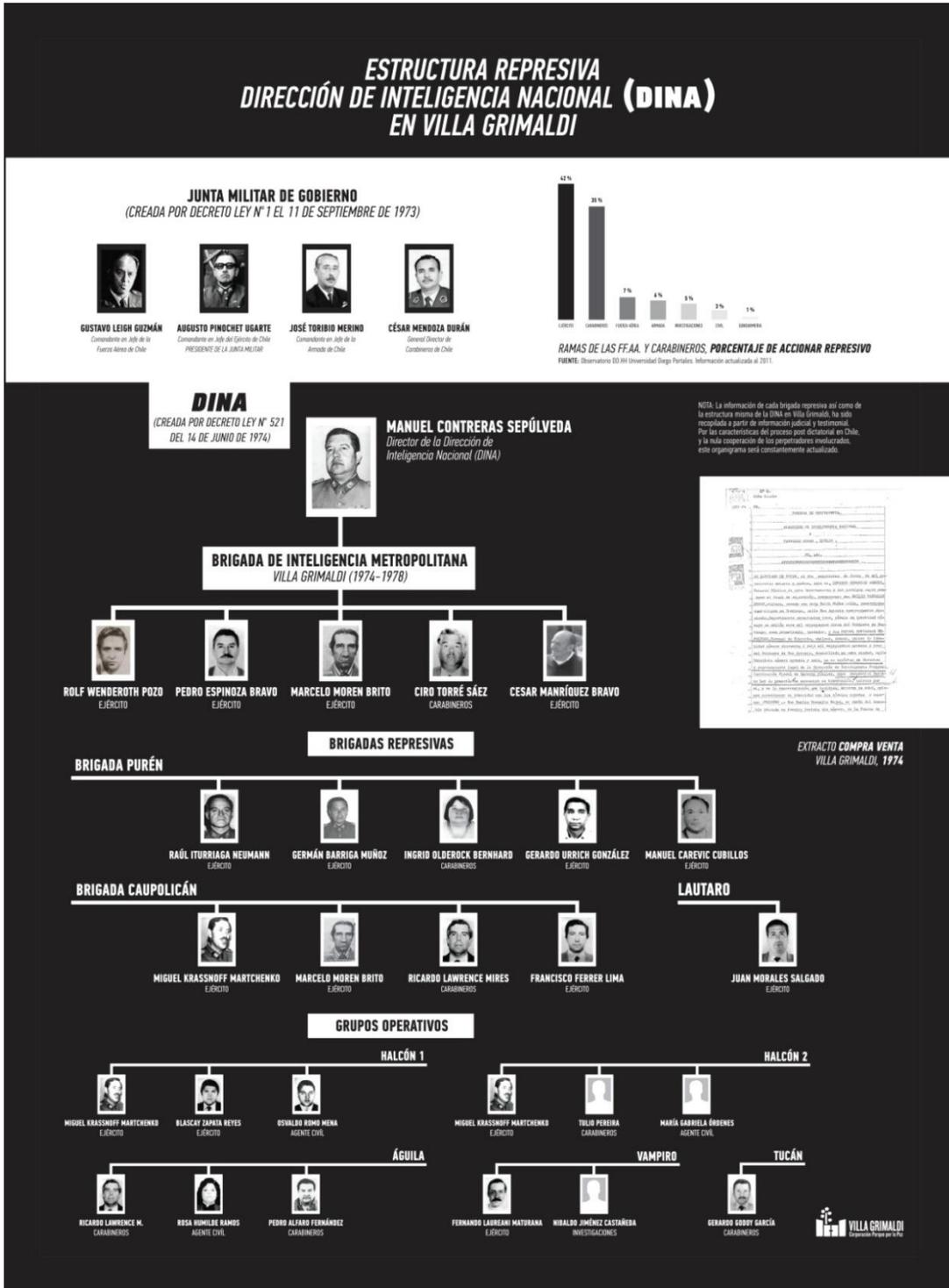
Além de mencionar o nome de alguns colegas que participaram das aulas na ENI, Marcia Alejandra aponta como seus professores Francisco Ferrer Lima, a quem acrescenta que era diretor da Escola. Compunham o inventário de instrutores também García Covarrubias, capitão do Exército; Pablo Grant, tenente do Exército; Raúl Eduardo Iturriaga Neumann, membro do Estado Maior e Rolf Wenderoth Pozo, oficial do Exército. A própria agente afirma ter sido docente no curso de “Marxismo e Leninismo” ao lado de Luz Arce, dado o conhecimento que ambas possuíam decorrente da experiência durante suas trajetórias individuais em partidos de esquerda. Por fim, Vega acrescenta que entre seus alunos recorda “a dos argentinos; supongo que eran parte de la Operación ‘Cóndor’”. A propósito, a agente afirma ter participado de uma reunião do Plano Condor e que nela estavam presentes Luz Arce e Rolf Wenderoth.²³⁰

Na figura 1, abaixo, disponibilizada pelo *Parque por la Paz Villa Grimaldi*, pode ser visto o organograma da DINA, incluindo as distintas brigadas tratadas neste tópico.

²²⁹ VEGA, *op.cit.*, p.99

²³⁰ *Id. Ibid.*, p.100

Figura 1 - Organograma das principais brigadas da DINA



Fonte: Torturadores. Parque por la Paz Villa Grimaldi. Disponível em:
< <https://villagrimaldi.cl/historia/torturadores/> >

A estrutura desse aparato repressivo se comparado ao de países como o Brasil e Argentina - que instauraram ditaduras militares igualmente brutais apoiadas por civis - talvez não surpreenda, já que o Cone Sul se tornou um espaço onde eram comuns a criação e circulação de polícias secretas e divisões de inteligência. No entanto, a agilidade com que a DINA formou o seu quadro de agentes, compôs suas Brigadas, consolidou seu poder e se fez temida, é algo espantoso. Em menos de um ano todos os departamentos supracitados estavam funcionando ativamente, mantendo o aparato repressivo em pleno funcionamento em suas próprias operações e no auxílio de outros setores como foi possível observar nos documentos do Ministério da Justiça. A dimensão do poder da DINA não era notada apenas internamente. Os próprios EUA, já reconheciam as ambições da instituição e o domínio que esta exercia dentro do Chile. Um documento emblemático desclassificado da DIA corrobora essa ideia ao apresentar a percepção de um informante no país andino, que ao corresponder-se com o coronel do Exército estadunidense, William Hon, afirmou existir “três fontes de poder no Chile: Pinochet, Deus e a DINA”.²³¹

Aliada à DINA e às forças de Pinochet, em sentido geral, esteve a CIA, que antes mesmo do estabelecimento do governo socialista de Salvador Allende marcou presença nos bastidores da política chilena. Questionamentos sobre a persistência do padrão de intervenção da CIA no Chile após o golpe de Estado de 1973 permearam a história do tempo presente até recentemente, quando a abertura de arquivos e a pesquisa histórica sobre o Chile ganhou fôlego e passou a esclarecer pontos importantes sobre o papel dos EUA na América Latina. Nesse sentido, Peter Kornbluh, dedicado ao estudo das fontes que ajudou a desclassificar, deixa claro que

O apoio clandestino dos EUA também ajudou Pinochet a estabelecer seu violento controle e poder. A estação CIA em Santiago, com muitas conexões com os grupos militar e civil, agora por trás da Junta, estava bem posicionada para oferecer ajuda crítica; projetos de ações encobertas sendo executados contra o governo eleito do Chile antes de 11 de setembro poderiam ser ampliados e reconfigurados para contribuir para a consolidação do novo regime militar. No rescaldo de 11 de setembro, a CIA iniciou o que os telegramas chamavam de "esforço para tornar o novo governo forte e eficaz". Isso incluiu a alteração de cobertura de operações políticas e de propaganda e o desenvolvimento de novos "agentes de influência" e ativos dentro das estruturas de poder pós-golpe do Chile. A Estação também

²³¹“there are three sources of power in Chile quote PINOCHET, GOD and DINA unquote”. In: U.S Department of State – Freedom of Information Act “DINA its operations and power”, February 2nd, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print354.pdf>> Acessado em: dez. de 2018.

estabeleceu relações estreitas com os novos serviços de segurança de Pinochet, fornecendo treinamento organizacional e suporte para a DINA após o início das operações no final de 1973.²³²

Outra importante fonte produzida pelos Estados Unidos, o Informe Church, confirma a informação de Kornbluh de que, diferentemente do que poderia ter acontecido, a CIA não assentou os militares no poder do Chile e retirou-se em seguida da cena política para evitar possíveis críticas. “Depois do golpe, a CIA renovou as ligações com as forças de segurança e inteligência do governo Chileno, relações essas que haviam sido interrompidas durante o período de Allende”.²³³ A agência de inteligência estadunidense não tardou a oferecer seus serviços de organização interna, treinamento em combate contra a “subversão” e o “terrorismo”. A assistência encoberta concedida pela CIA consistia em manuais, apoio técnico, metodológico e organizacional. No entanto, se sabe que a atuação estadunidense extrapolou o suporte teórico, apesar de os documentos que lançam luz a esse tópico permaneçam altamente sigilosos.²³⁴

Ainda de acordo com a reportagem de Lucy Komisar - jornalista estadunidense que investigou as políticas de direitos humanos dos EUA nos anos 1970-, o diretor da estação da CIA em Santiago a partir de 1974, Stewart Burton, estabeleceu uma relação próxima com Manuel Contreras e a DINA.²³⁵ Segundo John Tipton, membro da Embaixada estadunidense e fonte da jornalista, a “CIA e a DINA estavam trabalhando juntas”²³⁶ e a amizade entre o diretor e o coronel refletia em toda a agência. O memorando de três páginas, de abril de 1974, parcialmente desclassificado, que relata os assuntos tratados num almoço entre Contreras e

²³² “Clandestine U.S. support also helped Pinochet establish his violent grip on power. The CIA’s Santiago Station, with many connections to the military and civilian groups now behind the Junta, was well-situated to offer critical aid; covert action projects being run against Chile’s elected government prior September 11, could be extended and reconfigured to contribute to consolidation of the new military regime. In the Aftermath of September 11, the CIA initiated what cables referred to as an ‘effort to make new govt strong and effective’. That included amending cover political and propaganda operations, and developing new ‘agents of influence’ and assets within Chile’s post-coup power structures. The Station also established close relations with Pinochet’s new security services, providing organizational training and support for DINA after it began operations in late 1973.” KORNBLUH, *op.cit.*, p.214

²³³ “After the coup, the CIA renewed liaison relations with the Chilean government's security and intelligence forces, relations which had been disrupted during the Allende period.” In: *Covert Action in Chile (1963-1973)*, *op.cit.*

²³⁴ KORNBLUH, *op.cit.*, p.221

²³⁵ “Into the Murky Depths of ‘Operation Condor’”. Los Angeles Times. November, 1st 1998. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/1998/nov/01/opinion/op-38227/2>> Acessado em: dez. de 2018.

²³⁶ “U.S. Embassy political officer John Tipton, who at the time was cabling protests of human-rights abuses and coauthoring a dissent channel memorandum that called for more U.S. attention to the issue, told me the CIA and DINA were working together. He said, “I don’t believe the CIA set up DINA, but they were in a close relationship. Burton and Contreras used to go on Sunday picnics together with their families. That permeated the whole CIA station.” In: Los Angeles Times, *op.cit.*

Raymond Warren²³⁷, confirma o auxílio da agência estadunidense ao aparato repressivo chileno, desde que isso não fosse interpretado como apoio a políticas internas repressivas.²³⁸ Assim, enquanto existiu a DINA e permaneceram no governo estadunidense lideranças políticas como Henry Kissinger, a cooperação se manteve. Embora existissem, em âmbito internacional, duras críticas à ditadura Pinochet pela violência com a qual atacava seus cidadãos, desrespeitando a Convenção de Genebra, subsídios financeiros, técnicos, militares e humanos não cessaram.

Não restam dúvidas de que tamanha estrutura montada pela *Dirección de Inteligencia Nacional* foi possível graças às condições viabilizadas por Augusto Pinochet a Manuel Contreras. No entanto, vale destacar que o suporte estadunidense ampliou o repertório do aparato repressivo chileno, instruiu seus agentes, permitindo uma atuação mais refinada e, conseqüentemente, mais efetiva. O resultado em larga escala dessa colaboração, que não se limitou a DINA, tampouco ao Chile, será vista nos desenrolar dos anos, mais precisamente na Operação Condor, quando Contreras, seus agentes e outros países do Cone Sul se unem na implacável perseguição ao inimigo interno, para além das suas fronteiras geográficas e com a completa anuência e participação dos EUA.

Quem foi Manuel Contreras?

Compreender a DINA passa pelo esforço de perceber igualmente quem foi seu maior líder depois de Augusto Pinochet. É possível dizer que, embora Pinochet fosse informado das operações diariamente, e apesar de resumir sua relação com a instituição com a célebre frase “La DINA soy yo”²³⁹, o mando do setor de Inteligência e especificamente da DINA, estava a cargo de Manuel “Mamo” Contreras e não do ditador. Dono de uma personalidade e atitudes controversas, o coronel ainda hoje suscita questionamentos sobre qual era seu verdadeiro objetivo durante a ditadura civil-militar chilena: galgar altos postos militares, tornar-se membro da Junta, combater o comunismo, receber ganhos financeiros ou conquistar poder?

²³⁷ Chefe da estação da CIA em Santiago assim como Burton.

²³⁸ “Agency cannot provide training or support for any activities which might be construed as ‘internal political repression.’”. In: U.S Department of State – Freedom of Information Act. Meeting with Col Contreras, March 4th, 1974. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print771.pdf>> Acessado em: dez. de 2018. Ver Anexo 9.

²³⁹ Frase dita pelo ditador em reunião com generais e o então intendente de Punta Arenas, Augusto Lutz, que narrou a frase reproduzida por sua filha Maria Olga perante Baltasar Garzón em 1998. In: AMORÓS, op. cit., p.14

Apesar das dúvidas, conhecer brevemente o histórico dessa proeminente personagem da história recente chilena ajuda na reflexão sobre o sistema repressivo implantado na América do Sul.

No início da década de 1940, Juan Manuel Guillermo Contreras Sepúlveda ingressou na Escola Militar. Em poucos anos, o destacado tenente passou a atuar como vigilante dos novos alunos que constantemente ingressavam no serviço militar. Como brigadier, Contreras ainda jovem se sobressaía perante aos outros, tanto pelo comportamento abusivo, quanto pela arrogância com que conduzia suas tarefas. As impressões deixadas por Contreras marcaram o capitão do Exército Alejandro Barros Amengual, que em entrevista concedida à jornalista Alejandra Matus diz:

Recuerdo muy bien que nos obligaba a introducir la cabeza en las tazas de los baños y después tiraba la cadena, acción que él, graciosamente, llamaba “el shampoo”. En otras oportunidades nos sujetaba la cabeza y nos introducía en la boca el pitón de la manguera que usábamos en los baños matinales y, en forma repentina y violenta, abría el chorro de agua fría, dándole toda la intensidad, con el peligro de provocarnos un daño acústico o de otra naturaleza.²⁴⁰

Apesar da postura de Contreras ter marcado negativamente as memórias de alguns colegas, as forças armadas viram no jovem militar um futuro promissor. Assim, passou a atuar no 2º Regimento de Engenharia Aconcágua, antes de retornar à Escola Militar como integrante da Companhia de Engenheiros na condição de instrutor. Já nos anos 1960, o futuro diretor da DINA ingressou no curso de oficial do Estado Maior na Academia de Guerra, onde o subdiretor e seu professor de Estratégia era o coronel Augusto Pinochet Ugarte. Diante do contexto latino-americano, dos avanços da Revolução Cubana e da efervescência política nas ruas, universidades e fábricas, as aulas de Pinochet se ocupavam com tópicos relativos ao anticomunismo e à contenção da esquerda no continente. Em seis anos, Contreras ingressa na Academia enquanto professor, assumindo a matéria de Inteligência.

A fim de ampliar seus conhecimentos, Manuel Contreras se dirigiu à Fort Benning, onde, na Escola das Américas, aprofundou conceitos como insurgência, contrainsurgência, operações psicológicas, além de refinar métodos repressivos a serem usados contra

²⁴⁰ “Chile. Murió Manuel “Mamo” Contreras. Revisa: El prontuario del director de la policía política de Pinochet”. Resumen Latinoamericano, 9 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.resumenlatinoamericano.org/2015/08/09/chile-murio-manuel-mamo-contreras-revisa-el-prontuario-del-director-de-la-policia-politica-de-pinochet/>> Acessado em: dez. de 2018.

“subversivos”. Pós-graduado como oficial do Estado Maior na mais famosa escola de torturadores latino-americanos, “Mamo” retorna ao Chile, especificamente à Escola de Engenheiros de Tejas Verdes, para repassar aos seus alunos o aprendizado adquirido nos Estados Unidos.

Em 1972, após passar pelo 4º Regimento de Engenheiros, o então secretário do Estado Maior assumiu a direção da Escola de Engenheiros de Tejas Verdes que, um ano mais tarde, passa a ser conhecida como centro clandestino de detenção e local de iniciação dos agentes da DINA. É nesse momento que, juntamente com outros militares, Contreras “avanza con sus ideas conspirativas [...] comenzó a recolectar información y a diseñar un aparato de inteligencia capaz de infiltrar y desarticular las organizaciones de izquierda”²⁴¹ É importante destacar que esse era o período do governo de Salvador Allende, numa conjuntura em que que, assim como o socialismo, o conservadorismo avançava a largos passos no Chile e em toda América Latina. Em decorrência disso e da presença da CIA no país desde anos 1960, Contreras manteve contato tanto com a agência estadunidense, quanto com grupos nacionais de extrema-direita como o *Patria y Libertad*.

Chegado o 11 de setembro de 1973, o ferrenho anticomunista Contreras colocou em prática os conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos. Homem de confiança de Augusto Pinochet, Contreras passou a assumir uma proeminente posição dentro do regime, tendo como maior incumbência a criação de um aparato de inteligência e repressão que eliminasse o marxismo, a oposição e a resistência do país “como si fueran plagas.”²⁴² Assim, nasceu a *Dirección de Inteligencia Nacional*, onde Contreras atuou como diretor, exercendo todo o poder concedido por Pinochet, consequência dos anos dedicados à vida militar associada aos valores da direita política conservadora chilena.

Ao assumir a DINA com punho de ferro, Manuel Contreras tornou a polícia política chilena notada em todo o mundo e temida pela militância de esquerda, que diante dos métodos repressivos da instituição, foi compelida a viver na clandestinidade. Embora Contreras não tenha sido nominalmente designado diretor por um decreto oficial, era conhecido pelo seu papel de chefe máximo da Inteligência chilena, nacional e

²⁴¹ MEMÓRIA VIVA. Juan Manoel Guillermo Contreras Sepúlveda, Jefe de la DINA. Disponível em: <https://www.memoriaviva.com/criminales/criminales_c/contreras_manuel.htm> Acessado em: dez. de 2018.

²⁴² AMORÓS, *op.cit.*, p.9

internacionalmente.²⁴³ Dentro do aparato repressivo que coordenava, o coronel cercou-se de pessoas de sua confiança e capazes de cometer crimes como os que serão descritos no capítulo seguinte. Assim, pensando que para seus semelhantes Contreras figurava como uma aspiração, um modelo a ser seguido, a opinião de Marcia Alejandra Merino Vega, sua vítima e subordinada, surge aqui como um contraponto ou talvez, uma visão generalizada, mas silenciada pelo medo e submissão dos agentes:

Mientras vivimos en el departamento de la Torre 12, Contreras Sepúlveda nos visitaba ocasionalmente. Siempre lo hizo con una actitud de "dueño de nuestras vidas" y de quien "nos había hecho de nuevo". En estas visitas, se hacía acompañar de su equipo de seguridad y de algunos oficiales, como Juan Morales Salgado y Alejandro Burgos de Beer. Nunca se tocaron temas importantes o reservados. En 1975 o 1976, Luz me contó que Contreras tenía el propósito de "presentarnos" al Embajador de EE.UU. Mr. G. W. Landau. Era una forma de mostrar lo que él "había logrado con subversivos como nosotras". En un intento de mejorar su "imagen" quería exhibir a estas militantes de izquierda "recuperadas por la DINA para la patria."²⁴⁴

Marcia Alejandra prossegue sua análise sobre aquele que parecia “dono de suas vidas” e diz confiar na ideia difundida por colegas mais próximos ao coronel, para os quais mesmo com fim da DINA, ele seguiu atuando em operações de Inteligência em outros setores das forças armadas. Refletindo sobre a experiência e posição adquirida por Contreras dentro do regime, dificilmente o coronel seria relegado a funções corriqueiras das forças armadas. Ambicioso desde a juventude, Contreras encontrou na DINA e nos lugares por onde passou o espaço para difundir suas ideias, colocar em prática suas crenças e sentimentos mais obscuros, tendo em vista a estrutura macabra que criou juntamente com outros oficiais. Por fim, “la flaca Alejandra” resume sua perspectiva sobre quem foi Contreras:

Consideré a Contreras como un individuo egocéntrico, con un ansia de poder incontrolable y enorme astucia y capacidad de manipulación. Además, poseedor de una falta absoluta de escrúpulos y yo lo definiría como amoral. Ahora reitero esta impresión y estoy segura, aunque no puedo probarlo, de que la "impunidad" que él ha logrado obtener obedece a todo el poder que acumuló mientras fue jefe de la DINA.²⁴⁵

²⁴³ “Chile gives free Rein to Secret Police”. New York Times, May 12th, 1975. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1975/05/12/archives/chile-gives-free-rein-to-secret-police-chiles-military-junta-20.html>> Acessado em: dez. de 2018.

²⁴⁴ VEGA, *op.cit.*, p.94

²⁴⁵ *Id. Ibid.*, p.96

Hoje, se estivesse vivo, Manuel Contreras Sepúlveda somaria mais de 300 anos de encarceramento pelas violações aos direitos humanos cometidas enquanto esteve à frente da mais temida polícia política do Chile. O coronel assumiu um papel de fundamental importância não apenas na implementação do Terrorismo de Estado no Chile, como também nos demais países do Cone Sul com a Operação Condor por ele desenhada. Embora tenha vivido à sombra de Pinochet, sendo seu homem de confiança, Contreras exerceu poder como nenhum outro em posições de lideranças nos setores de inteligência das forças armadas, o que lhe garantiu por longos anos a impunidade, à qual se refere Vega.

2.3 MIR, o inimigo nº 1

A trajetória do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) está diretamente ligada ao contexto de efervescência política e crescimento da esquerda na América Latina, em ambiente de renovação do marxismo e das organizações políticas da classe trabalhadora nos anos 1960. Influenciado sobretudo pela Revolução Cubana e a vitória do Movimento 26 de Julho, bem como pela crítica à ortodoxia dos partidos comunistas na região, debate no qual tomou parte, o MIR foi uma das organizações da esquerda latino-americana que ganhou terreno naquela conjuntura de lutas contra o imperialismo estadunidense e o sistema de dominação capitalista no continente.

O MIR irrompeu a cena nacional chilena em agosto de 1965, a partir do *Congreso de la Unidad Revolucionaria* em Santiago. Contando com 21 membros em seu Comitê Central, dentre eles estudantes e trabalhadores, a organização elegeu inicialmente como Secretário Geral o médico Enrique Sepúlveda. Alguns anos depois, um outro médico, de nome Miguel Enríquez se tornaria seu Secretário Geral e principal líder da organização. Em sua *Declaración de Principios*, elaborada em setembro daquele mesmo ano, o MIR enunciava os fundamentos teóricos e políticos que guiariam suas ações ao longo dos anos. Auto-intitulado “vanguardia marxista-leninista de la clase obrera y de las capas oprimidas de Chile”, uma vez que se concebia como herdeiro histórico das tradições revolucionárias chilenas, o movimento tinha por finalidade derrubar o sistema capitalista e substituí-lo por um governo de trabalhadores e camponeses, dirigido pelos órgãos do poder proletário, fixando como principal tarefa a construção do socialismo e a extinção paulatina do Estado, até chegar a uma

sociedade sem classes.²⁴⁶ Assim, tendo em vista o contexto de disputas no qual o Chile e o mundo estavam inseridos, “el MIR proclama claramente su apoyo al campo socialista y rechaza categóricamente la idea de una posible neutralidad frente al choque de ambos sectores”²⁴⁷. Ao mesmo tempo, pensava a questão da luta política e do projeto revolucionário considerando as especificidades da América Latina e do Chile, em crítica à visão que fora até então hegemônica na esquerda marxista na região, coma nas teses que separavam a luta anti-imperialista da luta contra as burguesias internas e o capitalismo.

Nesse sentido, o MIR desenvolveu visão crítica tanto à estratégia etapista que defendia a necessidade de fazer primeiro uma “revolução democrático-burguesa” - em que o empresariado seria aliado contra o imperialismo - como à concepção baseada sumamente na estratégia eleitoral e parlamentar para reformar o sistema. Sem negar a participação nas eleições, tinha como estratégia principal a luta de massas, com a organização de categorias de trabalhadores e greves operárias, ações diretas e a participação em movimentos populares como o dos *pobladores*. Embora por vezes alguns autores classifiquem na historiografia o MIR como organização foquista, isto é errado. O MIR, por um lado, defendia a legitimidade das armas, ao avaliar que o acirramento dos conflitos de classe levariam a choques entre as forças e a tendência de os grupos dominantes provocarem uma guerra civil, ao não aceitarem abrir mão de seus privilégios de classe. Por outro lado, defendia a linha da estratégia de insurreição de massas. Assim, essas diferentes formas de luta eram reivindicadas pela organização. Além disso, na Declaração de Princípios se observam outros elementos que compuseram as bases dessa militância, auxiliando na compreensão das razões pelas quais o MIR tornou-se o inimigo nº1 da ditadura civil-militar instaurada por Augusto Pinochet mais tarde:

Nuestro país semi-colonial, tanto por su estructura económica como por su dependencia del mercado mundial, necesita enfrentar tareas básicas: la liquidación del imperialismo y la revolución agraria. Tras estas medidas deben movilizarse a la mayoría nacional compuesta por obreros, campesinos y sectores medios empobrecidos. 1.- La expulsión del imperialismo significa: a) Nacionalización, sin indemnización, de las empresas del cobre, salitre, hierro, electricidad, teléfonos, grandes casas comerciales como Grace, Duncan Fox, Williamson Balfour, etc. y de los bancos extranjeros. b) Ruptura de los pactos que nos atan al imperialismo y afectan a nuestra soberanía nacional, como el Tratado Militar con EE.UU., la OEA, el Fondo

²⁴⁶ARCHIVO CHILE. MIR, Declaración de Princípios, 1965. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Archivo_Mir/Doc_Agosto_65_a_67/miragosto65a670001.pdf> Acessado em: jul. de 2018.

²⁴⁷*Id. Ibid.*, p.1

Monetario Internacional y otros. c) Desconocimiento de la deuda externa contraída por los gobiernos burgueses con el imperialismo. d) Relaciones comerciales y diplomáticas con todos los países del mundo. 2.-La revolución agraria significa: a) Expropiación, sin indemnización, de las tierras en poder de los latifundistas, y su entrega a los campesinos que las trabajan, entrega que podrá ser individual o colectiva de acuerdo a las condiciones específicas de cada zona, e irá acompañada de ayuda técnica, de créditos, maquinarias, semillas y demás medidas encaminadas a elevar el nivel de productividad del agro.²⁴⁸

Com a intenção de apresentar tal plataforma às camadas populares, o MIR valeu-se do acirramento da luta de classes na conjuntura eleitoral de 1970 para penetrar nos setores mais radicalizados do movimento popular urbano e rural. Articulou-se a partir de então uma linha de frentes intermediária — *Frente de Trabajadores Revolucionarios* (FTR); *Movimiento Universitario de Izquierda* (MUI); *Frente de Estudiantes Revolucionarios* (FER); *Movimiento Campesino Revolucionario* (MCR); e o *Movimiento de Pobladores Revolucionarios* (MPR), destinados a sistematizar as demandas populares e a levantar suas bandeiras. Nesse sentido, foram vistos crescimentos qualitativos nos setores estudantil, pobladores (moradores de periferia) e de campesinos, estes particularmente entre as comunidades mapuche. Paralelamente a isso, se estreitavam as relações entre o interior dos grupos políticos que formavam a Unidad Popular, especialmente com dirigentes de Partido Socialista.

A estratégia do MIR reconhecia a existência de um bloqueio ao poder constituído pelo imperialismo estadunidense e pelas classes dominantes chilenas, ligados estreitamente por seus interesses econômicos, políticos e militares. Para o MIR, embora houvesse contradições entre esses aliados, prevalecia neles o interesse comum por manter o sistema de dominação e exploração, o que sustentava sua força e sua riqueza. Este marco referencial fazia com que o Programa do MIR se definisse como, anti-imperialista, anticapitalista e socialista.

Pelas ações, que contrariavam os limites institucionais-parlamentares, dentro dos quais Allende prometera atuar, o MIR chegou a ser considerado pela CIA como “*un brazo de acción encubierta*” do governo, um instrumento destinado a extrapolar a lei quando ela impedisse as mudanças almejadas.²⁴⁹ Mas, na verdade, a posição do MIR era mais de apoio crítico e de independência organizativa em relação ao governo, antes que seu braço oculto. Por um lado, Allende chegou a contar com miristas em sua escolta presidencial, o *Grupo de*

²⁴⁸ Declaración de Principios, *op.cit.*, p.2

²⁴⁹ BASSO, Carlos. **La CIA en Chile**. Santiago de Chile: Aguilar, 2013. p.223

Amigos Personales (GAP).²⁵⁰ Por outro lado, o MIR dirigia críticas frontais a determinadas políticas do governo, ainda que fizesse elas de conhecimento do Presidente antes de torná-las públicas, segundo dirigentes da organização como Andrés Pascal.

Ao mesmo tempo, o radicalismo do MIR seria criticado por outras organizações da esquerda chilena, especialmente após o golpe de Estado, quando as posições do grupo passariam a ser apontadas como uma das causas para a oposição temer o governo ao ponto de apoiar um levante militar. Quadros miristas, em contraste, apontariam os limites da estratégia defendida por partidos da UP de confiar no PDC e no pacto com elementos que viriam a desferir o golpe, apontando por sua vez esta aposta entre os fatores que levaram à derrocada da UP diante da ofensiva do imperialismo e das classes dominantes internas.²⁵¹

Seja como for, o MIR, sobretudo às vésperas do golpe, atuou na tentativa de atrair setores da UP para uma tática que levasse em consideração a opção das armas, advertindo que após a tentativa anterior do Tancazo, um novo golpe estava já em preparação.²⁵² De modo que até 1973 o MIR, como produto de sua análise sobre a situação política nacional e a avaliação de seu alcance de penetração e condução no movimento de massas, concluía que existiam somente dois caminhos para o desenvolvimento da luta de classes no Chile: a devolução de empresas tomadas e a convocatória de um plebiscito para dirimir o conflito político ou a contraofensiva revolucionária. Na ocorrência de esta última ser respondida por um golpe de Estado, se acreditava que haveria a força necessária para conter os setores golpistas enquistados no interior das forças armadas.²⁵³

Já em dezembro de 1973, o MIR fazia o balanço de que o golpe de Estado consumado havia fechado o período pré-revolucionário – governo da UP - e aberto o período contrarrevolucionário – ditadura imposta pela Junta Militar, que se caracterizaria pela tentativa da classe dominante de restaurar seu sistema de dominação, resolvendo sua crise interna e freando brutalmente o movimento de massas. Nesse novo período os aspectos mais gerais do

²⁵⁰ Essa proximidade entre UP e o movimento também seria usada, posteriormente, entre as justificativas do golpe militar em 1973, que alegava haver um plano que contava com o grupo para realizar um “autogolpe”, que derrubasse o regime democrático vigente, implantando uma “ditadura popular” ainda com Allende na presidência.

²⁵¹ No documentário já citado, a Batalha do Chile, há uma cena do último comício que contou com a presença de Allende, antes do golpe, em que militantes do MIR entoavam a palavra de ordem “basta ya de conciliar, es la hora de luchar”.

²⁵² Ver por exemplo BRUM, Maurício Marques. *A via rupturista: o Movimento de Izquierda Revolucionaria e o governo de Salvador Allende (1970-1973)*. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016. p.131-151

²⁵³ PÉREZ, Cristian, **Historia del MIR. Si quieren guerra, guerra tendrán**. *Estudios Públicos*, 91, Santiago de Chile, 2003, p.9

Programa original do MIR não sofreram grandes alterações. Insistia-se na necessidade da revolução proletária para Chile, que devia combinar simultaneamente as tarefas democráticas e socialistas. O objetivo inicial do MIR seguia sendo a destruição do Estado burguês, do imperialismo e do conjunto da grande burguesia nacional, agrária, financeira e comercial. “A partir de 1973, la representación del Estado burgués la había asumido la ‘Dictadura Militar Gorila’²⁵⁴, que pasaba a convertirse en el enemigo”²⁵⁵.

O princípio da organização em torno de uma resistência se deu pela percepção de que existiam setores da população sem identificações políticas com o MIR ou outros partidos políticos de esquerda. Dessa maneira, a ideia era iniciar uma formação vinda de “baixo”, que incorporasse cada vez mais numerosos contingentes de indivíduos sem ligação partidária, mas descontentes com a situação chilena e dispostos a lutar pela recuperação das liberdades democráticas.²⁵⁶ No entanto, cientes de que espontaneamente as massas poderiam não se organizar – um dos reflexos da política de Terrorismo de Estado – o partido desenvolveu duas linhas de atuação consideradas necessárias para desenvolver o trabalho de resistência e simultaneamente, de associação. Assim, estabeleceram-se a linha de política de massas e a linha militar de massas. A primeira tratava de “revitalizar e colocar em movimento amplos setores do povo liderados pela classe trabalhadora para que, à medida que se desenvolvam, a força social revolucionária possa ser construída”²⁵⁷, com a finalidade de reconstruir o partido, estabelecendo políticas apropriadas para o momento e alianças políticas, capazes de auxiliar na mobilização das massas. Além disso, essa linha estratégica buscava o fim do estado de guerra interna, das execuções, torturas e aprisionamento e censura, bem como o retorno do direito de reunião, greve e condições de vida à classe trabalhadora.²⁵⁸

²⁵⁴ A caracterização da ditadura como um regime militar “gorila” diferenciou o MIR do Partido Comunista e alguns setores do Partido Socialista, do Partido Radical e do MAPU, que a definiram como um regime fascista, diante do qual se devia adotar uma estratégia antifascista, incluindo em seu grupo de resistência setores da direita liberal. Ver AMORÓS, Mario. **Miguel Enríquez: un nombre en las estrellas**. Santiago: Ediciones B Chile, 2014. p.263

²⁵⁵ DONOSO, Igor Goicovic. Pueblo, conciencia y fusil. El Movimiento de izquierda Revolucionaria (MIR) y la irrupción de la lucha armada en Chile (1965-1990). In: POZZI, Pablo; PÉREZ, Claudio. **Por el camino de Che. Las guerrillas latinoamericanas, 1959-1990**. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011. p.217

²⁵⁶ “Pautas...”, *op.cit.*, p.2

²⁵⁷ “[...] to revitalize and set into motion broad sectors of the people led by the working class so that, as they develop, the revolutionary social force can be constructed.” In: MIR. **The MIR and the tasks of the resistance**. California: Resistance Publication, 1976. p.87 (teve-se acesso direto na pesquisa a esta tradução para o inglês de documentos do MIR. Consulte-se também a compilação já citada, **Miguel Enríquez. Con vista a la esperanza**. *op. cit.* e outros documentos disponíveis no portal Archivo Chile.

²⁵⁸ MIR, *op.cit.*, p.89

Ao mesmo tempo, o elemento da repressão e violência - tão presentes nos primeiros anos da ditadura, sobretudo, pela DINA- impuseram ao MIR à questão da luta armada como meio necessário para retomar o poder dos trabalhadores e instaurar um governo revolucionário, tal como o partido cogitava desde a sua formação em 1965. Nesse sentido, a linha militar de massas tinha como objetivo “romper o ataque militar repressivo às massas e incorporar os setores operários mais extensos possíveis em diferentes formas de luta armada”²⁵⁹. Para tanto, criariam o exército popular revolucionário que, segundo o partido, seria capaz de confrontar o exército reacionário posto no Chile. As atividades militares do MIR seriam ainda, guiadas por três fatores, quais sejam: a capacidade militar real para ações, o espírito e consciência do movimento de massas e simultaneamente, às ações militares, a busca pelo renascimento e confiança dos trabalhadores.

Sob a consigna “el MIR no se asila”, os militantes e dirigentes do grupo tinham a orientação de permanecer no Chile e lutar a partir da clandestinidade. Assim, logo nos primeiros momentos da ditadura, a Comissão Política do MIR, liderada por Miguel Enríquez, passou a realizar balanços e lançar estratégias de resistência, ao passo que a Pinochet e a Junta consolidavam seu poder e bloqueavam a ação dos partidos de esquerda. No documento intitulado “Pauta del MIR para unir fuerzas dispuestas a impulsar la lucha contra la dictadura”²⁶⁰, de fevereiro de 1974, o grupo passou a considerar a necessidade de unir forças com outros grupos progressistas e de esquerda para impulsionar a luta contra a ditadura. Assim, setores da UP, do PDC e o MIR passaram a utilizar a tática de “Frente Política de Resistência”, que manteria as características e propagandas individuais de cada organização, mas direcionando para ações conjuntas.

A questão da forma de organização também entrou em pauta, pois o MIR pré-golpe já não era mais o mesmo e carecia reinventar-se para combater uma ditadura, que com o passar dos dias aprimorava suas técnicas de inteligência e repressão. Apesar disso, o partido não declinou da estratégia de massas, adaptada agora para a clandestinidade e semiclandestinidade. Assim, foram criados os Comitês de Resistência,

²⁵⁹ “to break the repressive military assault on the masses and to incorporate the most extensive workers sectors possible into different forms of armed struggle”. MIR, *op.cit.*, p. 95

²⁶⁰ ARCHIVO CHILE. “Pauta del MIR para unir fuerzas dispuestas a impulsar la lucha contra la dictadura”. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Miguel_Enriquez/doc_de_miguel/miguelde0008.pdf> Acessado em: dez. de 2018.

la estructura orgánica base que permitiría la reanimación del movimiento de masas. Estas organizaciones (los comités) tenían un carácter clandestino y fueron pensados como formas amplias de organización de masas, no sectarias, abiertas tanto a los militantes revolucionarios de izquierda como a los sectores de base de la DC y a los trabajadores sin partido, enfocándose así no solamente en los grupos más radicalizados o de avanzada. Además tenían por finalidad ‘revalorar los espacios territoriales hasta llegar a desarrollar “cordones de resistencia” por comunas, que coordinaran en el futuro las luchas antidictatoriales’.²⁶¹

A ideia era formar organismos de base, com até sete membros, que atuassem nas fábricas, universidades, bairros e em todos os locais em que houvesse oportunidades de reunião. Nesses espaços, os Comitês de Resistência buscariam reanimar o movimento popular e aproximar a população do MIR. Ao lado das organizações clandestinas estavam as organizações legais, que embora instrumentalizadas pela ditadura e suas diretrizes, poderiam ser pressionadas desde a base, conseguindo uma legitimidade do governo, demandas dos trabalhadores e, assim, abrindo um campo de ação para empregar organizações clandestinas de base como os Comitês. Por outro lado, grupos semi-clandestinos como o Comitê Pró-Paz, pertencente à Igreja juntamente com a comunidade judaica, mas próximos ao MIR, desempenharam a importante função de proteção e assistência aos sobreviventes e familiares de mortos e desaparecidos, demonstrando a importância de todas as formas de organização da resistência combatente.

Além das colocações acima sobre as formas organizativas do MIR, cabe algumas considerações sobre sua política militar e a propaganda armada naquela conjuntura ditatorial. Reivindicando defender os interesses das massas e sobreviver ao aumento da repressão, o emprego da luta e da propaganda armada procurava amparar, sobretudo, o aumento da confiança da população no caminho da resistência e na força do MIR. Em “O MIR e as tarefas da resistência”, o partido define a propaganda armada como “uma forma política de propaganda que assume uma importância especial quando o proletariado, as massas e a vanguarda política devem lutar contra a burguesia sob condições de intensa repressão.”²⁶² Além disso, ela cumpriria a função de auxiliar no desenvolvimento da consciência de classe e

²⁶¹ LOPEZ, Jose Leonel Calderón. **La política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) durante los dos primeros años de la dictadura militar (1973-1975)**. 2009. Santiago. Trabalho de Conclusão de Curso em História- Universidade de Santiago. p.104. Disponível em: <http://www.cedema.org/uploads/Calderon_Lopez.pdf> Acessado em: dez. de 2018.

²⁶² “Armed propaganda is a form of political propaganda which assumes special importance when the proletariat, the popular masses and the political vanguard must struggle against the bourgeoisie under conditions of intense repression.” MIR. *op.cit.*, p.106

organização. Essa forma de luta visando a romper o cerco repressivo, informativo e de exílio que a ditadura impôs à militância de esquerda seria respondida com a ampliação do terrorismo de Estado por parte do novo regime, convertendo o MIR em “terroristas” e “extremistas”, a serem temidos pelos setores mais conservadores da sociedade e procurados pelo aparato repressivo estatal. Prova disso, são as manchetes dos jornais do grupo *El Mercurio* de Agustín Edwards e do grupo *Copesa* liderado pelo empresário Álvaro Saieh, que seguidamente apresentavam as organizações resistentes à ditadura de maneira negativa. “Abatidos 16 extremistas”²⁶³, “Mirista caído era un alto dirigente. El verdadero nombre del terrorista era Augusto Carmona Acevedo”²⁶⁴ e “Seis miristas muertos en un enfrentamiento. Los mismos que asaltaron la escuela en Santiago y asesinaron a militar”²⁶⁵ são alguns exemplos trazidos pelo jornal de esquerda *The Clinic*, em 11 de setembro de 2018, para mostrar as notícias falsas fabricadas pelos periódicos apoiadores de Pinochet.

Antes mesmo de colocar em prática o plano de contingência, o MIR já havia sofrido perdas significativas. Em 13 de dezembro Carabineiros e efetivos do Exército sequestraram na paróquia dos Capuchinhos, em Santiago, Bautista Van Schouwen, médico e fundador do partido, junto de Patricio Munita, militante e estudante de direito. Torturados com extrema violência, ambos foram mortos, tendo o corpo de Van Schouwen desaparecido e o de Munita, entregue a sua família em 1974. De acordo com Amorós, a investigação realizada pela jornalista Nancy Guzmán apurou que as ordens partiram de Manuel Contreras, enquanto diretor da DINA.²⁶⁶ Esse evento marcou definitivamente Enríquez e os membros do MIR, pois significava que a morte era iminente e que todos deveriam estar preparados para as consequências do enfrentamento com o Estado de contra-insurgência. Nesse sentido, a clandestinidade ocupou espaço definitivo no cotidiano da militância de esquerda. Com Luis Corvalán do PCCh preso na Ilha Dawson e o socialista Carlos Altamirano exilado em Cuba, Miguel Enríquez passou a ser o dirigente de esquerda mais procurado do Chile.

Segundo Mario Amorós, o documento “A fortalecer nuestro partido”, elaborado em junho de 1974 pela Comissão Política para o Comitê Central e para as bases partidárias do MIR, demonstra que Miguel Enríquez sabia da existência da DINA. No referido texto, a

²⁶³ La Segunda, 24 de mayo de 1977. *The Clinic*, Año 19, nº763. Santiago, p.23

²⁶⁴ La Segunda, 9 de diciembre de 1977. *Id. Ibid.*, p.25

²⁶⁵ La Tercera, 20 de noviembre de 1975. *The Clinic*, *op.cit.*, p.13

²⁶⁶ AMORÓS, *op.cit.*, p.258

direção mirista apontava para dados alarmantes sobre as prisões realizadas pelo aparato repressivo da ditadura até aquele momento: “en tan solo nueve meses, casi la mitad de los integrantes de la Comisión Política y del Comité Central habían sido detenidos, asesinados o estaban desaparecidos”²⁶⁷ Poucos dias após a publicação dessas informações pelo MIR, a DINA é oficialmente instituída pelo Decreto-lei nº 512; entre agosto e setembro, 40 miristas foram presos, desses total, 36 mortos; em outubro, Miguel Enriquez é cercado e morto durante o embate com os agentes de Contreras.²⁶⁸

Certamente, a morte de Enríquez consistiu no mais duro golpe ao MIR desde a instauração da ditadura civil-militar. As prisões dos militantes ocorridas nos meses anteriores a outubro corroboraram para que a DINA encontrasse o dirigente e o assassinasse. Nesse contexto foram eliminados Modesto Segundo Espinoza Pozo, Francisco Javier Bravo Nuñez, Gloria Ester Lagos Nilsson, Hernán e Maria Elena González Inostroza, e outros tantos militantes levados para Londres 38, José Domingo Cañas, Tres e Cuatro Álamos, Villa Grimaldi.²⁶⁹ Em 05 de outubro de 1974, na rua Santa Fé e após torturar em José Domingo Cañas a militante Cecilia Jarpa, que tentou, com informações falsas, despistar os agentes da DINA sobre o paradeiro de Enríquez, Krassnoff, Moren Brito e Romo partiram para uma busca que resultaria em um cerco militar. Na tentativa de proteger sua companheira Carmen Castillo, que estava grávida, o dirigente resistiu por algumas horas, mas acabou morrendo em combate.²⁷⁰

A partir desse momento, as condições de luta e resistência tornaram-se mais difíceis. Não apenas pela morte de uma liderança significativa como Enríquez, mas também pela soma das perdas ligadas ao MIR, o resultado dos primeiros embates desfavorecia o movimento de resistência. O medo, o choque, buscaram neutralizar os métodos de organização do grupo que não tardou a sofrer outros duros ataques em 1975 com a chamada *Operación Colombo* e com a morte de Edgardo Enríquez, irmão de Miguel, preso na Argentina e assassinado no Chile no

²⁶⁷ AMORÓS, *op.cit.*, p.264

²⁶⁸ SALAZAR, *op.cit.*, p.145.

²⁶⁹ Informe Rettig Tomo II, *op.cit.*

²⁷⁰ Ver a esse respeito o documentário *Calle Santa Fé*, narrado pela militante e ex-companheira e sobrevivente, Carmen Castillo.

marco do Plano Condor.²⁷¹ Ainda assim, o MIR, assim como outras organizações chilenas, seguiria atuando na clandestinidade na luta contra a ditadura.

²⁷¹ Em 10 de abril de 1975, Edgardo Enríquez, junto da brasileira Regina Marcondes, foi preso no centro clandestino do Exército argentino. Nesse momento, a partir do sistema telex Condor, a Inteligência argentina entra em contato com a DINA para avisar que Edgardo estaria à disposição dos agentes chilenos. Segundo John Dinges, a Inteligência estadunidense acompanhou de perto a captura do mirista, que teve sua morte anunciada em documentos confidenciais dos EUA, no dia 07 de maio. Para os militares, Edgardo Enríquez representava a liderança da resistência e sua captura significava o fim da “aparência de infra-estrutura confiável do MIR e da JCR [Junta Comunista Revolucionária] na Argentina”. Ver DINGES, *op.cit.*, p.215-216.

Capítulo 3. “Se torturó en la DINA? Jamás di una orden de torturar”²⁷²: Os centros clandestinos de detenção

Um dos principais elementos dos regimes ditatoriais do século XX, a repressão esteve presente na América Latina como símbolo de poder e demonstração de força dos líderes militares, que através de mecanismos específicos de violência tentaram desmobilizar o “inimigo”, utilizando-os como exemplo para a sociedade. Compreendendo que “não há poder sem repressão, mas, mais do que isso, é possível afirmar que a repressão é de fato a alma do poder”²⁷³, os centros clandestinos de detenção aparecem no contexto chileno, argentino e das demais ditaduras do Cone Sul, como o local específico para as sistemáticas violações dos direitos humanos em sua forma mais crua. Ainda segundo Pilar Calveiro,

A existência dos campos de concentração/ extermínio deve ser compreendida como uma ação institucional, e não como uma aberração, fruto de um punhado de mentes doentias ou de homens monstruosos; não se tratou de excessos nem de atos individuais, mas de uma política repressiva perfeitamente estruturada e regulada a partir do próprio Estado.²⁷⁴

Assim, tendo visto as formas de organização e atuação da *Dirección de Inteligencia Nacional* enquanto principal braço repressivo do Estado em território chileno e no exterior é necessário apresentar alguns dos centros de detenção clandestinos utilizados por essa instituição a fim de compreender sua lógica e dinâmica dentro da ditadura chilena. Os centros apontados a seguir buscam evidenciar a dimensão do poder da DINA, as estratégias na escolha da localização de cada espaço, a sistematização do desaparecimento e da morte, “expresión más perfecta y siniestra del terrorismo de Estado, constituyendo a la vez la violación de derechos humanos más flagrante y global que se conozca.”²⁷⁵

Os casos descritos a seguir exemplificam o que milhares de opositores à ditadura tragicamente vivenciaram. Segundo a Comissão Nacional sobre Prisão Política e Tortura, a partir do Informe Valech, foram descobertos 1.132 recintos por todo o país, empregados como

²⁷² ARCHIVO CHILE. Entrevista com Manuel Contreras, chefe da DINA, concedida à Nancy Guzmán para “La Semana de Comlombia”. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/org_repre/DMorgrepre0015.pdf> Acessado em: dez. de 2018.

²⁷³ CALVEIRO, Pilar. **Poder e desaparecimento**. São Paulo: Boitempo, 2013. p.37

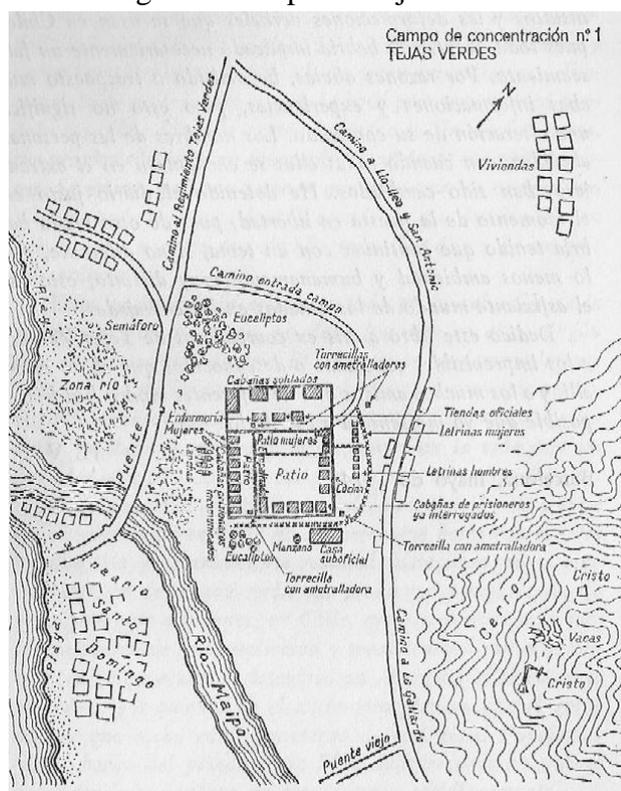
²⁷⁴ CALVEIRO, *op.cit.*, p.127

²⁷⁵ BALLESTEROS, Elías Padilla. **La memoria y el olvido**. Santiago: Orígenes, 1995. p.25 Disponível em: <<http://www.luisemiliorecabarren.cl/files/libro%20E.Padilla.pdf>> Acessado em: out. de 2018.

locais de detenção.²⁷⁶ Levando em conta os centros clandestinos de detenção como a expressão de um projeto mais amplo em que o terror foi aplicado em todas as suas formas, passa-se a compreender a razão de sua existência e as implicações disso nos corpos e mentes das vítimas.

3.1. Tejas Verdes e Rocas de Santo Domingo - o começo

Figura 2 - Mapa de Tejas Verdes



Fonte: Memoria Viva. Ex-centro clandestino Tejas Verdes. Disponível em:
< http://www.memoriaviva.com/Centros/05Region/tejas_verdes.htm >

O 2º Regimento de Ingenieros Militares de Tejas Verdes ou simplesmente *Tejas Verdes* marcou o início das operações da *Dirección de Inteligencia Nacional* após o golpe de Estado no Chile. Ainda em 1973, agentes da DINA foram levados para o quartel com o objetivo de receber treinamento e operar clandestinamente. Espaço de adestramento, esse

²⁷⁶ Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (Informe Valech). Capítulo VI: Recintos de Detención. Disponível em: <<http://www.fasic.org/dumentos/Capitulo%206.pdf>> Acessado em: dez. de 2018.

local também serviu como “protótipo das instalações de tortura e execução da DINA.”²⁷⁷ Conforme indica o livro de Javier Rebolledo sobre a origem do extermínio no Chile,

Ahí están los primeros registros del ‘destino final’ de los detenidos. Antes de que se iniciara la Caravana de la Muerte, ahí Contreras ya estaba ejecutando. Antes de que se supiera de desaparecidos, ahí Contreras ya estaba desapareciendo gente, y antes de que se hablara de métodos rebuscados de tortura, ahí el probó de todo.²⁷⁸

Após a vitória de Salvador Allende, foram criados balneários populares com a finalidade de abrigar famílias de trabalhadores em períodos de férias. Em Rocas de Santo Domingo, pertencente à região de San Antónío, os membros associados à Central Única de Trabajadores (CUT) desfrutavam com suas famílias os meses de verão. Naquele lugar, posteriormente ao golpe de Estado e a devastadora repressão na região, Manuel Contreras Sepúlveda ordenou sua expropriação, unindo o Regimento e as cabanas num único espaço. O Regimento de Tejas Verdes contava com Cassino e em seu subterrâneo, uma sala de torturas. Ao lado, as 14 cabanas divididas para homens e mulheres passaram a ser cercadas por quatro torres de vigilância. Enquanto em Tejas Verdes se efetuavam os interrogatórios e as torturas, em Rocas de Santo Domingo os presos eram mantidos encarcerados.

Chegados ao campo, - que chegara a contar com 100 pessoas ao mesmo tempo, segundo o Informe Rettig²⁷⁹- os presos políticos eram enviados às cabanas compartilhadas com outros 15 a 20 detentos, de onde saíam apenas para os interrogatórios. Transportados por caminhonetes frigoríficas, cedidas pela empresa pesqueira Arauco²⁸⁰, eram levados à Escola vendados ou encapuzados, iniciando-se nesse momento a tortura que se agravaria mais tarde. Choques elétricos em todo o corpo, golpes, abusos sexuais são algumas das violações dos

²⁷⁷ KORNBLUH, *op.cit.*, p.169

²⁷⁸ ROBOLLEDO, *op.cit.*, p.27

²⁷⁹ Informe Rettig, *op.cit.*, p. 99

²⁸⁰ A empresa pesqueira Arauco Limitada e empresa pesqueira Chile Limitada eram filiais da *Corporación de Fomento de la Producción* (CORFO) e do Banco do Estado do Chile, que passaram a ser administradas e dirigidas pela DINA. Seus diretórios foram assumidos por membros das forças armadas e civis que atuavam em prol da ditadura. A partir dessa empresa, a DINA recebeu apoio logístico para desaparecer pessoas. Segundo um trabalho realizado pelo Centro de Memória Londres 38 sobre os padrões de desaparecimento de pessoas, existem ainda teorias de que os fornos da pesqueira foram utilizados para desaparecer cadáveres. Cf. LONDRES 38. Antecedentes para la investigación de patrones criminales en la desaparición de personas desde el recinto clandestino de detención ubicado en Londres 38, 2016. p.16 Disponível em: <http://www.londres38.cl/1934/articles-98405_recurso_1.pdf> Acessado em: dez. de 2018.

direitos humanos sofridas pelos presos políticos e outros que não possuíam vínculo político, como aponta o Informe Rettig.²⁸¹

Além de centro clandestino de detenção e tortura, esse complexo ocupado pela DINA serviu de escola para os agentes recém adidos à instituição. O papel de chefe de Tejas Verdes, assim como da DINA de Contreras, que auxiliado por militares como Mario Alejandro Jara Seguel – braço direito de “Mamo” Contreras na Escola de Engenheiros -, Miguel Kassnoff, Ingrid Olderock, Marcelo Moren Brito, Cristian Labbé, Pedro Espinoza e outros, desenvolveu diversos cursos, entre eles sobre Inteligência, guerrilha, defesa pessoal e tortura, do qual faziam parte os próprios presos em demonstrações realizadas pelos instrutores torturadores. Em contato com agentes da CIA, Contreras teve acesso a vários manuais de polícias secretas das quais a agência estadunidense ajudou a criar. São exemplos a KCIA, da Coreia do Sul, Savak no Irã e o Serviço Nacional de Inteligência (SNI), no Brasil.²⁸²

A partir de esse momento, el encuentro en las calles de San Antonio con agentes que iban a Santo Domingo a hacer el curso de instrucción en las cabañas de la CUT se hizo común. Se decía que ahí estaban formando gente para trabajar en el plan de inteligencia del teniente coronel Contreras [...] Llegaban en verdaderas manadas, arriba de buses. Sin el uniforme, pero con el rótulo en la frente: afuerinos.²⁸³

O período de preparação dos agentes durou até fevereiro de 1974, quando foram divididos em brigadas e espalhados pelo território chileno como se observou no capítulo referente à estrutura da DINA. Apesar de grande parte dos agentes terem sido remanejados para outros recintos clandestinos, Tejas Verdes continuou sendo um local de prisão e tortura como corrobora Salazar a partir de uma série de testemunhos, judicialmente concedidos ao ministro Alejandro Solís.

(...) se encuentra legalmente acreditado en el proceso que Nelly Patricia Andrade Alcaíno fue detenida el 27 de enero de 1974, en la comuna de Estación Central, por dos agentes de la DINA y fue trasladada al recinto de calle Londres n° 38, en el cual permaneció una semana y fue torturada en diversas ocasiones; luego fue trasladada al campo de prisioneros ubicado en el recinto del Regimiento de Ingenieros Militares de Tejas Verdes, en la comuna de San Antonio, donde fue dejada en el campamento de detenidos de esse recinto. Una semana más tarde comenzó a ser torturada en el subterráneo del casino de oficiales, privándosele de la visión al ponerle una capucha en la cabeza: sufrió las siguientes torturas físicas: a) La parilla

²⁸¹ Informe Rettig. *op.cit.*, p.76

²⁸² SALAZAR, *op.cit.*, p.84

²⁸³ REBOLLEDO, *op.cit.*, p.139

(descargas eléctricas en las partes mas sensibles del cuerpo), b) “pau de arara” (en que es obligada a encogerse, flexionar las piernas y abrazarlas, se le pasa una varilla entre las rodillas dobladas y los codos y se le aplica electricidad); c) “El telefono” (golpes simultáneos con las palmas de las manos sobre los oídos); d) golpes en diferentes partes de su cuerpo con elementos contundentes; e) desnuda y amarrada sobre una camilla le colocaban arañas en su cuerpo; f) en una oportunidad la obligaran a colocarse un arma de fuego en la boca y apretar el gatillo; g) Le tocó presenciar la violación tanto de hombres y mujeres. Finalmente fue liberada en los primeros días de marzo de 1974. Presenta psicológicamente un fenómeno fóbico secular a los hechos vividos en 1974 y un estado ansioso atual.²⁸⁴

Segundo o Informe Valech, até o ano de 1976, Tejas Verdes manteve o fluxo de presos vindos de todas as partes do país, especialmente, de outros recintos da DINA.²⁸⁵ Ainda se desconhece o número de pessoas que passaram por esse lugar, bem como a dimensão dos crimes cometidos. No entanto, das informações obtidas pelos sobreviventes e dos próprios agentes em querelas judiciais, é possível afirmar que, diferentemente de outros centros clandestinos, Tejas Verdes se valeu da localização privilegiada próxima ao Aeródromo em Tobalaba- ocupado pelo Comando de Aviação do Exército desde os primeiros instantes do golpe de Estado- para sistematizar uma das práticas mais cruéis da ditadura: os voos da morte.

Ao longo dos anos se especulou o destino dos desaparecidos no Chile, sobretudo aqueles sequestrados pela DINA. Em 2003, a investigação iniciada pelo juiz Juan Guzmán esclareceu crimes cometidos contra, pelo menos, 400 vítimas. Segundo os testemunhos de doze mecânicos dos helicópteros *puma* provenientes do Exército, parte desses presos foi jogada no oceano. Entre 1974 e 1978, houve ao menos 40 vôos da morte, sendo jogados aproximadamente 15 corpos em cada vez. O procedimento consistia em

antes de que el helicóptero despegara del aeródromo de Tobalaba, entonces sede del Comando de Aviación del ejército, los mecánicos recibían la orden de sacar la veintena de asientos del *puma* y el depósito de combustible adicional. El helicóptero despegaba en dirección a los terrenos militares de Peldehue con sólo un piloto, un copiloto y un mecánico a bordo; allí les aguardaban dos o tres camionetas custodiadas por agentes de la DINA vestidos de civil, que trasladaban los cadáveres amarrados con alambre a un riel y envueltos en sacos. Normalmente la nave se dirigía a la costa de la Quinta Región y a la altura de Quinteros se dirigía mar adentro, donde el piloto ordenaba a los agentes que iniciaran el lanzamiento de los cuerpos a través de las escotillas situadas en el centro y la popa.²⁸⁶

²⁸⁴ SALAZAR, *op.cit.*, p.99

²⁸⁵ Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (Informe Valech). p. 310 Disponível: <<https://www.bcn.cl/bibliodigital/dhisto/lfs/Informe.pdf>> Acessado em: dez. de 2018.

²⁸⁶ AMORÓS, *op.cit.*, p.19

Dessa maneira, Tejas Verdes marcou o início do treinamento e sofisticação das práticas violentas empreendidas pelos agentes de Contreras durante toda a existência da DINA. Como se poderá observar, existiram outros espaços destinados ao confinamento de prisioneiros políticos, onde sistematizaram a tortura, tornando-a comum a todos os centros clandestinos e conseqüentemente, às memórias daqueles passaram pelas experiências traumáticas da ditadura. Certamente, a DINA não se limita à prática da tortura, mas essa dimensão da sua atuação é esclarecedora do ponto de vista de suas capacidades e objetivos, que extrapolavam a questão da investigação, inteligência, informação e controle, atingindo o mais alto grau de violação dos direitos humanos, a decisão entre quem vive e quem morre.

3.2. Londres 38 e Cuartel Ollagüe – o cárcere dos miristas

A casa da rua Londres, nº 38²⁸⁷, anteriormente sede da direção do Partido Socialista chileno e hoje Londres nº 40, foi um recinto clandestino de detenção localizado no centro de Santiago, onde funcionou um dos “escritórios” da DINA a partir de 1973 até setembro de 1974.²⁸⁸ Mediante o Decreto Supremo nº 964 de novembro de 1978, assinado por Augusto Pinochet, o imóvel foi expropriado e transferido ao Instituto O’Higiniano- organismo associado ao Exército chileno, financiado pelo Estado e dirigido por Washington Carrasco até 2006. Nesse mesmo ano foi declarado Monumento Nacional e se iniciou uma batalha judicial para transformá-lo em espaço de memória. Além disso, durante a ditadura esse prédio recebeu uma numeração diferente como forma de apagar seus rastros, assim qualquer possível reconhecimento levaria a um local inexistente.

Nos momentos iniciais do funcionamento deste recinto como parte do aparato repressivo da DINA, a permanência dos presos variava entre dois e dez dias, quem sobrevivia

²⁸⁷Cuartel Yucatán para os militares. Segundo os relatos concedidos à Comissão Valech esse recinto era conhecido também como “la casa del terror”, “Palacio de la Risa” e “Casa de las campanas”, em função de sua localização próxima a Igreja de São Francisco e o toque dos sinos ouvidos pelos presos. Além disso, Londres 38 ficou conhecida como “La silla”, devido a forma como os presos eram mantidos, “con los ojos vendados, amarrados de pies y manos, sentados en una silla día y noche.” In: Informe Valech, *op.cit.*, p.442

²⁸⁸ Dentre os diversos locais pertencentes à DINA, um dos mais relevantes foi seu quartel general localizado na rua Republica, nº 510, na antiga faculdade de Economia.

nesse local era levado a Tejas Verdes ou ao Estádio do Chile – locais caracterizados como verdadeiros campos de concentração. Mais tarde, o período de detenção se tornou mais amplo. E aos recintos clandestinos para onde eram transferidos os presos foi acrescido Cuatro Álamos, centro clandestino de detenção dentro de Tres Álamos.

Assim como no 2º Regimento de Engenheiros, com os olhos vendados, os presos políticos eram transportados em carros frigoríficos. Em sua chegada, eram fichados e levados a pequenas salas, onde eram mantidos com as mãos e pés amarrados durante dias e noites. Retirados desses pequenos espaços, eram levados ao segundo ou terceiro andar para serem interrogados. Segundo o Informe Valech e os relatos de testemunhas, as torturas sofridas pelos presos políticos eram brutais.²⁸⁹ Além de mantê-los nus, os agentes da DINA privavam os detentos de comida e água, submetendo-os constantemente a interrogatórios e torturas que variavam entre: pau de arara, submarino seco e molhado, choques elétricos, queimaduras com cigarro, roleta russa, ingestão de drogas, entre outras. Eram ainda forçados a presenciar e ouvir as sessões de tortura de outros presos, a sofrer abusos sexuais, manipulação psicológica, ameaças e simulações de fusilamento, violações características do *modus operandi* da DINA. De acordo com o testemunho de Raimundo Elgueta Pinto, ex-membro do MIR e sobrevivente que não figura no Informe Valech-,

En Londres 38 fui torturado diariamente, con excepción del domingo que en aquella época era todavía descanso obligatorio, mediante golpes de puños y pies y aplicación de corriente eléctrica sentado en una silla, acostado en la “parrilla” o colgado de una barra metálica. El método principal consistió en la aplicación de corriente eléctrica en la “parrilla”, para lo cual era obligado a desnudarme, me ataban de manos y pies al catre metálico, me conectaban cables a los dedos de las manos y de los pies y también al pene y/o testículos y dejaban un cable “volante” que aplicaban en diferentes partes del cuerpo. Las “sesiones” tuvieron duración variable, algunas muy prolongadas y otras muy breves, y generalmente eran conducidas por Reyes Zapata y Romo Mena, aunque recuerdo que en una ocasión fui interrogado y torturado directamente por Moren Brito y en otra ocasión fui interrogado, sin tortura, directamente por Krassnoff Martchenko.²⁹⁰

De acordo com Manuel Salazar, há diversos estudos realizados ao longo dos últimos 35 anos que indicam que em Londres 38 operaram pelo menos oito brigadas, cada uma composta por sete a quinze agentes de acordo com as necessidades nas operações

²⁸⁹ Informe Valech, *op.cit.*, p.442

²⁹⁰ Testemunho de Raimundo Elgueta Pinto concedido à Fundação Presidente Allende. Disponível em: <http://www.londres38.cl/1937/articles-82025_recurso_1.pdf> Acessado em: nov. de 2018.

repressivas.²⁹¹ Na fala de Raimundo Elgueta, é possível atestar a atuação de pelo menos uma delas, Caupolicán e seu grupo operativo Falcão. Já no relato de Mario Irrázabal, ex-sacerdote e escultor se verifica até mesmo a atuação de um agente estrangeiro, revelando o aspecto da cooperação entre os aparatos repressivos do Cone Sul em diversas esferas, sendo uma delas os recintos clandestinos de detenção e tortura:

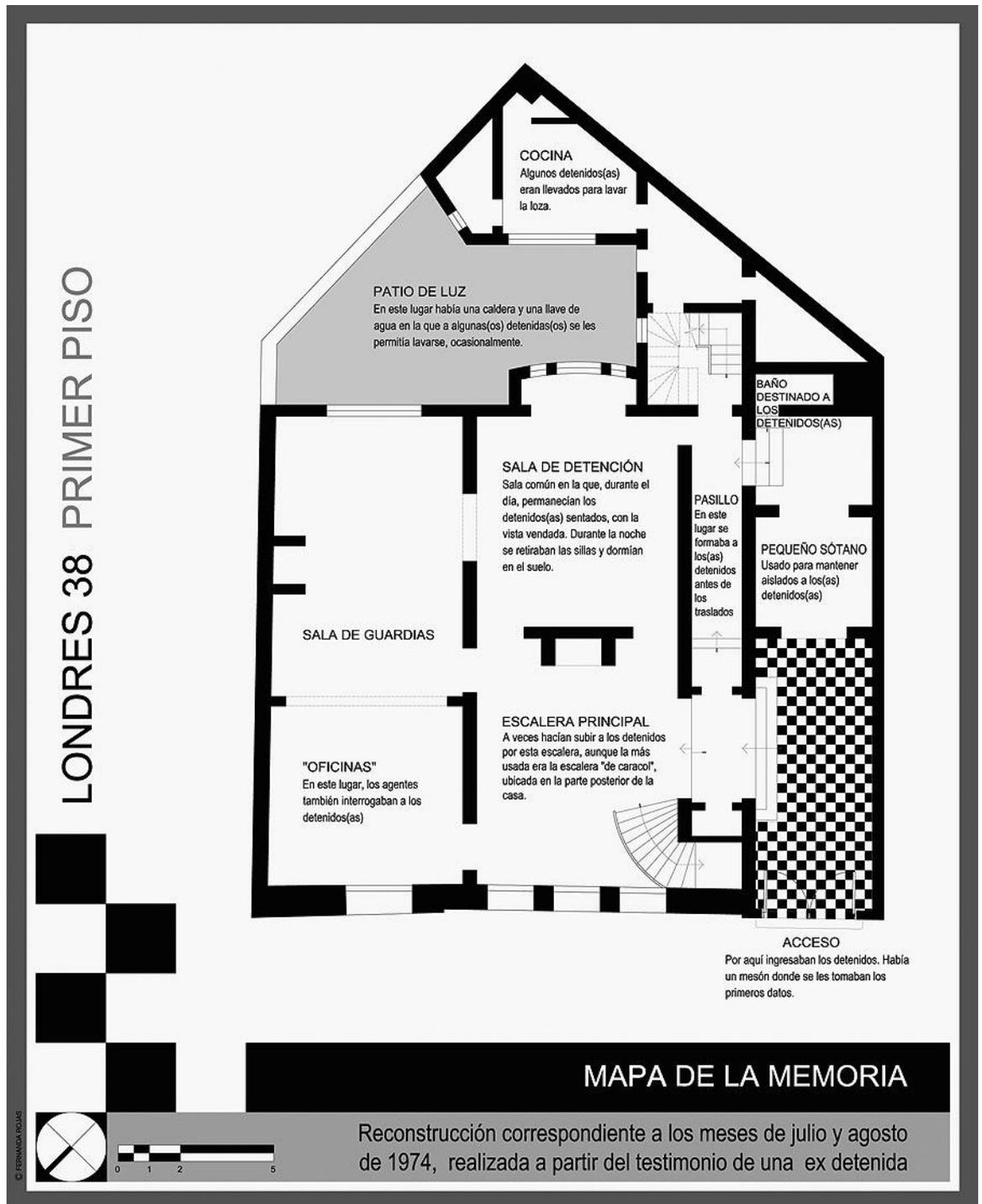
En calle Londres dormíamos tirados en el suelo de un baño con baldosas y urinarios malolientes. Siempre vendados y esposados de a dos. Dormíamos apilados y recuerdo una vez el de al lado empezó a moverse extrañamente. Yo lo rechacé brusco y no insistió. Eso de dormir es un decir, porque no sabíamos cuando era de noche o de día, y eso nos desorientaba. Cuando “dormíamos” nos despertaban continuamente. Entre el “personal” había un argentino y otro brasileiro. Una vez escuché que dos agentes discutían. Uno le decía al otro: “cuidado cabrito que si no te portas bien te devolvemos de donde te sacamos”. Quizás se trataba de un lumpen, a quien le habían ofrecido un trabajito. Pareciera que al tercer día mi estado psicológico era tal que comencé a tener alucinaciones. Esto era muy temido. Se me ocurrió que todo esto era una simple imaginación, y que debía pararme, partir y dejar el recinto. Fuera de asustarme, estas cosas me hicieron después reflexionar de que la tortura brutal era innecesaria, ya que una persona se quiebra fácilmente sólo por la situación vivida. Recuerdo que pasaba hambre. Nunca sabía cuándo comería algo. Sin embargo, los guardias nos hacían ver que comían bien. Un buen día después de un eterno ayuno, nos sirvieron un rico flan. ¿Era parte del tratamiento? Así como se turnaban los buenos y malos agentes. O quizás era parte del proceso de gradual distensión antes que nos mandaran a otro lugar. El último día (recuerdo) ya no hubo interrogatorios y se sentía cierto relaxo.²⁹²

O espaço descrito por Irrázabal e outros sobreviventes pode ser compreendido através das plantas baixas do prédio disponibilizadas pelo centro de memória hoje lá instalado. Através de uma reconstituição que contou com o depoimento de uma ex-detenta, foi possível chegar à representação abaixo.

²⁹¹ SALAZAR, *op.cit.*, p.135

²⁹² Testemunho de Mário Irrázabal. Disponível em: <http://www.londres38.cl/1937/articles-82941_recurso_1.pdf> Acessado em: nov. de 2018.

Figura 3 - Planta baixa do antigo recinto clandestino Londres 38





Fonte: Londres 38. Planos de la casa y usos de los espacios interiores. Disponível em:
< <http://www.londres38.cl/1934/w3-article-82962.html> >

Ao longo dos dez meses de funcionamento, 98 pessoas presas em Londres 38 foram assassinadas ou feitas desaparecer. Este local caracterizou-se, sobretudo, pela perseguição aos integrantes do MIR. E, apesar do extremo rigor no tratamento dos presos, o contato entre eles propiciou a rápida troca de informações e o reconhecimento de militantes que passaram por lá, como María Cecilia Labrín Saso, Mauricio Edmundo Jorquera Encina, Sonia de las

Mercedes Bustos Reyes, Ismael Dário Chavez Lobos e outros tantos nomes. A principal ofensiva ao partido começou em 20 de maio de 1974 com a prisão de Álvaro Modesto Vallejos Villagrán, “El Loro Matías”. Nos dias seguintes, junto com Vallejos caíram Jorge Grez Aburto, codinome “Conejo”, e Agustín Reyes González, “El gato” ou “Aníbal”. Todos eles possuíam importante papel dentro dos Grupos Políticos Militares (GPM)²⁹³. Segundo um documento desclassificado estadunidense datado de agosto de 1974, no qual o principal tema tratado eram as alegações de deterioração da situação dos direitos humanos no Chile, dois centros de interrogatório/tortura – Academia da Força Aérea e Londres 38 – estavam “mais cheias do que nunca”²⁹⁴

É relevante destacar que a ditadura negou veementemente a existência de Londres 38, tentando afastar as suspeitas de violações dos direitos humanos cometidas pelo Estado e denunciadas pelos sobreviventes já naquele período. Ao final de 1974, Londres 38 foi substituída por outros centros de detenção como Villa Grimaldi e José Domingo Cañas, para onde foram direcionados os presos políticos outrora ali encarcerados. Localizado em Nuñoa, na rua José Domingo Cañas nº1367, o ex- Quartel Ollagüe foi instaurado na casa em que sociólogo brasileiro Theotonio dos Santos fora proprietário. Tendo em vista a circunstância do golpe, o intelectual cedeu sua residência à Embaixada do Panamá, abrigando aproximadamente 400 asilados. A movimentação na região despertou a atenção da DINA e seus agentes, não apenas pela existência de uma residência diplomática, mas porque seus arredores também configuravam redutos de trabalhadores e miristas.²⁹⁵

Seguindo a linha de expropriações de prédios públicos e privados realizadas pela DINA, a residência em José Domingos Cañas passou a se chamar Cuartel Ollagüe em agosto de 1974.²⁹⁶ Esse local que outrora acolhia quadros da esquerda, converteu-se em local de cárcere clandestino, “y se los interrogaba y torturaba de acuerdo a métodos muy similares a

²⁹³ Os GPM consistiam em estruturas de quadros revolucionários profissionais, distribuídos territorialmente e vinculados às diferentes frentes de massas do partido: nas periferias (poblacional), no setor estudantil, dos trabalhadores e campesinos. Os GPM por sua vez davam origem aos Comitês Regionais (CR), um nível de organização e direção intermediária que servia de ponte na comunicação com o Comitê Central (CC), órgão mais importante de direção. Ver LÓPEZ, *op.cit.*

²⁹⁴ “two interrogations/torture centers in greater Santiago, Air Force War Academy and apartment in calle Londres 38, are ‘busier than ever.’” In: U.S Departmente of State – Freedom of Information Act. Alleged deterioration of human rights situation. August 29th, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/9aa6.PDF>> Acessado em: nov. de 2018.

²⁹⁵ URIARTE, *op.cit.*, p.15

²⁹⁶ Fundación 1367 Casa Memoria José Domingo Cañas. Disponível em: <<http://www.josedomingocanas.org/>> Acessado em: mar. de 2019.

los descritos para los otros recintos”.²⁹⁷ Assim como em Londres 38, local que veio a ser substituído por Ollagüe, havia um pequeno cômodo de aproximadamente 1x2m² e sem ventilação, onde chegou a serem mantidos dez presos em precária situação, submetidos a violência psicológica e física.

Figura 4 - Fundación 1367 Casa Memoria José Domingo Cañas



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

O primeiro chefe do quartel Ollagüe foi o capitão dos Carabineros e liderança da Brigada de Inteligencia Metropolitana, Ciro Torr , logo substituído pelo capit  do Exército e membro da brigada repressiva Caupolicán, Francisco Ferrer Lima. Ambos passavam pela fiscaliza o do Major Marcelo Moren Brito, que de Villa Grimadi se deslocava diariamente a José Domingo Cañas para dirigir e organizar o trabalho realizado pelos agentes. Os grupos operativos seguiram funcionando como em Londres 38: grupo Falcão, dirigido por Miguel Krassnoff;  guia, por Ricardo Lawrence; e Tucano, por Gerardo Godoy.

A maioria dos prisioneiros, que foram sequestrados e levados para Domingo Cañas pertencia, sobretudo, ao MIR. Suas prisões coincidiram com o momento de desenfrada busca por Miguel Enriquez, secretário geral e a principal liderança do partido. Nesse sentido,

²⁹⁷ Informe Rettig., *op.cit.*, p.735

destaca-se a violência e a ferocidade com a qual foram realizadas as detenções e sessões de tortura, tendo resultado na morte e desaparecimento de 45 pessoas, entre elas quatro mulheres grávidas e outros tantos jovens estudantes e trabalhadores. Entre as torturas mencionadas pelos detidos estão chutes e socos, choques elétricos, estupros, simulações de fuzilamento, queimaduras e outras tantas torturas psicológicas.

Um dos primeiros detidos desaparecidos no quartel Ollagüe, capturado em 5 de agosto de 1974, foi Mauricio Jorquera Encina, conhecido como “El Chico Pedro”, que aos 19 anos estudava sociologia na Universidad de Chile e se mostrava de grande valor para a DINA, pois além de ter sido chefe do setor estudantil do MIR e membro do Grupo Político Militar 5 (GPM5), era amigo de vários nomes importantes do partido, tais como José Carrasco, Máximo Gedda, Juan Chacón, entre outros. Dias depois, assim como Muricio, Newton Morales Saavedra e Carlos Salcedo Morales também foram detidos. Agentes de outras brigadas encarregaram-se da prisão de outras militantes ligados a outras áreas de atuação do MIR, como o caso de Modesto Espinoza Pozo, dirigente sindical da *Corporación de la Vivienda* e integrante da *Frente de Poladores del MIR*. Desse modo, Krassnoff e os demais integrantes da brigada Falcão tentavam, de todas as formas, cercar a direção e membros estratégicos com o objetivo de eliminar a resistência, que consistia na mais significativa oposição armada à ditadura.

Caso emblemático ocorrido nesta prisão clandestina foi o de Maria Alicia Uribe Gómez, mirista e conhecida por “Carola”, que cedendo à violência imprimida em seu corpo, sucumbiu, passando a colaborar com a DINA²⁹⁸. Segundo aponta Manuel Salazar, Maria Alicia declarou anos mais tarde à justiça que estando em José Domingo Cañas com os olhos vendados, conversou com um “señor de trato duro pero no grosero”²⁹⁹, que lhe peruntou suas motivações para fazer parte do MIR. Ainda conforme essa declaração, a jovem afirma não ter sido mais torturada após a dita conversa e soube ainda que o tal homem se tratava de Manuel Contreras, com quem continuou mantendo contato, tendo em vista a posição que passou a ocupar.

²⁹⁸ O caso de Carola também se repetiu com outros militantes, tendo maior destaque os casos de Luz Arce Sandoval, “Gloria” e Marcia Merino Vega, “La flaca Alejandra”, ambas convertidas em agentes dos quartéis Terravova em colaboração com o Cuartel Ollagüe.

²⁹⁹ SALAZAR, *op.cit.*, p.145

De acordo com Sady Uriarte, desapareceram em José Domingo Cañas 57 pessoas das 250 que por ali passaram, além do caso de execução de Lumi Videla, que teve seu corpo jogado em frente à Embaixada italiana. Em um documento desclassificado do Departamento de Estado estadunidense, em que cita a denúncia realizada por Andrés Pascal Allende – dirigente do MIR– sobre a morte de Lumi Videla e de seu noivo, ficam claros o envolvimento da DINA, a ciência dos fatos pelos miristas e pelos EUA e ainda, a forma como a militante e sua família foram agredidas:

[...] Segundo MIR, [Lumi] Videla era um membro de seu Comitê Central. Ela foi presa pela DINA em 21 de setembro, dia em que a DINA também supostamente prendeu seu filho de 5 anos de idade e a sua avó. Em 22 de setembro, de acordo com o MIR, o marido de Videla, Sergio Perez Molina também foi preso. A carta reivindica que Videla foi “selvagemente torturada” e estuprada. E seu marido, filho e mãe torturados. Como resultado o marido faleceu. O MIR sustenta isso como vingança e aviso ao MIR por ferir um oficial da DINA no tiroteio em que o líder do MIR, Claudio Rodriguez, morreu. DINA matou Videla e jogou seu corpo na residência italiana cedo da manhã do dia 3 de novembro. 3: Comentário: a carta chegou a nós a partir de uma fonte confiável, e estamos inclinados a considerar esse um documento original do MIR. A versão do MIR sobre a história de [Lumi] Videla possui certa plausibilidade, dada a reputação da DINA e a coincidência com a morte de Rodriguez. Isto também está nas mãos de um correspondente estrangeiro que está cobrindo essa história, o que pode muito bem ser aproveitado pelos críticos internacionais como mais uma prova de violação dos direitos humanos do governo do Chile. Propper.³⁰⁰

Conforme Uriarte, “Las torturas de Cuartel Ollagüe han sido descritas con estupor y vergüenza por los jueces de la Republica”.³⁰¹ Choques elétricos em todas as partes do corpo, queimaduras com cigarro e líquidos quentes, simulações de fuzilamento e pernas fraturadas por atropelamentos são alguns dos exemplos da violência física e psicológica produzidas nos presos de Ollagüe, tal como todo o espaço por onde passaram as brigadas da DINA.

³⁰⁰“According MIR, [Lumi] Videla was a member its Central Commitee. She was arrested by DINA Sept 21. On same day DINA also allegedly arrested her 5-year-old son and her grandmother. On Sept 22, according MIR, Videla’s husbuand Sergio Perez Molina was also arrested. Letter claims Videla ‘savagely tortured’ as result of whisch husband died. MIR maintains that in revenge and warning to MIR for wounding of DINA officer in gunfight in which MIR leader Claudio Rodriguez died Nov.2 (Santiago 6671), DINA killed Videla and dumped her body in Italian redisence early morning Nov.3. 3) Comment: Letter came tu us from credible source, and we inclined consider it genuine MIR document. MIR version of Videla story has certain plausibility, given reputation of DINA and coincidence of timing with Rodriguez death. It is also in hands of foreign correspondent who is contemplating story on it, which might well be seized upon by international critics as further evidence GOC violation of human rights.” In: U.S Department of State – Freedom of Information Act. Development in Italian Embassy body case, November 21th, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print533.pdf>> Acessado em: nov. de 2018.

³⁰¹ URIARTE, *op.cit.*, p.16

3.3. La Venda Sexy ou *Discothèque*

Figura 5 - Antigo recinto clandestino Venda Sexy



Fonte: Memória Viva. Disponível em:

< https://www.memoriaviva.com/Centros/00Metropolitana/Recinto_DINA_vendaSexy.htm >

Criada simultaneamente ao Cuartel Ollagüe, *La Venda Sexy*, localizada na rua Irán nº 3037, na comuna de Macul em Santiago - bairro residencial e afastado do centro da cidade – ficou conhecida entre os presos políticos pelas torturas e violência sexual perpetradas pelos agentes da DINA. O nome cunhado pelos militares é desconhecido. Assim como Ollagüe, o centro de detenção na rua Irán funcionava onde fora uma residência familiar, mas nesse caso sem ter passo pelo processo de expropriação pelo Estado como outros prédios, sendo alugada pelo tenente dos Carabineiros Miguel Hernández, para servir como um centro clandestino de detenção, principalmente, entre o inverno de 1974 e o verão de 1975.

Inicialmente, o recinto ficou sob a responsabilidade do próprio tenente Hernández, a quem também ficou a missão de transportar presos de Villa Grimaldi até a *Discothèque* e vice-versa. De acordo com Salazar, em depoimento à Justiça, um ex-agente da Brigada Purén, Segundo Gangas Godoy ou “Victor Hugo”, essa brigada estava composta por cinco grupos operativos: Alce, encarregada da área sindical; Cervo, Chacal, Puma e Leopardo.³⁰² Esse local foi frequentado também Osvaldo Andrés Pincetti Gac, médico que Contreras havia enviado a diversos centros clandestinos de detenção para hipnotizar em torno de 800 agentes da DINA e medir seus coeficientes intelectuais e níveis de respostas em situações de vulnerabilidade.

³⁰² SALAZAR, *op.cit.*, p.152

Descrita por Manuel Salazar como “una casa de dos pisos con los muros del sitio cubiertos de latón”³⁰³, o centro de detenção recebia automóveis diariamente e era vigiado por homens à paisana, armados e atentos a qualquer movimento nas redondezas. Inicialmente *La Discothèque* serviu de quartel para interrogatórios de militantes e simpaizantes socialistas. No entanto, após analistas da DINA estabelecerem relações entre estruturas de partidos, se transformou também num centro de prisão para membros da juventude mirista. As músicas altas tratavam de silenciar os gritos resultantes da tortura no interior da casa, motivo pelo qual ficou conhecida entre os presos como *Discothèque*. Ali permaneciam vendados, alguns na mesma sala, outros separados em quartos destinados para homens e mulheres. Assim como trabalhadores comuns, que operam durante uma jornada de trabalho estabelecida, os agentes da DINA permaneciam na casa, deixando os presos a cargo dos guardas na parte da noite.³⁰⁴

Após a morte de Miguel Enríquez, as buscas se intensificaram e o recinto de José Domingo Cañas foi desocupado. Assim, na prisão em Macul passou a se concentrar um maior número de presos e a se multiplicarem as torturas, a fim de obter nomes, pontos de encontros, quaisquer informações relevante para efetuar a prisão de militantes.

Este, dentre todos os centros clandestinos da DINA, utilizou o abuso sexual de maneira sistemática com a finalidade de dominar e humilhar os militantes políticos e assim, mais do que reter informações, desumanizá-los. Nesse local, atuou a agente da DINA e oficial dos carabineiros, Ingrid Felicitas Olderock. Seu contraditório papel como torturadora ainda gera questionamentos e indignação nos sobreviventes e pesquisadores dos temas relacionados aos direitos humanos. Olderock adestrava cachorros e os utilizava nas sessões de torturas sexuais de mulheres e homens. Os relatos dos sobreviventes da *Venda Sexy*, especialmente das mulheres, transmitem a dor e o medo de quem viveu sob jugo dos agentes da DINA num local como esse. Alejandra Holzapfel e outra sobrevivente sem identificação, rompendo as barreiras da experiência traumática e do silêncio, contam que

Los agentes de la DINA, llevaban a las prisioneras al subterráneo o a una pieza ubicada en el segundo piso de la casa de Macul para violarlas. Sin embargo, “en la ‘Venda Sexy’ se dio una forma de resistencia muy impresionante, muy valiosa”, cuenta Alejandra. A los agentes no les gustaba violar a mujeres que se encontraran menstruando. “Está con la regla,

³⁰³ SALAZAR, *op.cit.*, p.151

³⁰⁴ Informe Valech, *op.cit.*, p.443

entonces no la toco”, decían ellos. La forma de resistencia que encontraron las mujeres era prestarse sus toallas higiénicas o dejar escondido en el baño un paño con sangre –de cualquier herida que tuvieran– para mancharse y no ser violadas. La solidaridad y el compañerismo siempre estuvieron presentes entre los prisioneros y prisioneras de este centro clandestino. “Cuando llegábamos de la tortura nos hacíamos cariño, nos protegíamos, nos tocábamos”, cuenta Alejandra, agregando que “siempre había una palabra de cariño y de ánimo ante esa situación”. Además de las violaciones a las prisioneras, los agentes se especializaron en otro método de tortura: la violación con perros a las detenidas. En este centro tenían a Volodia, un perro ovejero alemán entrenado por la mayor de Carabineros Ingrid Olderock para violar a prisioneras. Beatriz y Alejandra sufrieron la vejación del perro Volodia, cuyo nombre había sido puesto por los agentes como burla a Volodia Teitelboim, un alto dirigente del Partido Comunista. Estos hombres hacían que las prisioneras adoptaran diversas posiciones para facilitar la penetración del animal.³⁰⁵

[...] llegaron dos hombres y una mujer a buscarme. Yo corrí a la oficina del médico jefe para dejar una prueba de mi detención. En efecto, les pidió que se identificaran y ellos mostraron sus placas como agentes de la DINA. Me llevaron con mi delantal de servicio, sin dejarme tiempo de tomar mis ropas. Me subieron a una camioneta de la DINA, me pusieron una venda sobre los ojos, me golpearon [...] me dejaron sola en una oficina sentada en un banquillo de poca altura, siempre con la venda en los ojos. Pasé largo tiempo en ese lugar. Luego me hicieron subir una escalera, llegamos a una pieza donde me pidieron que me desnudara. Había una persona que escribía a máquina mi identificación. Luego me instalaron electrodos en la cabeza y en las manos y me enviaron electricidad repetidas veces [...] vino un médico que me examinó ginecológicamente, violación, masturbación sobre mi cuerpo, me fotografiaron desnuda, todo esto interrumpido con descargas eléctricas.³⁰⁶

Da mesma forma, Marta Neira, militante do MIR, presa em 9 de dezembro de 1974 no recinto *Venda Sexy*, teria sido violada sexualmente e vista por outros militantes com marcas da tortura física.³⁰⁷ No mesmo dia, os irmãos Mario Fernando Peña Solari, estudante de arquitetura de 21 anos, e Nilda Patrícia Peña Solari, estudante de Biologia com 23, ambos vinculados ao MIR, foram presos e levados à prisão clandestina. Sem suportar o sofrimento da irmã, constantemente torturada pelos agentes da DINA, Peña Solari entregou informações e acompanhou os agentes nos pontos de encontro de militantes miristas. Decorrente disso, Jorge Ortiz Moraga, com 20 anos de idade, Jorge Antonio Herrera Cofré, de 18 e Ramón

³⁰⁵ ESCÁRATE, Jocelyn; MUÑOZ, Nancyloreto; TAPIA, Marcela. **Violencia política sexual en dictadura: Las mujeres torturadas pela DINA.** p.142-143. Disponível em: < http://mujeresenelmedio.org/wp-content/uploads/2018/09/Violencia-pol%C3%ADtica-sexual-en-dictadura_mujeres-torturadas-por-la-dina.pdf> Acessado em: dez.de 2018.

³⁰⁶ Depoimento de mulher presa em novembro de 1974 na *Venda Sexy*. Informe Valech, *op.cit.*, p. 244

³⁰⁷ Informe Rettig, *op.cit.*, p.799

Labrador Urrutia de 24, também foram presos e figuram hoje na lista dos 119 desaparecidos vítimas da Operação Colombo arquitetada pelos homens de Contreras.

3.4. Villa Grimaldi – Cuartel Terranova

O centro *Villa Grimaldi* foi, paradoxalmente, um antigo restaurante chamado “Paraiso Villa Grimaldi”. Distante 13 km do centro de Santiago foi ocupado pelo Exército e transformado no quartel Terranova logo após o golpe, tendo funcionado até 1978, quando passou a fazer parte da *Central Nacional de Inteligencia*. Quartel general da BIM, a *Villa* foi dirigida por César Bravo, Pedro Espinoza e Marcelo Moren Brito, nomes conhecidos entre os militantes e atualmente, pela justiça chilena, pela liderança e atuação em operações de tortura e assassinato, como se atestou nos tópicos acima.³⁰⁸

O quartel Terranova foi o maior centro clandestino de detenção da DINA. Por ali passaram 4.500 pessoas, das quais 236 foram mortas ou estão desaparecidas.³⁰⁹ Os principais alvos da DINA foram o MIR, os Partido Comunista e Socialista, e até mesmo funcionários do próprio regime e das forças armadas, todos presos em locais como os já mencionados anteriormente e em Villa Grimaldi. Para Gabriel Salazar

[...] de todos los cuarteles utilizados transitoriamente por la DINA, hay consenso en que el “cuartel Terranova” (nombre militar) o “Villa Grimaldi” (nombre civil), fue el más emblemático, por ser el de mayor tamaño físico, por haber albergado ahí a los oficiales de la Brigada de Inteligencia Metropolitana (BIM, máxima autoridad ejecutiva en materia de “operaciones” en Santiago y el país), por haber sido el cuartel con el mayor número de detenidos, de torturados y el mayor número de asesinados y desaparecidos, Allí, por tanto, se observó en su forma más directa y masiva el carácter específico (casi inédito) de la “guerra” emprendida por la DINA y por su máxima comandancia.³¹⁰

³⁰⁸Samuel Fuenzalida, um agente da DINA que passados anos de seus serviços, colaborou com a justiça para esclarecer crimes e desaparecimentos, declarou perante o tribunal que Moren Brito deu ordens para que um veículo passasse sobre uma presa, Adriana Urrutia Asenjo. In: SALAZAR, 2011, p.160

³⁰⁹ FERNÁNDEZ, Claudia; RIVAS, Rodrigo; RODRÍGUEZ, Raúl; PRUDANT, Elisabet, VIDELA, Enzo; HEVIA, Evelyn; LÓPEZ, Manuel Escobar Loreto. **Archivo y memoria. La experiencia del archivo oral de Villa Grimaldi**. Santiago: Corporación Parque por la paz Villa Grimaldi, 2012. p.9 Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl/wp-content/uploads/2011/07/Libro-Archivo-Oral-Final.pdf>> Acessado em: jul. de 2018.

³¹⁰ SALAZAR, GABRIEL (2013). *Villa Grimaldi (cuartel Terranova). Historia, testimonio, reflexión*. Santiago de Chile: LOM, 2013. p.97-98

O novo centro de operações da BIM recebeu os primeiros detidos em meados de 1974. À medida que o número de presos foi aumentando, a estrutura física do local foi sendo modificada e adaptada. Os recintos descritos abaixo pela Comissão da Verdade e Reconciliação chilena dão a dimensão de quão preparada estava a DINA para receber os presos em Villa Grimaldi e como o método do desaparecimento esteve presente nesse local.

“La Torre”. Efectivamente se trataba de una construcción como torre, que sustentaba un depósito de agua. En su interior se construyeron unos diez estrechos espacios para la mantención de reclusos, de unos 70x70 centímetros y unos dos metros de alto, con una puerta pequeña en la parte baja por la que era necesario entrar rodillas. En esa torre también había una sala de torturas. En cada una de estas celdas se mantenía a una o dos personas en un régimen de encierro permanente. En el caso de haber dos detenidos en una celda se debían acomodarse de modos muy forzados para permanecer en el lugar y especialmente para dormir. Aparentemente las personas llevadas a La Torre eran detenidos de cierta relevancia que habían terminado su etapa de interrogatorios intensos. A muchos de los detenidos que permanecieron en “la torre” no se los volvió a ver.

Por ejemplo, Ariel Mancilla, uno de los principales dirigentes socialistas desapareció, así como muchos otros, luego de ser llevado, torturado, a La Torre.

Las “Casas Chile”. Estas eran unas construcciones de madera destinadas al aislamiento individual de detenidos, que consistían en secciones verticales similares a closets donde el detenido debía permanecer de pie, a oscuras, durante varios días.

Las “Casas Corvi”. Eran pequeñas piezas de madera construídas en el interior de una pieza mayor. Dentro de cada una de ellas se ubicaba un camarote de dos pisos. Aparentemente era el lugar donde permanecían los detenidos que estaban siendo sometidos al régimen más intenso de interrogatorios y torturas.³¹¹

Na figura abaixo é possível ver o local descrito no Informe Rettig com base nos testemunhos de sobreviventes:

³¹¹ Informe Rettig, *op.cit.*, p. 736

Figura 6 - “La Torre”, ex-centro clandestino de Villa Grimaldi



Fonte: Acervo Pessoal, 2017.

Ainda segundo o Informe, havia habitações específicas para a realização de interrogatórios e tortura. Enquanto os agentes aplicavam os métodos de tortura como os choques elétricos, outros, geralmente oficiais, conduziam os interrogatórios e, por vezes, manipulavam os instrumentos de tortura. Assim como “la parilla”, em Villa Grimaldi era comum o método do pau-de-arara e de afogamentos ou “submarino seco”, quando se colocava uma sacola plástica em volta da cabeça do torturado, produzindo asfixia. Nesse recinto foi também empregado o uso de drogas para obter informações dos presos e até mesmo hipnose. De acordo com relatos de sobreviventes, houve o caso do uso de água fervendo para castigar militantes envolvidos num ataque armado contra um militar. E “además e las torturas durante los interrogatorios, tanto los oficiales como los demás agentes operativos y algunos guardias permanentemente golpeaban y vejaban los detenidos.”³¹²

Um dos casos emblemáticos ocorridos em Villa Grimaldi foi o do preso desaparecido Carlos Enrique Lorca Tobar ou “Julio”. Médico psiquiatra e político socialista, Lorca foi

³¹² Informe Retting, *op.cit.*, p. 737

secretário-geral da Juventude Socialista e mais tarde, em 1973, foi eleito deputado pelo Partido Socialista. Após o golpe de Estado, com a dissolução da câmara a partir do decreto-lei nº27 de 21 de setembro de 1973, o político passou a viver na clandestinidade, assim como todos os demais militantes associados à Unidade Popular ou aos movimentos de oposição. Em 1975, segundo consta num documento desclassificado da Emabaixada estadunidense em Santiago sobre o caso de Lorca, ele foi preso, junto de Modesta Carolina Wiff Sepúveda na rua Maule nº120, às 16h30 por um grupo de agentes da DINA.³¹³ Na sequência dessas informações, o documento indica ainda que o Estado nega ter sequestrado Lorca.

Incluimos seis (6) declarações juramentadas perante uma notária testemunha que viu a prisão ocorrer. Há um grande temor por sua vida porque a DINA nega que o tenham, embora ele tenha sido visto em dois campos de detenção, "Cuatro Alamos" e "Villa Grimaldi".

O Dr. Lorca sofre de úlceras e tem uma deficiência de sangue, o que implica um fator de coagulação muito lento. Isto é muito sério, já que ele poderia morrer em tortura sem seus "interrogadores" estarem cientes desse fato durante seu "interrogatório científico". Prisioneiros são geralmente espancados, choque elétrico e outras drogas são dadas a eles e um grande número morre.³¹⁴

Embora as autoridades negassem o sequestro e prisão de Carlos Lorca, sobreviventes do quartel Terranova testemunharam à *Vicaria de la Solidariedad* a sua presença no campo. Conforme as declarações, no dia 25 de junho, por volta das 16 horas da tarde, chegaram carros no centro clandestino e junto ao som das buzinas, ouviram os gritos: “Lorca! Lorca!”³¹⁵ Em 12 de julho, ao deparar-se com Lorca numa cela, Sergio Gajardo ouve: “Soy Carlos Lorca, soy médico, si sales vivo de aquí di que estoy detenido”. Dois meses após esse evento, Patricio Bustos, membro do MIR preso no mesmo local, sofreu a ameaças de Osvaldo Romo, de ter seus testículos cortados, “al igual como lo habían hecho con Carlos Lorca”. Por último, o médico e ex-deputado do Partido Socialista teria sido transferido para Colonia Dignidad, onde Juan René Muñoz, agente da DINA, confirma tê-lo visto em declaração à Vicaria.

³¹³ U.S Department – Freedom of Information Act. “Dr Carlos Lorca Tobar”. Sem data. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/9600.PDF>> Acessado em: nov. de 2018.

³¹⁴ We include six (6) affidavits sworn before a notary public of witness who saw the arrest take place There is great fear for his life because DINA denies that they have him, although he has been seen at two detention camps, "Cuatro Alamos" and "Villa Grimaldi". Dr. Lorca suffers from ulcers and he has a blood deficiency which implies a very slow coagulation factor. This is very serious as he could die in torture without his "interrogators" being aware of this fact during his "scientific questioning". prisoners are generally beaten up, electric shock and other drugs are given to them and a large number die.” In: “Dr. Lorca Tobar”, *op.cit.*

³¹⁵ AMORÓS, Mario. **Después de la lluvia**. Santiago: Cuarto Propio, 2004. p.272

Atualmente, Lorca figura na lista de presos desaparecidos no Chile, apesar dos esforços de sua família para tentar encontrá-lo, exemplo de centenas de casos ainda sem solução.

3.5. Colonia Dignidad – a presença alemã

Figura 7 - Ex- centro clandestino Colonia Dignidad



Fonte: Revista Caliban. Ex-centro clandestino Colonia Dignidad. Disponível em:
<<https://revistacaliban.net/a-1%C3%B3gica-da-guerra-fria-do-lawfare-%C3%A0-col%C3%B4nia-dignidad-9122384f5392>>

Nascida no Chile como *Sociedad Benefactora e Educacional Dignidad*, esse assentamento fundado em 1961, por Paul Schäfer, estava localizado na Província de Linares, a 310 km de distância de Santiago. A relação da Colonia Dignidad com a DINA data de novembro de 1973, quando o órgão de inteligência e segurança ainda não havia sido oficializado, mas passava pela fase de organização. Assim, começaram a serem utilizados espaços como *El Lavadero* e o imóvel da rua Ignacio Carrera Pinto, em Parral, onde a DINA instalou a *Brigada de Inteligencia Regional*, realizando treinamento de agentes e a prisão de militantes políticos. De acordo com o Informe Rettig, “se sabe también que el director de la DINA y otros agentes de esa organización visitaron la Colonia Dignidad y parecían mantener cordiales relaciones com sus dirigentes”.³¹⁶

A história de *Colonia Dignidad* está envolta por mistérios e relatos de tortura, abusos sexuais a menores de idade e assassinatos, e não exclusivamente ligados à *Dirección de*

³¹⁶ Informe Rettig, op.cit, p.740

Inteligencia Nacional. O projeto privado de Schäfer, que fugiu para o Chile na década de 1960 após acusações de pedofilia no município de Bonn na Alemanha Ocidental, visava estabelecer uma comunidade cujos princípios estaria em ajudar “la juventud e niñez desvalida”.³¹⁷ Em contato com o Ministério da Família alemão e o embaixador chileno na Alemanha, Schäfer e os demais imigrantes adquiriram o terreno necessário para da início à Sociedade Beneficente e Educacional *Dignidad*. A partir desse momento, foram construídos prédios para habitação, granjas para plantação e subsistência, escola e hospital, o que permitiu o encobrimento de diversos crimes perpetrados naquele local.

Instalados na região, isolados do mundo, os membros da comunidade de Schäfer passaram a sofrer com o sistema por ele desenvolvido de dominação, disciplinamento e abuso. Além do sofisticado sistema de vigilância, com o qual ele impedia os indivíduos de ultrapassarem os muros da Colonia, o controle e proibição de envolvimento e relações sexuais entre membros da comunidade transformou-se em uma ferramenta de subordinação. Dessa forma, os que quebravam as regras eram submetidos a choques elétricos, injeções e golpes sob a justificativa de que assim seriam “expulsos os diabos”³¹⁸ contidos naqueles corpos. Receoso de que fosse descoberto, o líder ordenou a construção de um muro, que cumpriu o papel de proteção e repretou a criação de um “Estado dentro do Estado”, onde as leis e regras eram apenas ditadas por Schäfer.

A vitória da Unidade Popular pela via eleitoral em 1970 provocou temor em Paul Schäfer e nos membros da embaixada que o auxiliavam constantemente e sabiam das atividades de *Colonia Dignidad*. Marcados pelo anticomunismo, temia-se perder as terras para reforma agrária iniciada por Salvador Allende ou para o campesinato “marxista”. A partir disso, começaram a adquirir armamento e realizar treinamento militar, além de entrar em contato com o grupo o *Patria y Libertad*, latifundiários locais e com os futuros militares golpistas.³¹⁹ Em 11 de setembro de 1973, Colonia Dignidad passou de uma seita criminosa para um dos tantos braços da ditadura em território chileno, cooperando diretamente com o maior órgão do aparato repressivo, a DINA.

³¹⁷ HEVIA, Evelyn; STEDHLE, Jan. Colonia Dignidad: Verdade, memória y justicia. **Punto de Debate**, nº6, Jun. 2016. p.2 Disponível em: <https://rosaluxspba.org/wp-content/uploads/2016/07/ponto_debate_ed6_links.pdf> Acessado em: out. de 2018.

³¹⁸ *Id. Ibid.*, p.2

³¹⁹ *Id. Ibid.*, p.3

Essa aliança aumentou o poder *Dignidad* e garantiu impunidade aos seus membros até a transição democrática. Desde o primeiro dia da instauração da ditadura no Chile, os colonos participaram de maneira ativa na prisão de pessoas na região e em Santiago. Muitos desses presos eram levados ao centro, onde eram interrogados, torturados e até assassinados. Como mencionado anteriormente, a aproximação com Manuel Contreras, Pedro Espinoza e outros agentes da DINA e oficiais militares são anteriores ao golpe de Estado. Segundo Hevia e Stehdle,

Los jefes que contaban con alta tecnología y amplios conocimientos en vigilancia y telecomunicaciones instalaron una red de radio que conectaba a las principales instalaciones de la DINA, incluyendo su Cuartel General, la Escuela Nacional de Inteligencia en el Cajón del Maipo y centros de tortura como Villa Grimaldi. Se realizaron cursos de inteligencia y explosivos en Colonia Dignidad.³²⁰

Schäfer e os demais envolvidos nessa trama facilitaram armamento e informação para a DINA, além de participar diretamente em sessões de tortura e eliminação de opositores políticos da ditadura. A residência em Parral, cedida à BIR, recebia presos provenientes de outros centros de tortura e extermínio da DINA, motivo pelo qual alguns de seus agentes permaneciam no local por longos períodos de tempo. Em 1974, Augusto Pinochet visitou oficialmente Colonia Dignidad, Schäfer exibiu o armamento matado pelos colonos, levando a crer que essa comunidade auxiliou a ditadura na aquisição de armas. O conhecido empresário da indústria bélica alemã Gerhard Mertins, quem trabalhava para o serviço secreto da Alemanha Ocidental também esteve envolvido nesse caso. Existe uma série de elementos que indicam a participação de Colonia no Projeto Andrea³²¹, programa secreto da ditadura para a produção de gás sarín e outras substâncias químicas. Desse programa secreto fizeram parte Michael Townley e Eugenio Berrios, agentes da DINA.

Um documento desclassificado estadunidense, datado de maio de 1976 e enviado ao Diretor da Central de Inteligência, general Vernon Walters por George Carver Jr., agente da CIA, menciona a descoberta de um grupo de alemães no Chile, que poderiam ser pró-nazistas. No ofício, Carver Jr. questiona se isso poderia ser verdade ou apenas fruto da imaginação dos informantes. Anexado a essa página está um documento confidencial, onde contém a

³²⁰ HEVIA; STEDHLE, *op.cit.*, p. 5

³²¹ Cf KORNBLUH, *op.cit.*, p.178

descrição do que seria uma “colônia nazi”³²² Na sequência, a mais importante das informações confirma a manutenção da ligação desse grupo – *Colonia Dignidad* – com outros grupos de extrema-direita no Chile, na Europa e outras regiões, auxiliando a DINA com informações de “subversivos” nessas áreas. Menciona ainda, que a DINA, em meados de 1975, possuía um centro de detenção dentro da Colonia de acordo com dois padres católicos que teriam realizado uma denúncia.

Outro documento, também desclassificado de julho de 1977 e assinado por Raúl Vergara Meneses - capitão da Força Aérea chilena, detido e torturado durante a ditadura – enviado para a um destinatário desconhecido, apresenta pistas sobre o que se passava em *Dignidad*. O fragmento inicia com a seguinte inscrição:

A quien puede concernir: hemos recibido desde Chile de una fuente que nos merece absoluta confianza el informe que le adjuntamos. Solamente hemos omitido en el algunos nombres y circunstancias que comprometen la seguridad de personas e instituciones actualmente en Chile. Confiamos en que es una pieza sumamente útil pues la información que contiene aparece altamente veraz y algunos referencias han sido confirmadas en otras fuentes.³²³

As informações apontadas no trecho acima por Meneses se refere à declaração de Juan René Muñoz Alarcón, el “Encapuchado del Estadio Nacional”, ex-membro do PS, que em discordância com o partido passou a dar informações às forças militares a partir do golpe de Estado e assim, por eles protegido, iniciou o reconhecimento de opositores políticos no Estádio Nacional, levando-os à tortura e morte, participando mais tarde nas ruas ao lado das brigadas operativas da DINA.³²⁴ Posteriormente, de acordo com o documento supracitado, Alarcón foi levado à *Colonia Dignidad*, onde atestou existir um centro de treinamento da Inteligencia Nacional. Tão relevante quanto isso é a informação de que o mesmo havia sido ocupado com a tarefa de “casar gente, de interrogarla, de torturarla y de matarla.”³²⁵ E que seu chefe era Alvaro Puga Cox, Diretor de Assuntos Cívicos da Junta de Governo. Embora Alarcón

³²²U.S Department of State – Freedom of Information Act. Pro’s Nazis hibernating in Chile. May, 28th, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/PCIA2/00000757.pdf>> Acessado em: out. de 2018.

³²³U.S Department of State – Freedom of Information Act. Translation of Pinochet. July, 14th 1977. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/Chile2/00000258.pdf>> Acessado em: out. de 2018.

³²⁴Não há maiores informações se Juan René Muñoz Alarcón foi um infiltrado no Partido Socialista e em outros movimentos sociais ou se realmente foi membro desses grupos por convicções ideológicas.

³²⁵ Translation of Pinochet, *op.cit.*

não fizesse parte do corpo de agentes da DINA, ele possuía dados importantes que revelam a dinâmica interna do aparato repressivo, tal como,

He participado en la desaparición de algunas personas que están en la Colonia Dignidad. Hay 112 personas en estos momentos en la Colonia Dignidad algunos antiguos dirigentes de los diferentes partidos de la UP. En Santiago aça en Peñalolén; en Colina está el resto. Son alrededor de 345. El resto están muertos. Fueron dados de baja en Peldehue por el aparato ejecutor de la DINA que ló comanda Fernando Cruzat.³²⁶

Embora a fala de Alarcón ou este segundo documento por si só não comprove a direta relação entre *Colonia Dignidad* e a DINA, somados os dois ofícios desclassificados apontam para um órgão de segurança poderoso e de grande alcance, o principal no âmbito do aparato repressivo e por onde passavam todas as informações relativas aos presos. Ou seja, se a DINA não tivesse relação com Schäfer – o que atualmente se sabe que ocorreu, dadas as diversas declarações concedidas por sobreviventes e colonos-, a instituição ao menos estaria ciente da existência dessa comunidade e suas atividades, não apenas por se tratar do principal organismo de informação da ditadura, mas pela proximidade de Pinochet com os alemães, ou ainda pela atuação de agentes de outros serviços de Inteligência das forças armadas. Aparentemente, Alarcón sabia mais do que conta no trecho acima. De acordo com Manuel Salazar, o informante teria se dirigido à *Vicaria de la Solidariedad* relatar as mesmas informações que constam no documento estadunidense e outras, onde deixou uma gravação e com “trémula voz relató detalles del funcionamiento de los aparatos represivos.”³²⁷ Destaca-se assim, a menção ao fundo *El Lavadero* e a existência de uma central de comunicações que permitia o estabelecimento de contato com todos os agentes colaboradores que a DINA mantinha no exterior.

Se anteriormente poderia haver dúvidas sobre a veracidade da fala de Alarcón, a confirmação de tudo o que havia sido declarado, do seu envolvimento com a DINA e desta com Schäfer, se deu quando passou a ser encontrado nas fichas de “ejecutados”, já que dois meses após a divulgação das mencionadas páginas, o colaborador das forças de segurança da ditadura foi morto pela DINA, numa clara operação de queima de arquivo. Na década de 1980, começaram a surgir suspeitas sobre *Colonia Dignidad*. A imprensa alemã, assim como os veículos de comunicação alternativos no Chile, passou a mencionar a possível existência de sofisticados laboratórios para experimentos militares, equipamentos de vigilância

³²⁶ Translation of Pinochet, *op.cit.*

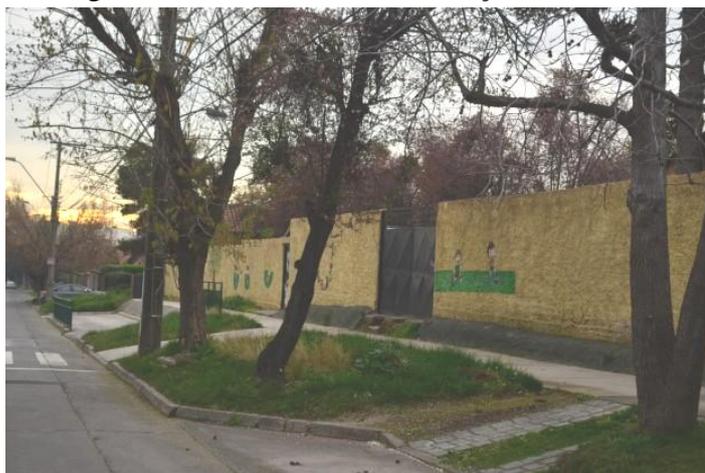
³²⁷ SALAZAR, Manuel. **Las letras del horror. Tomo I: La DINA**. Santiago: LOM Ediciones, 2011. P.180

eletrônica e proteção contra quem desejasse se aproximar das terras dos colonos alemães. Assim, gradualmente informações reais vieram a público, revelando o que lá ocorria há 20 anos.

Em 1979, quando Samuel Fuenzalida, ex-agente da DINA, abriu caminhos para a descoberta dos crimes associando a DINA e Colonia Dignidad, quando testemunhou ao Tribunal e Bonn, na Alemanha sobre o caso que Álvaro Vallejos Villagrán, “Loro Matías”, estudante de Medicina da Universidade de Chile e dirigente do MIR.³²⁸ Fuenzalida confirmou estar presente no momento em que Villagrán foi transferido de Cuatro Álamos para a colônia e ainda diz ter visto a ficha com a inscrição “Puerto Montt”, que significava a ordem para matá-lo. Sobre isso, Amorós corrobora ao dizer que “El profesor”- como era chamado Paul Schäfer, de acordo com Fuenzalida- possuía grande intimidade e até mesmo amizade com Contreras e Pinochet.³²⁹ Essa íntima relação permitiu que, apenas em 2005, Colonia Dignidad fosse intensamente investigada por ordens do juiz da Corte Suprema, Jorge Zapeda. A descoberta de armas de alto calibre e restos de automóveis enterrados, assim como 40 mil fichas de presos políticos pertencentes à DINA comprovaram não apenas o fundamental papel de apoio representado por Schäffer ao aparato repressivo chileno, mas também Colonia Dignidad como um centro clandestino de detenção.³³⁰

3.6. Cuartel Simón Bolívar

Figura 8 - Antigo centro clandestino de detenção Cuartel Simón Bolívar



³²⁸ Fuenzalida concedeu ao Centro de Memória Londres 38 uma entrevista em que repete as mesmas informações da declaração realizada no tribunal alemão. O vídeo pode ser acessado pelo link: <<http://www.londres38.cl/1934/w3-article-100678.html>> Acessado em: out. de 2018.

³²⁹ AMORÓS, 2004, *op.cit.*, p.275

³³⁰ SALAZAR, *op.cit.*, p.194

Fonte: Memoria Viva. Disponível em:
<https://www.memoriaviva.com/Centros/00Metropolitana/recinto_dina_cuartel_de_la_brigada_lautaro.htm>

Localizado na rua Simón Bolívar nº 8630, na comuna de La Reina e estrategicamente próximo ao aeródromo de Tobalaba, o quartel de mesmo nome abrigou a brigada Lautaro, inicialmente responsável pela segurança de Manuel Contreras Sepúlveda e que, por ordem do mesmo, somou-se às demais forças para exterminar a direção do Partido Comunista chileno. Criada em 1974 e chefiada pelo capitão do Exército Juan Morales Salgado, essa brigada passou a ocupar o quartel apenas no ano seguinte, enquanto no quartel Terranova era realizado o trabalho de inteligência direcionado ao PCCh.

O coronel Contreras ordenou, então, a formação de uma nova brigada: Delfín, integrada por diversos agentes provenientes das agrupações de Villa Grimaldi, especialmente Águia e Purén ³³¹ e dirigida por Germán Barriga Muñoz. Em maio de 1976, os homens e mulheres da Delfín foram transferidos para o quartel Simón Bolívar e começaram a operar juntamente com a brigada Lautaro, somando em torno de 70 pessoas, apoiados por outros agentes do quartel Terranova – que seguiu sendo o principal centro de prisioneiros comunistas - quando necessário.

O conhecimento sobre a existência desta brigada se deu, sobretudo, após a morte do ditador Augusto Pinochet em 2006, quando surgiram testemunhos de ex-agentes da DINA ao juiz Victor Montiglio, Ministro da Corte de Apelações de Santiago. A partir dos relatos e da investigação instaurou-se um processo em que diversos militares e ex-agentes do Estado foram responsabilizados judicialmente pelos crimes cometidos durante a ditadura. Segundo Amorós,

El primero en declarar ante el juez fue un ex agente que presenció las brutales torturas inflingidas a los dirigentes comunistas: “En el cuartel de Simón Bolívar, después que los mataban, a todos los detenidos se les quemaban las huellas dactilares y las cicatrices del cuerpo con un soplete a parafina. Además, se les sacaban los relojes, los anillos y las tapaduras de oro de los dientes” ³³².

Sobre isso, Javier Rebolledo, jornalista investigativo comprometido com temas ligados aos direitos humanos e aos crimes da ditadura, escreveu o livro “La danza de los cuervos”,

³³¹ HERTZ, Carmen; RAMÍREZ, Apolonia; SALAZAR, Manuel. **Operación Exterminio: La represión contra los comunistas chilenos (1973-1976)**. Santiago: Lom ediciones, 2016. p.179

³³² AMORÓS, 2009, *op.cit.*, p.17

que traz a experiência de Jorgelino Vergara, “El mocito”. De funcionário de serviços gerais na casa de Contreras aos 16 anos, Vergara passou a integrar a DINA e especificamente, a brigada Lautaro, onde, simultaneamente, servia café e limpava o sangue dos torturados. Através da experiência vivida por ele, é possível reconstituir a secreta história dessa brigada e desse centro clandestino. Para Jorge “Gato” Escalante, jornalista e sobrevivente da ditadura, a Brigada Lautaro e o grupo Delfín “fueron los agentes más siniestros de toda la DINA. Jorgelino Vergara fue una pequeña pieza del secreto mejor guardado de la tiranía por 34 años. Sin la existencia de este tornillo, tal vez hasta hoy aquel secreto permanecería oculto.”³³³

A partir das memórias de Jorgelino e outros agentes descobriu-se que entre os dias 4 e 6 de maio de 1976, a DINA sequestrou Mario Zamorano, Jorge Muñoz, Jaime Donato, Uldarico Donaire e Elisa Escobar. Na madrugada de 12 de maio, na comuna de Las Condes detiveram Víctor Díaz, principal liderança comunista na clandestinidade. Em meados de dezembro, a DINA sequestrou outros treze dirigentes, entre eles o historiador Fernando Ortiz e Waldo, membro do Comitê Central. Todos encaminhados para Villa Grimaldi e posteriormente, assassinados no quartel Simón Bolívar. Conforme afirma Mario Amorós, Ricardo Lawrence Mires, agente da DINA, declarou ao juiz que Pinochet e Contreras visitaram esse grupo de dirigentes comunistas na chamada “Casa de Piedra”, em Cajón del Maipo, onde também estavam reclusos e que, nesse mesmo lugar, se encontravam também Juan Morales e Germán Barriga, além de onze membros do PCCh, dentre eles, Victor Díaz, Pizarro e Zamorano.³³⁴

As investigações do juiz Montiglio permitiram desvendar a morte de Victor Díaz, “un ser humano inolvidable que consagró su vida a la defensa de los derechos de los trabajadores como dirigente de la CUT y del Partido Comunista”.³³⁵ De acordo com as provas colhidas e com uma declaração de Jorgelino – o qual havia sido acusado pela morte de Díaz- dois agentes da DINA, provenientes da Marinha, Bernardo Daza y Sergio Escalona, ataram os pés e mãos de Díaz em uma cadeira, cobriram sua cabeça com um saco plástico e sufocaram-no. Assim como fez com outros detentos, a tenente Gladys Calderón, conhecida como “El ángel del cianuro”, injetou cianeto no corpo já desfalecido. Posteriormente, o corpo foi embrulhado em sacos de plástico amarrados com fio na cintura, unido a uma seção de trilho de trem – técnica utilizada para garantir a total submersão do corpo, evitando sua descoberta. Assim,

³³³ REBOLLEDO, 2012, *op.cit.*, p.11

³³⁴ AMORÓS, *op.cit.*, p.18

³³⁵ *Id. Ibid.*

junto de outros cadáveres, o corpo de Víctor foi jogado ao mar, prática comum ao mencionado centro de detenção de *Tejas Verdes*.

Em junho de 1976, enquanto a Brigada Lautaro sequestrava e torturava os dirigentes comunistas, um encontro entre Augusto Pinochet e o secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, ocorria em Santiago por razões das comemorações da VI Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos. De acordo com um documento desclassificado estadunidense que relata a conversa entre os líderes políticos, além de mencionar a honra e apreço por estar no país, assinalou a grande simpatia dos EUA pelo o que Pinochet estava fazendo naquele momento.³³⁶ Disse ainda que Pinochet figurava como uma vítima de grupos da esquerda pelo mundo e que o pecado do ditador era ter derrubado um governo comunista. Nitidamente, o governo dos EUA estava ciente das atrocidades que ocorriam no território chileno e fora. No entanto, considerava justa a desproporcional força do Estado contra a esquerda organizada. No livro de Javier Rebolledo, Mocito traz a realidade sobre a guerra suja:

Ni siquiera llevaba arma deservicio cuando estaba con lós detenidos en los calabozos. No lanecesitaba. Ellos ya “no atinaban a nada.” Estaban tan estrujados, por decirlo de alguna manera, no oponían resistencia. Quizás le tenían miedo, en realidad quizás cuáles serían sus pensamientos.³³⁷

Essa metodologia concentracionária utilizada pelo Estado para desmobilizar os inimigos internos definiu-se a partir da noção de guerra, utilizada para justificar ações violentas e clandestinas tais como foram apontadas em cada um dos centros de detenção aqui mencionados. Partindo dessa mesma lógica que via a “quebra” do indivíduo como solução para a resistência, para a entrega de informações ou ainda, para o apagamento do passado, os militares buscaram, não somente em prisões, mas também nas ruas, eliminar seus opositores. Assim, surge o Plano Condor como expressão mais clara da ofensiva direcionada à esquerda para além das fronteiras chilenas.

³³⁶“In the United States, as you know, we are sympathetic with what you are trying to do here. I think that the previous goverent was headed toward to Communism.”In: U.S Department of State - Freedom of Information Act. United States Chilean Relations, June 8th, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print937.pdf>> Acessado em: nov. de 2018.

³³⁷ REBOLLEDO, *op.cit.*, p.128-129

Capítulo 4. Operação Condor: o marco das ações da DINA no exterior e da relação com os Estados Unidos da América

Ave de rapina de grande envergadura que sobrevoa os céus do Cone Sul, o Condor serviu de inspiração para o Chile, Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia na criação de uma rede repressiva que durou enquanto os militares permaneceram no poder durante a segunda metade do século XX. A colaboração entre esses países inaugurou no continente uma série operações que visavam perseguir, capturar e eliminar opositores políticos e para tanto, foram constantemente violadas fronteiras e soberanias. Sob as bases do TDE, as ditaduras-membro desenvolveram seus próprios padrões de atuação e violência, todos marcados pela morte e o desaparecimento, fazendo jus ao conceito “Mercosur del terror”.

4.1. As origens do “Mercosur del terror”³³⁸

A Operação ou Plano Condor, cujos compromissos Nilson Mariano elenca como sendo a manutenção do intercâmbio de informações e inteligência; a intensificação das medidas de segurança nas fronteiras; o aprofundamento do combate contra a “subversão” e a atuação de forma independente dentro do seu território³³⁹, Amorós avalia como um projeto em que o primordial objetivo foi “viabilizar la represión violenta de las víctimas”³⁴⁰

O surgimento dessa coordenação repressiva transnacional remonta a década de 1960 com a presença estadunidense na América Latina, que a partir de sua perspectiva anticomunista entendia que, no continente, forças perigosamente radicais estavam surgindo e ganhando visibilidade. Os governos de João Goulart no Brasil, de Juan José Torres na Bolívia, de Salvador Allende no Chile, todos representavam ideais reformistas e/ ou esquerdistas contra os quais os EUA lutaram firmemente contra desde o golpe de Estado na Guatemala em 1954. Assim, temendo a ascensão de governos revolucionários ou com a finalidade de derrubar aqueles já instaurados, a CIA passou a intervir em favor das elites e dos setores conservadores através de financiamentos, ações encobertas e treinamento de militares. Além disso,

³³⁸ MARIANO, Nilson. **Operación Condor: Terrorismo de Estado en el Cono Sur**. Buenos Aires: Lohlé-Lumen, 1998. p.15

³³⁹ *Id. Ibid.*, p.20

³⁴⁰ AMORÓS, 2004, *op.cit.*, p.361

La CIA desempeñó un papel central en la organización de esta colaboración hemisférica y en la colocación de los cimientos de la Operación Condor. A finales del decenio de 1960, la CIA facilitó la propagación de los métodos represivos y los operativos de escuadrones de la muerte en el Cono Sur, escondiendo siempre la mano de los Estados Unidos. Oficiales de la CIA introdujeron operativos de escuadrones de la muerte brasileños, incluyendo el notorio Sergio Fleury, a los oficiales de policía de Montevideo y Buenos Aires, y arreglaron reuniones a principios del decênio de 1970 entre oficiales derechistas brasileños y oficiales chilenos contrarios a Allende.³⁴¹

A partir de 1964, com o golpe militar no Brasil amparado pelo imperialismo estadunidense, o país sul-americano passou a conformar uma das mais sólidas alianças contrarrevolucionárias, adotando papel central no que foi o Condor antes da sua oficialização. Embora no Paraguai, Alfredo Stroessner já estivesse no poder há uma década, foram as forças militares brasileiras aquelas que dividiram sua expertise no campo da repressão e torura com os demais países do Cone Sul. O início da repressão no Chile é um dos exemplos mais visíveis dessa colaboração, quando no golpe de Estado em 1973, o Estádio Nacional em Santiago é transformado num grande centro de concentração de presos políticos e militares brasileiros são reconhecidos como interrogadores e torturadores.³⁴² Somado a isso, havia ainda a *School of the Americas* - já mencionada como local de aprofundamento das teorias e práticas da DSN - que nesse período recebeu, com grande frequência, militares latino-americanos, que posteriormente atuariam nos órgãos repressivos de seus países.

Nesse ínterim, nasceram grupos paramilitares de extrema-direita que deram início às práticas adotadas pelo Estado logo após os golpes militares. No Chile o *Patria y Libertad* cumpriu o papel de desestabilizador do governo da Unidade Popular, juntamente dos partidos políticos de direita, corporações e a CIA, que o financiava como parte de suas ações encobertas. No país vizinho, a *Alianza Anticomunista Argentina* ou *Triple A* e a *Milicia*, deram início à desestabilização do governo de Isabel Perón, além do extermínio de opositores. Este primeiro patrocinado pelo ministro de Bienestar Social, José López Rega, atuou desenfreadamente a partir de 1973. Segundo Alicia Servetto, “entre julio y agosto de 1974, se contabilizó un asesinato de la AAA cada 19 horas. Se había iniciado la práctica de la

³⁴¹ MCSHERRY, *op.cit.*, p.98

³⁴² “O governo Médici enviou ao Chile uma equipe de militares e policiais brasileiros, para interrogar - segundo o depoimento de vários sobreviventes, sob tortura - seus compatriotas detidos no Estádio Nacional. O Despacho-Telegráfico no 460, de 16 de outubro de 1973, expedido para a Embaixada do Brasil em Santiago, registra a presença de agentes brasileiros no Estádio Nacional, acompanhados pelo sargento Deoclécio Paulo, auxiliar do coronel Walter Mesquita de Siqueira, adido do Exército e da Aeronáutica.” Relatório da Comissão Nacional da Verdade, Vol I. p. 193. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>> Acessado em: jan. de 2018.

desaparición de personas.”³⁴³ Tendo isso em vista, é importante destacar que alguns membros do mencionado grupos tornaram-se, posteriormente, agentes dos órgãos repressivos integrados ao Condor e puderam desse modo, operar criminalmente pelas vias institucionais.

Assim, diante da desordem instituída pelos atentados terroristas dos grupos paramilitares, o Condor surgiu como uma estratégia militar de inteligência e informação³⁴⁴, que buscou dar conta dos alvos e das operações clandestinas, de modo que o Estado pudesse tomar o controle. Dentre as justificativas para unificar os esforços militares, havia a certeza de que algumas organizações armadas de esquerda latino-americanas pretendiam realizar ações conjuntas. Essa é uma referência à *Junta Coordinadora Revolucionaria* (JCR), formada pelo *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP) argentino, pelo *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) do Chile, os *MLN-Tuparamos* do Uruguai e pelo boliviano *Ejército de Libertación Nacional* (ELN), que, de fato, pretendia proclamar um guerra na América Latina como reação ao processo contrarrevolucionário patrocinado pelos EUA. Contudo, apesar do empenho das lideranças dos grupos, dos treinamentos e da preparação logística para tanto, nenhum dos objetivos da JCR foram alcançados.³⁴⁵ Nesse sentido, a ideia da existência desse grupamento gerou mais apreensão entre as forças de segurança do que, efetivamente, suas ações, provocando uma “caça às bruxas” aos membros de cada movimento. No memorando de 30 de julho de 1976 sobre o Condor, o plano aparece para os EUA como uma compreensível justificativa ao movimento “extremista” localizado no continente.³⁴⁶

Ainda que as bases do Condor estivessem sendo estruturadas antes mesmo do bombardeio ao La Moneda, pode-se afirmar que esse projeto foi pessoalmente idealizado e posto em prática pelo chefe da DINA, Manuel Contreras, sob as ordens de Augusto Pinochet aliado às lideranças militares dos demais países envolvidos. Dentre as razões para estabelecer essa rede de cooperação entre os sistemas de inteligência do Cone Sul, estava a busca pelo inimigo interno para além das fronteiras na intenção de eliminá-lo. Carlos Prats, Orlando Letelier, Bernardo Leighton foram alguns dos exemplos de alvos da Operação durante seus

³⁴³ SERVETTO, Alicia. Memórias de intolerância política: las víctimas de la Triple A (Alianza Argentina Anticomunista). *Antíteses*, Ahead of Print do vol. 1, n. 2, jul.-dez, 2008. p.446 Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/1596/1640>> Acessado em: 15/01/2019

³⁴⁴ DINGES, *op.cit.*, p.204

³⁴⁵ *Id. Ibid.*, p.90

³⁴⁶ U.S Department of State- Freedom of Information Act. ARA-CIA Weekly Meeting – 30 July 1976, August 3rd, 1976. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print26.pdf>> Acessado em: mar. de 2019.

respectivos exílios na Argentina, Estados Unidos e Roma e terão seus casos apresentados ainda neste capítulo.

Em fevereiro de 1974, uma reunião realizada em Buenos Aires e registrada nos relatórios diários secretos da CIA, confirma o encontro dos representantes de segurança do Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia para “preparar ações coordenadas contra alvos ‘subversivos’”.³⁴⁷ De acordo com McSherry, nesse encontro estavam presentes também chefes de polícia desses países, além de representantes do Brasil, evidenciando a existência de operações coordenadas já no período anterior a oficialização do pacto em 1975, implicando a Inteligência brasileira na colaboração, apesar de seu receio inicial em comprometer-se com tal. Na prática, as informações e estudos históricos atuais confirmam uma presença mais do que marcante desse país no que foi a Operação Condor. Outra fonte que comprova os esforços conjuntos desses países na data indicada pelo relatório da CIA é o “*South America; Southern Cone Security Practices*”, firmado pelo Secretário de Estado Henry Kissinger em 1976 e que diz

Cooperação intergovernamental. As forças de segurança do Cone Sul, sem dúvida, coordenam seus esforços de combate ao terrorismo no que diz respeito às trocas de informações, e a Argentina e o Brasil podem oferecer treinamento e serviços de consultoria limitados aos seus vizinhos menores. Há mais de dois anos, autoridades de segurança de todos os países do Cone Sul, exceto o Brasil, se reuniram em Buenos Aires e declaradamente formalizaram acordos para facilitar o intercâmbio de informações e o movimento de oficiais de segurança em negócios governamentais.³⁴⁸

Entre outras coisas, o documento desclassificado aponta para o conhecimento do governo dos EUA sobre a coordenação das forças que se dera no Cone Sul desde seu princípio, além da anuência com as ações e objetivos representados pela operação. Nesse sentido, são muitos os indícios da ligação entre a DINA, os Estados Unidos e os acontecimentos no contexto das ditaduras de segurança nacional sul-americanas. Tais

³⁴⁷“In early 1974, security officials from Argentina, Chile, Uruguay, Paraguay and Bolivia were in Buenos Aires to prepare coordinated action against subversive targets.” In: U.S Department of State – Freedom of Information Act. Daily Intelligence Report, June 26th, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print815.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁴⁸“Intergovernmental cooperation. southern cone security forces undoubtedly coordinate their counterterrorist efforts insofar as information exchanges are concerned, and argentina and brazil may provide limited training and advisory service to their smaller neighbors. Over two years ago, security officials from all the southern cone countries except brazil met in buenos aires and reportedly formalized arrangements to facilitate information exchanges and the movement of security officials on government business.” In: U.S Department of State – Freedom of Information Act. *South America; Southern Cone Security Practices*, July 20th, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print860.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

vestígios do passado podem ser encontrados no Informe Hinchey, produzido nos anos 2000 pela CIA como uma resposta sobre a sua intervenção no Chile. Conforme consta nessa fonte, Manuel Contreras recebeu pagamentos da CIA em troca de informações privilegiadas, devida sua estreita relação com o ditador Pinochet e por fazer parte da mais proeminente organização de inteligência no Chile.³⁴⁹ Apesar de supostas ressalvas da agência estadunidense para com Contreras por este representar o “principal obstáculo para uma política razoável de direitos humanos”³⁵⁰ no Chile, como traz o informe, essa relação permaneceu até o coronel deixar a direção da DINA.

No mesmo ano em que se deu a primeira reunião do Condor, Contreras foi recebido por Vernon Walters, vice-diretor da CIA, para um almoço registrado pelo memorando “*Juan Manuel Contreras Sepulveda visit to headquarters*”³⁵¹, parcialmente desclassificado pelo Departamento de Estado dos EUA. Apesar de a fonte apresentar poucas informações, é possível inferir que o encontro entre os membros da inteligência chilena e estadunidense suscitou o diálogo sobre a Operação Condor, que no mês seguinte foi oficializada em Santiago. Prova clara da cumplicidade dos EUA no que se refere aos crimes do Condor ainda, é o documento enviado pelo agente especial do FBI Robert Scherrer ao seu diretor, refretente a informações recebidas na data de 28 de setembro de 1976, em que afirma estar o Condor na sua terceira e mais secreta fase, consistindo essa na “formação de times especiais dos países membro que viajam para qualquer lugar do mundo, para países não membros, para levar a cabo os assassinatos contra terroristas ou apoiadores de organizações terroristas dos países membros da Operação Condor.”³⁵² E complementa informando que os agentes usariam identidades falsas e que o assassinato de Orlando Letelier poderia fazer parte dessa fase da operação.

A ótica utilizada para receber e repassar a grave informação retida no documento enviado por Scherrer permite compreender o que entendiam os EUA por atividade terrorista e

³⁴⁹ Informe Hinchey, *op.cit.*

³⁵⁰ *Id. Ibid.*

³⁵¹ U.S Department of State – Freedom of Information Act. Juan Manuel Contreras Sepulveda visit to headquarters, August 23th, 1975. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print771.pdf>> Acessado em: jan. de 2019. Ver Anexo 8.

³⁵² “A third and most secret phase of ‘Operation Condor’ involves the formation of special teams from member countries who are to travel anywhere in the world to non-member countries to carry out sanctions up to assassination against terrorists or supporters of terrorists organizatios from ‘Operation Condor’ member countries.” In: National Security Archive. FBI, Operation Condor Cable, September 28, 1976. Disponível em: < <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB8/docs/doc23.pdf> > Acessado em: jan. de 2019.

quem eram os inimigos do Condor, que, conseqüentemente, eram seus inimigos também. Outro relevante aspecto a ser considerado é o conhecimento da informação e a ausência de sanções aos países membro do Condor. Ou seja, mesmo sabendo da terceira fase, etapa de assassinatos de lideranças políticas, os EUA tomaram a decisão de não intervir, evitar ou condenar as ações realizadas pelos operativos do Condor.³⁵³ Sendo assim, há de se avaliar a responsabilidade e as escolhas de um relevante país no cenário mundial, que no temor da ascensão de um governo socialista empenhou milhões de dólares e esforços humanos ímpares, rompendo com a tradição democrática de um país, mas diante do TDE e da quebra da soberania nacional, omitiu-se.

O desenvolvimento das relações estabelecidas desde anos 1960 e, sobretudo, início de 1970, pelos países do Cone Sul junto dos EUA, culminou na oficialização das práticas do Terrorismo de Estado. Em outubro de 1975, foi redigido o documento fundacional da Operação Condor a fim de legitimar a cooperação que já estava em andamento³⁵⁴, Contreras convidou o general Francisco Brites, chefe da polícia paraguaia, para uma reunião de trabalho de Inteligência Nacional em Santiago.³⁵⁵ Em documento proveniente do *Archivo del Terror* no Paraguai – acervo de grande relevância nas descobertas sobre o Condor e seus crimes - datado de 29 de outubro daquele ano, é possível observar o registro da cruzada anticomunista travada pelas forças armadas sul-americanas. Ao tratar dos fundamentos que buscaram justificar o início do plano, consta que

La subversión dese hace algunos años, se encuentra presente en nuestro continente, amparado por concepciones políticas-económicas que son fundamentalmente contrarias a la Historia, a la Filosofía, a la Religión y las costumbres propias de los países de nuestro Hemisferio. Esta situación descrita no reconoce Fronteras ni países, y la infiltración penetra todos los niveles de la vida nacional. Es para enfrentar esta Guerra Psicopolítica, hemos estimado que debemos contar en el ambito Internacional no con un mando centralizado en su accionar interno, sino un intercambio oportuno de

³⁵³ Destaca-se aqui que o processo contra os responsáveis pelo assassinato de Letelier e Moffitt ocorreu apenas dois anos após o crime e que não partiu da denúncia do alto escalão do governo ou da CIA.

³⁵⁴ Como mencionado anteriormente, o caso de Edgardo Enríquez pode ser considerado um dos mais explícitos da ocorrência do Condor antes mesmo de sua oficialização.

³⁵⁵ National Security Archive. Octubre 1975 - [invitación del Jefe de Inteligencia de Chile]. Disponível em:< <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB239b/PDF/19751000%20%5binvitation%5d.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

informaciones y experiencias además con cierto grado de conocimiento personal entre los jefes responsables de la seguridad.³⁵⁶

Nesse trecho é evidenciada a alegação de uma guerra em curso, que careceria controle e por isso, a existência de uma conexão repressiva entre os países latino-americanos. Tal elemento é apontado por Padrós como um ponto de partida comum ao TDE para legitimar a busca pelo inimigo infiltrado, que seria um “agente da conspiração internacional solapadora dos valores e princípios dos que controlavam a ordem vigente.”³⁵⁷ A fim de cobrir todo o território e garantir o máximo de vigilância, Contreras sugere na ata de reunião que se estabeleça em um dos países participantes um arquivo centralizado de antecedentes de pessoas, organizações e outras atividades, conectadas direta ou indiretamente com a subversão, papel que, possivelmente, tenha ficado a cargo do Paraguai, dadas as fontes encontradas no país nos anos 2000. Ainda segundo o documento, o que se buscava era “en líneas generales, algo similar a lo que tiene INTERPOL, en París, pero dedicado a la subversión”.³⁵⁸ Dessa forma, para obter o que as autoridades chilenas chamaram de um “rendimento eficaz” e facilitar as comunicações entre os países membros, o sistema poderia contar com as tecnologias de transmissão por Telex; criptografia; telégrafos com inversores de voz e correios, financiados e alimentados pelos serviços de segurança dos países membros.

Na prática, o Condor foi além da troca de informações sobre os inimigos que ultrapassavam as fronteiras da América. Se tratava de um sistema que desaparecia, torturava e matava indivíduos-alvo com o objetivo de neutralizar as possibilidades de influência, reorganização ou simplesmente, existência de oposição. O esclarecimento do que foram os anos regidos por essa operação conjunta das forças de segurança se dá mais facilmente pela apresentação de alguns dos seus crimes. Assim, foram selecionados alguns dos mais emblemáticos casos que envolvem o Chile e seu aparato repressivo, protagonistas de muitas das mais graves violações dos direitos humanos no continente.

4.2. Missing – o caso de Frank Teruggi e Charles Homan

³⁵⁶ National Security Archive. Octubre 1975 - Primera Reunión de Trabajo de Inteligencia Nacional. Disponível em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB239b/PDF/19751000%20Primera%20reunion%20de%20Trabajo%20de%20Inteligencia%20Nacional.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁵⁷ PADRÓS, 2005, *op.cit.*, p.88

³⁵⁸ Octubre 1975 - Primera Reunión de Trabajo de Inteligencia Nacional, *op.cit.*

O caso do jornalista Frank Teruggi e do escritor Charles Horman é um dos principais exemplos da cooperação entre a ditadura chilena e os EUA em ações repressivas. E marca o começo do que se poderia chamar de período não-oficial da Operação Condor. O desaparecimento dos cidadãos estadunidenses logo após o golpe de 1973 no Chile, que inspirou Costa Gavras a rodar o filme *Missing* na década seguinte, se tornou emblemático por conta da nacionalidade das vítimas e modo como o crime contra eles foi perpetrado. Ultrapassando os limites do tempo, as famílias Teruggi e Horman nos anos 2000 ainda buscavam respostas sobre aqueles dias de setembro.

Embora a DINA não tenha tido participação efetiva no caso, pois passou a existir apenas no final do ano de 1973 e esse evento possa ser visto apenas como uma relação bilateral entre os países, vale destacá-lo como um marco da colaboração repressiva que se consolida ao longo dos anos seguintes. Além disso, ao menos uma personagem envolvida na trama que vitimou os dois jornalistas está relacionada ao aparato repressivo comandado por Contreras. Como já se demonstrou anteriormente, nos marcos da guerra de contrainsurgência, a proximidade entre Chile e EUA tiveram sua origem antes mesmo do mandato de Salvador Allende. Contudo, o estreitamento de relações com setores anticomunistas e, sobretudo, golpistas, levou os EUA a incorporarem uma posição de responsabilidade, confundindo suas ações com aquelas nascidas no seio da Junta Militar chilena e suas forças repressivas. O caso Horman- Teruggi caracteriza um desses episódios, já que se trata de dois indivíduos monitorados pelo governo estadunidense, simultaneamente, enquadrados nos padrões de “inimigo interno” a ser combatido pela ditadura chilena, de acordo com as diretrizes da DSN e do TDE. Conforme McSherry,

[...] una búsqueda en 1999 del término “Operación Cóndor” en el portal electrónico del Departamento de Estado que contiene documentos desclasificados produjo muchos archivos relativo al caso Horman, señalando con ello que el propio Departamento de Estado había asociado con la Operación Condor. Varios de estos documentos daban cuenta de las acusaciones de un oficial de inteligencia chileno de que un oficial de la CIA de encontraba presente cuando se dio la orden de ejecutar a Horman. Otros sugerían que oficiales militares estadounidenses habrían “señalado” a Horman y Teruggi a los ojos de la Junta de Chile. Obviamente, tal involucramiento indicaría una cooperación de alto nivel entre los servicios de inteligencia de los Estados Unidos y de Chile en el secuestro y muerte de los dos y, ciertamente, en ese tiempo los investigadores del Departamento de Estado sospechaban lo mismo. Es lógico suponer que los chilenos no eliminarían ciudadanos de los Estados Unidos sin contar con la debida luz verde, un hecho que funcionarios del Departamento de Estado destacaron en

investigaciones subsecuentes. Evidentemente, hubo vínculos estrechos entre las organizaciones militares y de inteligencia de Chile y de los Estados Unidos, incluidas la CIA y la DINA. La coordinación entre dos servicios nacionales de inteligencia con relación a secuestros y ejecuciones extrajudiciales era característica esencial de la Operación Cóndor.³⁵⁹

Documentos estadunidenses parcialmente desclassificados e datados de 1972 apresentam Frank Teruggi como um alvo do FBI por sua associação com o *Chicago Area* ou *Chicago Action Group for the Liberation of Americas* (CAGLA), que fazia parte da *North American Anti-Imperialist Coalition* (NAAIC), além de apoiar outros grupos de esquerda.³⁶⁰ Já residente no Chile, o jornalista era monitorado também por escrever o boletim *Fuente de Información Norteamericana* (FIN), publicado nos EUA, além de apoiar dissidentes da guerra do Vietnã e publicar diversas matérias contra os militares estadunidenses e suas ações. A prova de que as autoridades o buscavam está no memorando secreto de 25 de outubro de 1972, quando um informante secreto fornece ao FBI o endereço de Teruggi no Chile: “Frank Teruggi, Hernan Cortes 2575, Santiago, Chile.”³⁶¹

Charles Horman foi um cineasta e escritor de esquerda, que, junto de outros colegas, investigava o caso referente ao assassinato do ex-comandante-em-chefe das forças armadas no governo de Allende, René Schneider, do qual a CIA havia participado. Assim como Teruggi, Horman despertava a preocupação das autoridades estadunidenses, já que buscava respostas para um crime no qual não apenas os membros do grupo de extrema direita chileno *Patria y Libertad* tinha responsabilidade, como também o próprio governo dos EUA. Segundo Patrice McSherry, um ex-funcionário do governo chileno havia confirmado ter visto um dossiê sobre as atividades de Horman, que estava nas mãos de um militar chileno, mas que parecia ter sido produzido pela CIA e o Departamento de Estado estadunidense.³⁶² Ou seja, inicialmente, os dois cidadãos residentes em Santiago conformavam mais uma ameaça aos interesses dos Estados Unidos do que ao Chile, e num segundo momento, passaram a assumir o papel de “subversivos” dentro dos parâmetros da ditadura.

³⁵⁹ MCSHERRY, *op.cit.*, p. 129

³⁶⁰ National Security Archive. Memorandum for Acting Director, FBI, Subject: Frank Teruggi, October 25th, 1972. Disponível em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/news/20001113/721025a.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁶¹ National Security Archive. FBI, SECRET Memorandum, "Frank Teruggi," October 25th, 1972. Disponível em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB366/docs/Frank%20Teruggi%20FBI%202.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁶² MCSHERRY, *op.cit.*

Chegado o momento do golpe em 11 de setembro de 1973, Charles Horman junto de sua amiga Terri Simon se encontravam em Viña del Mar. Situados no mesmo hotel que os oficiais militares dos EUA Patrick Ryan e Ray Davis - membros do Milgroup-, Horman e Terri puderam ouvir a confirmação do envolvimento de seu país na instauração da ditadura que acabara de acontecer no Chile. Em poucos dias, o escritor foi sequestrado na casa para onde havia recentemente se mudado com a esposa Joyce Horman, configurando uma “desaparición selectiva y planificada”³⁶³, além de outorgar a noção da perseguição da qual estava sofrendo. A partir desse momento, se iniciou a incansável busca das famílias Horman e Teruggi pelos seus entes queridos desaparecidos. Busca essa que jamais resultou na admissão de culpa dos verdadeiros responsáveis.

Joyce Horman, constatando o desaparecimento do marido, passou a buscá-lo, entrando em contato com as autoridades possíveis, consulado e embaixada estadunidense, a fim de obter uma resposta sobre o paradeiro de Charles. Ligado a isso, estava também Frank Teruggi, amigo e colaborador do mesmo jornal que Horman e que, igualmente ao amigo, havia desaparecido logo após o golpe de Estado. Embora as famílias tivessem se mobilizado, o governo dos EUA, assim como a ditadura chilena, negaram qualquer envolvimento sobre o caso, alegando a passagem de ambos pelo Estádio Nacional e a possibilidade de as mortes serem fruto de uma ação da esquerda para constranger a Junta recém instaurada. Apenas em 1976 Rafael González, agente da inteligência chilena, refugiado na embaixada italiana, admitiu em entrevista ao *Washington Post* sua presença no Ministério da Defesa quando Horman foi preso e submetido ao seu primeiro interrogatório comandado pelo general Augusto Lutz.

“Horman sabia demais, tinha que desaparecer”³⁶⁴, teria dito Lutz na presença de González. Assim, diante dessas declarações, de pressões vindas do Congresso e dos movimentos de direitos humanos, setores do governo dos EUA iniciaram investigações mais profundas, que recebendo a negativa de Pinochet para a solicitação da autópsia de Horman, passaram a buscar em outras fontes algumas respostas. O memorando secreto de 25 de agosto de 1976 intitulado “Charles Horman case” enviado ao secretário de Estado adjunto para

³⁶³ MCSHERRY, *op.cit.*, p.130

³⁶⁴ U.S Department of State - Freedom of Information Act. Embassy know on death of US citizen Charles Horman, June 14th, 1976. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print995.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

Assuntos Interamericanos do governo Ford, Harry Schlaudeman apresentam as conclusões sobre o envolvimento dos agentes de inteligência dos EUA no caso. Em função do conteúdo incriminatório do documento, sua desclassificação não foi realizada de imediato, passando por três análises até ser liberado e disponibilizado ao público no final dos anos 1990:

[...] esse caso continua sendo incômodo. As implicações para o Executivo não são boas. Na [Capitol] Hill, na comunidade acadêmica, na imprensa e na família Horman, as insinuações são de negligência, ou pior, de cumplicidade na morte de Horman. (enquanto o foco deste memorando está em Horman, o mesmo se aplica ao caso de Frank Teruggi). Nós temos a responsabilidade: Categoricamente para refutar essas insinuações em defesa das autoridades dos EUA; Proceder contra funcionários dos EUA envolvidos, se isso for garantido. Sem uma investigação mais aprofundada, estamos em posição de fazer nenhum dos dois. No momento, não temos um relato coerente do que aconteceu (veja o anexo Gleanings). É por isso que acreditamos que devemos continuar a investigar. Com base no que temos, estamos convencidos de que: O GOC [governo do Chile] procurou Horman e sentiu-se ameaçado o suficiente para ordenar sua execução imediata. O GOC poderia ter acreditado que este americano poderia ser morto sem cair negativo no USG [governo dos Estados Unidos]. Há algumas evidências circunstanciais para sugerir: a inteligência dos EUA pode ter desempenhado um papel infeliz na morte de Horman. Na melhor das hipóteses, limitou-se a fornecer ou confirmar informações que ajudaram a motivar seu assassinato pelo GOC. Na pior das hipóteses, a inteligência dos EUA estava ciente de que o GOC viu Horman sob uma luz bastante séria e as autoridades dos EUA não fizeram nada para desencorajar o resultado lógico da paranóia do GOC. Nossas ligações são: Rafael Gonzalez: Sua condição mental está em aberto. No entanto, isso pode ser seletivo, pois ele também pode ser bastante lúcido. Se ele está desequilibrado, é para a inteligência chilena explicar por que o mantiveram na folha de pagamento por tantos anos e o colocam como contato conosco no caso de Horman. Sugerimos no anexo. [...] O GOC: Os chilenos falharam satisfatoriamente em explicar por que Gonzalez foi escolhido para lidar com nosso Consulado na busca pelo corpo de Horman. Nós poderíamos pressioná-los nesse ponto. De preferência depois de esclarecer algumas coisas com Gonzalez. Poderíamos também pedir uma cópia completa da autópsia do corpo de Horman, que parece que não temos. CIA: Os comentários da agência sobre suas relações com Gonzalez não explicam o conhecimento dele sobre [tarjado]. O [tarjado] precisa de mais iluminação, não importa o aviso da CIA. Além disso, achamos difícil acreditar que os chilenos não conferiram com [tarjado] a respeito de dois americanos detidos quando o GOC estava checando os amigos e vizinhos de Horman sobre suas atividades. [tarjado] a falta de sinceridade conosco em outros assuntos apenas aumenta nossa suspeita.³⁶⁵

³⁶⁵ “[...] this case remains bothersome. The connotations for the executive are not good. In the Hill, academic community, the press, and the Horman family the intimations are of negligence on our part, or worse, complicity in Horman's death. (while the focus of this memo is on Horman, the same applies to the case of Frank Teruggi) We have the responsibility: Categorically to refute such innuendos in defense of US officials; To proceed against involved US officials if this is warranted. Without further thorough investigation we are in a position to do neither. At the moment we do not have a coherent account of what happened (see attached Gleanings). This is

A troca de correspondência entre membros do alto escalão do governo estadunidense auxiliam na compreensão dos motivos pelos quais esse documento levaria mais de 20 anos para ser desclassificado e porque sua abertura ao público causaria grande repercussão e impacto na política dos EUA. Além disso, a opinião desses funcionários confirma as grandes chances de ser verdadeiro o envolvimento da CIA com as forças de inteligência chilenas. Do mesmo modo, havia suspeitas de que a Embaixada estadunidense no Chile teria dado luz verde para o assassinato de Frank Teruggi. Em 1977, em uma carta ao secretário de Estado dos EUA, Cyrus Vance, o pai de Teruggi menciona não saber os motivos pelos quais seu filho, sendo um cidadão norte-americano, teria sido morto pelos militares chilenos. E ainda completa dizendo que “a CIA também admite que possui documentos pertencentes ao meu filho durante 1972. Eles se recusam a divulgar o seu conteúdo com a desculpa de se tratar de uma fonte estrangeira. Isso me diz que eles sabiam que o Frank estava no Chile”.³⁶⁶ Os documentos referidos pela CIA e pelo pai de Teruggi consistem nas fontes supracitadas do FBI que demonstram a perseguição sofrida pelo jornalista.

Somado às fontes que se referem à investigação do FBI no início dos anos 1970 e ao memorando enviado a Schlaudeman está ainda o documento que traz a noção de que as

why we believe we should continue to probe. Based on what we have, we are persuaded that: The GOC sought Horman and felt threatened enough to order his immediate execution. The GOC might have believed this American could be killed without negative fall out the USG. There is some circumstantial evidence to suggest: US intelligence may have played an unfortunate part in Horman's death. At best it was limited to providing or confirming information that helped motivate his murder by the GOC. At worst, US intelligence was aware the GOC saw Horman in a rather serious light and US officials did nothing to discourage the logical outcome of GOC paranoia. Our leads are: Rafael Gonzalez: His mental condition is open to question. Yet this may be selective since he can also be pretty lucid. If he is unbalanced, it is for Chilean intelligence to explain why they kept him on the payroll for so many years and uses him as contact with us on Horman. We suggested in the enclosure. [...] the GOC: The Chileans have failed satisfactorily to explain why Gonzalez was chosen to deal with our Consulate in the search for Horman's body. We could press them on this point. Preferably after we clarify a few things with Gonzalez. We could also ask for a complete copy of the autopsy of Horman's body, which we do not seem to have. CIA: The agency's comments on its relations with Gonzalez do not explain Gonzalez's knowledge of [tarjado]. The [tarjado] needs further illumination no matter CIA disclaimer. Further, we find it hard to believe that Chileans did not check with [tarjado] regarding two detained Americans when the GOC was checking with Horman's friends and neighbors regarding Horman's activities. [tarjado] lack of candor with us on other matters only heightens our suspicions.” National Security Archive. Department of State, SECRET Memorandum, "Charles Horman Case," August 25th, 1976. Disponível em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB366/docs/Charles%20Horman%20Case.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁶⁶ “The CIA also admit that they have a document in their files pertaining to son during June, 1972. They refuse to release its contents with the excuse that it comes from a foreign source. This does tell me that they did know Frank was in Chile.” In: U.S Department of State - Freedom of Information Act. Request for information concerning the death of Frank Teruggi Jr., February 7th, 1977. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print369.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

autoridades chilenas haviam sido avisadas sobre as atividades de Teruggi. Segundo a fonte, em 15 de outubro de 1973, o general Lutz, Diretor da Inteligência do Exército, “avisou o embaixador de que o GOC [governo do Chile] tinha conhecimento de que Teruggi estava no Chile para espalhar notícias falsas para o resto do mundo sobre o Chile e o que acontecia lá”.³⁶⁷ No momento inicial da ditadura, quando Teruggi e Horman foram torturados e assassinados, a onda de violência estatal atingia a todos, sobretudo, aqueles considerados “subversivos”. Nesse sentido, pensar que, pontualmente, dentre os membros da comunidade estadunidense no Chile, os agentes de segurança chilenos sabiam sobre as atividades políticas de cada um e que, em decorrência disso, mataria um cidadão de seu país aliado, levanta dúvidas. É mais plausível pensar numa ação conjunta em território chileno do que uma atuação solo que levaria o Chile a correr riscos de perder sua principal fonte de apoio econômico, político e logístico.

Ao ser entrevistado na embaixada dos Estados Unidos, Rafael González, o mesmo oficial chileno que concedera um depoimento ao *Washington Post*, confirmou ter trabalhado com a CIA em outras operações, dados esses ratificados pelos EUA mais tarde. Segundo ele, em 1973 a Junta ordenou que González acompanhasse o vice-cônsul da Embaixada estadunidense, James Anderson, para recuperar o corpo de Horman.³⁶⁸ Apesar de a ditadura chilena negar aos fatos, o que se descobriu ao longo dos anos foi a passagem de Horman e Teruggi pelo Estádio Nacional, a tortura que sofreram e a morte ainda no mês de setembro.

Apenas em janeiro de 2015 a reportagem do *New York Times* intitulada “2 sentenciados em assassinatos no golpe do Chile” de Pascale Bonnefoy, informou sobre o julgamento e condenação de dois agentes chilenos responsáveis pela morte de Charles Horman e Frank Teruggi: Pedro Espinoza Bravo, agente da DINA em fins de 1973; e Rafael González, oficial da força aérea chilena e suposto desertor da ditadura Pinochet. Segundo a reportagem, Espinoza foi condenado a sete anos de prisão, os quais foram adicionados às penas cumpridas na prisão de Punta Peuco. Por outro lado, González foi condenado a apenas

³⁶⁷ “On October 15, General Lutz, Director of Chilean Army Intelligence, introduced another theme when he orally advised the Embassy’s Defense Attache that the GOC had knowledge that Teruggi was in Chile to spread false rumors to the outside world about Chile and the situation there”. U.S Department of State - Freedom of Information Act. Further Steps in the case of Charles Horman, December 10th, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print325.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁶⁸ MCSHERRY, *op.cit.*, p.135

dois anos de supervisão policial por sua cumplicidade no caso.³⁶⁹ De fato, Espinoza, condenado pelas mortes dos jornalistas estadunidenses, demonstrou ao longo dos anos a sua capacidade em coordenar ações violentas resultantes nos mais cruéis assassinatos sob o manto da DINA. Por esse motivo, recebeu a sua pena. No entanto, persistem os questionamentos sobre o papel dos EUA no caso, seu silêncio, a culpa imposta apenas para os agentes chilenos e falta de respostas e punição aos funcionários do governo que colaboraram com as mortes, assim como aqueles que se omitiram diante das buscas das famílias. Fato corrente nos casos da Operação Condor: os EUA desconhecem o banco dos réus.

4.3. O assassinato de Carlos Prats

Residente em Buenos Aires desde os primeiros dias do golpe de Estado no Chile - por conta do asilo concedido pelo presidente Cámpora-, Carlos Prats, ex- comandante-em- chefe das forças armadas chilenas que sucedeu René Schneider, temia por sua vida. Constitucionalista e ligado a Salvador Allende, imediatamente à instauração da ditadura, o general solicitou seu salvoconduto, partindo para Argentina com garantias para a sua segurança pessoal.³⁷⁰ Ao ser recebido já pelo presidente Perón, Prats buscou retomar sua vida, trabalhando na administração de uma fábrica e na escrita de suas memórias.

“Porque tuve la oportunidad de conocer secretos de Estado que no han salido a luz y que la Historia de Chile debe recoger”³⁷¹, disse Prats na *Carta a mis compatriotas*, ao passar a correr perigo após o golpe de Pinochet, que além de passar a querer neutralizar qualquer intento de atuação de Prats, pudesse influenciar as forças armadas argentinas ou ainda a opinião pública. Assim, de acordo com o documento parcialmente desclassificado da CIA, de outubro de 1973, o ditador encarregou o general Arellano Stark de “discutir com militares argentinos qualquer informação que eles tenham sobre as atividades do general (aposentado)

³⁶⁹“2 Sentenced in Murders in Chile Coup”. New York Times, January 18th, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/01/29/world/americas/2-sentenced-in-murders-in-chile-coup.html?_r=0> Acessado em: jan. de 2019.

³⁷⁰ SALAZAR, *op.cit.*, p. 197

³⁷¹PRATS, Carlos. *Cartas a mis compatriotas*. Disponível em: <<http://www.carlosprats.cl/wp-content/uploads/2010/05/Carta-a-mis-compatriotas-del-libro-memorias-de-un-soldado.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

Carlos Prats [...] Arellano também tentará obter um acordo por meio do qual os argentinos mantenham controles e regularmente informem os chilenos de suas atividades.»³⁷²

Já em 1974, ordenando Contreras e esse por sua vez, encarregando Pedro Espinoza – agora agente da DINA- que agisse em relação a Prats, Pinochet tomou a decisão de eliminar o iminente perigo no país vizinho. Dessa forma, a DINA mantinha em Buenos Aires uma rede de agentes e colaboradores. Dentre eles estavam o coronel Victor Hugo Barría, instalado na Embaixada do Chile; Enrique Arancibia Clavel, que com identidade falsa se passava por um executivo do Banco do Estado do Chile na capital argentina; e Cristoph Willike, *brigadier* do exército chileno, membro do órgão de inteligência e segurança e vinculado aos agentes argentinos. Arancibia Clavel, destacado por suas diversas atuações na Operação Condor, desempenhou também no assassinato de Carlos Prats o relevante papel. Tendo em vista sua importância no Departamento do Exterior da DINA, se faz importante traçar um breve histórico da participação de Clavel nos meios anticomunistas desde a juventude.

Em setembro de 1970, Enrique Arancibia Clavel passou a fazer parte das fileiras do grupo *Patria y Libertad*, realizando atentados contra a Escola de Direito da Universidade do Chile, a Bolsa de Comércio e o aeroporto Padahuel, atribuindo à *Brigada Obrero Campesina* (BOC) – grupo fictício de esquerda radical, dirigido pelo próprio Arancibia Clavel para encobrir as ações do *Patria y Libertad*, além de difundir informações falsas para tentar desmoralizar os grupos de esquerda. O agente da DINA integrou ainda a *Ofensiva Nacionalista de Liberación* em fins de 1969, alinhando-se ao fascismo junto de outros estudantes e trabalhadores como Walter Abdul Malek Zacur, posteriormente agente da DINA e da CNI³⁷³, e o general Roberto Viaux, líder do Tacnazo mencionado no primeiro capítulo.

No mesmo ano, Arancibia Clavel foi preso por sua participação na morte de René Schneider e, driblando a justiça, conseguiu fugir para a Argentina, adotando a identidade falsa

³⁷² “In Buenos Aires, Arellano Will discuss with the Argentine military any information they have regarding the activities of general (retired) Carlos Prats, former commander-in – chief of the Chilean army. Arellano will also attempt to gain an agreement whereby the Argentines maintain scrutiny over Prats and regularly inform the Chileans of his activities.” U.S Department of State - Freedom of Information Act. Travel in support of Junta, October 27th, 1973. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print369.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁷³ MEMÓRIA CHILENA. Disponível em: < https://www.memoriaviva.com/criminales/criminales_m/malek_zacur_walter_abdul.htm> Acessado em: jan. de 2019.

de Luis Felipe Arizmendi.³⁷⁴ A partir desse momento, estabeleceu relações com agrupação de extrema direita no novo país de residência, sendo um dos exemplos o grupo *Milicia*, liderado por Juan Martín Ciga, antigo agente da *Secretaria de Inteligencia del Estado* (SIDE) da Argentina e membro da *Triple A*.³⁷⁵ Com a chegada do golpe de Estado e a instauração da ditadura no Chile, Arancibia Clavel sentiu-se à vontade para retornar à sua terra natal e colocar-se à disposição da DINA, passando a atuar como agente da Brigada de Inteligencia Metropolitana utilizando sua identidade falsa, agora como “Luis Felipe Alemparte”, funcionário do *Banco del Estado de Chile*. Em Buenos Aires, o novo agente da inteligência chilena pode contruir uma valiosa rede de cooperação para a DINA. Entre seus membros estavam Germán Vogel- Blaya, ex-funcionário da embaixada chilena; Jaime Patricio Arrau e Eduardo Delgado Quilodrán, gerentes da LAN Chile; Nicolás Díaz Pacheco e Mario Igualt Pérez, envolvidos no assassinato de Schneider, além do argentino Eladio Acuña e outros.

Em 1974, a DINA informou a Arancibia Clavel (ou Alemparte) que Raúl Eduardo Iturriaga Neumann, identificado também como Diego Castro Castañeda, se dirigiria a Buenos Aires para uma missão especial. Dentre as tarefas necessárias para desenvolver tal ação Neumann buscou estabelecer contatos com o grupo *Milicia* e realizar o pagamento de 25 mil dólares. A missão: assassinar Carlos Prats. Apesar do pagamento, o grupo argentino não entendeu que a operação traria benefícios e por isso recusou, abrindo espaço para outro agente da DINA, conhecido pela sua atuação, sobretudo na Operação Condor. Nesse momento, Michael Townley já havia iniciado o planejamento do atentado contra Prats junto de Pedro Espinoza no Chile.

Assim como Arancibia Clavel, a trajetória de Michael Vernon Towley Welch merece destaque, pois além de agente da DINA, Townley era cidadão estadunidense radicado no Chile e envolvido com grupos de extrema direita. Nascido em Iowa na década de 1940, aos 14 anos mudou-se para o Chile junto de sua família em função do pai, Vernon Townley, ser um alto executivo da empresa multinacional Ford Motors no país sul-americano. Em 1961, Townley se casou com Mariana Callejas, e posteriormente, retornou aos Estados Unidos, para Miami, onde aprimorou seus conhecimentos em eletrônica e estabeleceu vínculos com extremistas anti-castristas, com os quais dividiu a responsabilidade de crimes conjuntamente

³⁷⁴ SALAZAR, *op.cit.*, p.199

³⁷⁵ DINGES, *op.cit.*, p.120

arquitetados.³⁷⁶ Segundo o próprio agente, em entrevista concedida nos anos 1990 à TV chilena³⁷⁷, foi no período das eleições presidenciais em 1970 que retornou ao Chile e ofereceu seus serviços como informante à CIA. Apesar de a agência negar veementemente sua conexão com Townley, como apresenta o documento “*CIA contacts with Townley*” de 14 de março de 1978³⁷⁸, ainda permanecem dúvidas sobre o fato. Tal relação comprometeria a CIA de inúmeras formas, sobretudo, no caso do assassinato de Orlando Letelier, tratado ainda neste capítulo. Independentemente da veracidade desse fato, o caso é que Townley se dirigiu ao Chile, sob a identidade de Kenneth Enyart, com o claro objetivo de combater a esquerda e para tanto, incorporou-se ao *Patria y Libertad*³⁷⁹ e o *Protección Comunal* (PROTECO), “bandas armadas cuyo objetivo era propagar el terror mediante explosiones, incendios, atentados.”³⁸⁰ Após o golpe de Estado, Townley foi recrutado por Manuel Contreras para fazer parte da DINA, assim como sua esposa, que a partir desse momento passou a ser de grande valor para a Operação Condor e para os objetivos da ação contra Prats.

No final de agosto, a DINA enviou a Buenos Aires uma equipe de agentes com a finalidade de vigiar Prats, tomar conhecimento dos seus passos e preparar os detalhes do atentado. Entre os membros do grupo estavam Maximiliano Ferrer, José Zara Holger e Armando Fernández Larios, bem como Iturriaga Neumann, Juan Morales Salgado e Cristoph Willike. O processo contra os responsáveis pelo assassinato de Prats, ocorrido apenas em 2008 na Argentina, traz uma importante fonte da DINA, que não apenas confirma a presença

³⁷⁶ “Las organizaciones de exilados cubanos habían evolucionado a partir de una red subversiva que la CIA había organizado después de la Revolución Cubana en 1959, con sede en Miami (la estación CIA más grande, conocida como JM/Wave se asentó en la Universidad de Miami). La CIA orientaba a los exilados en su guerra secreta contra Cuba, lo que incluyó una invasión por Bahía Cochinos, en 1961, utilizando un ejército paralelo de exilados. [...] Towley entro en contacto con las organizaciones de derecha cubanas entre 1970 y 1973. En 1974, conoció a Guillermo Novo, fundador del extremista Movimiento Nacionalista Cubano (MNC), con base en New Jersey, y a Dionisio Suárez, autor de numerosos actos de terrorismo.” In: MCSHERRY, *op.cit.*, p.213

³⁷⁷ INFORME ESPECIAL: “Michael Townley, Confesión de un Asesino” | TVN - 16 de Agosto 1993 [Completo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7xTERsVRxIc&t=1932s>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁷⁸ “we listened to him but he never worked for us”. In: U.S Department of State - Freedom of Information Act. CIA contact with Townley, March 14th, 1978. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print488.pdf>> Acessado em: jan. de 2019

³⁷⁹ “Among other things, I wanted to pass on highlights of a conversation with Mike Townley, whom I visited in Miami. After I left Chile, Mike became deeply involved in Patria y Libertad, particularly as an electronics technician [...]”. U.S Department of State - Freedom of Information Act. Pass on highlights of a conversation with Townley, whom I visited in Miami, October 17th, 1973. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print85.pdf>> Acessado em: jan. de 2019

³⁸⁰ MIREs, Fernando. **La rebelión permanente: las revoluciones sociales en América Latina**. México: Siglo XXI, 2005. p.356

de Juan Morales Salgado em Buenos Aires, como também comprova a vigilância e a coleta de informações realizadas pelos agentes nessas circunstâncias.

REPUBLICA DE CHILE
JUNTA DE GOBIERNO
DINA
AGRUPACION LAUTARO
CONFIDENCIAL
SANTIAGO, 26 de junio de 1974
DEL CAPITAN JUAN MORALES SALGADO
AL SEÑOR DIRECTOR DE LA DINA.

1. Conforme a la misión encomendada por US., puedo informar lo siguiente relacionado con el Sr. Carlos Prats G.

a) Vive en la calle Malavia(SIC)con Libertadores N° 3359, 3r. piso, Depto. 3, fono 71-8044.

b) Trabaja en la calle Venezuela N° 1326, en la Firma CINCOTTA, donde desempeña el puesto de Gerente de Relaciones Públicas, fono 386554 y 386663, con un sueldo de US 650 mensuales.

c) La señora tiene una Boutique de ropa interior de mujeres en la calle Rodríguez Peña al llegar a Santa Fe.

d) Usa un Mercedes Benz azul, patente 0200895 y un Fiat 1500 blanco, patente C382290 (sirve de escolta) además de una camioneta carrozada con vidrios empañados (No fue vista por el suscrito).

e) Usa un vehículo como escolta y el otro como contraseguimiento (Esto no pudo ser verificado),

f) Se mencionó, que tenía Guardia Personal en su casa habitación como en los bajos del edificio.

El suscrito constató que nadie lo protege ya que llegó hasta su departamento sin encontrar ningún obstáculo. (Se verificó en primer lugar si los vehículos se encontraban en su lugar habitual y se llamó por teléfono al N° que figura en a.)

g) Se mencionó que era protegido por gente a contrata de la Policía Federal. (No pudo ser verificado).

h) Los autos y la firma en que trabaja pertenecen al Ministro de Economía HELGAR; de quien es protegido e incondicional.

i) Visita solamente a su amigo personal RAMON HUIDOGRO. (SIC)

j) Varía diariamente su recorrido al trabajo.

k) Se anexa croquis de su domicilio.

2. Su conocimiento y superior resolución.

Saluda a US.

(Aparece firma ilegible)

JUAN MORALES SALGADO
CAPITAN³⁸¹

³⁸¹MEMÓRIA VIVA. Proceso n° 2.182-98, episodio “Carlos Prats”, 30/06/2008. Documento de fojas 6133. p.15. Disponible em: < <http://www.memoriaviva.com/fallos.htm>> Acessado em: jan. de 2019

Além do capitão Salgado e os demais agentes, o suboficial do exército chileno e membro da DINA, Reginaldo Valdés Alarcón somou-se à força-tarefa para eliminar Prats. Do mesmo modo, a esposa de Michael Townley – nesse momento sob a identidade de Kenneth Enyart -, Mariana Callejas partiu para Buenos Aires com o material necessário para construir a bomba que fora utilizada na ação. Hospedados em hotéis no centro da cidade e tendo conhecimento sobre o itinerário de Carlos Prats e sua esposa Sofia Cuthbert, Townley e Callejas aproveitaram a oportunidade em que a garagem do prédio na rua Malabia estava aberta. Assim, o agente da DINA caminhou até “el fondo del garaje y se recosto en el suelo para colocar la bomba debajo de la parte central del Fiat de Prats [...] Segundos después, abandono el garaje mezclandose com un grupo de personas que se retiraba de una fiesta.”³⁸² A explosão não aconteceu no mesmo dia em que os agentes da DINA instalaram a bomba. Foram precisos dois dias até que

Aprox. 01:00 hrs 30 set o general Carlos Prats González, ex-chileno e sua esposa foram assassinados quando retornavam ao seu apartamento. Em Buenos Aires, gen. Prats estava dirigindo seu fiat 1600 e tinha parado até a porta da garagem do seu prédio na Malavia 3359 [ilegível] poderosa bomba explodiu. Matando Prats e sua esposa. [...] Prats foi puxado morto do veículo em chamas. Sua esposa estava presa no veículo e carbonizada. 2. Ninguém reivindicou a responsabilidade pelo último assassinato (como costuma ser feito em Buenos Aires). Prats vivia em silêncio em Buenos Aires desde a sua chegada aqui há um ano. Sua presença teve a bênção do general Pinochet [...] ele não foi autorizado a fazer declarações públicas, ou para o caso, aparições públicas e fielmente realizou suas instruções restritivas. Seu assassinato, portanto, é mais difícil de explicar do que muitos outros assassinos políticos que agitam Buenos Aires. Mais detalhes serão mencionados.³⁸³

A ditadura Pinochet negou veementemente sua conexão com o crime contra Prats e sua esposa Sofia. Um documento desclassificado da CIA com a repercussão do caso Prats,

³⁸² SALAZAR, *op.cit.*, p.202

³⁸³“Approx. 01:00 hrs 30 sep Gen Carlos Prats González, former chilean and his wife were murdered as they were returning to their apartment in buenos aires, gen. Prats was driving their fiat 1600 and had pulled up to the garage door of his apartment building [ilegível] powerful bomb exploded. killing Prats and his wife. [...] Prats was pulled dead from the burning vehicle. His wife was trapped in vehicle and carbonized. 2. No one has claimed responsibility for the latest assasination (as is usually done in Buenos Aires). Prats had been living quietly in Buenos Aores since his arrival here a year ago. His presence had the blessing of Gen. Pinochet [...] he was not permitted to make public statements, or for the matter, public appearances and had faithfully carried out his restrictive instructions. His murder therefore is more difficult to explain than the many other political murderers rocking Buenos Aires. More details will be reported.” U.S Department of State - Freedom of Information Act. Chilean Gen Carlos Prats Gonzalez assassinated, September 30, 1974. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print757.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

quase um mês após o atentado aponta para a DINA como possível responsável dadas as evidências e circunstâncias. De acordo com a fonte, a bomba utilizada pelos argentinos seria diferente daquela usualmente fabricada pelos chilenos, além de nenhum grupo extremista argentino ter reivindicado o crime. Apesar de os chilenos possuírem motivos mais plausíveis que os argentinos para tirar a vida de Prats, os EUA, na figura do embaixador David Popper, negaram-se a acreditar nessa possibilidade: “isso não faz sentido para nós.”³⁸⁴ Igualmente, a CIA tratou a morte de Prats como um caso de “terrorismo internacional”, como é possível observar nos resultados da pesquisa sobre esse tópico no site do Departamento de Estado dos EUA. A descrença da Casa Branca na capacidade da DINA de perpetrar ações desse nível se manteve em outros episódios, deixando de existir definitivamente apenas em 1976, quando os agentes de Contreras cruzam o hemisfério e atacam em solo estadunidense.

A atuação terrorista do aparato repressivo chileno não se limitou aos casos de Prats e Letelier. Em 1975, Townley, Mariana Callejas e Virgílio Pablo Paz, membro do grupo anticomunista Movimento Nacionalista Cubano, tentaram eliminar o socialista Carlos Altamirano, primeiro em sua lista de inimigos políticos, e o comunista Volodia Teitelboim, ambos presentes numa conferência realizada no México. No entanto, tendo fracassado na missão, os três agentes partiram para Europa, onde estabeleceram contato com o neofascista italiano Stefano Delle Chiaie, ou Alfredo Di Stephano, para organizar um novo atentado, dessa vez contra Bernardo Leighton, político democrata-cristão exilado em Roma, que no momento do crime estava acompanhado de sua esposa Ana Fresno. Diferentemente da missão em Buenos Aires, essa não resultou em morte, mas causou sequelas permanentes às vítimas. O objetivo era evitar que o político chileno pudesse firmar aliança com o Partido Socialista italiano³⁸⁵, e assim, a DINA considerou a missão de silenciá-los bem sucedida.³⁸⁶ Demonstrando não ter limites para operar sob quaisquer circunstâncias, em qualquer lugar, contra todo o tipo de inimigo, a DINA perseguiu seus objetivos com afinco até seu último suspiro.

³⁸⁴ “this make no sense to us”. U.S Department of State - Freedom of Information Act. Comments on assassination of Prats in Buenos Aires, October 25th, 1974. Disponível em: <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print11.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

³⁸⁵ U.S Department of State - Freedom of Information Act. Attempt assassination of Bernardo Leighton, April 9th, 1980. Disponível em: <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print668.pdf>> Acessado em: jan. de 2019

³⁸⁶ KORNBLUH, *op.cit.*, p.343

4.4. Operación Colombo – o caso dos 119

O caso dos 119 desaparecidos consistiu numa vasta operação de encobrimento desenvolvida pela DINA, com a cumplicidade da imprensa e do poder Judiciário. Inserida no contexto da Operação Condor, essa ação de perseguição e assassinato de militantes de esquerda deu-se entre os anos de 1974 e 1975 e contou, sobretudo, com a colaboração do aparato repressivo argentino.

A fim de ocultar sequestros, minimizar a importância dos desaparecimentos e desacreditar a esquerda, a *Dirección de Inteligencia Nacional*, aliada aos jornais *El Mercurio* e *La Segunda*, desenvolveu um plano de ocultação dos reais motivos da desaparecimento de 119 pessoas. Apreendidos pelo órgão de segurança chileno, todos os militantes procurados por suas famílias encontravam-se presos em centros clandestinos de detenção da DINA, já desaparecidos em algum local destinado pelos agentes ou ainda mortos na Argentina. Apesar de saber do paradeiro de cada um dos nomes listados, os agentes da repressão criaram uma ficção sobre rivalidades, em que membros da esquerda teriam matado seus próprios companheiros por vingança.

Operando sob as bases do Terrorismo de Estado, em 1975 a DINA deu início a uma ação de propaganda com delineados fins de controlar a consciência e conquistar a opinião pública, utilizando mecanismos próprios de psicologia de massas. Pensando ainda que a Doutrina de Segurança Nacional tinha como objetivo a unificação nacional e para tanto, a eliminação do inimigo interno e da oposição ao Estado, essa era uma estratégia válida para gerar o enfraquecimento e desmobilização do elemento subversivo. Segundo Constanza Martínez Gajardo,

A partir de esta concepción se desarrollará durante el Tercer Reich el complejo aparato propagandístico creado por Goebbels a través del Ministerio de Educación Popular y Propaganda. Las técnicas del poder psicosocial son implementadas utilizando los nuevos medios tecnológicos, como el cine y la radio, y contando con la capacidad de censura y control sobre todos los medios de comunicación social y los productos culturales masivos. Estas tecnologías son puestas al servicio de dos objetivos: generar una reacción de temor y generar una reacción de cohesión. Estas dos

alternativas, que inicialmente parecem oponer-se, son resultantes de un mismo proceso en los sistemas del terror.³⁸⁷

Estando num contexto de guerra total, onde todos os meios são utilizados para a contenção do inimigo, o aparato repressivo chileno viu a oportunidade de conquistar maior coesão nacional através de notícias falsas que, ao serem lançadas, poderiam causar descrença nos grupos de esquerda, facilitando a eliminação desses grupos sem reivindicação social e difusão das organizações de direitos humanos.

Desaparecidos até hoje, os militantes que fazem parte da trágica lista da Operação Colombo eram membros dos Partidos Comunista, Socialista, MAPU e principalmente, em maior número, do MIR – além de alguns poucos que constam como indivíduos sem ligação política partidária. Dentre esses estão os já mencionados no capítulo anterior Jorge Ortiz Moraga, Jorge Antonio Herrera Cofré e Ramón Labrador Urrutia e tanto outros jovens estudantes e trabalhadores.

Em 1978, em meio as tensões entre as ditaduras chilena e argentina, prestes a consumir um conflito bélico³⁸⁸, ocorreu a prisão do agente do Departamento do Exterior da DINA na Argentina, Enrique Arancibia Clavel ou “Luis Felipe Alemparte Díaz”. Em razão de sua detenção, Clavel entregou à polícia argentina a documentação que esclareceria a Operação Colombo e seus desdobramentos³⁸⁹. Recolhidos para o Arquivo Judicial de Buenos Aires até 1986, os registros foram acessados apenas no mencionado ano pela jornalista Mónica González, que relevou seu conteúdo, evidenciando de que maneira a DINA planejou e atuou, além de esclarecer sobre a participação da *Triple A* (Aliança Anticomunista Argentina).³⁹⁰

³⁸⁷Deve-se levar em conta o exemplo mencionado por Gajardo enquanto paralelo ao caso das ditaduras latino-americanas, em especial do Chile, e não como causa dos eventos que se sucedem na segunda metade do século XX. O caso alemão serve aqui para auxiliar na compreensão de como foram utilizadas as técnicas de comunicação de massa. GAJARDO, Constanza Martínez. **La prensa en torno a la Operación Colombo: Estudio de caso desde el Análisis Crítico del Discurso**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidad de Chile, 2012. p.56

³⁸⁸ Nesse momento Argentina e Chile viviam em disputa pela região das Ilhas Picton, Lennox e Nueva, situadas no Canal Beagle. A gravidade do conflito chegou a tal nível, que a ditadura Videla chegou a considerar invadir as ilhas a partir da “Operação Soberana”. Essa questão só foi solucionada após a intervenção do Papa João Paulo II já na década de 1980.

³⁸⁹ Alguns dos arquivos de Arancibia Clavel estão publicados nos artigos de Mónica González, “El rol de los medios en la Operación Cóndor” (29 de maio de 2008) e “La historia que no se cuenta de Arancibia Clavel” (1 de maio de 2011). Disponíveis respectivamente em: < <https://ciperchile.cl/2008/05/29/el-rol-de-los-medios-en-la-operacion-colombo/>> e < <https://ciperchile.cl/2011/05/01/la-historia-que-no-se-cuenta-de-arancibia-clavel/>> Acessados em: jan. de 2019.

³⁹⁰ A Aliança Anticomunista Argentina ou Triple A foi um esquadrão da morte de extrema direita responsável por aproximadamente 1100 vítimas, dentre eles, intelectuais, trabalhadores, estudantes e simpatizantes de

Segundo Peter Kornbluh, em um documento intitulado “*Poder Judicial de la Nación*”, enviado por Arancibia à DINA, existia a ideia de formar uma comunidade de inteligência anticomunista a nível continental. Dentre os países colaboradores estariam o Uruguai e Argentina³⁹¹, sendo esse último o maior envolvido, junto do Brasil, na operação a qual se refere este subcapítulo. Kornbluh menciona ainda que

Além de cometer extensos atos bilaterais de repressão, no verão de 1975, os órgãos de inteligência chilenos e argentinos começaram a cooperar no encombimento desses crimes. Essa colaboração chamada de Operação Colombo, se tornou um dos mais maquiavélicos e macabros esforços para ocultar os abusos aos direitos humanos.³⁹²

De acordo com a declaração de Arancibia Clavel às autoridades argentinas pertencentes ao *Servicio de Inteligencia del Estado* (SIDE), sua participação na operação teve início em abril de 1975, com a ida do chefe do departamento do Exterior da DINA, Iturriaga Neumann, a Buenos Aires para entrar em contato com Martín Ciga Correa, membro da *Triple A*, ligado ao assassinato de Prats e colaborador que entregaria o corpo de um subversivo às autoridades chilenas para compor a história difundida pela DINA posteriormente. Tendo Ciga Correa fracassado na missão, Arancibia Clavel se encarregou da tarefa. O corpo em questão acredita-se pertencer a David Silberman, militante do partido Comunista chileno, detido em 11 de setembro de 1973, sequestrado da Penitenciária de Santiago por agentes da DINA e levado a José Domingo Cañas, de onde desapareceu no ano seguinte.

A suposto aparição do corpo junto da inscrição “derrubado pelo MIR” numa calçada de Buenos Aires foi apenas um dos componentes da Operação Colombo. O segundo passo para atingir o objetivo da ação era contatar a imprensa e gerar uma cobertura midiática que apresentasse os militantes mortos como membros da esquerda armada, vítimas da sua forma de luta e de seus próprios companheiros. Tendo em vista o baixo nível de repercussão do caso Silberman para os parâmetros da DINA e seus agentes, em julho de 1975, aparecerem outros dois corpos mutilados e queimado na cidade de Pilar, na Argentina. Papéis nos bolsos dos cadáveres indicavam se tratar de dois chilenos: Luis Alberto Guendelman Wisniak e Jaime Robotham Bravo. Pouco tempo depois identificaram um quarto cidadão chileno, Juan Carlos

movimentos e partidos de esquerda. A atuação do grupo teve início no governo de Isabel Perón em 1973 e se estendeu até a ditadura de Videla. Para saber mais sobre isso ver MCSHERRY, *op.cit.*, p.118

³⁹¹ KORNBLUH, *op.cit.*, p. 335

³⁹² *Id. Ibid.*, p. 336

Parelsman, que apresentava o mesmo padrão de inscrição junto ao corpo e supostamente, havia sido morto pelo MIR.

Abandonando a estratégia de instigar os meios de comunicação a transmitir informações sobre os casos dos chilenos “subversivos” encontrados na Argentina, a DINA passou a desenvolver e lançar a sua própria propaganda, para que a partir dela, fosse difundido na mídia a história tal qual lhe servisse. Assim, três dias após os corpos terem sido encontrados, saiu na desconhecida revista *Lea* a lista de 60 chilenos que teriam sido eliminados nos últimos três meses “por sus propios compañeros de lucha, en un vasto e implacable programa de venganza y depuración política.”³⁹³ Além de insinuar que a responsabilidade das mortes ou operação de “limpieza y silencio” estava nas mãos dos membros da esquerda armada chilena, o artigo aponta para “divergencias, mutuas recriminaciones y disputas por dinero”³⁹⁴ ocorridas em outros países, como México, Venezuela, Panamá, Colombia e até mesmo França. Segundo a revista ainda, os asilados nos mencionados países, viviam momentos de tensão e horror, temerosos pelos “tribunales populares” instaurados na clandestinidade pelo *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*.

Após alguns dias da notícia da revista *Lea*, os jornais chilenos *La Tercera* com o título “El MIR asesina a 60 de sus hombres en el exterior”; *El Mercurio*, com a manchete “Identificados 60 miristas ejecutados por sus propios camaradas”; *Las Ultimas Noticias*, com “Sangrienta pugna del MIR en el exterior” e o *La Segunda*, “Exterminados como ratones”³⁹⁵, repercutiram sobre os corpos encontrados na Argentina. Chama ainda mais atenção o lançamento da lista dos militantes mortos no jornal brasileiro da cidade de Curitiba, “O Dia”. Com a manchete “Terroristas chilenos no interior da Argentina”³⁹⁶, o jornal reapareceu depois de um longo período sem publicações, afirmando que “agitadores marxistas chilenos” haviam sido mortos num confronto com as forças de segurança argentinas. Segundo o artigo de Mónica González de 2008, para o *Centro de Investigaciones Periodísticas* (CIPER),

³⁹³ MUSEO DE LA MEMORIA Y DE LOS DERECHOS HUMANOS. Fragmento da Revista *Lea* com a notícia “La Vendetta Chilena” de 15 de julho de 1975. Disponível em: <<http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsd/collect/textosym/index/assoc/HASH0144/d811f48d.dir/0000039000020000011.pdf>> Acessado em: dez. de 2018. Ver Anexo 7. Outras fontes referentes ao tema podem ser observadas na expografia permanente do Museu.

³⁹⁴ Fragmento da Revista *Lea*, *op.cit.*

³⁹⁵ Disponível em: <<http://www.awake-chile.com/operacion-colombo-cuando-la-prensa-es-complice-de-la-mentira/>> Acessado em: dez. de 2018.

³⁹⁶ “El rol de los medios en la Operación Colombo”, *op.cit.*

Deberían pasar más de 10 años para desentrañar el misterio de *O'Día*, un antiguo diario de Brasil que sólo reapareció el 25 de junio con el único objetivo de hacer pública la nómina de los 59 extremistas “asesinados” por sus compañeros. En agosto de 1992, la autora de esta crónica con una investigación en mano concurre a las oficinas de la Intendencia metropolitana donde se desempeñaba como jefe de Comunicaciones Gerardo Roa, quien en democracia seguía ocupando el mismo cargo que en dictadura. No le quedó más remedio que asumir que efectivamente él había sido el hombre que negoció la reaparición de *O'Día*, y que las instrucciones, así como la nómina de muertos, se las había entregado Manuel Contreras. Lo primero era cierto, lo segundo, no. Porque quien le entregó el artículo que saldría publicado fue Álvaro Puga, director de Asuntos Civiles de la Junta Militar y jefe de Operaciones Sicológicas de la DINA. Lo anterior fue publicado en el diario *La Nación* (13 de agosto de 1992), pero Roa continuó por largo tiempo en su sillón en la Intendencia. En cuanto a *Lea*, su edición en la que figura como director Juan Carlos Viera, fue editada por Codex, dependiente del Ministerio de Bienestar Social de Argentina, cuyo titular era José López Rega, el jefe del grupo paramilitar “Triple A” que ya por esos días comenzaba a dejar un balance de muertos en el vecino país. También esa edición de 20 mil ejemplares fue la única. Nunca más salió a los kioscos.³⁹⁷

Detalhes como esse levaram repórteres de jornais internacionais como o *New York Times*, *Washington Post*, *Wall Street Journal* e outros a determinar que a revista *Lea* não existia enquanto uma revista de fato até o momento em que, misteriosamente, apareceu nas bancas de Buenos Aires. Conforme discorre Kornbluh, a tiragem de *Lea* foi rodada na gráfica pertencente ao ministro argentino López Rega, ao mesmo tempo em que Puga auxiliou no envio de informações para o Brasil, completando uma fase da operação.³⁹⁸

O documento desclassificado, enviado pela Embaixada estadunidense em Santiago com o assunto “Análise das mortes e desaparecimento de extremistas chilenos”, demonstra que, rapidamente, o governo dos EUA já percebeu a fragilidade da história criada pela DINA. Além disso, acreditava ser ela a responsável pelas mortes dos militantes.

Nós concluimos que os informes descrevendo mortes e desaparecimentos de 119 extremistas chilenos fora do Chile são provavelmente falsos, a maioria ou todos estão mortos. A explicação mais plausível que podemos encontrar para o que provavelmente restará desse mistério é que as forças de segurança do governo do Chile diretamente ou através de terceiros, plantaram relatórios em publicações obscuras para fornecer alguma resposta sobre as numerosas mortes de violentos esquerdistas.³⁹⁹

³⁹⁷ *Id. Ibid.*

³⁹⁸ KORNBLUH, *op.cit.*, p.338

³⁹⁹ “We conclude that reports describing deaths or disappearances of 119 Chilean extremists outside are probably untrue, though most or all concerned are probably dead. Most plausible explanation we can piece together for

Ainda no mesmo documento, o embaixador David Popper traz um elemento que provoca suspeita sobre a veracidade da história que os meios de comunicação aliados da ditadura chilena quiseram contar: as duas listas divulgadas tanto pela revista argentina, quanto pelo jornal brasileiro somavam exatamente 119 mortos⁴⁰⁰, o número de desaparecidos reivindicados pelas famílias no Chile. Inserida no marco do Plano Condor, essa operação foi construída para aterrorizar os chilenos e projetar uma imagem de Pinochet distorcida da realidade: agora o ditador passava a ser o “protetor da nação”. Além de culpar a esquerda pelos seus próprios crimes, a DINA e seus agentes tentaram com a operação oferecer respostas às cobranças advindas dos organismos de direitos humanos sobre os desaparecidos, que aumentava exponencialmente. Ademais, somado a tudo isso, mais uma vez buscava-se legitimar o terror empreendido pelo Condor a partir das inverdades cunhadas pela ditadura.

4.5. O crime em Sheridan Circle

Refletindo sobre a relação entre Chile e EUA, talvez seja o caso Letelier o seu principal marco, pois desafiou a lealdade do imperialismo estadunidense e pôs em risco o apoio concedido ao Chile até então. Além disso, o atentado contra Letelier e Ronni Moffitt reafirma o caráter violento da DINA e da ditadura Pinochet, que com o passar dos anos tornou-se mais seletivo, mas não menos impetuoso.

No momento do golpe de Estado em 1973, Orlando Letelier ocupava o cargo de Ministro da Defesa e assim como outros funcionários do governo Allende, foi preso. Primeiramente passou pelo Regimento Tacna e logo foi enviado ao campo de presos políticos na Ilha Dawson, em Punta Arenas, região de Magallanes. Letelier passou ainda pela Academia de Guerra da Força Aérea e o acampamento Ritoque em Valparaíso, onde recuperou sua liberdade após fortes pressões exercidas por comitês internacionais e nacionais em seu favor. Em 1974, o ex-ministro de Allende e sua família se exilaram na Venezuela antes de partirem rumo aos EUA, onde passou a atuar ativamente no *Institute for Policy Studies* (IPS) e a dar aulas na *American University* em Washington, ocupando também o

what will probably remain something of a mystery is that GOC security forces acted directly or through third party, planted reports in obscure publications to provide some means of accounting for disappearance of numerous violent leftists.” In: U.S Department of State - Freedom of Information Act. Analysis of death and disappearance of Chilean extremists, August 8th, 1975. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print309.pdf>> Acessado em: dez. de 2018.

⁴⁰⁰ “Analysis of death...”, *op.cit.*

cargo de diretor no *Transnational Institute* (TNI). Além de destacar-se no cenário internacional pela sua trajetória política exemplar desde os anos 1950 no Chile⁴⁰¹, Letelier impulsionou o ativismo contra a ditadura Pinochet nos EUA e tornou-se reconhecido pela defesa da democracia e da luta pela libertação dos presos políticos.

No fundo documental “Orlando Letelier” contido no *Archivo Nacional de Chile*, composto por documentos pessoais do diplomata é possível perceber seu empenho na luta pelos presos políticos chilenos e seu trabalho de denúncia contra as atrocidades cometidas pelos agentes da ditadura.⁴⁰² Exemplo disso são os documentos “Síntese de la situación de los derechos humanos en Chile (mayo de 1975)”, com as estatísticas de presos e mortos pelo aparato repressivo de Pinochet até aquele momento; “Preliminary proposal for 1975 Political prisoner campaign”, que apresenta como objetivo dessa campanha a soltura de dez mil prisioneiros no Chile e o fim a perseguição aos simpatizantes de Salvador Allende; ou ainda a lista de “compañeros chilenos detenidos pela Junta Militar” enviado pela Comissão de Solidariedade do Partido Socialista chileno.⁴⁰³ O montante de registros acumulados por Letelier demonstra o seu comprometimento com a política, a resistência e o futuro do Chile, o que para Pinochet e a Inteligência chilena significava um risco, assim como ocorrera dois anos antes em Buenos Aires.

⁴⁰¹ A trajetória profissional e política de Orlando Letelier começa ainda durante sua juventude. Após desistir da carreira militar, Letelier inicia seus estudos em Direito, onde participou como auxiliar nas cátedras de Política Econômica e Economia Política, além de realizar especialização em Direito Comercial. Assim, em 1955 passa a trabalhar no Departamento do Cobre, pertencente ao Banco Central de Chile, realizando estudos e análises sobre o mercado do cobre nos países europeus. Após quatro anos, Letelier é demitido em razão da reestruturação administrativa realizada pelo presidente Jorge Alessandri. Assim, passa a assessorar o Ministro da Fazenda venezuelano quando é convocado para integrar a Divisão de Economia do então criado Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com sede em Washington. Em 1962 assume a chefia o grupo de Avaliação e Coordenação do Fundo Fiduciário de Progresso Social, o que lhe rendeu a posição de único expert latino-americano a auxiliar na criação do Banco Asiático de Desenvolvimento. Como resultado de sua impecável trajetória internacional e antiga relação com Salvador Allende, Letelier foi nomeado Embaixador Extraordinário do Chile para a resolução das questões referentes à nacionalização das empresas privadas no país. Em 1973, Allende o designa Ministro de Estado nos setores de Relações Exteriores, Interior e Defesa Nacional, sendo este último o cargo que ocupava no momento do golpe de Estado. Ver MEMORIA CHILENA. Orlando Letelier, apuntes para una biografía. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/articles-122475_recurso_2.pdf> Acessado em: mar. de 2019.

⁴⁰² Em 2017, quando a pesquisa ao acervo de Orlando Letelier Solar foi realizada, o mesmo estava passando por uma reorganização pelos funcionários do arquivo e por isso, possivelmente, os fundos documentais temáticos tenham sofrido alterações. Dessa forma, mantenho os nomes das caixas conforme as encontrei, pois a informação concedida pelo Archivo Nacional de Chile foi de que seria disponibilizada uma tabela de equivalência para pesquisas futuras.

⁴⁰³ ARCHIVO NACIONAL DE CHILE. Fondo Orlando Letelier. Todos os documentos encontram-se na caixa temática “Presos Políticos”.

O ditador Pinochet e a DINA não eram os únicos a manter inquietações com as atividades e a postura de Letelier nos Estados Unidos. No documento da CIA de 6 de março de 1975, parcialmente desclassificado, é possível perceber o descontentamento da agência com as colocações do ex-ministro em espaços públicos.

Letelier, que é professor na Universidade Americana, tem sido um porta-voz de críticas sobre os Estados Unidos e, especialmente, no envolvimento dessa agência nos eventos que levaram ao golpe que derrubou o governo de Allende e publicamente acusou o secretário Kissinger de mentir para ele sobre o papel que os EUA está desempenhando no Chile naquela época. Ele apareceu em um painel de televisão para expor sobre isso e acusar que a Junta militar no Chile havia iniciado um regime de terror. O resultado dessa crítica tem sido uma publicidade negativa generalizada para o governo dos EUA que resulta, em última instância, em propaganda anti-agência em toda a mídia [ilegível] nos EUA e fora."⁴⁰⁴

O tom utilizado na fonte indica certo temor por parte da CIA de que Letelier, com seu discurso abertamente contrário à ditadura e ao papel dos EUA no Chile pudesse influenciar a opinião pública e impulsionar a reorganização dos movimentos de oposição compostos por exilados espalhados pela América e Europa. Ou seja, se por um lado a Junta Militar chilena enxergava Letelier como alvo em potencial para frear as críticas à ditadura e eliminar um dos principais defensores do governo de Salvador Allende, por outro, os EUA – já fortemente criticado por sua intervenção na Ásia, pelo escândalo de Watergate e pelas descobertas do Comitê Church sobre a influência dos EUA na desestabilização do Chile -, também tinham motivos plausíveis, dentro da lógica operativa da CIA, para calar Orlando Letelier.

A fim de compreender o que ocorreu em Washington em 21 de setembro de 1976, propõe-se analisar os fatos através do depoimento concedido por Manuel Contreras à Corte Suprema do Chile em 1978 pelos crimes de falsificação e homicídio. Essa perspectiva não apenas apresenta a versão do coronel, diretor da DINA no momento do crime⁴⁰⁵, como também demonstra a argumentação utilizada pela ditadura para se eximir de qualquer

⁴⁰⁴ “Letelier who is a lecturer at American University, has been quite vocal in his critics of United States and especially agency involvement in events leading of to coup which overthrew the Allende government and has publicly charged that secretary Kissinger lied to him concerning the role of US was playing in Chile at that time. He appeared on a television panel show to expound on this there and to charge that the military Junta in Chile had initiated a regime of terror. The result of this criticism has been widespread negative publicity for the US. government which result in further anti-agency propaganda throughout [ilegível] media in the US. and abroad.” U.S Department of State - Freedom of Information Act. Letelier lecturer at American University, March 6th, 1975. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print533.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁰⁵ No momento do depoimento para a Suprema Corte de Justiça, Manuel Contreras havia sido promovido a general, a DINA extinta e substituída pela CNI, liderada por Odlanier Mena a partir de 1977.

participação ou culpa. A ideia é completar as lacunas e esclarecer os fatos omitidos e, conscientemente, fantasiados por Contreras. Segundo ele,

Debo aclarar que la cooperación de la CIA para con la DINA, y viceversa era muy cordial. Me aclaró CIA- Chile que las personas que viajaran debían hacerlo en forma encubierta lo que significa identidad diferente a la verdadera que por lo demás es habitual en las tareas de Inteligencia y además deberían iniciar su viaje desde un país extranjero por cuanto era imprescindible que no se notara el contacto del General Walters [Vernon] con Agentes del Servicio de Inteligencia chilenos, dada la aversión en contra de chilenos en esse tiempo en USA.

Considerando nuestras buenas relaciones con el Servicio de Inteligencia Paraguay solicitamos su cooperación para lo cual enviamos dos personas, un agente y un informante para obtener identidad paraguaya y poder trasladarse posteriormente a cumplir la mision a los EE.UU.

Debo aclarar que el General WALTERS iba a hacer tomar contacto a nuestro personal con las personas que el indicara, razon por la cual se necesitaba a alguien que hablara bien inglés. Por la razon anterior y considerando que no teníamos agentes dentro de DINA, que hablaran bien inglés, se recurrió a solicitar a un informante que concurriera a Paraguay.

Las personas que viajaron a Paraguay no conocian la identidad de los personajes que el General WALTERS les iba a presentar.

En Paraguay la mision se cumplió y obtuvieron pasaportes paraguayos que fueron visados por el Consulado de los EE.UU pero por haber transcurrido mas de una semana en esta gestion, se dió la oportunidad del viaje a EE.UU., ya que CIA- CHILE informó que el General WALTERS habia salido de WASHINGTON y no regresaba hasta el mes de Agosto de 1976. Por esta razón dispuse el regreso del agente y su acompañante. Luego la misión a EE.UU. desde Paraguay no se cumplió.

Posteriormente devolví los pasaportes paraguayos al Servicio de Inteligencia de Paraguay, habiéndole sacado las fotografías previamente. Estos pasaportes no fueron utilizados en ninguna oportunidad por agente y su acompañante. Los pasaportes fueron devueltos durante el mes de Agosto de 1976, según recuerdo.

A mediados de Agosto CIA-CHILE me informó nuevamente de que el General WALTERS se encontraba en Washington y que podían viajar ahora nuestros agentes desde Chile por cuanto WALTERS estaba proximo a dejar o había dejado la CIA. Indicaron que era conveniente mantener los nombres utilizados en los pasaportes paraguayos como parte de esta operación de inteligencia, dado para llegar al General WALTERS era necesario contactar varias personas y éstas ya conocían los nombres primitivos.

Considerando estas razones y dado que en aquel tiempo era casi imposible conseguir pasaportes ordinarios y que ellos fueran visados en la Embajada de EE.UU. y además teniendo presente la urgencia de la misión, se utilizaron pasaportes oficiales que la misma CIA-CHILE se encargó de tramitar en forma urgente.

En esta oportunidad fueron dos agentes distintos al personal que habia concurrido a Paraguay pero utilizaron sus mismos nombres.

La misión se cumplió solamente en cuanto al viaje debido a que en Washington fue imposible contactar al General WALTERS que según las informaciones de la época habia sido removido de la CIA, devuelto al

Ejército y se encontraba con feriado fuera de la ciudad. Los agentes inclusive en forma ocasional tomaron contacto con el Jefe de la Misión Militar de Chile, quién también cooperó en la búsqueda del General WALTERS. Los agentes regresaron a Chile sin haber podido contactar con el General WALTERS en la quincena de Agosto de 1976.

La misión primitiva del viaje a EE.UU. incluía al Capitán ARMANDO FERNANDEZ LARIOS, quien fué el agente que concurrió a Paraguay. El Capitán FERNANDEZ a raíz de no haber sido incluido en la segunda misión que partió a E E .U U, fue comisionado posteriormente y también en la segunda quincena de Agosto de 1976 para acompañar y servir de apoyo a una agente femenina reclutada para cumplir una misión en Nueva York. Con esto también se quiso premiar al Capitán FERNANDEZ por su excelente labor desarrollada en DINA. El Capitán FERNANDEZ tenía y tiene una hermana que vivía en Washington. El Capitán FERNANDEZ volvió con la agente femenina durante la primera quincena de Septiembre de 1976 antes del 11.SET.

Los agentes que cumplieron la misión en Washington fueron los Capitanes MANUEL ROLANDO MOSQUEIRA JARPA y RENE RIVEROS VALDARRAMA y el informante que concurrió a Paraguay y que iba a servir de interprete se denomina ANDRES WILSON. En cuanto a la agente femenina no recuerdo su identidad por cuanto fué reclutada para la misión. De acuerdo a la estructura de DINA en aquella época las misiones de detalle fueron impartidas por el Director de Operaciones de la época.

Debo aclarar que ninguno de los Oficiales e inclusive la dama enviada a EE.UU. recibieron otro tipo de misión que la realmente encomendada e indicada anteriormente, como tampoco contactarse con agentes de otros servicios que no fuera la CIA. La misión de la dama consistía en realmente determinar infiltración U.P. entre el personal CODELCO y CORFO de Nueva York.

Relaciones del Servicio de Inteligencia, entonces a su mando con la muerte de ORLANDO LETELIER. La Dirección de Inteligencia Nacional no tuvo ninguna relación con la muerte del Sr. ORLANDO LETELIER.

Relaciones del ciudadano MICHAEL V. TOWNLEY con el Servicio a su mando. Este ciudadano lo conozco como ANDRES WILSON y solamente ultimamente me impuse por la prensa que tenía este otro nombre, WILSON era un buen informante de mi Servicio y actuaba como informante de uno de mis oficiales. [...] TOWNLEY como WILSON, efectivamente fué a Paraguay acompañando a un Agente de la Dirección en calidad de intérprete en inglés tal como lo mencioné anteriormente.

Cabe hacer presente a US., que nunca he sido interrogado por autoridades del CNI., al tenor de las relaciones de DINA. con TOWNLEY (WILSON), sino muy por el contrario yo participé en varias reuniones de un Comité formado para aclarar la situación producida y en estas sesiones expuse lo que conocía del caso. De esta manera jamás ha habido un interrogatorio formal, sino que por el contrario se trato de exposiciones personales y voluntarias del suscrito cooperándole al Comité.⁴⁰⁶

⁴⁰⁶ MUSEO DE LA MEMORIA Y DE LOS DERECHOS HUMANOS. Corte Suprema de Justicia, causa nº 1-91, Falsificación y Homicidio. Tomo I. p.31-32. Disponible em: <<http://www.cedocmuseodelamemoria.cl/wp-content/uploads/2012/01/TOMO-1.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

De fato, Manuel Contreras não falta com a verdade na totalidade de seu depoimento. A relação entre a CIA e a DINA era estreita e isso se torna mais claro ao passo que este trabalho exhibe fatos que vão desde o nascimento do aparato repressivo chileno até sua atuação na Operação Condor. No entanto, o que se evidencia nos argumentos de Contreras acerca do caso Letelier/Moffitt pode-se classificar como perjúrio, já que, entre tantos outros fatos relevantes, o coronel afirma categoricamente não ter a DINA nenhuma relação com o crime. Isto posto, serão apresentados os fatos ocorridos em 1976 em Washington a partir da perspectiva de Townley e estudiosos do período, lançando luz ao que foi a operação terrorista para assassinar Letelier, o papel de Contreras e os agentes da DINA.

No já citado documento “*United States Chilean Relations*”, de junho de 1976, onde constam os registros do diálogo entre Augusto Pinochet e Henry Kissinger, em visita do Secretário de Estado dos EUA ao Chile, entre outros assuntos, o ditador mencionou sua preocupação com as críticas sofridas pelos democratas-cristãos: “eles tem uma forte voz em Washington”.⁴⁰⁷ Pinochet também apontou para a inserção desses políticos no Congresso, fazendo referência a Gabriel Valdés e Orlando Letelier como vozes que estariam “dando falsa informação” sobre o que se passava no Chile naqueles dias. Coincidentemente, logo após esse encontro, Pinochet e Contreras deram início à missão para assassinar Letelier.

Ainda no mês de junho, Contreras ordenou que o coronel Pedro Espinoza desse prosseguimento a ação, e esse por sua vez, recrutasse Michael Townley e o coronel Armando Fernández Larios para fazer “a morte de Letelier parecer um acidente ou suicídio”.⁴⁰⁸ Para isso, era preciso que os agentes viajassem até o Paraguai para obter passaportes falsos, seguindo os parâmetros da Operação Condor e de acordo com o relato de Contreras à Justiça. Com as identidades de Juan Andres Wilson Silva e Alejandro Rivadeneira, Townley e Fernández, respectivamente, dirigiram-se ao Paraguai e, após uma semana, possuíam em mãos os passaportes concedidos em nome de uma missão fictícia, criada pelos agentes. Agora com outros nomes, Townley como Juan Williams Rose, e Fernández como Alejandro Romeral Jara, os agentes aguardavam somente os vistos, concedidos pelo Embaixador

⁴⁰⁷ “They have a strong voice in Washington”. *United States Chilean Relations*, June 8th, 1976. U.S Department of State – Freedom of Information Act. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print459.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁰⁸ “to make the death of Letelier appear to be an accident or suicide”. *The Letelier case: background and factual summary*, January 1st, 1989. U.S Department of State – Freedom of Information Act. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print876.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

estadunidense George Landau depois de repetidos telefonemas ao ditador paraguaio e colaborador de Pinochet, Alfredo Stroessner.⁴⁰⁹

Após Landau suspeitar sobre a verdadeira razão pela qual Townley e Fernández solicitavam os vistos e o general Walters não confirmar a versão de que os agentes estariam viajando para os EUA para vê-lo, a missão de sair pelo Paraguai estava abortada, mas não antes de Landau fazer cópias dos passaportes. Desse modo, já em finais de agosto, Fernández, junto da agente Liliana Walker – agente feminina que Contreras diz não lembrar da identidade- partem para os EUA a partir do Chile. No dia 9 de setembro, Michael Townley pousa em solo estadunidense com um quarto nome, agora se chama Hans Petersen Silva e encontra-se com Armando Lyon (Fernández) para receber todas as informações coletadas sobre Letelier anteriormente. De fato, como se referiu Contreras a Fernández, este desenvolvia excelente trabalho para a DINA e nesse caso, não seria diferente.

No momento de preparação do atentado terrorista, os agentes da DINA, sobretudo, Townley, que já possuía fortes conexões com grupos extremistas anti-Castro desde o final dos anos 1960, buscou o auxílio de Guillermo Sampol e do Movimento Nacionalista Cubano⁴¹⁰ para realizar a missão contra Letelier com sucesso. Ao lado de Townley estavam ainda Virgilio Paz e Dionisio Suárez, que passaram a seguir o político chileno, monitorar sua rotina, enquanto o agente da DINA – tratado por Contreras em seu depoimento como mero informante e tradutor - construía a bomba que seria utilizada no ataque.

Na noite de 18 de setembro de 1976, Townley, Suarez e o Paz dirigiu à casa de Letelier para instalar a bomba debaixo do automóvel de Letelier. O próprio Townley afixou a bomba, que deveria ser detonado por um dispositivo de controle remoto, um dispositivo de paging que Townley modificou anteriormente. Depois, retornando ao seu quarto de motel, Townley ligou para sua esposa no Chile, informando-a que a bomba tinha sido colocada e pedindo-lhe para retransmitir essa informação para a sede da DINA.⁴¹¹

⁴⁰⁹ KORNBLUH, *op.cit.*, p. 351

⁴¹⁰ O Movimento Nacionalista Cubano composto por dissidentes cubanos anti-castristas, principalmente situados em Miami, nos EUA, nas décadas de 1960-70.

⁴¹¹ “On the night of September 18, 1976, Townley, Suarez, and paz drove to Letelier's house to install the bomb beneath Letelier's automobile. Townley himself affixed the bomb, which was to be detonated by a remote control device, an electronic paging device which Townley had modified earlier. After returning to his motel room, Townley called his wife in Chile, informing her that the bomb had been placed, and asking her to relay that information to DINA headquarters”. In: The Letelier case: background and factual summary, *op.cit.*, p.6

Na manhã de 21 de setembro de 1976, Orlando Letelier, junto de seus amigos Michael e Ronni Moffitt se dirigiram ao trabalho, quando próximo à Sheridan Circle, local onde se encontram as embaixadas de todo o mundo, Paz e Suarez pressionaram o botão, gerando uma grande explosão, que acabou por vitimar Letelier e Ronni Moffitt. Desse violento atentado, sobreviveu apenas Michael Moffitt, jogado para fora do carro com a força da explosão, acabou, surpreendentemente, sofrendo apenas escoriações. A dramática morte de Letelier e Moffitt, conhecidos pela defesa da democracia, acabou por tornar-se umas das grandes provas da existência da Operação Condor e do conhecimento dos Estados Unidos sobre a natureza da DINA e suas ações.

A ditadura chilena imediatamente assumiu uma posição defensiva em relação ao crime ocorrido em Washington. Manuel Trucco, embaixador do Chile nos EUA, se dirigiu ao Departamento de Estado no mesmo dia do atentado, para uma reunião com o Secretário Assistente William Luers, a fim de expressar a suposta indignação do regime chileno com o ato terrorista contra Orlando Letelier e Ronni Moffitt. E solicitou, ainda, que as declarações concedidas pelo governo estadunidense não imputassem aos agentes chilenos as responsabilidades pelo crime.⁴¹² Enquanto isso, no Chile o Ministro das Relações Exteriores, Patricio Carvajal tratou de assumir uma postura diversionista sobre o assunto: “O governo chileno tem uma postura aberta e consistente contra o terrorismo”⁴¹³ Assim como Contreras, todos os funcionários do Estado chileno adotaram um discurso que protegesse os agentes de segurança de Pinochet e o próprio ditador. Apesar de todos esses esforços, o embaixador dos EUA David Popper, enviou um memorando aos EUA desacreditando a versão chilena dos fatos de acordo com o retrospecto das ações relacionadas ao Condor.

3. Lembre-se de dois casos anteriores em que os oponentes da Junta foram misteriosamente atacados: o caso do general Carlos Prats, morto em Buenos Aires em setembro de 1974, e o caso de Bernardo Leighton, gravemente ferido em Roma em outubro de 1975. Em ambos os casos, até onde sabemos, a investigação sobre os preparadores se mostrou infrutífera. O ataque ao general Alfredo Canales, embaixador da Junta em Beirute em julho de 1974, permaneceu igualmente misterioso. 4. Baseando-se em motivação óbvia, a suspeita recairá antes de tudo na Direção de Inteligência Nacional do GOC [Governo do Chile] (DINA), Letelier era um inimigo político de primeira

⁴¹² KORNBLUH, *op.cit.*, p. 353

⁴¹³ *Id. Ibid.*

linha da Junta. Ele era politicamente ativo no exílio. Silenciando-o tenderá a inibir alguns outros exilados de falar, escrever ou conspirar contra a Junta.⁴¹⁴

Embora tenha elencado os crimes contra Prats e Leighton fora do território chileno, Popper prosseguiu demonstrando dúvidas sobre a capacidade da DINA de operar em Washington. Do mesmo modo, segundo aponta Peter Kornbluh, a CIA tomou a posição de defender a ditadura chilena, difundindo notícias que indicassem o não envolvimento da DINA no caso Letelier-Moffitt.⁴¹⁵ Além disso, posteriormente, a agência “no dió parte a los fiscales federales sobre las copias de los pasaportes que había hecho Landau”.⁴¹⁶ Tendo em vista os argumentos de Popper sobre os atentados em Buenos Aires e Roma conformando um padrão de atividades comuns à DINA; e considerando a ocultação de informações por parte da CIA, nota-se que os organismos estadunidenses admitiam ter conhecimento do *modus operandi* do aparato repressivo chileno e confiavam na viabilidade da conexão entre autor e crime, apesar de buscarem não demonstrar tal perspectiva publicamente. Nos bastidores dessa conjuntura, os EUA, fundamentalmente, nas figuras de Henry Kissinger e do diretor da CIA, George W. Bush, permaneceram fiéis a sua aliança com a ditadura Pinochet, motivados, sobretudo, pela implicação dos EUA nos crime.

É relevante destacar que do assassinato de Letelier e Moffit derivaram processos, confissões e, apenas em 2015, o surgimento da prova cabal da implicação de Augusto Pinochet no atentado e na obstrução de justiça, freando o processo de extradição dos culpados para os EUA. Em 1978, paralelamente ao processo que corria na Corte Suprema do Chile, deu-se início ao julgamento de homicídio das vítimas do Condor, considerado crime federal, sendo posteriormente transferido para o Departamento de Justiça, onde permaneceu ao longo de alguns anos. Embora a repercussão do caso conte com maiores detalhes no próximo capítulo em que será tratada a questão da justiça e abertura de documentos, é possível afirmar

⁴¹⁴“3. We recall two previous instances in which Junta oponents were mysteriously attacked: the case of general Carlos Prats, killed in Buenos Aires in september 1974, and the case of Bernardo Leighton, seriously wounded in Rome in October 1975. In both cases, to our knowledge, investigation as to the preparators proved fruitless. The attack on general Alfredo Canales, the Junta’s ambassador in Beirut in july 1974 has remained equally mysterious. 4. Based on obvious motivation, suspicion will fall first of all on the GOC Directorate of National Intelligence (DINA), Letelier was a first-rank political foe of the Junta. He was politically active in exile. Silencing him will tend to inhibit some other exiles from speaking, writing or plotting against the Junta.” In: U.S Department of State – Freedom of Information Act. Assassination of Orlando Letelier, September 21st, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print219.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴¹⁵ KORNBLUH, *op.cit.*, p.353

⁴¹⁶ MCSHERRY, *op.cit.*, p.217

antecipadamente que grandes esforços foram realizados de ambas as partes, EUA e Chile, para que a impunidade imperasse e que a descoberta do Condor e seus desdobramentos não levassem à resposta de crimes anteriores.

4.6. Projeto Andrea, Carmelo Soria e Eugenio Berríos

No laboratório da DINA e residência de Michael Townley, localizado em Lo Curro, Santiago, o agente com a colaboração do químico Eugenio Berríos, dirigiu uma operação terrorista secreta de grandes proporções: o desenvolvimento de armas químicas e biológicas (de destruição em massa). Chamado de *Andrea*, esse projeto refletia o desejo de Pinochet em possuir uma arma que pudesse ser utilizada contra países vizinhos, tais como Peru e Argentina, num possível conflito bélico. No entanto, seus usos foram outros.

Michael Townley aliado a esse grupo de agentes desenvolveu, produziu e estocou um gás conhecido como Sarín. Altamente letal, pequenas doses desse gás é capaz de matar dolorosamente um grande grupo de pessoas, podendo eliminar milhares, o utilizando assim como poderosa arma de guerra. Ao mesmo tempo, Berríos desenvolvia um veneno letal para usos da DINA.⁴¹⁷

Após estudar o trabalho de químicos na Alemanha, durante suas operações na Europa em 1975, Townley adquiriu equipamentos e compostos de uma companhia britânica de engenharia química, *Gallenkamp*, além de outros materiais em Miami.⁴¹⁸ Os gastos do agente para montar um laboratório no Chile foram financiados por uma conta especial da DINA atrelada à sua empresa fantasma de nome Prosin Limitada, no *First National Bank* em Miami, Flórida.

No mesmo momento da missão para assassinar de Letelier em Washington, a DINA havia fabricado grandes quantidades de gás sarín e Townley estava trabalhando num sistema de entrega que permitiria que o gás fosse implantado numa conjuntura de guerra. O laboratório também contou com a atuação de representantes anti-castristas do violento Movimento Nacional Cubano. A principal ideia girava em torno da utilização do gás em atividades terroristas. Assim, em um frasco de perfume, Townley carregou sarín no voo

⁴¹⁷ MCSHERRY, *op.cit.*, p.254

⁴¹⁸ KORNBLUH, *op.cit.*, p.179

Chile- Estados Unidos cogitando o seu uso na missão contra o ex-ministro chileno e sua assistente. No entanto, o agente acabou recorrendo à arma que mais utilizara até então, o carro bomba, garantindo a imediata morte dos alvos.

Ainda em 1976, o diplomata e membro da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), Carmelo Soria Espinoza foi assassinado. Partidário de Salvador Allende, Soria rapidamente tornou-se um alvo da DINA no marco da Operação Condor. Assim, no mês de julho Soria foi sequestrado pela, ainda pouco conhecida, Brigada Mulchén⁴¹⁹ - chefiada por Iturriaga Neumann e Guillermo Salinas⁴²⁰ - e levado a Lo Curro, onde foi torturado até a morte e, posteriormente, jogado num canal. Segundo McSherry, imediatamente após o crime, Pinochet lançou uma campanha de desinformação, difundindo rumores de que Soria havia cometido suicídio em razão da descoberta da infidelidade de sua esposa.⁴²¹ Apenas em 2012, a partir da reabertura do caso, o juiz Pablo Ruz processou sete agentes da DINA pelo homicídio de Soria e solicitou as extradições dos mesmos para a Espanha. Entre os réus estavam Townley, Contreras e Guillermo Salinas, mas não Berríos⁴²². Já falecido no momento do processo contra os agentes, o químico Berríos não foi sequer citado, apesar de haver indícios de que estava presente em *Lo Curro* na época.

Dois anos após as mortes de Soria, Letelier e Ronni Moffit, a extradição de Townley para os EUA e a dissolução da DINA significou o afastamento de Berríos das tarefas ligadas à inteligência chilena. Dessa forma, envolveu-se em outra atividade ainda mais rentável com a cooperação de oficiais chilenos, o narcotráfico internacional. Em 1991, período marcado pela transição democrática, agentes da DINA e Eugenio Berríos foram intimados pela Justiça para depor no caso Letelier/Moffit, ainda sem conclusão e que elencava o químico como um dos

⁴¹⁹“Los integrantes de la Brigada Mulchén eran comandos de la Escuela de Paracaidistas de Peldehue, boinas negras. Entre algunos de los crímenes que se les han comprobado, está el del diplomático Carmelo Soria. Pero en general estaban encargados de operaciones clandestinas y es la gente de mayor confianza de Pinochet.” In: Javier Rebolledo. “Hay al menos 10 agentes de la DINA que identifican a Labbé como instructor”, *Publimetro*, 20/10/2014. Disponível em: <https://www.publimetro.cl/cl/politica/2014/10/20/javier-rebolledo-hay-menos-10-agentes-dina-que-identifican-labbe-instructor.html>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴²⁰ MUSEO DE LA MEMORIA Y DERECHOS HUMANOS. Salinas e Iturriaga: jefes de brigada que ejecuto a Soria. In: “Los ejecutores de Carmelo Soria según fallo del juez Bañados” *El Siglo 18* noviembre 1993. Disponível em: <http://www.archivomuseodelamemoria.cl/uploads/1/7/176621/00000329000001000004.jpg>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴²¹ MCSHERRY, *op.cit.*, p.255

⁴²²Auto de Ruz sobre el asesinato de Carmelo Soria. *El País*, 23 Mayo, 2014. <<https://ep00.epimg.net/descargables/2014/05/23/84ca38cd8bfd4290bd2d506e4176265d.pdf?rel=mas>> Acessado em: jan. de 2019.

suspeitos. Nessa conjuntura, todos os intimados desapareceram no que se chamou de “*Control de Bajas*”⁴²³, ou “*Pacto Condor Sur*”, uma operação clandestina de cooperação em que oficiais militares retirariam do país aqueles agentes implicados nos crimes do Condor e por isso, procurados pela Justiça. Segundo Stella Calloni, em 1996, o jornal *La Republica* de Montevideú,

[...] publicó un ‘informe secreto’ con rótulos del Ministerio de Defensa, Departamento de Microfilmado, Dirección de Inteligencia Nacional, y otros datos que mostraban un documento de las fuerzas armadas chilenas según al cual el ex agente Berríos fue trasladado y escondido en Uruguay en el marco de un compromiso: el Pacto Cóndor Sur. Era una operación encubierta coordinada entre el agregado militar uruguayo en Santiago, coronel Hector Lluís, y el agregado militar chileno en Montevideo, coronel Emilio Timmerman Unduriaga.⁴²⁴

Em 1995, o corpo de Eugenio Berríos fora encontrado por pescadores na praia de El Pinar, fato que lançou luz a essa ininterrupta colaboração entre os órgãos de Inteligência do Cone Sul. A cooperação entre agentes chilenos, argentinos e uruguaios, aos moldes do Condor, permitiu que Berríos e outros chilenos cruzassem as fronteiras até o Uruguai com passaportes falsos. Sentindo-se inseguro em relação a sua proteção pessoal, Berríos buscou auxílio diplomático para retornar ao Chile, tinha em si a certeza de que Pinochet o queria morto. No entanto, foi entregue às forças de segurança do Exército uruguaio chefiada pelo comandante Tomás Casella. A serviço do ditador Pinochet, Casella manteve Berríos encarcerado até seu desaparecimento, relatado anonimamente à política do Partido Nacional Matilde Rodríguez, pelos agentes envolvidos no sequestro.⁴²⁵ Em 1993, uma carta supostamente enviada de Milão pelo químico ao Consulado uruguaio surgiu para mascarar o que acontecia em plena democracia: o Terrorismo de Estado nas antigas vestes do Condor.

Assim, iniciada a investigação após a descoberta dos restos mortais de Berríos, agentes das forças armadas envolvidos no episódio refugiaram-se em outros países, escapando do processo instaurando ainda naquela década. Em 2001, no entanto, o caso de Eugenio Berríos foi reaberto e seus últimos desdobramentos se deram até 2015, quando Arturo Silva Valdés, membro do Serviço Secreto da *Dirección de Inteligencia del Ejército* (DINE) foi condenado

⁴²³GONZÁLEZ, Mónica. El hombre que disparó a Berríos. **Revista Siete+7**, nº 33, 25 de octubre de 2002. Disponível: <<https://ciperchile.cl/wp-content/uploads/el-asesino-de-eugenio-berrios.pdf>> Disponível em: jan. de 2019.

⁴²⁴CALLONI, Stella. **Operación Condor: pacto criminal**. Venezuela: Fundación Editorial El perro y la rana, 2016. p.345

⁴²⁵MCSHERRY, *op.cit.*, p.257

por ter efetuado os disparos contra Berríos.⁴²⁶ Nesse contexto de denúncias e descobertas, Contreras acusou Pinochet pelas ordens para retirar Eugenio do país e revelou ainda que os motivos não tinham relação com a morte de Letelier, mas sim, com a produção e venda de drogas, negócios que o químico teria com Edgardo Batchich, sócio do filho do ditador.⁴²⁷

Diferentemente dos outros casos apresentados como exemplos da atuação da DINA, de Contreras e Pinochet, o caso Berríos ocorreu durante o período democrático, quando em todos os países envolvidos se imaginava ter existido um retorno das forças armadas aos quartéis. No entanto, diante do exposto e o silêncio que abateu Luis Alberto Localle, presidente do Uruguai na época, se verifica a dimensão do poder de generais e coronéis sobre, as ainda frágeis, instituições democráticas. Mesmo após alguns anos da transição política, o sequestro, desaparecimento, as operações encobertas, ações características de regimes ditatoriais tiveram seguimento, demonstrando o fim da ditadura, mas não de suas práticas características da guerra suja, tampouco da coordenação dos sistemas de inteligência Condor. Evidentemente, a DINA, um dos maiores aparatos repressivos da América Latina, cumpriu seu papel neste caso como em tantos outros, garantindo que seus segredos permanessem ocultos à custa da vida de um agente. Essa e tantas outras terríveis facetas conformam o que foi a *Dirección de Inteligencia Nacional*.

⁴²⁶ “El asesino de Berríos”. CIPER, 11/08/2015. Disponível em: <<https://ciperchile.cl/2015/08/11/el-asesino-de-eugenio-berrios/>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴²⁷ GONZÁLEZ, Mónica. General Manuel Contreras endosó secuestro de Berríos a Pinochet. **Revista Siete+7**, nº 51, 28 de febrero de 2003. Disponível em: < https://ciperchile.cl/wp-content/uploads/general-manuel-conteras-endoso-secuestro-de-berrios-a-pinochet_02.pdf> Acessado em: jan. de 2019.

Capítulo 5. Continuidades e rupturas

5.1. a transição: o fim da DINA e o nascimento da CNI

A partir de 1977 a atuação da DINA passou a ser alvo de pesadas críticas, não apenas por militares que não estavam de acordo com a postura de Contreras e do nível de violência empregado por seus agentes, como também pela justiça estadunidense, familiares de sobreviventes, mortos e desaparecidos, além de grupos ligados à luta pelos direitos humanos. Dessa forma, Pinochet se viu compelido a tomar a decisão de dissolver a DINA, substituindo-a pela *Central Nacional de Informações* (CNI) através do Decreto-lei nº 1878 em 13 de agosto de 1977.

Em 7 de dezembro de 1977 a Comissão das Nações Unidas que investigava a situação dos direitos humanos no Chile decidiu contra a ditadura de Augusto Pinochet, aprovando na semana seguinte em Assembleia Geral a resolução pelo não cumprimento das promessas do governo chileno de melhorias na situação dos direitos humanos no país. De acordo com Manuel Salazar, 96 países votaram contra Pinochet, 26 se abstiveram e 14 votaram a favor.⁴²⁸ Conforme afirma Policzer, muitos pesquisadores afirmam ter sido a pressão internacional a principal razão para a transição⁴²⁹, o que é possível visualizar nos diversos apontamentos que constam nos relatórios das Nações Unidas a partir dos anos 1974 e ultrapassando os anos 1980. Nos diversos relatórios anuais encontram-se análises tais como a do trecho abaixo:

Considerando que tanto a Assembleia Geral na sua resolução 31/124 de 16 de dezembro de 1976, quanto a Comissão de Direitos Humanos na sua resolução 9 (XXXIII) de 9 de março de 1977 expressaram profunda indignação em razão das constantes e flagrantes violações dos direitos humanos ocorridas e que seguem acontecendo no Chile, particularmente a institucionalizada prática da tortura, cruel, desumano e degradante tratamento e punição, desaparecimento de pessoas por razões políticas, arbitrarias prisões, exílio e casos de privação de nacionalidade Chilena. (...) Se reitera a profunda indignação que o povo chileno continue subjugado às constantes e flagrantes violações dos direitos humanos e liberdades fundamentais [...]⁴³⁰

⁴²⁸ SALAZAR, Manuel. **Las letras del horror. Tomo II: CNI**. Santiago: LOM, 2012. p.24

⁴²⁹ POLICZER, p.137

⁴³⁰ Resolução da ONU do tema “Protection of human rights in Chile”. A/RES/32/118 Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/32/118> Acessado em: set. de 2018.

Ainda sobre isso, Pablo Policzer traz a reflexão de que os mesmos Estados Unidos que clamavam pelo fim da esquerda no Chile, foram quem pressionou o ditador Pinochet para dar um fim ao principal órgão do aparato repressivo chileno. Apesar disso, não é possível afirmar que esse tenha sido o único motivo pelo qual se realizaram mudanças no interior da estrutura de inteligência e segurança da ditadura. Outra teoria é de que tal transição tinha como objetivo a consolidação do poder pessoal de Pinochet, como aponta Padilla Ballestros. Baseado no princípio de “dividir para governar”⁴³¹, o ditador, com êxito, colocou militares de posições diversas, uns contra os outros, aproveitando-se do conflito interno, adquirindo vantagens e, gradualmente, assegurando sua posição de liderança. Nesse sentido, a transição da DINA para a CNI poderia ser interpretada como a queda do militares mais conservadores e violentos diante dos demais, o que não necessariamente se comprova em todo o período de atuação da CNI.

O decreto que instituiu esse novo órgão de inteligência delimitou suas características e objetivos. Embora houvesse a tentativa de dissociar a DINA da CNI, em termos gerais ambas possuíam as mesmas capacidades e finalidade, exceto por uma ser subordinada a Contreras e a outra “en su calidad de organismo militar, integrante de la Defensa Nacional, la Central Nacional de Informaciones se vinculará con el Supremo Gobierno [...] a través del Ministerio del Interior”.⁴³² A lei especificava ainda que a Central Nacional de Informações tinha como missão: reunir e processar todas as informações a nível nacional, provenientes dos diferentes campos de ação para que assim, o governo pudesse formular planos, programas e políticas, além de tomar medidas necessárias para o resguardo da segurança nacional e manutenção da institucionalidade estabelecida. Ou seja, a manutenção da ditadura, de Pinochet e de toda sua estrutura.

Somadas às atribuições da CNI acima mencionadas, outras tantas disposições legais foram sendo criadas, permitindo a ampliação dos seus poderes e funções policiais. Nesse sentido, foi outorgada à Central a possibilidade de realizar “allanamientos a locales habitados o deshabitados en que se presumiera la existencia clandestina de armas de fuego, explosivos, sustancias químicas, etc., o la comisión del delito de organización de milicias privadas”.⁴³³

⁴³¹ Esse conceito foi utilizado pelo governante romano César (divide et impera), Filipe II da Macedônia e imperador francês Napoleão (divide ut regnes).

⁴³² CHILE, Decreto-ley nº1878. Disponível em: < <http://bcn.cl/1v40d>> Acessado em: nov. de 2018.

⁴³³ SALAZAR, 2012, *op.cit.* p.20

Assim, é possível dizer que a CNI foi transformando-se ao passo que o Chile ia modificando sua conjuntura interna, atingindo a maturidade em 1985, quando sua estrutura se pautou em três grandes pilares: a *Dirección Nacional*, *División de Inteligencia Regional* e *División de Inteligencia Metropolitana*⁴³⁴, demonstrando assim nítidas semelhanças com a DINA.

A CNI profissionalizou suas brigadas a partir da criação da Divisão Antisubversiva, uma entidade coordenadora de toda a atividade desenvolvida pelo aparato do Estado e contra qualquer tipo de subversão. Assim como a DINA, essa divisão possuía grupos de trabalho com diferentes objetivos. Desse modo, o Departamento de Análise Subversivo auxiliava no mapeamento e controle de todas as atividades contrárias ao regime que eram realizadas nos diversos âmbitos da vida civil, tais como a religião, educação, política partidária, etc. Para aqueles partidos perseguidos pela DINA como o PS, PCCh e MIR, a CNI designou agentes específicos para a contenção das atividades desses partidos e para a eliminação de seus membros. À Brigada Azul, herdeira da Brigada Caupolicán foi imposta a tarefa de perseguir o MIR, enquanto a Brigada Café se encarregou do que antes a Brigada Lautaro realizava, concentrando seus esforços na erradicação do Partido Comunista e do novo grupo armado Frente Patriótico Manuel Rodríguez (FPMR)⁴³⁵, nascido em 1983.

Essas continuidades demonstram que a CNI espelhou-se em sua antecessora ao basear suas estratégias de trabalho na atuação de brigadas especiais. Nesse sentido, foram criadas ainda as Brigadas Amarela, concentrada na perseguição ao Partido Socialista, a Brigada Branca, gestora das denúncias que chegavam aos quartéis da CNI e as Brigadas Apache e Especial, encarregadas de encobrir os possíveis erros dos seus agentes e dos carabineiros. Somado a isso, as divisões de Inteligência Regional e de Inteligência Metropolitana forneciam suporte assim como a BIR e BIM concediam à DINA. No período inicial de atuação da CNI, seu trabalho exaustivo de inteligência e coleta de informações permitiu que mais tarde a suas

⁴³⁴ ARCHIVO CHILE. Agentes y estructura de la Central Nacional de Informaciones (CNI). Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/org_repre/DMorgrepre0001.pdf> Acessado em: mar. de 2019.

⁴³⁵ A FPMR, nomeada assim em homenagem ao herói homônimo da independência, considerado o primeiro guerrilheiro na história do país, foi inicialmente o aparato militar do Partido Comunista do Chile, na chamada “Política de Revolta Popular em Massa”, onde o PCCh e a FPMR adotou todas as formas de luta contra a ditadura militar, incluindo a via armada, onde a FPMR atuou principalmente na forma de “guerrilha urbana”. Assim como os demais grupos de esquerda latino-americanos, a FRMR era vista pelos EUA como terroristas como mostra o documento “Terrorist bombings of United States- related facilities”, August 8th, 1984. In: U.S Department of State- Freedom of Information Act. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print85.pdf>> Acessado em: mar. de 2019.

ações de perseguição, prisão e assassinato fossem mais efetivas, o que teve início mais fortemente com a rearticulação e resistência dos partidos de esquerda na década de 1980.

As estruturas dentro do país prepararam-se para receber os exilados políticos e outros membros que haviam recebido treinamento no exterior. O MIR formulou uma estratégia política de atuação com o objetivo final de derrotar a ditadura e junto dele, os grupos FPMR e Mapu Lautaro⁴³⁶ encontraram nas armas um dos meios mais eficazes de colocar em prática tal plano. Assim, o aumento da resistência em todos os seus aspectos, armada ou social teve como consequência o endurecimento da CNI e o abandono das tarefas de inteligência para retomar as ações de contrainsurgência e conseqüentemente, o maior uso da violência.

Diferentemente da DINA, que existiu sob o mando de um único homem, Manuel Contreras, a CNI, ao longo de sua existência, contou com mais de um comando, que, segundo o decreto que a instituiu, deveria ser “un Oficial General o Superior en servicio activo, de las Fuerzas Armadas o de Orden”.⁴³⁷ Assim, Pinochet propôs a Contreras sua saída em troca de uma promoção dentro da hierarquia militar, concedendo-lhe o posto de General do Comando de Engenheiros. A substituição de Contreras lhe rendeu descontentamento, já que o ditador escolheu o General Odlanier Mena como novo diretor da CNI, quem posteriormente veio a investigar Contreras pelo assassinato de Orlando Letelier em 1976, além de realizar expurgos de ex-agentes da DINA, que após a saída, passaram a colaborar com a *Dirección de Inteligencia del Ejército*. Segundo com Alejandro Muñoz Rumbero, “con la llegada de Odlanier Mena comenzaron los cambios en la “casa””.⁴³⁸

A partir da seleção de pessoal realizada pelo novo diretor da CNI, criou-se uma nova Unidade de Computação, deixando assim, todos os arquivos sob a responsabilidade de uma única equipe. Ao processo de modernização se somou a constituição do Estado Maior de Inteligência em 1978, que dirigiu as atividades da CNI. Passados três anos, Mena foi substituído pelo general Humberto Gordon e com ele, retornaram antigos agentes à Central. “El general Gordon se rodeó de varios compañeros de armas que cumplieron con el cargo de

⁴³⁶ Movimento Juvenil Lautaro (MJL) ou MAPU Lautaro foi um movimento armado ligado à esquerda cristã. Nascida da divergência dentro do Movimento de Ação Popular Unitária sobre os métodos de combate à ditadura, o MJL iniciou suas atividades em 1982 a partir da iniciativa de Guillermo Ossandón, durando até a década de 1990.

⁴³⁷ CHILE, Decreto-ley nº1878, *op. cit.*

⁴³⁸ RUMBERO, Alejandro Muñoz. De la DINA a la CNI: Pervivencia y cambio en los cuerpos policiales chilenos. **VI Encuentro Internacional Jóvenes Investigadores en Historia Contemporánea**, Zaragoza, 2017. p.11 Disponível em: <<https://historiazgz2017.files.wordpress.com/2017/05/m-11-muc3b1oz-alejandro.pdf>> Acessado em: nov. de 2018.

subdirector de la agencia. Algunos de los nombres fueron Fernando Arancibia Reyes, Gustavo Rivera Toro, Mario Orrego Vidal y Hugo Salas Wenzel”⁴³⁹, quem atuou como último subdiretor da CNI. Ao longo da existência da instituição, ainda herdaram o cargo de Gordon, Wenzel, Humberto Leiva y Gustavo Abarzúa.

Embora a direção da CNI difira daquela anterior, seus objetivos permaneceram os mesmos: a busca pela eliminação dos focos de oposição e resistência, sobretudo, aqueles associados aos movimentos e partidos de esquerda, a contrainsurgência e a reunião de informação. Para tanto, a CNI também extrapolou os limites legais de suas funções de Inteligência dentro da ditadura, utilizando um *modus operandi* muito similar ao da DINA. A violência utilizada por esse órgão recém-fundado se comprova principalmente, pelas ações direcionadas à contenção do MIR quando esse retornou às suas atividades no país, bem como os demais grupos e partidos novos e antigos, que passaram a rearticular movimentos de resistência.

Em outubro de 1977, três anos após a morte de Miguel Enríquez, durante o discurso de homenagem realizado em Cuba, Nelson Gutiérrez, “El guatón Wilson”, segundo homem na hierarquia do MIR, anunciou a “Operação Retorno”.⁴⁴⁰ A partir de 1978, o então inimigo nº 1 da ditadura, com quadros espalhados por países da Europa e Cuba, iniciaram sua estratégia para retornar clandestinamente ao país que os expulsou. A partir desse ano, gradativamente, miristas se mobilizaram para chegar ao Chile, reconstruindo, com dificuldades, sua força no interior. Com bases mais fundamentadas na luta de guerrilha, a intenção do MIR era “desarrollar un trabajo compartimentado para la construcción de redes de apoyo en zonas escogidas del sur, para la ‘preparación de condiciones que hicieran posible la operación futura de fuerzas guerilleras permanentes’”.⁴⁴¹

A ideia de utilizar essa região para formar grupos armados não era nova dentro da esquerda, os partidos Comunista e Socialista, assim o próprio MIR já havia se valido da região rural como local de organização e treinamento de combate guerrilheiro. Apesar disso, as primeiras ações que marcaram a volta do grupo ocorreram no perímetro urbano, sendo uma das principais, o justiciamento do tentente do Exército Luis Carevic Munõz, ex-integrante da

⁴³⁹ RUMBERO, *op.cit.*, p. 11

⁴⁴⁰ SALAZAR, 2012, *op.cit.*, p. 51

⁴⁴¹ PÉREZ, Cristián. Historia del MIR: “Si quieren guerra, guerra tendrán”. **Estudios Públicos**, nº 91, 2003. p.24 Disponível em: <http://www.archivochile.com/Archivo_Mir/Mir_libros_sobre/mirlibros0002.pdf> Acessado em: nov. de 2018.

DINA e membro da Unidade Anti-explosivos da CNI. Em decorrência disso, dias após a explosão no quartel Borgoño, pizações dos comandos “Lautaro” e “Carevic” prometiam o extermínio dos marxistas e vingança pela morte do militar.⁴⁴² Assim, se desencadeou uma espiral de violência e os mecanismos da DINA para reprimir os “inimigos internos” foram deliberadamente utilizados pela CNI

Nesse momento, outro grupo de esquerda passa a enfrentar a ditadura a partir de ações armadas, a Frente Patriótica Manuel Rodríguez (FPMR) que fazia parte do Partido Comunista, também debilitado em consequência das ações repressivas da DINA. Originária do movimento “*Política de Rebelión Popular de Masas*” (PRPM) do partido, a FPMR deu forma às estruturas político-militares do PCCh a partir de 1983. Assim como o MIR, alguns dos membros do grupo haviam recebido instrução e treinamento durante o exílio em países como a URSS e Cuba. As principais operações realizadas pelos militantes

estuvieron relacionadas con cortes de suministro eléctrico, toma de emisoras de radio para lanzar mensajes propagandísticos, asalto a transportes que llevaran alimentos o bienes que posteriormente repartir entre las poblaciones locales, ataques a las estructuras de poder como Fuerzas Armadas o Policía y ataques a infraestructuras del gobierno. Si bien las primeras acciones realizadas por los hombres del FPMR fueron limpias y no le costaron la vida a ninguno de sus miembros rápidamente cambiarían las tornas y contabilizarían las primeras bajas.⁴⁴³

A invasão de uma agência de notícias internacional, e a difusão da informação de que a ditadura Pinochet teria sido responsável por um atentado com mais de 30 vítimas, provocou uma atitude ainda mais beligerante da CNI contra a FPMR. Ações como essa tinham como finalidade conscientizar a população do caráter terrorista do Estado e com isso, solicitar apoio para derrubar o regime imposto pelos militares. Nesse mesmo contexto de tensão entre o aparato repressivo chileno e os movimentos de resistência, Enzo Muñoz, dirigente da FPMR e o mirista Manuel Sobarzo foram assassinados após uma operação do grupo contra a infraestrutura da DINE.

Ao longo do tempo a CNI tornou-se cada vez mais eficaz em suas operações contra o PCCh e a FPMR, até o momento em que a falha de uma delas pôs em prova sua reputação. Em confronto armado entre agentes da repressão e Fernando Larenas Seguel, militante da Frente Patriótica, esse acabou baleado e ainda vivo, foi transportado para o hospital do

⁴⁴² SALAZAR, *op.cit.*, p.55

⁴⁴³ PÉREZ, *op.cit.*, p. 13

exército. Nesse local, Seguel foi resgatado após uma ação protagonizada por seus companheiros, que burlando a segurança policial, conseguiram levá-lo para outro país. Assim, o êxito da esquerda a partir dessa e de outras ações, significou a desmoralização da CNI e o consequente estabelecimento do Estado de sítio – justificativa utilizada também pela DINA para uso de violência.

A ação de maior repercussão durante esse período foi o atentado sofrido por Augusto Pinochet em 7 de setembro de 1986, quando foram mortos cinco escoltas, treze homens ligados à segurança do ditador. A operação demonstrou que a CNI, apesar do triunfo nos embates com a militância de esquerda, não havia sido capaz de identificar o perigo. E sua ineficácia poderia custar a vida do chefe de Estado. Nesse sentido, se articulou dentro dos quartéis da CNI uma operação que tinha como único objetivo a vingança. A elite do exército foi posta nessa missão dirigida pelo major Álvaro Corbalán, membro da CNI e que tinha como fim a prisão e execução dos membros do MIR e da FPMR. As primeiras consequências dessa perseguição apareceram em 8 de setembro, quando o cadáver de Felipe Guajardo, militante comunista, foi encontrado abandonado na cidade de Santiago. Da mesma forma, foram mortos o professor Gastón Vidaurrázaga e o mirista José Carrasco Tapia⁴⁴⁴ e outros possíveis participantes no atentado à Pinochet, todos assassinados durante o estado de sítio.

A ditadura chilena associou todos os crimes cometidos pelo Estado a confrontos entre a própria esquerda, na tentativa de eximir-se da culpa e prejudicar ainda mais a imagem dos grupos já fragilizados pela crescente violência. A postura de Corbalán se assemelhava cada vez mais com a de Manuel Conreras. Com a finalidade de vingar-se da esquerda, o major reorganizou a estrutura da CNI, unindo brigadas e ordenando a busca imediata e a eliminação dos perpetradores do atentado contra Pinochet. A essa operação se conferiu o nome de “Albania” e fizeram parte dela a Brigada Verde, a Unidade de Segurança Especial e a Unidade Antiterrorista, enquanto Corbalán encarregava-se de encubrir quaisquer rastros de crimes cometidos por seus agentes. Sobre a operação, Manuel Salazar discorre:

Esa mañana del día 15 Salas Wenzel se reunió com el general Pinochet en La Moneda. En el cuartel central de calle República, el subdirector, el brigadier Huberto Leiva, coordinaba con el segundo jefe del cuartel Borgoño, el capitán de Carabineros Iván Quiroz, las acciones en curso. En diferentes barrios de Santiago, en tanto, las detenciones se sucedían una tras otra. Durante el día ingresaron a las celdas del cuartel Borgoño los frentistas Esther Cabrera, Manuel Valencia, Ricardo Rivera, Elizabeth Escobar, Patricia Quiroz, Ricardo Silva y José Valenzuela Levy. A las 12:10, un

⁴⁴⁴ Informe Rettig, *op.cit.*, p. 1008

furgón utilitário se detuvo en la calle Alhué, en la comuna de Las Condes. Bajaron dos hombres portando metralletas y dispararon por la espalda al economista Recaredo Ignacio Valenzuela Pohoresky, 30 años, casado, un hijo. Minutos después se hizo presente Álvaro Corbalán. “A la noche duerman con los zapatos puestos”, les dijo a algunos reporteros policiales.⁴⁴⁵

A ação da CNI durante a Operação Albania resultou em mais de dez brutais assassinatos de jovens militantes, todos marcados fortemente pelo sentimento de vingança de seus algozes: oito, doze, dezesseis tiros a curta distância em cada uma das vítimas.⁴⁴⁶ No entanto, de acordo com o Informe Rettig, os números sobem para 160 mortes quando se trata do período total de atuação da CNI.⁴⁴⁷ Esses e outros dados mencionados anteriormente, auxiliam na reflexão sobre as continuidades e rupturas entre as agências de inteligência e segurança.

Outro aspecto que envolve os tópicos da Operação Albania e das permanências na CNI é o documento confidencial e desclassificado dos Estados Unidos, com data de abril de 1987, trazendo um elemento um tanto controverso, mas que levanta algumas questões importantes para o debate da proximidade do Chile com os EUA e da violência perpetrada contra os militantes da FPMR e o MIR. Segundo a fonte enviada pela embaixada em Santiago a Nova York, Augusto Pinochet estaria acusando a CIA de fazer parte do atentado contra a sua vida em 1986. Em visita ao Chile, o ditador teria reportado à PRODEMCA – organização privada estadunidense preocupada com questões latino-americanas – de que havia recebido diversas informações de uma possível colaboração da agência de inteligência para matá-lo. “A CIA deve estar envolvida”, teria dito Pinochet.⁴⁴⁸ O próprio documento apresenta a negativa de Vernon Walters sobre o caso. Nesse sentido, se levantam questões como: quais motivos a CIA teria para realizar tal atentado? Seria em razão da desobediência do ditador para com os Estados Unidos da América? Ou ainda, se a CIA financiou os grupos de extrema direita e os partidos políticos chilenos para que esses eliminassem a esquerda, por qual razão se reuniria com o MIR e o FPMR – grupos já punidos com a vida de vários militantes- para realizar tal atentado? Todas essas são questões trazem a reflexão não apenas sobre a operação da CNI, que teria utilizado a justificativa do atentado para exterminar militantes políticos, mas também

⁴⁴⁵ SALAZAR, 2012, *op.cit.*, p. 237

⁴⁴⁶ *Id. Ibid.*, p.240

⁴⁴⁷ Informe Rettig, *op.cit.*, p. 979

⁴⁴⁸ U.S Department of State - Freedom of Information Act. Pinochet says CIA may have been involved an attempt to kill him, April 29th, 1987. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print892.pdf>> Acessado em: nov. de 2018.

do desgaste da relação entre Estados Unidos e Chile, afetada pelas pressões políticas já nos anos de atuação da DINA e que permitem visualizar um afastamento nos anos finais da ditadura.

Segundo Pablo Policzer, apesar das semelhanças e continuidades entre a DINA e a CNI, existiam diferenças significativas entre elas que merecem destaque. Enquanto a DINA atuava de maneira autônoma, respondendo somente ao general Pinochet, a CNI foi posta sob o comando do Ministério da Defesa e passava as informações através do Ministro do Interior ao ditador. Nesse sentido, destaca-se o desgaste da imagem de Contreras pela trajetória de violência da DINA, os desdobramentos da Operação Condor, os embates existentes entre a DINA e os demais setores de inteligência das forças armadas- os quais se queixavam da vasta autonomia concedida à instituição – assim como a pressão dos diversos órgãos defensores dos direitos humanos. Assim, a decisão de submeter a CNI às ordens das forças armadas e não diretamente, a Pinochet, buscou diferenciar as agências, demonstrando um maior controle sobre as ações do nascente órgão repressor.

Além disso, à Central de Informações foram concedidos menos poderes do que à Direção de Inteligência, assim o novo órgão passou a utilizar o artigo 1º do Decreto-lei 1009 para realizar prisões preventivas em caso de emergência, utilizando-o como forma de ampliar suas ações. Diferentemente da DINA que tinha Manuel Contreras como liderança máxima do órgão e ligação profunda com Augusto Pinochet, a CNI sempre foi encabeçada por um general que coordenava bases operacionais em locais que sua antecessora ainda não havia atingido, agregando novas propriedades às da DINA.⁴⁴⁹

No tocante às brigadas, elas claramente derivaram da estrutura da DINA. Apesar de nomes diferentes, os grupos de trabalho da CNI seguiam com a função repressora para além do trabalho voltado à inteligência. O expurgo de agentes também não influenciou numa mudança radical de postura da agência no que diz respeito ao seu caráter violento, dando prosseguimento às atividades de perseguição, tortura e assassinato. Do mesmo modo, não se alterou o principal alvo do aparato repressivo chileno: o MIR, os partidos Socialista e Comunista, assim como suas dissidências permaneceram como o foco de ação da CNI. É possível dizer que essa instituição, mais do que a DINA, combateu uma esquerda reorganizada e fortalecida pelo sentimento de justiça decorrente do exílio e com experiência

⁴⁴⁹ POLICZER, *op.cit.*, p. 135

advindas dos anos iniciais da ditadura. Embora houvesse um embate de classes patente no período democrático, a sucessão de eventos: golpe de Estado, onda de violência desenfreada, censura e todos os seus desdobramentos, não permitiram que os grupos criassem anteriormente estratégias de ação tão efetivas, quanto as que se apresentam durante a Operação Retorno. Dessa forma, a DINA obteve mais sucesso no alcance e eliminação das vítimas, enquanto a CNI necessitou de maior atenção nas questões de informação e inteligência para então, agir.

Para Policzer, “tal vez la diferencia más notable entre las dos organizaciones es que mientras la DINA buscaba exterminar a la oposición (en Chile y el extranjero), la CNI buscaba solo contenerla y controlarla”.⁴⁵⁰ O fato é que nada impediu que essa “nova” instituição mantivesse os padrões de atuação da DINA. Embora tenham existido diferenças nos decretos-lei que as instituíram, ambas as agências puderam atuar baseadas no extermínio de cidadãos e com a certeza da impunidade, elemento que ainda persiste no Chile, mas em menor escala se comparado a países como o Brasil. As heranças da ditadura e a justiça para as vítimas serão temas brevemente analisados ao final deste capítulo, com Contreras no banco dos réus e junto dele, seus subordinados.

5.2. As mudanças na relação EUA – Chile e seus impactos

As transformações de maior impacto na relação entre o governo dos EUA e a ditadura chilena tiveram início ainda durante a existência da DINA. O assassinato de Orlando Letelier e Ronni Moffitt, a mudança de administração de Ford para Jimmy Carter, e consequentemente, a saída de Henry Kissinger como Secretário de Estado, a ruptura com dois governos republicanos e início de políticas voltadas para os direitos humanos aderidas pelo Partido Democrata são algumas das razões que geraram um afastamento perceptível entre esses dois países. Apesar disso, assim como a transição da DINA para CNI não rompeu com as estruturas do Terrorismo de Estado, a distância tomada pelos EUA do ditador Pinochet não o fez menos colaborador dos acontecimentos no Chile, sequer modificou seu enraizado anticomunismo.

⁴⁵⁰ POLICZER, *op.cit.*, p.136

O fato é que a morte de Letelier em setembro de 1976 possivelmente possa ser considerada um dos maiores impasses no contexto das relações entre o imperialismo estadunidense e o regime ditatorial chileno. Por mais de uma década, o assassinato em Washington, dentro do marco da Operação Condor, ganhou espaço e dominou a comunicação, outrora íntima, desses dois países. Somado a isso, passada a era Nixon/Ford, de extrema cumplicidade com as ditaduras latino-americanas estabelecidas desde os anos 1950, a administração Carter buscou elevar os direitos humanos a uma pauta política de maior importância, refletindo, sobretudo, na Justiça e no diálogo com países como o Chile. Sobre a administração democrata e seu projeto político, Delenogare Neto diz que

A política externa baseada nos direitos humanos era a chave da tradição idealista defendida por Carter. Para formar sua equipe de governo, o democrata chamou Cyrus Vance respeitado acadêmico que havia servido como Secretário do Exército nos governos de Kennedy e Johnson para o cargo de Secretário de Estado. Para seu conselheiro de assuntos relativos à segurança nacional, o escolhido foi Zbigniew Brzezinski, acadêmico e líder da Comissão Trilateral. Na época da campanha, a revista New York Magazine noticiou que ele seria o antídoto dos democratas para combater a doença deixada por Henry Kissinger no campo diplomático.⁴⁵¹

Assim, nesse contexto de transição, Pinochet e a DINA passaram distantes dos holofotes e das responsabilizações judiciais pelo atentado terrorista em Washington. A vitória de Carter nas eleições presidenciais levou a ditadura chilena a soltar 304 presos políticos⁴⁵², realizando o que poderia ser definido como uma concessão para a manutenção das boas relações com os EUA. Embora o FBI já desconfiasse dos agentes de Contreras como principais responsáveis pelo assassinato de Letelier. Como prova o memorando enviado por Robert Scherrer, somente um ano após crime houve alguma reação da Casa Branca em relação a tal violação dos direitos humanos. Em setembro de 1977, Jimmy Carter convidou Pinochet a assinar o Tratado do Canal do Panamá e pôde, através desse encontro, conversar com o ditador sobre os assuntos pertinentes à relação política entre os países sob a ótica de um governo democrata, agora sem Kissinger. A reunião registrada no documento *“President*

⁴⁵¹ NETO, Waldemar Dalenogare. **“Human rights is the soul of our foreign policy”: Jimmy Carter e a diplomacia estadunidense para o Chile**. Dissertação, Porto Alegre: PUCRS- Programa de Pós-Graduação em História, 2016. p.35-36

⁴⁵² MUÑOZ, Heraldo. **A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p.135

Carter President Pinochet bilateral”, fornece o teor da conversa e a notável ausência de um tópico: Letelier/ Moffitt.

O presidente Carter então abriu a discussão sobre os direitos humanos, observando que esse era o único grande problema bilateral e ele desejava ventilar o assunto de uma maneira franca e positiva. O Presidente disse que esperava que as acusações e alegações relacionadas às privações de direitos humanos no Chile pudessem ser respondidas. O Presidente Carter tomou nota dos grandes progressos realizados nas libertações de prisioneiros, nos procedimentos de julgamento e na proclamação de futuras eleições e no regresso a um governo democrático. O Presidente Carter disse que não queria que nada atrapalhasse a tradicional amizade entre os EUA e o Chile e, a esse respeito, convidou o Presidente Pinochet a analisar a situação chilena para ajudá-lo a entender a situação e eliminar qualquer mal-entendido. Em resposta, Pinochet fez os seguintes pontos: - O governo do Chile concordou plenamente com o U.S. sobre a importância dos direitos humanos. O Chile passou por um período difícil durante o qual o governo marxista-leninista não respeitava os direitos humanos. Sob o regime da Unidade Popular, os cidadãos estavam sendo assassinados em plena luz do dia e o golpe militar era planejado precisamente para preservar os direitos humanos. - Desde que assumiu o controle, seus governos encontraram 15 mil mercenários estrangeiros (cubanos etc.) e encontraram 300 mil armas importadas escondidas no país. - A lei que está sendo aplicada é antiga promulgada em 1926. - No começo houve claramente abusos - abusos em ambos os lados. Sempre que um soldado foi morto, o mundo reagiu com o silêncio; Quando um revolucionário foi morto, houve um grande grito. De qualquer forma, os abusos ocorreram no período inicial, e as coisas estão muito mais tranquilas agora. - Hoje não há presos em potencial, muitos desses procedimentos, alguns trocando sentenças de prisão pelo exílio: as pessoas atualmente presas estão sujeitas a processos judiciais sob o sistema judiciário chileno. Em geral, o Chile tem liberdade de imprensa, liberdade de pensamento e liberdade de viajar. As restrições permanecem, mas devem impedir que a nação seja destruída. O Chile foi despedaçado e agora o governo estava trabalhando pela unidade.- Agora o governo tomou medidas adicionais - a Agência de Inteligência (DINA), que tem sido muito criticada, foi substituída por uma Agência de Informações (CNI). - No lado legal, era importante entender que o sistema judicial tinha sido permanente. Na verdade, o presidente da Suprema Corte é a mesma pessoa que serviu aos últimos quatro presidentes chilenos. - Por fim, Pinochet disse que ele era um grande admirador da democracia e que seu maior desejo era deixar o cargo depois de ter construído um, mas nenhum que fosse capaz de atacar por baixo como havia acontecido antes.⁴⁵³

⁴⁵³“President Carter then opened the discussion of human rights, noting it was the only major bilateral problem and He wished to ventilate the matter in a frank and positive way. The President said that he hoped that charges and allegations regarding deprivations of human rights in Chile could be answered. President Carter took note of the great progress which had been made in prisoner releases, trial procedures and the proclamation of future elections, and a return to democratic government. President Carter said he did not want anything to stand in the way of traditional U.S.- Chilean friendship, and in this regard invited President Pinochet to analyze the Chilean situation to help him understand the situation and eliminate any misunderstanding. In response Pinochet made the following points: The government of Chile agreed fully with the U.S. on the importance of human rights; Chile had passed through a difficult period during which the Marxist-Leninist government had no respect for

A postura de Pinochet durante a conversa com Carter é elencada aqui como um exemplo da ausência de transparência de uma ditadura baseada no TDE que persistia na prisão, perseguição e assassinato de militantes políticos como método repressivo, mas que buscava ocultar seus crimes pelo receio de perder as vantagens financeiras obtidas via relação de dependência entre EUA- Chile ou sofrer embargos. A fim de tentar validar a declaração proferida ao presidente estadunidense de que, no Chile os direitos humanos eram fundamentais, o ditador Pinochet menciona o fim da DINa e o surgimento da CNI, um novo aparato supostamente responsável não mais pela repressão, mas, em tese, por informações e contenção do terrorismo. O subcapítulo anterior deixa clara a falta de verdade nessa sentença ao expor a Central Nacional de Informações como uma agência travestida de novo, mas na prática, com os mesmos objetivos e ações que faziam parte do *modus operandi* da DINa anteriormente.

A derrocada da DINa influenciou também no presidente da Suprema Corte do Chile, José María Eyzaguirre, que definiu os poderes de detenção do organismo de inteligência como ilegais, solicitando a Pinochet que reorganizasse essa estrutura de modo que respeitasse tal decisão judicial. Simultaneamente, Eyzaguirre mantinha contato com a Embaixada estadunidense, demonstrando temor pela violenta polícia secreta chilena, a quem vinha investigando como demonstra o documento de março de 1976, “*Conversation with chilean Supreme Court president Jose Maria Eyzaguirre on chilean human rights*” e onde menciona

human rights. Under the Unidad Popular regime citizens were being murdered in broad daylight and the military coup was designed precisely to preserve human rights. Since assuming control, his governments had found 15000 foreign mercenaries (Cubans, etc.) and found 30000 hidden imported arms in the country; The law being applied is an old one enacted in 1926; In the beginning there clearly were abuses – abuses on both sides. Whenever a soldier was killed, the world reacted with silence; when a revolutionary was killed, there was a great hue and cry. In any case, the abuses were in the initial period and things are much calmer now; Today there are no potential prisoners and many of those procedures, some exchanging jail sentences for exile: People now in prison are all subject to judicial process under the Chilean court system. In general, Chile has freedom of press, freedom of thought and freedom of travel. Restrictions remain, but they are to keep the nation from being destroyed. Chile had been torn into pieces and now the government was working for unity; Now the government has taken additional steps – the Intelligence Agency (DINA) which has been criticized so much, has been replaced by an Information Agency (CNI); On the legal side, it was important to understand that the judicial system had been permanent. In fact, the Supreme Court President is the same person who has served the past four Chilean Presidents; Finally, Pinochet said he was a great admirer of democracy and it was his fondest wish to leave office having built one, but not one liable to attack from underneath as had happened before.” In: U.S. Department of State – Freedom of Information Act. President Carter President Pinochet bilateral, September 6th, 1977. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print280.pdf> > Acessado em: jan. de 2019.

as acusações de violação dos direitos humanos praticadas pela DINA.⁴⁵⁴ “[...] a DINA é a principal perpetradora dos abusos dos direitos humanos [...] a DINA deveria ser eliminada ou severamente reorganizada e contida.”⁴⁵⁵, reforçou o diplomata Terence Todman em reunião com o ministro Patricio Carvajal no ano seguinte. Levando em conta essas informações somadas à conjuntura em que a DINA se encontrava no momento do encerramento de seus trabalhos, conclui-se que, mais do que as pressões internas, o fim da agência comandada por Contreras e o nascimento de algo “novo” em seu lugar, partiu da influência externa, dos EUA.

Nesse ínterim, o inquérito referente ao caso de Orlando Letelier e Ronni Moffitt permaneceu na etapa das investigações e foi inicialmente direcionado à comunidade anti-castrista exilada em Miami que, a mando de Pinochet, teria participado do homicídio. Ainda em meados de 1977, o Departamento de Justiça estadunidense enviou ao governo do Chile questões relacionadas ao caso, respondidas somente após a ditadura nomear um investigador capaz de respondê-las satisfatoriamente.⁴⁵⁶ Em razão da demora na tomada de posição das autoridades chilenas, foi então, enviada uma carta rogatória - instrumento jurídico internacional para requerer o cumprimento de um ato judicial de outro país- ordenando ao Chile o envio de evidências do contato com os suspeitos cubanos anti-castristas e da identidade dos dois agentes chilenos que retiraram passaportes e visto no Paraguai pouco antes do crime em Washington. Segundo Kornbluh, o ponto alto do caso ocorreu quando o FBI vasou as cópias dos passaportes de Townley e Larios para a imprensa dos EUA, que rapidamente foi reproduzida pelos meios de comunicação chilenos e, assim, os agentes puderam ser rapidamente identificados por diversas fontes.⁴⁵⁷

Tratava-se de um cidadão estadunidense como suspeito de terrorismo internacional e por essa razão, o Departamento de Justiça dos EUA, imediatamente, ordenou a extradição e custódia de Michael Townley. Diante da negativa do regime chileno em dizer onde o agente da DINA se encontrava, agentes do FBI e o promotor Eugene Propper se dirigiram a Santiago em busca de respostas. Após uma dura negociação que condicionou a extradição de Townley

⁴⁵⁴ U.S Department of State – Freedom of Information Act. Conversation with chilean Supreme Court president Jose Maria Eyzaguirre on chilean human rights, March 20th, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print235.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁵⁵ “Even so, DINA is the main perpetrator of human rights abuses [...] DINA would have to be either eliminated or severly reorganized and curbed.” U.S Department of State – Freedom of Information Act. Your meeting with admiral Patricio Carvajal at Grenada. June 3rd, 1977. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print309.pdf>> Acessado em: jan. de 2019

⁴⁵⁶ KORNBLUH, *op.cit.*, p.404

⁴⁵⁷ *Id. Ibid.*, p.405

à divulgação de que o Chile estava cooperando com o governo dos EUA, o agente foi entregue para ser julgado exclusivamente pelo caso Letelier/Moffitt. Através de um acordo com a Justiça, Townley foi enquadrado no sistema de proteção às testemunhas e, sentindo-se abandonado por Pinochet, Contreras e seus colegas de agência, implicou membros da DINA no homicídio do ex-ministro chileno e sua assistente. Assim, foram intimados Manuel Contreras, Pedro Espinoza, Fernández Larios e os membros do Movimento Nacional Cubano, em agosto de 1978.⁴⁵⁸

As revelações do envolvimento do Estado chileno no crime contra Letelier e Moffitt gerou uma crise de grandes proporções na relação EUA-Chile. O documento secreto da CIA sobre as implicações do caso Letelier traça uma análise sobre a relação dos agentes chilenos com o crime, a repercussão nos bastidores políticos internos e a possibilidade da substituição do ditador, caso fosse comprovada sua conexão no crime a partir da associação lógica da proximidade e mando direto entre Pinochet e Contreras. “Pinochet pode tentar comprar o silêncio de Contreras prometendo algum tipo de imunidade ou arranjando sua partida do país” e “detalhes do assassinato de Letelier e outras alegações sobre os erros da DINA podem se desdobrar lentamente, mas o efeito cumulativo poderia colocar Pinochet em uma posição extremamente vulnerável”⁴⁵⁹ são algumas das apreciações tecidas pela agência estadunidense sobre a tensa atmosfera no Chile criada pelo escândalo envolvendo os membros do alto escalão da DINA. A possibilidade de um “Watergate Chileno”⁴⁶⁰ estava posta e nesse momento, membros da força aérea chilena, como Gustavo Leigh, já estavam a postos caso Pinochet caísse.⁴⁶¹

⁴⁵⁸“El encargado de negocios norteamericano en Santiago, entregó en la tarde del lunes al canciller chileno, Hernán Cubillos, una petición de «arresto inmediato» de los tres implicados, en virtud de un tratado bilateral de extradición firmado por Chile y Estados Unidos en 1902. En la noche del mismo lunes, el Ministerio del Interior confirmó en la capital chilena el «arresto preventivo» de Contreras, Espinosa y Fernández Larios, quienes permanecen bajo custodia en un recinto militar no especificado.” In: “Contreras y otros implicados en el asesinato de Letelier, detenidos en Chile”. *El País*, 03 agosto 1978. Disponível em: <https://elpais.com/diario/1978/08/03/internacional/270943216_850215.html> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁵⁹ “Pinochet might try to buy Contreras' silence by promising some sort of immunity or arranging his departure from the country” e “Details of the Letelier slaying and other allegations of DINA misdeeds may unfold slowly, but the cumulative effect could be to place Pinochet in an ex'cremely vulnerable position”. U.S Department of State – Freedom of information Act. Chile: Implications of the Letelier case, May 1st, 1978. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print921.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁶⁰ KORNBLUH, *op.cit.*, p.406

⁴⁶¹ Gustavo Leigh, membro da junta e comandante da força área chilena que participou ativamente do golpe de Estado, assumiu uma posição adversária a Pinochet durante a ditadura. A partir de 1975 começou a criticar o personalismo de Pinochet, além de demonstrar-se contrário à autonomia da DINA e a política externa defendida pelo ditador. Assim, em 1978 foi retirado de suas funções militares e substituído por Fernando Mathei.

Diante das acusações e da clara semelhança entre os métodos utilizados pela DINA para assassinar Carlos Prats e Orlando Letelier, ligando os crimes ao ex-diretor, esse decidiu precaver-se. Realizando a cópia de todos os documentos relacionados aos crimes e enviando-os para o exterior, Contreras utilizaria as evidências no caso de Pinochet tentar afastar a imagem de seu governo daquela construída pela DINA. “Contreras avisou a Pinochet que, se ele o derrubar, derrubará Pinochet com alegações de que ele agiu sob as instruções de Pinochet”⁴⁶² Além disso, segundo a CIA, uma possibilidade de defesa para Contreras seria ligar Michael Townley e os cubanos anti-castristas à agência estadunidense e assim, retirar de si a culpa. Dentre os argumentos estaria o fato de Townley ser cidadão estadunidense, ter procurado juntar-se à CIA, além de, no momento da operação para assassinar Letelier, o embaixador Landau ter concedido os vistos aos agentes chilenos. O episódio ficou ainda mais grave quando Contreras tentou chantagear a agência de inteligência dos EUA através de seus advogados Humberto Olavarria e Sergio Miranda, que prometeram divulgar evidências da colaboração CIA-DINA em outras ocasiões, bem como o nome dos responsáveis. A difícil situação imposta ao Departamento de Estado e à CIA não os abalou pela certeza de que, caso Contreras contasse sua versão, os EUA poderiam rebatê-la com suas informações sobre ex-diretor da DINA, e a chantagem não surtiria efeito.⁴⁶³

O testemunho de Contreras já apresentado aqui, assim como as falas de Espinoza e Larios sobre seus papéis no caso Letelier, demonstravam a clara instrução de permanecer em silêncio, orientada pelo ditador Pinochet. Tal fato está diretamente ligado à criação da Lei de Anistia que seria aprovada em abril de 1978, absolvendo os militares dos crimes cometidos entre os anos de 1973 e 1978 como apresenta o Decreto-lei nº 2191, enquadramento do qual fariam parte os agentes da DINA.

La tranquilidad general, la paz y el orden de que disfructa actualmente todo el país, en términos tales, que la conmoción interna ha sido superada, haciendo posible poner fin al Estado de Sitio y al toque de queda en todo el

⁴⁶² “Contreras has warned Pinochet that if he takes the fall e will bring Pinochet down with him by claiming that he acted under Pinochet's instructions.” U.S Department of State – Freedom of Information Act. Indictment of former DINA director, August 24th, 1978. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print354.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁶³ “PUGA professed not to know the details of the lawyers' proposal, but a blackmail hint emerged when he said that Contreras is confident that there is insufficient evidence against him to either extradite him or to convict him in Chilean court however, in defending himself, he would have to reveal details [tarjado]” In: U.S Department of Satate – Freedom of Information Act. Additional release: Chile declassification Project, sem data. Case number M-2015-1473. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print905.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

território nacional. El imperativo ético que ordena llevar a cabo todos los esfuerzos conducentes a fortalecer los vínculos que unen a la nación chilena, dejando atrás odiosidades hoy carentes de sentido, y fomentando todas las iniciativas que consoliden la reunificación de los chilenos; La necesidad de una férrea unidad nacional que respalde el avance hacia la nueva institucionalidad que debe regir los destinos de Chile. Artículo 1º. Concédese amnistía a todas las personas que, en calidad de autores, cómplices o encubridores hayan incurrido en hechos delictuosos, durante la vigencia de la situación de Estado de Sítio comprendida entre el 11 de septiembre de 1973 y el 10 de marzo de 1978, siempre que no se encuentren actualmente sometidas a proceso o condenadas.⁴⁶⁴

Apesar de o texto do Decreto-lei garantir a absolvição daqueles que cometeram crimes no destacado período, a sua aplicação se deu sob grande limitação, já que foi escrita pela própria Junta de Governo, ou seja, Augusto Pinochet. Acima de tudo, a lei perdoava os crimes do Estado e não as possíveis infrações/crimes cometidos por “ativistas marxistas”.⁴⁶⁵ Da mesma forma que no Chile afiançava-se a impudade pelas vias legais, nos EUA o caso Letelier refletiu no cumprimento de três anos e quatro meses de condenação para Michael Townley, enquanto aos agentes cubanos anticastristas e à ditadura, que invocou imunidade soberana, tocou o pagamento de uma indenização aos familiares no valor de cinco milhões de dólares por danos e prejuízo, soma que nunca foi paga.⁴⁶⁶ Mais tarde, no final dos anos 1980, Fernandez Larios, desligou-se do serviço militar e numa viagem aos EUA concedeu relevantes informações ao Departamento de Justiça sobre a participação de Espinoza e Contreras no assassinato do ex-ministro chileno e sua assistente. Cúmplice do crime, Larios ficou sete meses preso e passou a residir nos EUA, onde foi intimado e condenado a pagar indenização aos familiares de Winston Cabello, morto em 1973 pela Caravana da Morte, da qual Larios fez parte junto de Arellano Stark.

Já no período de transição para a democracia no Chile, em 1993, Manuel Contreras foi condenado a sete anos e Pedro Espinoza, a seis anos de prisão pelo juiz Adolfo Bañados, transformando esse no primeiro caso de condenação de militares envolvidos em graves violações dos direitos humanos no país. Apesar disso, no intervalo entre o início do processo

⁴⁶⁴CHILE. Decreto Lei nº 2191 (Ley de Amnistía), de 18 de abril de 1978. Disponível em: <<https://ww3.museodelamemoria.cl/sobre-las-colecciones/pieza-del-mes/ley-de-amnistia-n2191/>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁶⁵ MACHADO, Patrícia. Direito à Justiça ou esquecimento: as Leis de Anistia nos países do Cone Sul. **XIII Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**, 2016. p. 3 Disponível em: <http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1469058390_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2016PatriciadaCostaMachado.pdf> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁶⁶ MCSHERRY, *op.cit.*, p.223

criminal pela morte de Letelier e a condeção de todos os culpados, a relação entre EUA e Chile sofreu ainda relevantes alterações. Após não demonstrar preocupação com os direitos humanos e as autoridades estadunidenses estarem certas da cumplicidade de Pinochet no atentado em Washington, o presidente dos EUA voltou-se para o Congresso Nacional para pedir a aplicação imediata de sanções econômicas ao Chile – medida comumente utilizada pelos EUA na Guerra Fria em relação aos países comunistas, mas no caso, do governo de Carter, àqueles que descumprissem normas relativas aos direitos humanos-, tentando assim, punir o país por ignorar as políticas e acordos propostos. Em outubro de 1979, o secretário Vence enviou ao presidente Carter as recomendações de sanção contra o Chile feitas pelo Departamento de Estado, dizendo que, possivelmente, os agentes chilenos saíam impunes pelo ato terrorista cometido em solo estadunidense e por isso, o governo enviaria uma clara mensagem de desaprovação.⁴⁶⁷ Assim, ficou determinado que

Dezenove opções foram reduzidas a seis, entre elas o término de US\$ 7 milhões em equipamento militar ainda no gasoduto de vendas militares estrangeiras para o Chile; terminando o programa Overseas Private Investment (que não operava no Chile desde 1970); suspender os créditos do Export-Import Bank; cancelando licenças de exportação para compras pelos militares chilenos e retirando todos os quatro membros do US Milgroup em Santiago.⁴⁶⁸

Apesar das sanções estabelecidas pelo governo dos EUA ao Chile, há de se frisar que essas ocorreram de forma tardia, já que a administração Carter possuía provas contundentes da atuação da DINA e de outros órgãos do aparato repressivo chileno, desde a sua chegada à Casa Branca. Além disso, na reunião entre Carter e Pinochet, mencionada anteriormente, o diálogo cordial entre eles demonstrou demasiada confiança num ditador que, há três anos, era tema na Assembleia Geral da ONU, justamente, por ignorar quaisquer tratados ou leis em defesa dos direitos humanos. Inevitável é também traçar um paralelo das ações empreendidas contra Allende, democraticamente eleito, e Pinochet, líder da Junta de Governo através de um golpe de Estado que matou centenas de pessoas logo nos primeiros dias da instauração da ditadura. Evidentemente, as sanções acima descritas somadas à exclusão da participação dos militares chilenos do UNITAS⁴⁶⁹ e a diminuição de funcionários americanos na embaixada

⁴⁶⁷ U.S Department of State – Freedom of Information Act. Letelier/ Moffit case, October 19th, 1979. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print549.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁶⁸ KORNBLUH, *op.cit.*, p.415

⁴⁶⁹ Programa de exercícios militares conduzidos pela Marinha dos Estados Unidos desde 1959 de que fazem parte diversos países da América do Sul e Central.

estadunidense em Santiago, representaram um avanço nas pressões sobre o Chile. No entanto, há de concordar com Mariana Joffily quando a autora diz que essas ações não conseguiram atingir o ponto da prática. “Se houve discordâncias entre agências governamentais ou no interior de cada uma delas, até a eleição de Jimmy Carter não foram consistentes o suficiente para alterar significativamente os rumos da política externa.”⁴⁷⁰ Prova disso é Ronald Reagan, republicano e conservador, apoiado por Pinochet que chegaria à presidência em 1980, reafirmando o poder do ditador no Chile, “especialmente após o ex-governador da Califórnia tornar pública sua grande admiração pelo general ao mencionar que o modelo econômico empregado no país da América do Sul seria um exemplo para seu mandato”.⁴⁷¹

Ainda sobre a conexão entre os dois países e as mudanças advindas da troca de governo dos EUA, vale retomar a questão da Operação Condor, do caso Letelier/Moffitt, da transição da DINA para a CNI e para o retrocesso nas sanções graças a Reagan. No tocante ao Condor, o questionamento que permanece é sobre a eficiência ou a vontade política de alertar ou evitar o crime que estava prestes a ser executado pelos agentes de Contreras. É relevante sublinhar que inúmeros documentos apontavam para a existência de um plano em curso e que a morte de Carlos Prats fazia parte desse operativo transnacional que tinha como alvo lideranças militares e políticas ligadas à Allende. Não bastasse isso, tendo ocorrido o atentado no *Sheridan Circle*, a CIA tentou defender a imagem da DINA a todo o custo, propagando informações falsas para a imprensa sobre a possível atuação de grupos de esquerda no episódio. Aliado a isso, a agência estadunidense não concedeu as provas que incriminavam os agentes chilenos à Justiça, demonstrando cumplicidade com a ditadura de Pinochet e o sistema de inteligência conjunto criado no Cone Sul. De acordo com Mscherry, ao ser entrevistado pelo jornal *Washington Star* mais tarde, o embaixador Landau corrigiu a informação emitida pelo jornalista, quando esse lhe listou os nomes dos países membros do Condor. “Faltaba un miembro de Cóndor, a saber, los Estados Unidos”, disse Landau.⁴⁷²

A conversa entre Kissinger e Pinochet em agosto de 1976, o ativismo de Letelier nos EUA, a solicitação de vistos para agentes chilenos, a comunicação com o subdiretor da CIA Vernon Walters, a ligação de Manuel Contreras com a agência estadunidense. São muitas as razões pelas quais o Chile se mantinha mais aliado do que afastado dos EUA, apesar dos

⁴⁷⁰ JOFFILY, Mariana. A política externa dos EUA, os golpes no Brasil, no Chile e na Argentina e os direitos humanos. **Topoi, Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 58-80, mai./ago. 2018. p. 77 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v19n38/2237-101X-topoi-19-38-58.pdf>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁷¹ BRANDS, Hal. **Latin America's Cold War**. Cambridge: Harvard University Press, 2012, p.248.

⁴⁷² MCSHERRY, *op.cit.*, p. 225

direitos humanos serem violados diariamente na terra que outrora tinha como bandeira a liberdade. O julgamento do caso Letelier/Moffitt e o fim da DINA, certamente, foram significativos do ponto de vista das pressões exercidas por um dos países mais poderosos do mundo de quem a América Latina ainda permanece dependente. Não obstante, esses países estavam ligados por uma sucessão de ilegalidades, crimes e condutas imorais - desde as eleições de Eduardo Frei, passando pela desestabilização do governo de Allende, o golpe e o estabelecimento de Pinochet-, um legado difícil e pouco provável de ser reparado em quatro anos de administração democrata. Uma prova disso foi a perpetuação das prisões, desaparecimentos e mortes cometidos pela CNI até a transição para a democracia e que pouco se fez em relação a isso, seguindo um padrão de cumplicidade com os crimes da ditadura Pinochet, que não chegaram ao fim com a conversão da DINA em outro organismo.

Outro aspecto a ser considerado quando se trata dos EUA em relação ao Chile é a justiça. Como se observou mesmo que tardiamente, algumas das mais proeminentes lideranças militares responsáveis pelos crimes do Condor foram imputadas pelas violações derivadas dessa e de outras operações. Apesar disso, das descobertas do Comitê Church sobre as implicações da CIA no processo de derrubada da democracia, e posteriormente, no fortalecimento do autoritarismo e criação da DINA - órgão criticado pelos EUA somente quando sua atuação fora além do aceitável no atentado em Washington-, os agentes do Estado estadunidenses jamais foram efetivamente responsabilizados e punidos pelos papéis desempenhados na ditadura chilena. Henry Kissinger, um dos principais articuladores da campanha para fazer a economia do Chile “gritar de dor”, como pede Nixon no princípio dos anos 1970, e amigo próximo a Pinochet, foi visto por muitos como um servidor à nação na luta contra o comunismo, enquanto em outros países é reconhecido pelas ordens deliberadas de assassinar cidadãos. Já mencionado no capítulo anterior, Christopher Hitchens, que dedicou seu livro “O julgamento de Kissinger” a traçar um histórico dos crimes cometido por ele, afirma que

A cumplicidade do governo dos Estados Unidos foi descoberta em todos os níveis dessa trama [Operação Condor]. Verificou-se, por exemplo, que o FBI auxiliou Pinochet a capturar Jorge Isaaq Fuentes de Alarcon, que estava detido e havia sido torturado no Paraguai, e o devolveu à polícia secreta chilena, que fez com que ele “desaparecesse”. Embora isso cause espanto, a CIA se comprometeu com os membros da Condor a vigiar os dissidentes latino-americanos refugiados nos Estados Unidos.[...] Os Estados Unidos até agora não acharam conveniente fundar comissões da verdade e reconciliação próprias, o que significa que estão menos dispostos a encarar a

responsabilidade histórica do que os países que eram chamados de “república da banana”.⁴⁷³

Desde a implantação do caos no governo Allende até os desdobramentos da Operação Condor em Washington, todos foram crimes cometidos sob supervisão e orientação de Kissinger, enquanto secretário de Estado. Nesse sentido, pensando que os assassinatos e o encobrimento de crimes, tais como a ditadura Pinochet praticou, são passíveis de condenação por leis locais ou internacionais, o líder político estadunidense estaria apto a sentar no banco dos réus para explicar sua interferência nos assuntos de Estado de outro país. Certamente, o regime imposto pela Junta de Governo não alcançou tamanho poder somente pelo apoio estadunidense. Há de se frisar a adesão dos partidos conservadores, empresários de grandes corporações e parte da população nessa cruzada contra Allende e a esquerda. No entanto, é necessário pontuar que o financiamento e recursos militares e humanos depositados pelos Estados Unidos na América Latina e, sobretudo, no Chile, impulsionaram com sucesso o desenvolvimento da Doutrina de Segurança Nacional e conseqüentemente o Terrorismo de Estado. Possivelmente, o alcance das ações de Pinochet não fosse o mesmo sem o amparo estadunidense, a maior potência mundial em tempos de Guerra Fria. Se por um lado o Chile violou a soberania estadunidense ao explodir o carro-bomba, Letelier e Moffitt no Sheridan Circle, por outro, os Estados Unidos cavaram um trincheira em solo chileno muito tempo antes. De lá articularam seus planos de contenção ao comunismo e saíram ilesos.

5.3. A DINA no banco dos réus: para além do caso Letelier

No início do processo de transição à democracia no Chile, o novo presidente, Patricio Aylwin realizou seu pronunciamento do Estádio Nacional, ex-centro de detenção de presos políticos, demarcando a transição da ditadura para um sistema onde “el imperio irrestricto de la verdad, la vigencia del derecho y la búsqueda constante de la justicia” fossem questões primordiais. O discurso de 12 de março de 1990 assinalava ainda que “la conciencia moral de la nación exige que se esclarezca la verdad respecto de los desaparecimientos de personas, de

⁴⁷³ HITCHENS, *op.cit.*, p.101

los crímenes horrendos y de otras graves violaciones a los derechos humanos ocurridas durante la dictadura.⁴⁷⁴

Essa seria a primeira administração a enfrentar as heranças do autoritarismo chileno. Assim como em outros processos de transição na América Latina, no Chile, os militares permaneceram exercendo posição de mando e influência na sociedade e na política. O ex-ditador Augusto Pinochet seguiu sendo chefe do Exército, posição que o permitia manter a cúpula dos seus subordinados mais próximos sob o manto da impunidade e vigiar o novo governo, que trazia o tema dos direitos humanos como uma questão a ser debatida. Uma das primeiras iniciativas advindas da democracia foi a criação da Comissão Nacional da Verdade e Reconciliação, em abril de 1990, com o objetivo de investigar e responder aos questionamentos da sociedade em relação ao passado ditatorial. Segundo José Zallaquet, ex-membro da Comissão,

La manera cómo una nación enfrenta el pasado de violaciones a los derechos humanos durante su época refundacional tiene una importancia decisiva por la fuerza simbólica y la amplificación histórica que cobran los eventos que tienen lugar en tales períodos. Medidas contrastantes —por ejemplo, silencio versus proclamación de la verdad, o bien justicia versus mera venganza o impunidad— pueden dejar precedentes, mensajes y pautas valóricas radicalmente diferentes para toda la sociedad.⁴⁷⁵

Em tom conciliador do presidente da República, a instauração da Comissão da Verdade se deu, sobretudo, para trazer à tona os milhares de casos de violações dos direitos humanos perpetrados pelos agentes do Estado terrorista e esclarecer suas circunstâncias. Em 1991, essa comissão entregou um informe, conhecido por Rettig e que compõe grande parte deste trabalho. Nele é possível encontrar uma extensa lista de vítimas mortas e desaparecidas pela ditadura. Tendo em vista a abrangência do conceito de vítima num regime de TDE, ou seja, compreendendo que grande parte da população foi de alguma maneira afetada, sobretudo, os presos sobreviventes, Patricio Aylwin desculpou-se com os familiares das vítimas que não foram incluídas no informe, e por isso, suas histórias ainda permaneciam ocultas.

⁴⁷⁴ GOBIERNO DE CHILE. El discurso con que Patricio Aylwin reinauguró la democracia, 12 de marzo de 1990. Disponível em: <<https://www.gob.cl/noticias/el-discurso-con-que-patricio-aylwin-reinauguro-la-democracia-1/>> Acessado em: fev. de 2019.

⁴⁷⁵ ZALLAQUET, José. La mesa de diálogo sobre derechos humanos y el proceso de transición política en Chile. Instituto Nacional de Derechos Humanos, 2000. p.3 Disponível em: <https://bibliotecadigital.indh.cl/bitstream/handle/123456789/182/Mesa_de-Dialogo_CEP2000.pdf?sequence=1> Acessado em: fev. de 2019.

Durante o período de transição é aceitável dizer que a justiça esteve ausente. A Lei de Anistia herdada do período ditatorial impedia que militares e agentes civis do aparato repressivo chileno fossem responsabilizados pelos seus crimes, frustrando familiares e sobreviventes na luta pela verdade e justiça. Somado a isso, a presença de Pinochet como chefe do Exército e mais tarde, senador vitalício, legitimava a manutenção de diversos repressores em relevantes cargos e patentes, bem como, atuantes no cenário político nacional, vide o caso do coronel Cristian Labbé – ex-agente da DINA, partícipe da Caravana da Morte, conhecido pela atuação em Rocas de Santo Domingo e que, entre outras posições, assumiu a prefeitura da comuna de Providência entre 1996 e 2012.⁴⁷⁶ Não obstante, diante de todos os obstáculos que se interpunham entre os familiares das vítimas e o poder judiciário, não houve desistência, tampouco esquecimento.

Nessa conjuntura, como um ato de reparação aos familiares e vítimas da ditadura, criou-se o *Memorial del Detenido Desaparecido y Ejecutado*. A muralha coberta por nomes localizada no cemitério geral de Santiago permanece sendo um local de lembrança e homenagem, principalmente àquelas famílias que não puderam velar seus mortos desaparecidos. Ainda em 1994, foi eleito presidente do Chile o representante da coalisão de centro-esquerda, Eduardo Frei Ruiz Tagle, filho do ex-presidente Eduardo Frei, que manteve as políticas de memória e verdade, agora com uma nova instância de reconhecimento a partir do informe apresentado pela Corporação Nacional de Reparação e Reconciliação em 1996. Esse documento trouxe uma nova dimensão dos afetados pela ditadura, somando ao informe Rettig que já contava com 2279⁴⁷⁷ vítimas sem vida, mais 899⁴⁷⁸ novos casos.

Do mesmo modo, essas políticas impulsionaram a busca pela preservação e transformação dos antigos centros de detenção. Desde a venda até a retomada pelo Estado do ex-centro clandestino da DINA, conhecido como Villa Grimaldi, decorreram seis anos, quando em 1994 seus objetivos passaram a ser outros. Aberto ao público e transformado no

⁴⁷⁶ Crisián Labbé foi um agente da DINA e posteriormente, da CNI atuante, sobretudo em Tejas Verdes, onde lecionou técnicas de tortura aos recém chegados membros do órgão repressivo. Ainda durante a ditadura assumiu o cargo de chefe da segurança pessoal de Augusto Pinochet. Apesar das acusações de torturar militantes políticos nos anos 1970 e 1980, Labbé se escondeu em cargos públicos ao longo do período democrático. No livro *El despertar de los cuervos* Javier Rebolledo acusou o ex-agente de participar ativamente na repressão, o que se confirmou com sua prisão em 2014 para averiguação dos fatos. Desde a ocorrência dessas e outras denúncias, Labbé vem sofrendo com processos judiciais ainda sem definições sobre os casos.

⁴⁷⁷ Informe Rettig, *op.cit.*, p. 1310

⁴⁷⁸ Informe sobre calificación de victimas de violaciones de derechos humanos y de la violencia política. Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación, 1996. p.28

Parque por la Paz Villa Grimaldi em 1997, esse local de dor e sofrimento, agora assumiu as características de um espaço de reflexão sobre o passado e de ensino sobre e para os direitos humanos. Ao longo do tempo, com a finalidade de “recuperación de la memoria de Villa Grimaldi en su condición de centro secreto de secuestro, tortura y exterminio”⁴⁷⁹, a equipe responsável pela administração do parque desenvolveu uma série de atividades desde ações de educação patrimonial, até visitas guiadas, lançamentos de livros, música e teatro, além de contar com acervos documental e oral.⁴⁸⁰ É importante destacar que todos esses eventos citados foram ocorrendo a despeito do negacionismo das forças armadas em relação aos seus crimes e da permanente impunidade até dado momento. A mobilização para que cada uma dessas demandas fosse levada adiante esteve pautada, acima de tudo, na luta dos familiares de mortos e desaparecidos e nos sobreviventes, que ainda, sem justiça, buscavam a verdade e a memória. Tal cenário foi abalado somente no ano seguinte à criação do *Parque por la Paz*, quando se deu o início do cerco a Pinochet.

O cerco a Pinochet

Fiquei mudo. Nem uma palavra. Nem em inglês nem em castelhano. Só podia ser um sonho. Um sonho, estou sonhando. A mesma reação de Victoria ao acordar de manhã, segundo ela me contou. Mas o rádio tinha repetido a notícia, uma segunda vez, como se o próprio locutor também não conseguisse acreditar no que lia: na noite da véspera a polícia londrina irrompera na London Clinic, onde Pinochet se recuperava de uma cirurgia na coluna, para informá-lo de que estava detido por ordem do juiz espanhol Baltasar Garzón – acusado, nada menos, de genocídio.⁴⁸¹

Assim como Dorfman, não houve sobrevivente e familiar de vítimas da ditadura que não estivesse atônito com tal notícia. Um dos maiores ditadores da América do Sul estava no banco dos réus e isso significava o fim da impunidade para os crimes oriundos do Terrorismo de Estado. Mencionar os julgamentos e condenações dos agentes da DINA, sem apontar para a maior de todas elas, a prisão do “líder supremo” da ditadura chilena, impediria a

⁴⁷⁹FERNÁNDEZ, Claudia; RIVAS, Rodrigo; RODRÍGUEZ, Raúl; PRUDANT, Elisabet, VIDELA, Enzo; HEVIA, Evelyn; LÓPEZ, Manuel Escobar Loreto. **Archivo y memoria. la experiencia del archivo oral de Villa Grimaldi**. Santiago: Corporación Parque por la paz Villa Grimaldi, 2012.p.11 Disponível em: <<http://villagrimaldi.cl/wp-content/uploads/2011/07/Libo-Archivo-Oral-Final.pdf>> Acessado em: fev. de 2019.

⁴⁸⁰ Ver <<http://villagrimaldi.cl/archivo-oral/videos-y-documentos>>

⁴⁸¹ DORFMAN, *op.cit.*, p.15

compreensão do impacto dessa que foi umas das mais relevantes decisões judiciais dos últimos tempos.

Em 1996, a partir da iniciativa do advogado e assessor pessoal de Salvador Allende, Joan Garcés, junto de familiares e organizações populares em defesa dos direitos humanos, apresentou à Justiça espanhola uma solicitação de abertura de processo contra Pinochet sob as acusações de genocídio e terrorismo praticados entre 1973 e 1990. Tomando partido do ditador, o Ministério Público da Coroa da Espanha tentou impedir o prosseguimento do processo, ato que foi vetado pela alta corte, pois além de cidadãos espanhóis estarem desaparecidos em razão das ações do ditador no Chile, existiam claras evidências das mais diversas violações aos direitos humanos cometidas pelo réu. Assim, influenciado pela abertura do processo contra o ditador, o Grupo Parlamentar Socialista apresentou ao Congresso um projeto de lei que tinha como finalidade a extradição dos envolvidos nas violações ocorridas na Ibero- América, sendo um deles o caso do Chile.⁴⁸² Dentre as proposições citadas no projeto estava definição dos crimes cometidos durante as ditaduras militares nos países americanos como “genocidio, ejercido mediante practicas terroristas que han incluido el secuestro y el presumible asesinato de las víctimas de la represión.”⁴⁸³ Embora essa lei não tenha sido aprovada, o debate gerado em torno do tema demonstrava a sua relevância no âmbito político espanhol e assim, serviu como propulsor para o processo que estava em andamento na Justiça.

Oficialmente iniciado em julho de 1996, o processo contou com o apoio do Tribunal Internacional de Haia e do governo dos Estados Unidos, que já havia realizado investigação sobre o crime contra o ex-ministro Leletier e condenado seus envolvidos, e poderia assim, auxiliar a partir de provas já colhidas que ligassem Pinochet aos delitos no Chile. Passado das mãos de Manuel García Castellón a Baltazar Garzón Real, o processo contra Pinochet passou a fazer parte daquele que se referia à ditadura Argentina, conectado a esse por conta dos crimes do Condor. No ano seguinte, a justiça admitiu a queixa e ordenou averiguação dos fatos e para tanto, o Ministério da Justiça e o Ministério das Relações Exteriores deveriam

⁴⁸² PEREIRA, Rafael de Aguiar. **Os crimes da ditadura Pinochet no banco dos réus: o processo espanhol contra a impunidade intocável**. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. p.39

⁴⁸³ Texto integro de la proposición de ley presentada el 2 de septiembre de 1996 en el Congreso de los Diputados por el Grupo Parlamentario Socialista (PSOE). Disponível em: <<http://www.derechos.org/nizkor/chile/juicio/extra.html>> Acessado em: jan. de 2019.

conceder todos os dados recolhidos sobre os cidadãos espanhóis desaparecidos e mortos no Chile. Além disso, contava-se que essas esferas de poder pudessem apresentar as ações penais em andamento de mesmo tema corroborando os autos do processo contra Pinochet, o que não ocorreu devido à negligência dos responsáveis.

Em 1998, Augusto Pinochet, senador vitalício no Chile, viajou ao Reino Unido em missão oficial para a compra de armamento e para realizar uma cirurgia de coluna na London Clinic. Convicto de estar protegido pela imunidade diplomática adquirida em função de seu cargo, o então senador cruzou o oceano, em meio aos aconselhamentos de seus assessores para não se dirigir à Europa, onde estava sendo processado. A viagem de curto prazo se transformou em 503 dias sob os holofotes da mídia internacional. A imunidade do amigo de Margaret Thatcher, de fato, foi respeitada pela polícia inglesa, *Scotland Yard*, que negou a carta rogatória enviada por Baltazar Garzón e García-Castellón à Inglaterra solicitando a extradição do ditador para prestar depoimento sobre os crimes do Condor. Enquanto ainda se recuperava, Garzón decretou a prisão de Pinochet “por los delitos de genocidio y terrorismo, librando ordenes de búsqueda y captura internacionales com fines de extradición”⁴⁸⁴ A partir desse momento, deu-se início à uma jornada judicial que debateu desde a condição física do ditador até sua imunidade enquanto senador vitalício - linha explorada pelos advogados para argumentar sua defesa.

Diante da prisão e a decisão da Corte dos *Lords* inglesa de afastar a imunidade de Pinochet, o então presidente do Chile Eduardo Frei Ruiz-Tagle exigiu a liberdade do ditador por essa medida violar a soberania chilena. Nesse momento, começaram a surgir debates acerca da capacidade na Justiça chilena em lidar com tamanho enfrentamento que seria julgar alguém cuja influência e poder ultrapassaram o período ditatorial, como fica claro no caso Berríos. Para Dinges,

A credibilidade do Chile era muito tênue do que dizia respeito a levar Pinochet perante a Justiça naquele país, considerando que em anos recentes por duas vezes ele usara a ameaça de um novo golpe de Estado para forçar o governo a recuar de seus esforços brandos para levar seus subordinados a julgamento. A posição do Chile, diziam seus líderes, era que a Espanha não

⁴⁸⁴ Auto de Prisión. Auto por el que el se decreta la prisión provisional incondicional de AUGUSTO PINOCHET y se cursa orden de captura internacional contra el mismo, 16 de Octubre de 1998. Disponível em: <<http://derechos.org/nizkor/chile/juicio/captura.html>> Acessado em: jan. de 2019.

tinha direito de julgar Pinochet, e que ele deveria ser levado de volta ao país sul-americano para deixar que o sistema legal chileno seguisse seu curso.⁴⁸⁵

Enquanto isso, os Estados Unidos oscilavam em sua posição a respeito dos acontecimentos na Europa. Nesse momento, a Casa Branca ainda trazia consigo, sob a presidência de Bill Clinton, resquícios do legado de Carter, orientado para a defesa dos direitos humanos, ao mesmo tempo em que carregava em seus ombros as responsabilidades pelas diversas atrocidades dos tempos de ditadura no Chile e pelas decisões equivocadas em relação a sua política externa contemporânea⁴⁸⁶. Diferentemente de outros países que demonstravam compreender justa a extradição e o julgamento de Pinochet, na Inglaterra a decisão do ministro do Interior Jack Straw foi anulada pela apelação dos advogados do ditador na Corte dos *Lords*. A partir disso, voltou-se ao princípio de tudo, onde o destino de Pinochet era incerto, mas a impunidade estava a ponto de vencer.

Em março de 2000, diante de um parecer que atestava a fragilidade da saúde de Pinochet, o então senador vitalício foi extraditado para o Chile por razões humanitárias. Chegado em sua terra-natal, Pinochet foi recebido com aplausos, gritos e pompas militares, como se fora um herói de guerra sobrevivente. O que se sabe, segundo Dorfman, é que existiu um pacto para salvar Pinochet entre os ministros Robin Cook, da Inglaterra, Abel Matutes, espanhol e Juan Gabriel Valdés, do Chile. “[...] a deterioração da saúde de Pinochet era uma boa saída para conseguir seu retorno”⁴⁸⁷, teria afirmado Valdés. Esse era o tamanho do poder do ex- ditador ainda autoritário e dominador.

No mesmo ano, num Chile agora presidido pelo socialista Ricardo Lagos, a Corte de Apelações do país negou a imunidade de Augusto Pinochet, que deveria enfrentar as acusações pelo caso da Caravana da Morte junto de outros militares. Até serem dados os primeiros passos no que diz respeito a um julgamento e possível condenação do ditador chileno, as ações contra militares e civis ligados ao Estado chileno entre 1973 e 1978 aplicava-se a lei de anistia, impossibilitando o prosseguimento de quaisquer acusações de familiares de mortos e desaparecidos e sobreviventes na ditadura. No entanto, as interpretações da Justiça passaram por uma significativa mudança a partir dos eventos na

⁴⁸⁵ DINGES, *op.cit.*, p. 68-69

⁴⁸⁶ Destaca-se como algumas das controversas políticas externas de Clinton a postura militarizada adotada pelos governo dos EUA no combate às drogas na Colômbia; a intervenção na Bósnia; o embargo ao Haiti; o bombardeio ao Iraque, etc.

⁴⁸⁷ DORFMAN, *op.cit.*, p.124

Espanha, ampliando as possibilidades dos violadores chilenos serem levados ao banco dos réus. Aliado a isso, o testemunho de diversos familiares de vítimas do Terrorismo de Estado levaram Jorge Guzmán Tapia a emitir mandados de prisão contra o ex-general Arellano Stark, ex-coronéis Sergio Arredondo e Patricio Dias Areneda, o ex-brigadeiro Pedro Espinoza e o ex-major Marcelo Manuel Boren Brito, sendo os dois últimos ex- agentes da DINA. Em razão de os corpos das vítimas ainda estarem desaparecidos, configurando crimes de sequestro sem solução, a lei de anistia não pode garantir a impunidade desses agentes que enfrentariam a justiça.

Simultaneamente ao caso da Caravana da Morte, caminhavam outras ações referentes aos centros clandestinos de detenção de Villa Grimaldi, Venda Sexy, José Domingo Cañas e outros. Numa aguerrida busca por provas, o juiz Guzmán se deslocou até os espaços de memória para coletar o máximo de informações possíveis sobre os crimes ocorridos nesses locais. Na esteira desses eventos, Guzmán declarou Pinochet diretamente culpado pelo sequestro e morte de 18 pessoas durante a atuação da Caravana, mantendo-o em prisão domiciliar. Diferentemente de Londres e Espanha, no Chile Pinochet enfrentou um panorama político e midiático diferente, com vítimas mais encorajadas, com familiares motivados a buscar justiça. Tais fatos deram início a uma série de processos enfrentados pelo ditador até sua morte em 10 de dezembro de 2006, dia internacional dos direitos humanos.

Chile Declassification Project

A questão Pinochet causou uma série de efeitos nos mais diversos aspectos da justiça e das políticas chilena e internacional. Diretamente envolvidos na ditadura, os Estados Unidos - cuja administração possui detalhados acervos e registros secretos dessa relação, que comprovando não apenas a existência do Condor, mas também a Caravana da Morte e outros crimes-, adotou uma ambivalente postura, pois ao mesmo tempo em que concordavam com uma justa punição a Pinochet, temiam pelas implicações disso em sua imagem e governabilidade.

Ao longo de dois anos, a administração Clinton evitou colaborar com a justiça espanhola na ação contra Pinochet, omitindo provas documentais que comprometeriam o ditador, e simultaneamente, o governo dos EUA. Em 1997, invocando o *Mutual Legal*

Assistance Treaty (MLAT)⁴⁸⁸, o juiz García Castellón solicitou aos EUA cooperação no caso. No entanto, inicialmente, os esforços estadunidenses foram mínimos. De acordo com Kornbluh, a caixa enviada à Espanha com documentos contava com mil páginas de jornais chilenos que não haviam sido solicitados. Além disso, registros do Pentágono de uma operação chamada Condor em Honduras, mas que não possuía relação alguma com os acontecimentos no Chile, também foram enviadas.⁴⁸⁹ Nitidamente, os EUA não estavam disposto a colaborar e expor os sórdidos detalhes da relação com o Chile.

O mandado de prisão expedido contra o ditador aumentou ainda mais a pressão na Casa Branca. Kenneth Roth, diretor executivo do grupo *Human Rights Watch*⁴⁹⁰ fez questão de lembrar Bill Clinton dos crimes contra os cidadãos estadunidenses no Chile e do crime contra Letelier em solo norte-americano. Aliado a isso, a família do ex-ministro chileno entrou com uma petição na justiça, solicitando a liberação de documentos que pudessem comprovar a ligação de Pinochet com o assassinato em Washington. Outro fator que impactava na resposta de Clinton a tal questão era o conflito entre o *National Security Council's Office of Democracy* e o *State Department's Human Rights bureau* e os oficiais do *National Security Council*, Jamie Baker e James Dobbins. Esses últimos temiam abrir um precedente perigoso de pesquisas em arquivos secretos estadunidenses para satisfazer uma simples solicitação MLAT. Ao mesmo tempo, membros do Congresso apontavam uma postura favorável aos familiares das vítimas, gerando assim a ideia de funcionários do governo de desclassificar documentos à comunidade internacional, como já havia sido feito nos casos de Honduras, Guatemala e El Salvador. Em dezembro de 1998, o porta-voz da Casa Branca, James Rubin anunciou que os EUA estariam “conduzindo uma revisão dos documentos que podem esclarecer abusos dos direitos humanos durante a era Pinochet [...] Nós desclassificaremos e tornaremos públicas todas as informações possíveis.”⁴⁹¹

⁴⁸⁸O tratado de assistência jurídica mútua consiste num acordo entre dois ou mais países, para fins de coleta e troca de informações em um esforço para dar início a uma ação penal ou prevenir um crime. Esse acordo é principalmente baseado na carta rogatória como mecanismo para o envio de informações de um país para outro.

⁴⁸⁹KORNBLUH, *op.cit.*, p.478

⁴⁹⁰Organização não-governamental internacional, sem fins lucrativos, que defende os direitos humanos no mundo inteiro. Composta por advogados, jornalistas, especialistas e acadêmicos de diversas nacionalidades, essa organização foi criada em 1978 com objetivo de investigar e produzir relatórios acerca das violações ocasionadas por guerras, ditaduras, conflitos civis e com isso, cobrar das autoridades políticas públicas e práticas que promovam os direitos humanos e a justiça.

⁴⁹¹World in Brief, December 2nd, 1998. The Washington Post. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1998/12/02/world-in-brief/a5948290-4eda-4271-8f6f-bc2baf6820a0/>> Acessado em: fev. de 2019.

A partir desse momento, o NSC, o Departamento de Estado e a CIA passaram a estabelecer sob quais diretrizes e cronograma o projeto de desclassificação de documentos sobre o Chile estaria pautado. A ideia era dividir os registros em três categorias, sendo elas “abusos de direitos humanos”, “terrorismo” e “outras violações no Chile”, cobrindo os anos de 1968 a 1991, ou seja, do governo de Allende à ditadura Pinochet. Na intenção de não aparentar uma perseguição à direita, seriam liberados também documentos que pudessem apresentar possíveis abusos cometidos pelo Estado sob comando da esquerda. Essa inadvertida decisão gerou aos EUA o que os oficiais da inteligência tanto temiam, o público conhecimento da intervenção estadunidense no Chile através das políticas hostis de Nixon e Kissinger, passando pelas ações encobertas da CIA.

Dirigido pelo diretor sênior do gerenciamento de registros, William Leary, o projeto de desclassificação careceu de um Grupo de Trabalho entre agências - *Inter-agency Working Group (IWG)*- responsável pelo monitoramento, revisão e liberação das fontes. Os documentos seriam disponibilizados pela Internet para que, tanto no Chile, quanto nos EUA e outros lugares do mundo, fosse possível o acesso aos documentos. Assim, entre junho de 1999 e 2000 os documentos foram liberados em três etapas: na primeira seriam liberados 5800 documentos referentes aos primeiros cinco anos da ditadura; na segunda, 1100 que cobririam os anos do governo Allende até o golpe de Estado; e a terceira, 1900 páginas sobre os casos Horman, Teruggi e Boris Weisfeler. Esses documentos consistiam em memorandos, informes, relatórios da CIA, do Departamento de Estado com as deliberações de Pinochet, suas operações repressivas, bem como as tomadas de decisão dos próprios Estados Unidos nessas situações. A terceira e última etapa, originalmente, contaria com a desclassificação de 16000 documentos, o que foi adiado, pois internamente o IWG sofria um conflito de grandes proporções entre a Casa Branca e o diretor da CIA, George Tenet, que se negava a entregar os detalhes operacionais das ações da agência no Chile. Certos de que não tinham a obrigação de apresentar ao mundo suas táticas e operações durante a Guerra Fria, os agentes da CIA não indicaram sequer uma página sobre a sua fundamental colaboração pós-golpe ou sua relação com a DINA para a primeira etapa de desclassificação.

Em meio à negativa da CIA e para desgosto de alguns membros da comunidade de inteligência dos EUA, a *National Archives Records Administration (NARA)* descobriu nas bibliotecas presidenciais de Richard Nixon e Gerald Ford uma série de documentos secretos que logo foram enviados para o IWG. Numa reunião em agosto de 1999, tanto a *National*

Security Agency quanto a CIA se recusaram a revisar esses documentos para a futura desclassificação, obstrução que estava cada vez mais publicamente nítida. “A CIA está escondendo documentos chave”⁴⁹² publicou o *New York Times* em outubro do mesmo ano. Para os familiares das vítimas e defensores do projeto estava clara a posição da CIA, que ao sabotar a liberação das fontes colocava em cheque toda a sua proposta. “A disputa por esses documentos representou uma batalha clássica pela santidade do sigilo versus o princípio da transparência governamental na política externa dos EUA.”⁴⁹³ E nessa disputa, os demais membros do IWG a favor da desclassificação esforçaram-se ao máximo para a CIA cumprir com seu compromisso moral reforçado pelas ordens presidenciais em 11 de setembro de 2000. A quarta e última etapa da desclassificação foi então marcada para novembro, momento em que passaria a contar o prazo de nove meses para a divulgação de um relatório produzido pela agência para responder sobre suas atividades e agentes envolvidos no assassinato de Allende, o acesso de Pinochet à presidência e as violações de direitos humanos cometidas pelos agentes de Pinochet. Ao mencionado relatório deu-se o nome de *Hinchey*, fonte já citada neste trabalho e que, certamente, corrobora com a ideia da ligação entre as agências CIA e DINA, mesmo que através de informações seletivas.

Como reflexo da prisão de Pinochet, as famílias de Letelier e Moffit solicitaram publicamente que a administração Clinton reabrisse o caso, e extraditasse o ditador para os EUA, onde, possivelmente, existiriam provas mais contundentes de seus crimes. Em 1999, a procuradora-geral Janet Reno junto ao FBI iniciou uma investigação e através de uma carta rogatória solicitaram a colaboração do Chile. Chegando a conclusão de que Augusto Pinochet havia dado as ordens para o ataque terrorista em 1976, recomendou o indiciamento do ditador, fato que esbarrou na burocracia judicial e perdeu fôlego com a chegada de George W. Bush à presidência dos EUA. A série de documentos que ligavam Pinochet ao crime foi mantida em sigilo pela nova administração, cuja posição foi de recusa à desclassificação. O “santo graal”, como referiu-se Kornbluh ao documento da CIA que comprovaria tais fatos, foi liberado ao público somente em 2016, dez anos após a morte do ditador e 40 anos após o crime. Em “*Pinochet’s role in the Letelier Assassination and subsequent coverup*” está claro que

⁴⁹² “the CIA is hiding key documents”. Exposing America Role in Chile, October 6th, 1999. New York Times. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1999/10/06/opinion/exposing-america-s-role-in-chile.html>> Acessado em: jan. de 2019.

⁴⁹³ KORNBLUH, *op.cit.*, p.484

Pinochet ordenou pessoalmente ao chefe da Inteligência, Manuel Contreras, que desse incio à operação de assassinato do ex-ministro chileno.⁴⁹⁴

A iniciativa da administração Clinton em liberar as fontes sobre o Chile significou a possibilidade de tornar público o papel de Pinochet e os agentes do Estado no que foi uma das mais perversas ditaduras latino-americanas. Embora os entraves políticos e disputas internas ao governo estadunidense e seu órgãos de Estado tenham retardado o processo de desclassificação ou ainda selecionado documentos sob a perspectiva imperialista e parcial, há de se apontar a importância desse projeto na responsabilização dos culpados e no conhecimento da história recente chilena. De 1999 até os dias de hoje são continuamente abertos os arquivos sobre o Chile, fato que permitiu tanto a escrita deste e outros trabalhos acadêmicos, como o indiciamento de agentes que pensavam estar seguros.

Os efeitos do caso Pinochet e da abertura dos arquivos na extinta DINA

Os eventos na Espanha e na Inglaterra abriram espaço para discussões sobre a prescrição das violações dos direitos humanos e anistia, bem como, acerca de ações judiciais contra outros agentes do Estado. A virada dos anos 2000 trouxe consigo o rompimento do silêncio em diversos casos até então não solucionados de desaparecimento e morte no contexto ditatorial chileno. Impulsionados pelos desdobramentos da prisão de Pinochet, ex-agentes da DINA e de outros setores das forças armadas surgem como testemunhas dos horrores vividos nos centros clandestinos de detenção. Samuel Fuenzalida, Jorgelino Vergara, Marcia Alejandra Merino são alguns desses exemplos, que a partir de suas experiências puderam comprovar a extensão das ações da DINA, apontando nomes de torturados e vítimas. Além disso, a interpretação da justiça acerca dos crimes da ditadura modifica o cenário que até o momento era de desesperança.

Um dos casos emblemáticos envolvendo a DINA e a Operação Colombo que também influenciaram ações posteriores é o caso *Poblete-Córdova*. Militante do MIR, Pedro Enrique Poblete Córdova, então 27 anos quando de seu assassinato, era metalúrgico quando foi detido por agentes da DINA em julho de 1974 e levado para o centro clandestino Londres 38 e

⁴⁹⁴ National Security Archive. “Pinochet’s role in the Letelier Assassination and subsequent coverup”, May 1st, 1987. Disponível em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/dc.html?doc=3212947-Document-01-CIA-Pinochet-s-Role-in-the-Letelier>> Acessado em: fev. de 2019. Ver Anexo 1.

posteriormente, Cuatro Álamos, onde desapareceu.⁴⁹⁵ Através de informações de sobreviventes desse recinto clandestino, a mãe de Pedro, Javiera Córdova Jiménez solicitou à Corte de Apelações um *habeas corpus*, contando as circunstâncias nas quais seu filho havia sido detido. Durante o período ditatorial era comum o Ministério do Interior negar a presença de pessoas nas prisões do Chile, ocultando dos familiares a verdadeira situação de seus entes, e assim, aconteceu com Poblete Córdova, que tempos depois teve seu nome integrado à lista divulgada pela revista *Lea* na Argentina no marco da Operação Colombo. Segundo a revista, assim como os demais mortos, o jovem metalúrgico teria sido assassinado em um conflito interno entre membros do MIR.⁴⁹⁶ Ao longo dos anos 1970, sua família tentou ajuizar diversos processos que esbarravam tanto na falta de informações sobre o paradeiro de Córdova Poblete, quanto na Lei de Anistia de 1978, que perdoava os agentes do Estado e seus crimes. No entanto, em 1998 o caso (Rol 469-1998) foi reaberto pela justiça militar e ganhou novas interpretações, seguindo as linhas da aplicabilidade da Lei de Anistia somente em casos previamente investigados e da Convenção de Genebra, que havia sido ratificada pelo Estado chileno e que mencionava o dever da proteção humanitária em caso de conflitos armados.⁴⁹⁷ Apesar de não se tratar de uma guerra, e sim de uma ditadura, com poderes assimétricos, essa nova abordagem permitiu que outros casos fossem abertos, revistos e que condenações fossem levadas a cabo.

Nos anos 2000, quando foram designados mais de 50 juízes para investigação de violações dos direitos humanos no período da ditadura, veio à tona o caso de Miguel Ángel Sandoval Rodríguez, membro do MIR, detido em janeiro de 1975 pelas forças da DINA e enviado ao centro de Villa Grimaldi, onde desapareceu. Compreendendo que sequestro e desaparecimento são crimes imprescritíveis e de caráter permanente, a Corte Suprema afastou a aplicabilidade da Lei de Anistia. Desse modo, após cumprir a sentença de sete anos pela morte de Orlando Letelier e Ronni Moffitt, o diretor da DINA, Manuel Contreras, foi colocado em prisão domiciliar em meados de 2002 pela responsabilidade no caso de Sandoval Rodríguez. Esse seria o início de uma série de processos enfrentados por Contreras, reduzindo

⁴⁹⁵ Informe Rettig, *op.cit.*, p.779

⁴⁹⁶ ARCHIVO CHILE. Dossier Pedro Enrique Poblete Córdova. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/119/092poblete_pedro.pdf> Acessado em: fev. de 2019.

⁴⁹⁷ CONVENÇÕES DE GENEBRA, 12 de agosto de 1957. Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Disponível em: <<https://shop.icrc.org/icrc/pdf/view/id/2491>> Acessado em: fev. de 2019.

sua imunidade e ao mesmo tempo, gerando esperanças naqueles familiares ainda em busca de informação e justiça.

Em fevereiro de 2003, o juiz Alejandro Solís indiciou Contreras por ordenar o assassinato de Carlos Prats e sua esposa Sofia em Buenos Aires, no ano de 1974. Após dois meses, foi definitivamente sentenciado a 15 anos de prisão pelas atrocidades no caso de Villa Grimaldi no caso Sandoval Rodríguez. Em 2008, Solís condenou Contreras à prisão perpétua pelo homicídio qualificado do ex-comandante –em –chefe das forças armadas e sua esposa durante a Operação Condor. No mesmo processo foram ainda condenados o general Raul Eduardo Iturriaga Neumann, Pedro Espinoza Bravo, Christoph Willikie Floel, Juan Morales Salgado e Jose Zara Holger, bem como Mariana Callejas, que em segunda instância teve a pena rebaixada e não foi mantida presa. Antes mesmo da decisão da justiça chilena, na Argentina – que comparativamente aos demais países do Cone Sul, esteve à frente do maior número de julgamentos e condenações de militares-, Arancibia Clavel havia sido condenado pelo seu envolvimento na morte do casal e pelo caso dos irmãos chilenos Elgueta Díaz também dentro do Condor.⁴⁹⁸ Além de levar os militares ao banco dos réus e condená-los, mesmo que com penas inexpressivas diante da gravidade de seus atos, o crime de associação ilícita foi citado pela primeira vez no caso Prats. Segundo os artigos nº 292 e 293 do Código Penal chileno, esse crime é constituído de

ART.292 Toda asociación formada con el objeto de atentar contra el orden social, contra las buenas costumbres, contra las personas o las propiedades, importa un delito que existe por el solo hecho de organizarse.
ART.293 Si la asociación ha tenido por objeto la perpetración de crímenes, los jefes, los que hubieren ejercido mando en ella y sus provocadores, sufrirán la pena de presidio mayor en cualquiera de sus grados. Cuando la asociación ha tenido por objeto la perpetración de simples delitos, la pena será presidio menor en cualquiera de sus grados para los individuos comprendidos en el acápite anterior.⁴⁹⁹

O uso dessa qualificação permitiu que em outros casos, tipificados pela Corte Suprema como crimes de lesa humanidade pela relevante jurisprudência acumulada, e cujos agentes da

⁴⁹⁸ Entrevista con una sobreviviente de la Operación Condor: En “terra nadie”, 20 de marzo de 2006. Rebelión. Disponível em: <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=16613>> Acessado em: fev. de 2019.

⁴⁹⁹ CHILE. Ley nº 19047 que introduce modificaciones al Código Penal, 01 de febrero de 1991. Disponível em: <<http://bcn.cl/1uvs0>> Acessado em: fev. de 2019.

DINA ou outros de organismos tivessem participação, fosse levado em conta tal associação ilícita. Nesse caso ainda,

la Corte Suprema reafirma su reiterada jurisprudencia iniciada en 1998 con la causa “Poblete Córdova” y mantenida –con pocas excepciones– hasta el día de hoy, en el sentido de que respecto de determinados crímenes –como los que se cometieron durante la dictadura de Augusto Pinochet en contra de opositores al régimen– no procede ni la amnistía ni la prescripción, dos causales de extinción de la responsabilidad criminal previstas en nuestro Código Penal.⁵⁰⁰

Assim, é possível observar nos anos seguintes sentenças que reiteram o caráter terrorista dos crimes cometidos pela DINA e suas motivações político-ideológicas. Segue uma lista de alguns casos criminais referentes aos centros clandestinos de detenção e outros casos brevemente analisados nesta pesquisa, onde os membros da Direção de Inteligência foram condenados:

- Em 1995, a Justiça Italiana condenou Manuel Contreras a 20 anos de prisão por ordenar a tentativa de homicídio de Bernardo Leighton em Roma como parte da Operação Condor. No entanto, sua extradição só poderia ser efetivada após o cumprimento da pena no Chile pela morte de Orlando Letelier, o que somando com as penas dos casos subsequentes, permitiram que Contreras permanecesse preso em sua terra-natal, ao invés de ser mandando para as prisões italianas.

- No ano de 2011, a Corte de Apelações submeteu ao processo criminal de homicídio qualificado e associação ilícita, Manuel Contreras, Miguel Krassnoff, Gerardo Godoy García e Marcelo Moren Brito responsáveis pela detenção e desaparecimento do mirista Luis Fidel Arias Pinto em 1975. Todos os integrantes da DINA foram condenados dois anos depois com penas de 18 anos.

- Em 2014 foram sentenciados pelo crime de associação ilícita e sequestro os ex-agentes da DINA envolvidos no caso Colonia Dignidad pelo desaparecimento do militante Álvaro Vallejos Villagrán. Especificamente nesse caso foram condenado a 5 anos de prisão os agentes da DINA Pedro Espinoza e Miguel Krassnoff, o coronel Fernando Gómez e o ex-suboficial Basclay Zapata. Como forma adicional de reparação, o juiz Jorge Zapeda da Corte

⁵⁰⁰CABRERA, Hernán Quezada. Sentencia dictada por la Corte Suprema en el Caso Prats. **Anuario de Derechos Humanos** n°7, 2011. p.163 Disponível: <<https://anuariodh.uchile.cl/index.php/ADH/article/view/17361/20539>> Acessado em: fev. de 2019.

de Apelações, ordenou o pagamento de indenização pelo Estado aos familiares, bem como a construção de memorial onde hoje fica a Villa Baviera, antiga Colonia. O chefe da agência Manuel Contreras, já somando mais de 400 anos de prisão por outros processos, foi condenado pelo desaparecimento de Juan Maino Canales, Elizabeth Rekas Urria y Antonio Elizondo Omaechea, presos em Villa Grimaldi e posteriormente levados à Colonia Dignidad. Posteriormente, Fernando Gomez Segovia, ex-agente da DINA, também foi condenado pelo sequestro qualificado de cinquenta pessoas levadas ao mesmo centro clandestino.

- No mesmo ano, foram condenados Vianel Valdivieso Cervantes, Juan Morales Salgado y Ricardo Lawrence Mires a quinze anos de prisão pelo homicídio do cabo do exército Manuel Leyton em 1977. Além disso, o juiz Alejandro Madrid adicionou 541 dias de pena por associação ilícita e sequestro.⁵⁰¹

- 2015 também foi o ano em que a Corte Suprema ordenou a reabertura do caso Carmelo Soria, processando quinze ex-agentes da DINA pelos crimes de homicídio qualificado do espanhol e por associação ilícita. Entre eles estão Manuel Contreras, já falecido e Pedro Espinoza. No ano seguinte foram solicitadas à justiça dos EUA as extradições de Michael Townley, Fernando Larios e do agente anti-castrista Virgilio Paz Romero.⁵⁰²

- Em 2016, o centro de memória Londres 38, através de Gloria Elgueta solicitou informações sobre os casos de sobreviventes e desaparecidos que passaram pelo antigo centro de detenção. Como resposta o Poder Judiciário enviou 45 páginas em que são mencionadas mais de 90 vítimas, os agentes da DINA e as penas imputadas a eles até aquele momento. Além disso, aos que recorreram da decisão em primeira instância, constam as decisões dos juízes da segunda instância. São alguns exemplos: pelo desaparecimento de Álvaro Barrios Duque foram condenados em 2010 pela Corte Suprema à 5 anos e 1 dia de prisão, Manuel Contreras Sepúlveda, Miguel Krassnoff Martchenco, Marcelo Moren Brito, Basclay Zapata Reyes, Nelson Paz Bustamante; em 2015 pelo desaparecimento de Ismael Chávez Lobos foram sentenciados a 13 anos de prisão Cesar Manríquez Bravo, Pedro Octavio Espinoza Bravo, Miguel Krassnoff Martchenko, Raúl Eduardo Iturriaga Neumann. Condenados à 10 anos, Gerardo Ernesto Urrich González, Gerardo Ernesto Godoy García, Ricardo Víctor Lawrence

⁵⁰¹ Disponível em: <<https://www.lavanguardia.com/politica/20151026/54438402145/condenan-a-ex-agentes-de-dictadura-chilena-implicados-en-muerte-cabo-ejercito.html>> Acessado em: fev. de 2019.

⁵⁰² CHILE. Rol Nº 1-93, 16 de mayo de 2016. Disponível em: <<https://www.24horas.cl/nacional/article2017578.ece/BINARY/Corte%20Suprema>> Acessado em: de 2019.

Mires, Ciro Ernesto Torré Sáez, Sergio Hernán Castillo González, Manuel Andrés Carevic Cubillos, José Nelson Fuentealba Saldías, Basclay Humberto Zapata Reyes, José Enrique Fuentes Torres, José Mario Friz Esparza, Julio José Hoyos Zegarra, Nelson Alberto Paz Bustamante, Claudio Orlando Orellana de la Pinta, Enrique Tránsito Gutiérrez Rubilar, Gustavo Galvarino Caruman Soto, Hiro Álvarez Vega, José Alfonso Ojeda Obando, Olegario Enrique González Moreno, Orlando Jesús Torrejón Gatica, Rudeslindo Urrutia Jorquera, Alfredo Orlando Moya Tejeda, Carlos Alfonso Sáez Sanhueza, Fernando Enrique Guerra Guajardo, Juan Alfredo Villanueva Alvea, Juan Evaristo Duarte Gallegos, Lautaro Eugenio Díaz Espinoza, Leónidas Emiliano Méndez Moreno, Pedro Ariel Araneda Araneda, Rafael de Jesús Riveros Frost, Víctor Manuel Molina Astete, Manuel Rivas Díaz, Juan Ángel Urbina Cáceres, Risiere del Prado Altez España, Raúl Juan Rodríguez Ponte, Hermon Helec Alfaro Mundaca, Hernán Patricio Valenzuela Salas Cisternas, Máximo Ramón Aliaga Soto, José Avelino Yévenes Vergara, Hugo del Tránsito Hernández Valle. Nesse caso contam ainda outros 26 agentes condenados a 4 anos de prisão pelo envolvimento no desaparecimento; em 2016 foram condenados pelo desaparecimento de Jaime Cádiz Norambuena em segunda instância e confirmada pela Corte Suprema Manuel Contreras Sepúlveda, já falecido, Miguel Krassnoff Martchentko, Marcelo Moren Brito e Basclay Zapata Reyes. Todos a 10 anos de prisão⁵⁰³

-Em setembro de 2018, o Ministro Mario Corroza condenou 20 ex-agentes da DINA envolvidos em ações dentro da Operação Condor. Entre os presos estão Christoph Willike Floel, Miguel Krassnoff, Raúl Iturriaga Neumann, Ciro Torré Sáez, Juan Morales Salgado, Miguel Riveros Valderrama e outros. Três meses depois, seis membros da DINA, a saber Iturriaga Neumann, Rolf Wanderoth, Manuel Carevic Cubillos, Gerardo Urrich González, Miguel Krasnoff Martchenko e Juvenal Afonso Piña Garrido, foram condenados de 12 a 20 anos de prisão por crimes cometidos em 1975 enquanto eram agentes da agência de inteligência liderada por Contreras. Além disso, o Estado chileno foi condenado a pagar indenizações aos familiares das vítimas. A principal condenação de todos os agentes é pelo sequestro qualificado de Alfredo Rojas Castañeda, Ricardo Ernesto Lagos Salinas, Exequiel Ponce Viencio. Carlos Enrique Tobar, Modesta Carolina Wiff Sepúlveda e outros tantos

⁵⁰³ Estado de causas judiciales asociadas a Londres 38. Londres 38: espacio de memória. Disponível em: <http://www.londres38.cl/1934/articles-98847_recurso_1.pdf> Acessado em: fev. de 2019.

militantes políticos.⁵⁰⁴ Ainda em dezembro, a Suprema Corte do Chile condenou 13 ex-membros da DINA, sendo alguns deles já mencionados em outras condenações, dessa vez pelo sequestro de Félix Edmundo Lembretch Díaz- Pinto, sobrevivente da Operação Colombo. Ricardo Lawrence e César Maríquez Bravo figuram na lista de condenados, devendo permanecer entre 5 e 8 anos na prisão.

O número de processos judiciais contra agentes do Estado surpreende, sobretudo, se comparado com outros países do Cone Sul, como o Brasil, em que não foram julgados agentes, tampouco ditadores. Não obstante, refletindo sobre o impacto de uma ditadura num país e na quantidade de vítimas afetadas direta ou indiretamente por ela, as ações judiciais nas quais os agentes da DINA foram implicados são proporcionalmente poucas. Os mortos e desaparecidos deixados pelo caminho foram muitos, os traumas e sequelas incalculáveis e apesar de Contreras e outros ex-membros do aparato repressivo terem sido condenados a penas que extrapolam sua existência, separadamente as condenações em grande parte terminam com a pena mínima, seja para sequestro, associação ilícita ou homicídio. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que há de se louvar as iniciativas da Justiça em julgar os violadores dos direitos humanos do período ditatorial, é imprecindível recordar aqueles que assumiram a custódia do passado e permanecem na luta ainda sem resultados efetivos. Em termos gerais, mais do que efeitos punitivos, conceder a devida importância aos crimes do Estado e suas vítimas possui efeitos simbólicos de extrema importância no que diz respeito ao fim da impunidade e da prevenção de eventos futuros em contextos de ameaça à democracia. Segundo Calloni, “no pueden asentarse democracias sólidas sobre la impunidad, que también fue impuesta como una continuidad de la misma doctrina ideologista para proteger a los responsables intelectuales y materiales.”⁵⁰⁵ E para tanto, é fundamental a manutenção do desvelamento dos crimes e seus responsáveis, seja via testemunhos, sistema judiciário e políticas voltadas aos direitos humanos, seja pela abertura de arquivos ainda sigilosos com potencial comprobatório.

Não é possível precisar em quais e quantos desses processos os documentos desclassificados estiverem presentes como provas, tampouco se fundamentaram ações

⁵⁰⁴ “43 años después: justicia condena a 6 ex agentes DINA por desaparición de cúpula de PS en dictadura”. El Mostrador, 18 Diciembre, 2018. Disponível em: <<https://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2018/12/18/43-anos-despues-justicia-condena-a-6-ex-agentes-dina-por-desaparicion-de-cupula-ps-en-dictadura/>> Acessado em: jan. de 2019.

⁵⁰⁵ CALLONI, *op.cit.*, p. 31

judiciais contra os agentes do organismo de inteligência. O que se sabe é que a abertura dos arquivos estadunidenses lançou luz aos crimes desse aparato repressivo desde os anos 2000 e com isso, não seria mais possível que Contreras e Pinochet negassem a existência de operações coordenadas com outros países, centros clandestinos de detenção, ou ainda a sua estreita relação com os EUA, que diariamente produzia dezenas de memorandos e outros documentos sobre a situação no Chile. Além disso, na falta de registros da própria instituição chilena, testemunhos e documentos liberados por outros países assumiram papel essencial na descoberta dos crimes e nos posteriores julgamentos dos agentes do Estado. A repercussão midiática em torno das informações outrora sigilosas também colaborou para a difusão e consequente pressão social nas autoridades competentes, fortalecendo as alegações de familiares e sobreviventes do TDE. Não por acaso, em 2016, documentos dos EUA auxiliaram no estabelecimento da culpa de Pinochet pela morte de Orlando Letelier; em 2017 os EUA julgaram e condenaram os responsáveis pela morte de Victor Jara do Estádio do Chile ou ainda mais recentemente, em janeiro deste ano, o juiz Alejandro Madrid concluiu que o ex-presidente do Chile Eduardo Frei foi assassinado por envenenamento pelos agente da CNI Raúl Lillo Gutiérrez, o informante Luis Becerra Arancibia e o médico Patricio Silva Garín a mando de Pinochet.⁵⁰⁶ Esses e outros casos seguem na ordem do dia da justiça chilena, que ainda está longe de completar o caminho da reparação.

O Chile se mantém dividido. Os Estados Unidos também. De um lado aqueles que toleram e justificam as ações terroristas da DINA, da ditadura de Augusto Pinochet e a intervenção estadunidense num país que, de outra forma, segundo sua percepção, seguiria rumo a um regime autoritário comunista. De outro, defensores dos direitos humanos e milhares de vítimas que sofreram física e psiquicamente as consequências da importação dos preceitos ideológicos anticomunistas da América do Norte e do seu refinamento, através da criação de estruturas como a Direção de Inteligência Nacional. Padronizador da violência no Chile, especializado em assassinar e conhecido pelo poder imensurável durante a ditadura, esse organismo ainda é alvo de investigações e análises constantes mais de vinte anos após a transição para a democracia. Da mesma forma, a atuação dos EUA na América Latina permanece como tema a ser debatido, já que sua postura hegemônica em relação ao continente

⁵⁰⁶ “Chile condena agentes de Pinochet por assassinato de ex-presidente democrata cristão em 1982”, 30 de janeiro de 2019. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/chile-condena-agentes-de-pinochet-por-assassinato-de-ex-presidente-democrata-cristao-em-1982-23414791>> Acessado em: fev. de 2019.

e ao mundo pouco foi alterada, assim como a arbitrária defesa dos valores capitalistas ocidentais. Aos historiadores resta a imprescindível tarefa social de preservar a crítica e a reflexão sobre esse tempo presente, que, apesar de tudo, vive sob a constante ameaça de revisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento dos estudos acerca das ditaduras latino-americanas tem demonstrado não apenas a carência de análises científicas sobre a segunda metade do século XX no continente, atacando múltiplas faces dos acontecimentos, como também reflete o atual momento histórico. Se há vinte anos conjeturava-se sobre autoritarismo, sobre mortes e desaparecimentos por conta da abertura política e de espaços propícios ao debate, hoje se faz como forma de resistir a ameaça conservadora que retorna à América Latina e anuncia um movimento revisionista em relação ao passado traumático recente.

Assim, a presente pesquisa teve como objetivo central analisar o papel do principal aparato repressivo chileno, a *Dirección de Inteligência Nacional*, bem como, a relação estabelecida entre essa instituição semi-clandestina e os Estados Unidos da América a partir do Departamento de Estado e seus órgãos de inteligência durante a ditadura de Augusto Pinochet. Para tanto, foi necessário consultar diversas fontes documentais estadunidenses e chilenas, virtual e presencialmente, colhendo informações relevantes que atendessem as demandas de cada capítulo. Dentre os arquivos fundamentais que compuseram esta pesquisa destacam-se o *National Security Archive*, o *U.S Department of State* através do *Freedom of Information Act*, o *Archivo Chile* e o *Archivo Nacional de Chile*. Através dos registros contidos nos fundos documentais desses acervos foi possível construir uma narrativa que foi desde a Guerra Fria, seus desdobramentos da América Latina e especialmente no Chile, até a criação da DINA e a prisão de Pinochet.

Aliado às fontes históricas, os conceitos de Terrorismo de Estado, Doutrina de Segurança Nacional e Estado Contrainsurgência, elencados no capítulo inicial, deram suporte para o desenvolvimento da posterior análise realizada ao longo da dissertação. Seguindo a linha introdutória, realizou-se uma breve apreciação acerca da conjuntura mundial durante a Guerra Fria, assim como na América Latina e tendo em vista ser uma de suas consequências a presença da CIA no continente e, sobretudo, no Chile, se buscou apontar os fatos que impulsionaram a sua relação com os EUA e serviram de base para os eventos traumáticos futuros. Foi a partir da exportação dos preceitos apontados acima, que se deu o acirramento da luta de classes no Chile e o desenvolvimento da “fórmula para o caos”, culminando no golpe de Estado de 1973.

Assim como abordar os conceitos básicos, traçar um histórico das ações da administração Nixon e da intervenção da CIA no Chile, mostrou-se necessário para conceder ao leitor a mais completa compreensão das intenções da superpotência no país latino-americano antes e depois da instauração da ditadura Pinochet. Desse modo, foram citados o Comitê 40 coordenado pelo presidente dos EUA e Kissinger, as *Track I e II*, o financiamento de meios de comunicação e grupos de extrema-direita pela CIA, todos componentes da etapa de desestabilização do governo de Salvador Allende e do golpe por ele sofrido em 11 de setembro.

A ênfase para a criação da DINA enquanto órgão de inteligência que assume um caráter repressivo e, conseqüentemente, destaca-se dentre semelhantes setores das forças armadas ocorre no segundo capítulo. Assim, destacou-se a trajetória que segue desde as ordens de Pinochet para a construção de uma instituição clandestina, autônoma e padronizadora da violência até o treinamento de agentes e a sua oficialização a partir do decreto-lei nº 521. A estrutura formada sob as ordens de Manuel Contreras também faz parte desse capítulo que se dedicou às suas ações independentes e conjuntas com os EUA e os demais países do Cone Sul. Através da formação de Brigadas, os agentes da DINA puderam focar nos principais grupos contrários à ditadura representados pelos Partidos Comunista, Socialista e o MIR, a quem foi dado maior destaque por representar a principal resistência armada do período.

Elevando o Terrorismo de Estado ao seu mais alto nível, Contreras e os demais membros da DINA construíram centros clandestinos de detenção capazes de manter centenas de presos políticos em condições sub-humanas até os últimos dias da ditadura. Dedicando um capítulo inteiro aos mais emblemáticos centros onde os direitos humanos foram violados ininterruptamente – Londres 38, Cuartel Ollagüe, Villa Grimaldi, Colonia Dignidad, Tejas Verdes, Venda Sexy e Cuartel Simón Bolívar- pretendeu-se dar uma noção do poder concedido à DINA, sua face mais obscura, seu potencial repressor e as práticas das brigadas. Ultrapassando todos os limites para alcançar o primordial objetivo de eliminar o “inimigo interno”, a DINA contou com o auxílio estadunidense, que segundo menção do próprio diretor Contreras, possibilitou capacitação e aprimoramento mais eficientes aos militares membros da instituição, além de conceder carta branca para as atrocidades perpetradas dentro e fora dos centros clandestinos de detenção.

O ápice da relação entre a DINA e os EUA se deu a partir das origens do Plano/Operação Condor, abordada no quarto capítulo com a intenção de demonstrar como os países do Cone Sul atuaram por meio de um sistema repressivo conjunto, legitimado pela superpotência norte-americana. Mais do que nos demais tópicos, os documentos desclassificados estadunidenses foram relevantes para o estabelecimento da narrativa que conta as principais ações desse plano idealizado, especialmente, por Manuel Contreras. Através dos casos de Charles Horman e Frank Teruggi, buscou-se demonstrar que o Condor já havia sido instaurado no Chile antes mesmo de sua oficialização com a perseguição aos cidadãos estadunidenses pelo FBI. Ao mesmo tempo, os casos de Carlos Prats, Bernardo Leighton, Orlando Letelier e Ronni Moffitt aparecem como exemplos da capacidade operativa da DINA fora do território chileno, seu ímpeto em assassinar as lideranças ligadas ao governo da Unidade Popular e o *modus operandi* de seus principais agentes no exterior, Michael Townley, Pedro Espinoza, Iturriaga Neumann e Arancibia Clavel. Os casos dos políticos chilenos também buscam evidenciar que, direta ou indiretamente, os EUA esteve ligado aos crimes da ditadura Pinochet, seja por sua atuação, financiamento ou simplesmente, omissão. Já o caso Berríos teve como finalidade destacar o poder da DINA e Pinochet através dos tempos, fornecendo a ideia de que o Condor não cessou com a transição para a CNI ou a redemocratização do Chile.

Ao longo dos capítulos a utilização das fontes provenientes dos EUA tiveram por função demonstrar que durante toda a experiência ditatorial e, especificamente, durante a atuação da DINA, a superpotência tinha conhecimento de todos os passos dados pelas lideranças militares. Simultaneamente a isso, os relatórios das Comissões Nacionais da Verdade e Reconciliação e Prisão Política e Tortura cumpriram o papel de preencher as lacunas deixadas pelos ainda desaparecidos documentos oficiais da DINA. Assim, foi possível nomear um número significativo de vítimas e as circunstâncias de suas mortes ou desaparecimentos.

O quinto e último capítulo intitulado “Continuidades e rupturas” teve como objetivo apresentar os eventos ocorridos na estereira do encerramento das atividades da DINA em 1977. Nesse sentido, o afastamento de Contreras e a transição para a Central Nacional de Informações, surge como uma das consequências da pressão estadunidense após o assassinato de Orlando Letelier em Washington. A promessa de uma nova instituição mais preocupada

com a obtenção de informações do que com a repressão foi apenas um parte de uma ficção criada pela ditadura, já que a CNI herdou da DINA parte do seu quadro profissional, métodos de prisão e tortura, e manteve os mesmos alvos, representados pelos mesmos e por outros grupos de esquerda surgidos pós-1978. Tais mudanças internas desencadearam também alterações na relação entre EUA e Chile, que mesmo íntimos, passaram por um significativo momento de afastamento até a presidência de Ronald Reagan.

A ousadia da DINA em praticar o TDE no território estadunidense pode ser elencada aqui como a principal motivação para a mencionada modificação na relação EUA-Chile, por isso ganhou destaque no capítulo o processo que extraditou Townley e levou Contreras ao banco dos réus. A ação judicial contra os membros da DINA encaixa-se aqui como a prova de que assim como Contreras, a CIA também protegia Pinochet e os valores propagados pelo regime autoritário chileno. Ademais, a transição da administração conservadora republicana de Nixon e Ford para Carter impactaram diretamente no âmbito repressivo da ditadura Pinochet, já que a principal pauta da Casa Branca sob os mandos do Partido Democrata eram os direitos humanos. Ao fim, ficam visíveis as fragilidades desse governo que, apesar de intenções legítimas, pouco avançou no sentido de conter a violência das ditaduras latino-americanas e que optou por manter laços com ditadores militares, ao contrário do que fez com os países comunistas.

Finalmente, avançando temporalmente para os anos 1990 chegou-se a prisão de Augusto Pinochet em Londres, fato de extrema relevância para os familiares de mortos e desaparecidos, assim como sobreviventes da ditadura, pois criara jurisprudência para outros casos ainda sem resposta legal. A partir do que se convenceu chamar de “cerco a Pinochet”, vítimas silenciadas e ex-agentes estatais sentiram-se encorajados a falar e buscar verdade e justiça. Desse modo, ao longo dos anos surgiram dezenas de demandas judiciais contra ex-agentes da DINA, casos que permanecem abertos ou que resultaram em suas condenações. No caso de Manuel Contreras, chefe da DINA, faltaram-lhe anos de vida para cumprir todos as penas a que foi condenado. Outra consequência da prisão do ditador foi a abertura dos arquivos secretos dos EUA, que apesar dos esforços da CIA e outros setores da inteligência estadunidense, ocorreu gradualmente a partir dos anos 1999, auxiliando tanto na elucidação de casos de perseguição, assassinato e desaparecimento durante a ditadura, quanto na

comprovação da intervenção dos EUA na política chilena antes mesmo do governo de Salvador Allende.

Ao longo da análise das fontes, bibliografia especializada e da escrita deste trabalho constatou-se a veracidade das hipóteses iniciais de que a DINA, mais do que um organismo voltado para a Inteligência e segurança, pôs em prática os preceitos do TDE através da violência física e psíquica. O elemento da clandestinidade presente na história da construção e atuação da DINA corrobora essa ideia e ainda a confere o principal papel dentro do grande aparato repressivo chileno composto por outros setores militares. Independente das forças armadas e respondendo apenas à Pinochet, a DINA foi compreendida como uma polícia política autônoma, composta por militares e civis e que tinha por finalidade eliminar os focos de resistência em todas as suas formas. Entrando em contato com obras como a de Manuel Salazar, *Las letras del horror. Tomo I: la DINA* e os informes produzidos no período de transição para a democracia que apresentam o *modus operandi* utilizado nas operações e as vítimas dentro de cada recinto, se renova a convicção de que Contreras foi arquiteto de um sistema singular, genocida e altamente eficaz em seus propósitos.

No tocante à colaboração dos EUA, essa foi se tornando mais clara ao passo que as fontes foram sendo lidas, criticamente avaliadas e o quebra-cabeça de informações acomodado. Apesar de muitos estudos contemplarem a atuação da superpotência norte-americana na América Latina no contexto da década de 1960 e nas ditaduras do Cone Sul, a conjunção de forças entre DINA e governo dos EUA ainda não havia sido abordada num trabalho acadêmico na região sul do Brasil. Assim, após finalizar a escrita desta pesquisa, verificaram-se discrepâncias do que inicialmente se imaginava acerca do processo de relação entre os dois países. Embora o histórico de intervenção dos EUA no Chile seja o pior possível, devida desestabilização sócio-econômica gerada pela CIA junto dos setores conservadores chilenos, e todos os desdobramentos que levaram ao golpe de Estado, a presença das forças de inteligência desse país mais do que ação demonstraram omissão durante a ditadura Pinochet. Postura igualmente alarmante e impetuosa.

Obviamente, os EUA atuaram para além da vigilância e coleta de informações sobre o que se passava no Chile e nas demais ditaduras do Cone Sul, sua presença estava marcada, sobretudo, pelos escritórios da CIA espalhados pelo território latino-americano. Não somente isso, mas o treinamento, financiamento e ações de todas as ordens fazem dos EUA passível de

responsabilização nos crimes cometidos pela DINA. Não obstante, o maior destaque é para a inação em relação à crueldade das operações do aparato repressivo chileno, pois ao monitorar e tomar conhecimento do caráter violento do organismo liderado por Contreras, os EUA não o freou com a mesma ferocidade com que depôs Allende, admitindo que sua intenção não era inviabilizar uma ditadura autoritária – como pronunciava –, mas sim, acabar com as chances de um projeto alternativo ao capitalismo: a via chilena.

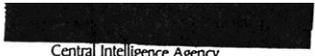
Por fim, esta dolorida pesquisa que percorreu as páginas mais tristes do passado recente chileno, tentou expor as consequências do discurso e práticas antidemocráticas difundidas e praticadas pelos Estados Unidos da América no continente. A repressão e a violência estatal são alguns desses elementos que compõem o cenário das ditaduras do século XX, somado à criação de estruturas poderosas, como a DINA, que deixam infelizes heranças passíveis de ultrapassar os tempos e permanecer vigente. Uma prova disso são os processos judiciais ainda em andamento, mesmo após a morte de Pinochet e Contreras. No ano de 2018, a morte do cantor Victor Jara foi solucionada e contou com um desfecho através da ação judicial iniciada por sua companheira Joan Jara nos EUA. Em janeiro de 2019 comprovou-se o envenenamento do ex-presidente Eduardo Frei por agentes de Pinochet ligados à CNI. Em fevereiro, Adriana Rivas, ex-secretária do diretor da DINA acusada pelo sequestro de Víctor López (PCCh) e outros seis militantes foi detida na Austrália e teve sua extradição solicitada pelas autoridades judiciais chilenas. Por ironia do destino, os sujeitos contidos na declaração de Contreras “iremos até a Austrália, se necessário, para pegar os nossos inimigos”⁵⁰⁷ agora são outros. Ainda há um longo caminho a ser trilhado na busca pela verdade, na manutenção da memória e no alcance da justiça, mas graças a incansável luta dos sobreviventes, familiares de desaparecidos e defensores dos direitos humanos, os primeiros passos já foram dados.

⁵⁰⁷ DINGES, *op.cit.*, p. 155

ANEXOS

Anexo 1- Fragmento do documento "Pinochet's role in the Letelier Assassination and Subsequent Coverup"

EO 13526
3.3(b)(1); 3.5(c)



Central Intelligence Agency



Washington, D.C. 20505

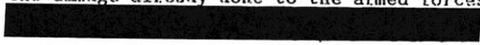
DIRECTORATE OF INTELLIGENCE

1 May 1987

Pinochet's Role in the Letelier Assassination and Subsequent Coverup

Summary

A review of our files on the Letelier assassination has provided what we regard as convincing evidence that President Pinochet personally ordered his intelligence chief to carry out the murder. These files also make clear that when the subsequent investigation by US authorities established that senior Chilean military and intelligence officers were responsible, Pinochet decided to stonewall on the case to hide his involvement and, ultimately, to protect his hold on the presidency. As the result of the recently revived US interest in the case, Pinochet is now seeking new ways to contain the potential threat to his political survival in the face of armed forces pressure to clear up the Letelier affair. In our view, however, none of the several options he apparently has considered--ordering a Chilean court trial for the culprits in the murder, blaming another Army officer for the coverup, or even the elimination of his former intelligence chief--is likely to protect Pinochet from any further embarrassing revelations that ensue. Moreover, they will be unable to satisfy the military's concern that Pinochet take effective steps to repair the damage already done to the armed forces' reputation.



* * *

This typescript was prepared by [redacted] South American Division, Office of African and Latin American Analysis. It was coordinated with the Directorate of Operations. This typescript was requested by Mr. Robert Gelbard, Deputy Assistant Secretary, Department of State. Comments and queries are welcome and may be directed to the Chief, South America Division, ALA, on [redacted]

ALA M 87-20024X

Copy 3 of 9

CL BY: 195040
DECL: OADR
DRV FM: COL 4-82 OADR

PARTIALLY DECLASSIFIED/RELEASED

Authority 57580 # 3636

LA NARA DATE 9/23/16

SECRET



Fonte: National Security Archive. Disponível em:
<<https://nsarchive2.gwu.edu//dc.html?doc=3212947-Document-01-CIA-Pinochet-s-Role-in-the-Letelier>>

Tradução: Uma revisão de nossos arquivos sobre o assassinato de Letelier tem proporcionado o que consideramos como evidência convincente de que o presidente Pinochet ordenou pessoalmente a seu chefe de inteligência que praticasse o assassinato. Esses arquivos também deixam claro que, quando a subsequente investigação das autoridades dos EUA determinou que altos oficiais militares e de inteligência chilenos eram responsáveis, Pinochet ocultar seu envolvimento e, em última análise, proteger seu poder sob a presidência. Como resultado do recente ressurgimento dos EUA no caso, Pinochet está agora buscando novas maneiras de conter a ameaça potencial à sua sobrevivência política em face da pressão das forças armadas para esclarecer o caso Letelier. Em vista disso, no entanto, nenhuma das várias opções que ele aparentemente considerou ordenar um julgamento no Tribunal chileno para os culpados no assassinato, culpar outro oficial do Exército pelo encobrimento, ou mesmo a eliminação de seu ex-chefe de inteligência provavelmente protegeria Pinochet de qualquer outra revelação embaraçosa. Além disso, eles serão incapazes de satisfazer a preocupação dos militares de que Pinochet tome medidas efetivas para reparar os danos já causados à reputação das forças armadas.

Anexo 2 - Documento do Ministério da Saúde Pública chileno solicitando ao Ministério de Justiça a retirada dos cadáveres das ruas no mês seguinte ao golpe de Estado

REPUBLICA DE CHILE
MINISTERIO DE SALUD PUBLICA

M.S. "ORD." Nº 137
OBJ.: Transcribe Oficio que señala en el que se solicita se impartan instrucciones para traslado de cadáveres y enfermos graves.
REF.: Oficio Nº 28057, de 12.X.973.del Depto. de Orden y Seguridad de la Dirección Gral. de Carabineros.

SANTIAGO, 17 OCT 1973

AL MINISTERIO DE JUSTICIA
DE MINISTERIO DE SALUD PUBLICA

A continuación me permito transcribir a US. para su conocimiento y fines a que haya lugar, Oficio Nº 28057, de fecha 12 de Octubre en curso, enviado a este Ministerio por el Depto. de Orden y Seguridad de la Dirección General de Carabineros de Chile:-

"AL MINISTERIO DE SALUD PUBLICA, PRESENTE.
"Se solicita de ese Ministerio de Salud Pública, se sirva, si lo tiene a bien, impartir las instrucciones pertinentes, a fin de que el Instituto Médico Legal traslade en sus furgones los cadáveres que se encuentran en la vía pública, como asimismo, las Postas de Primeros Auxilios envíen sus ambulancias para transportar enfermos graves.
"Lo anterior, por cuanto dichos establecimientos, al ser requeridos por Carabineros, especialmente durante el horario que comprende el toque de queda, no concurren a prestar los servicios de su especialidad, debido por lo tanto, hacerse uso de los vehículos policiales que normalmente están destinados para los servicios de patrullajes, con desmedro de esta función específica. Saluda atentamente a US. POR ORDEN GENERAL DIRECTOR. Fdo.) JULIO DE LA FUENTE DUARTE, General Inspector, Jefe Departamento "Orden y Seguridad".

Saluda a US.
POR ORDEN DEL SR. MINISTRO

RENE MIRANDA BUITANO
Comandante de Escuadrilla (A)
JEFE GABINETE MINISTERIO DE SALUD

1 H - 4 E
DISTRIBUCION:-
1.- Ministerio de Justicia
2 y 3.- Archivo Of. Partes
4.- Archivo Secretaría

RMB/omc.sa.

Fonte: The Clinic. Las comunicaciones secretas entre la DINA, el Ministerio de Justicia y la Corte Suprema. Disponível em: < <https://www.theclinic.cl/2019/03/14/las-comunicaciones-secretas-entre-la-dina-el-ministerio-de-justicia-y-la-corte-suprema/> >

Anexo 3 - Manual de Operaciones Secretas da DINA

REPUBLICA DE CHILE
DIRECCION DE INTELIGENCIA NACIONAL
ESCUELA NACIONAL DE INTELIGENCIA

EJEMPLAR Nº _____

PLAN DE LECCION
Nº 1 /

CURSO : C-1/02-76 "BASICO DE INTELIGENCIA PARA SS.OO."
RAMO : "OPERACIONES SECRETAS"
TEMA : GENERALIDADES, CARACTERISTICAS Y OBJETIVOS DEL
SERVICIO SECRETO Y LOS AGENTES SECRETOS.
LUGAR : SALA DE CLASES
HORAS PREVISTAS :

I.- GENERALIDADES.

A.- Conceptos.

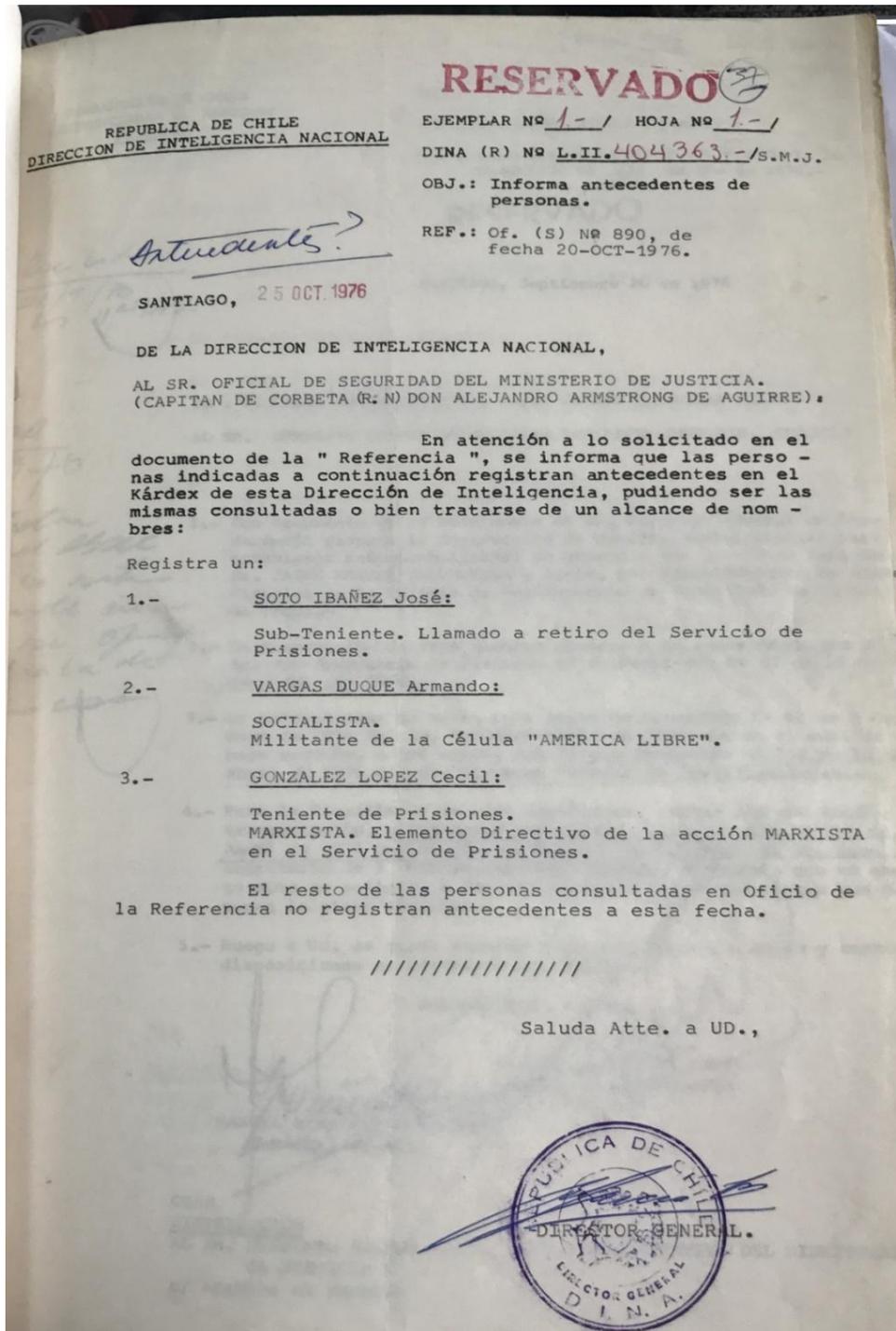
X 1.- Servicio Secreto. ✓
Misión: Tiene por misión realizar todo tipo de Operaciones de Inteligencia, en el país y en el extranjero mediante maniobras ocultas y clandestinas que no produzcan comprometimiento al Estado o a sus autoridades y que permita aprovechar sus resultados en beneficio de los intereses nacionales y de la propia organización.

2.- Operaciones Secretas. X
Es la suma de acciones o misiones ocultas y clandestinas materializadas por técnicas secretas y realizadas con medios especializados del Servicio Secreto (S.S.) orientadas hacia un objetivo de Inteligencia.

3.- Guerra Secreta. ✓
Es el choque subterráneo y clandestino que se produce entre dos S.S. o entre el S.S. y la oposición activa en contra de los intereses nacionales cuando desarrollan sus misiones y operaciones secretas en busca de sus objetivos particulares.

Fonte: Manual de Operaciones Secretas – DINA. Disponible em
<<http://www.theclinic.cl/2013/09/11/operaciones-secretas-el-manual-inedito-de-la-dina/>>

Anexo 4 - Resposta da DINA sobre os antecedentes de cidadãos chilenos



Fonte: Archivo Nacional de Chile. Ministério de Justicia livro nº 28422. Ejemplar nº1. Hoja nº1.
DINA (R) nº L.II. 404363/S.M.J. OBJ: Informa antecedentes de personas. Ref.: of. (S) nº890, de fecha
20-oct-1976.

Anexo 5 - Decreto-lei nº 521, decreto que oficializó a Dirección de Inteligencia Nacional

MINISTERIO DEL INTERIOR

CREA LA DIRECCION DE INTELIGENCIA NACIONAL (DINA) JUN. 1974

SANTIAGO, 14-6 1974

DECRETO LEY Nº 521

17 JUN. 1974

VISTO: lo dispuesto en los decretos leyes números 1 y 128, de 1973, y

CONSIDERANDO la necesidad de que el Supremo Gobierno tenga la colaboración inmediata y permanente de un organismo especializado que le proporcione en forma sistemática y debidamente procesada la información que requiera para adecuar sus resoluciones en el campo de la Seguridad y Desarrollo Nacional.

La Junta de Gobierno ha acordado dictar el siguiente

DIARIO OFICIAL Nº 28.229

DECRETO LEY de 1974

Artículo 1º.- Créase la DIRECCION DE INTELIGENCIA NACIONAL, organismo Militar de carácter técnico profesional, dependiente directamente de la Junta de Gobierno y cuya misión será la de reunir toda la información a nivel nacional, proveniente de los diferentes campos de acción con el propósito de producir la inteligencia que se requiera para la formulación de políticas, planificación y para la adopción de medidas que procuren el resguardo de la Seguridad Nacional y el Desarrollo del país.

Artículo 2º.- La Dirección de Inteligencia Nacional estará dirigida por un Oficial General o Superior, en servicio activo, de las Fuerzas de la Defensa Nacional, designado por decreto supremo, el que con el título de Director de Inteligencia Nacional, tendrá la dirección superior, técnica y administrativa del Servicio. En el ejercicio de sus facultades, podrá dictar las resoluciones e impartir las instrucciones internas que sean necesarias para el funcionamiento de la Repartición.

Artículo 3º.- La organización, estructura institucional interna y deberes de la Dirección de Inteligencia Nacional serán establecidas por un Reglamento Orgánico dictado a propuesta de su Director.

La planta estará constituida por personal proveniente de las Instituciones de la Defensa Nacional.

Cuando sea necesario contratar personal que no provenga de las Instituciones de la Defensa Nacional, deberá ser aprobado por Decreto Supremo, suscrito además, por el Ministro de Hacienda. El régimen jurídico y los niveles remunerativos respectivos serán los mismos por los que se rige el personal civil de las Fuerzas Armadas.

Documento obtenido por ArchivosChile/CIINFO

Artículo 4°.- El Director de Inteligencia Nacional podrá requerir de cualquier servicio del Estado, municipalidades, personas jurídicas creadas por ley o de las empresas o sociedades en que el Estado o sus empresas tengan aportes de capital, representación o participación, los informes o antecedentes que estime necesarios para el cumplimiento de sus cometidos.

Del incumplimiento de esta obligación podrá dar cuenta al Contralor General de la República a fin de que aplique al infractor, directamente, cualquiera de las sanciones administrativas contempladas en el respectivo estatuto que rijan su desempeño.

Las normas que establecen el secreto o reserva sobre determinadas materias no obstarán a que se proporcione a la Dirección de Inteligencia Nacional la información o antecedentes solicitados, sin perjuicio de que sobre su personal pese igual obligación de guardar reserva de secreto.

Artículo 5°.- El Reglamento Orgánico a que se refiere el Inciso 1° del Artículo 3°, establecerá que el régimen jurídico y los edificios que regirán para el personal de las cuatro Instituciones de Defensa Nacional y Servicio de Investigaciones, que sea destinado o asignado a la Dirección de Inteligencia Nacional, será el mismo que rige para el personal que presta sus servicios en la Defensa Nacional.

Artículo 6°.- La Ley Anual de Presupuestos consultará en sumas globales, los recursos que sean necesarios para el financiamiento de los gastos que demande la Dirección de Inteligencia Nacional.

El financiamiento correspondiente al año 1974 se hará con cargo a las sumas globales que al efecto pondrá a disposición de la Dirección de Inteligencia Nacional el Ministerio de Hacienda.

Artículo 7°.- Libéranse de los derechos específicos de valor establecido en el Arancel Aduanero y de los demás impuestos, tasas y contribuciones y, en general, de todo derecho que se percibe por intermedio de las Aduanas, como asimismo de la Tasa de Despacho establecida por el artículo 190 de la ley N° 16.464 y sus modificaciones del impuesto del 10% previsto en el artículo 44 de la ley N° 17.564, en las importaciones de equipos completos, accesorios y demás elementos, que efectúe la Dirección de Inteligencia Nacional.

Artículo 8°.- Agrégase en la letra a) del artículo de la ley N° 17.798, de Control de Armas, el siguiente inciso nuevo:

"Asimismo, las diligencias a que se refieren los incisos precedentes, podrán ser cumplidas por la Dirección de Inteligencia Nacional en la forma y condiciones señaladas en esos preceptos."

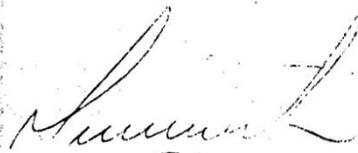
Artículo 9°.- El Director de Inteligencia Nacional y los Jefes de Servicios de Inteligencia dependientes de las Instituciones de la Defensa Nacional, podrán coordinar directamente sus actividades para el cumplimiento de sus misiones específicas. Sin perjuicio de lo anterior, y cuando lo reclamare la necesidad imperiosa de la defensa en el régimen Institucional del Estado, la Junta de Gobierno podrá disponer la participación o coordinación de todos los Organismos de Inteligencia anteriormente mencionados, en funciones propias de la Dirección de Inteligencia Nacional.

Artículo 10.- Para el ejercicio de las facultades de traslado y arresto de personas, que se conceden por la declaración del Estado de Sitio u otras que puedan otorgarse en las circunstancias y excepciones previstas en la Constitución Política, la Junta de Gobierno podrá disponer que las diligencias de allanamiento y aprehensión, si fueren necesarias, sean cumplidas además por la Dirección de Inteligencia Nacional.

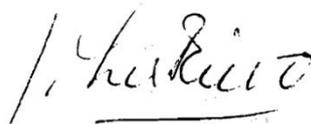
Artículo 11.- La Dirección de Inteligencia Nacional será la continuadora legal de la comisión denominada "DINA", organizada el mes de Noviembre de 1973.

Artículo Unico Transitorio.- Los artículos 9º, 10º y 11º del presente decreto ley se publicarán en un anexo de circulación restringida del Diario Oficial.

Regístrese en la Contraloría General de la República y publíquese en el Diario Oficial, e insértese en la Recopilación Oficial de dicha Contraloría.



AUGUSTO PINOCHET UGARTE,
General de Ejército
Comandante en Jefe del Ejército
Presidente de la Junta de Gobierno.



JOSE T. MERINO CASTRO,
Almirante
Comandante en Jefe de la Armada.



GUSTAVO LEIGH GUZMAN,
General del Aire
Comandante en Jefe de la Fuerza
Aérea de Chile.



CESAR MENDOZA DURAN,
General Director de Carabineros.



OSCAR BONILLA BRADANOVIC
General de División
Ministro del Interior.

Lo que transcribo para su conocimiento.



EDUARDO AVELLO CONCHA
Subsecretario del Interior

Documento obtenido por
ArchivosChile/ CIINFO

Fonte: Archivo Chile. Disponible em:

< http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/html/dic_militar_leyes_dm.html >

EL MERCURIO

Santiago de Chile — Semana del 14 al 20 de Julio de 1975

Miristas Muertos En Argentina Eran Buscados en Chile

(Miércoles 16)

Los dos integrantes del Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR), que fueron asesinados la semana pasada cerca de Buenos Aires, figuraban como desaparecidos en Chile y entidades humanitarias, entre ellas Amnesty International, habían planteado reclamos a favor de ellos, se informó ayer en fuentes de Gobierno.

Voceros del edificio "Diego Portales" dijeron que se trata de Luis Alberto Wendelman Wisnick y Jaime Eugenio Robostam Bravo. En los archivos nacionales figuraban como desaparecidos.

Los cadáveres de Wendelman y Robostam fueron encontrados acibillados a tiros en el interior de un automóvil en las inmediaciones de la ciudad de Pilar, 45 kilómetros al noroeste de Buenos Aires.

Las informaciones recibidas desde la capital argentina dicen que sobre los cadáveres había un lienzo blanco con la leyenda "dados de baja del MIR". Más abajo aparecía la firma: "Brigada Negra".

En las fuentes de Gobierno se informó, sin embargo, que bajo una bandera chilena había una leyenda que decía "traidores al MIR".

Los informantes señalaron también que el caso de los dos miristas "desaparecidos" no es nuevo, ya que en los meses pasados muchas personas dadas por muertas han aparecido integrando grupos guerrilleros en otros países.

Expusieron que esta fue una de las razones que tuvo en vista el Gobierno

(Continúa en la página 7)

Miristas Muertos

(De la 1.a página)

para rechequear la identidad de chilenos que salían del país con salvoconductos. Se descubrió que abandonaban el territorio con documentación falsa, en tanto que la verdadera identidad se denunciaba en Chile como "desaparecida".

FALSOS SECUESTROS

Por otra parte, los servicios de seguridad comprobaron que está en marcha un plan para hacer falsos secuestros.

Según fuentes de Gobierno, elementos marxistas irrumpen en domicilios de compañeros; se identifican como personal de seguridad y se llevan a los dueños de casa.

"Por supuesto —puntualizaron las fuentes—, se cuenta con la complicidad

de éstos, lo que ignoran los familiares. Estos, lógicamente, concurren a los Tribunales de Justicia a denunciar la desaparición de sus parientes".

Los informantes dijeron que hay por los menos 3 casos ratificados de chilenos que fueron sacados de sus hogares por otros miristas, sin que los familiares de ellos sepan que son cómplices en el delito. Los nombres serán dados a conocer próximamente.

"Estos seudos detenidos o secuestrados —explicaron las fuentes— son trasladados a Argentina a fin de que se incorporen a movimientos guerrilleros y, tras recibir adiestramiento, son retornados a Chile".

Anexo 7 - Reportagem "La Vendetta Chilena" lançada no marco da Operação Colombo pela revista argentina Lea

"SALIERON DE GUATEMALA
Y CAYERON EN GUAETEPEOR"

LA "VENDETTA" CHILENA

Especial para "LEA").-

SALVADOR ALLENDE
El "Padrino" mata desde la tumba



Ciudad de México

Alrededor de sesenta extremistas chilenos han sido eliminados en los últimos tres meses por sus propios compañeros de lucha, en un vasto e implacable programa de venganza y depuración política.

El plan de ejecuciones materializado en una feroz cacería a lo largo y ancho de las tres Américas y Europa, parece ser el comienzo de una gigantesca purga con la que culmina un largo proceso de divergencias, mutuas recriminaciones y disputas por dinero que desde el mismo día de su caída, ha envuelto a la debilitada unidad popular en el exilio.

El hecho trascendió de uno de los círculos, de asilados en México, muchos de cuyos integrantes viven en un frenético terror, pues temen estar incluidos en las sentencias dictadas por los "tribunales populares" que han comenzado a funcionar dentro de la clandestinidad en diversos países latinoamericanos.

Tabién se supo que algunos asilados han tratado de contactarse con familiares de las víctimas, en Chile, con el objeto de coordinar una acción ante altos ex dirigentes allendistas, radicados en Europa, para poner fin a la razzia. Sin embargo, es difícil que ello pueda lograrse, dados las encontradas motivaciones subterráneas que actúan en el origen de este operativo.

Conforme a los antecedentes recogidos, las acciones de "Limpieza y silencio" se

han registrado con estudiada inconexión en Argentina, Colombia, Venezuela, Panamá, México y Francia. Son practicadas por pequeños grupos de fanáticos juramentados y en ellas han caído, fundamentalmente, militantes del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) y de las fracciones más radicales del proscrito Partido Socialista.

Aunque no ha sido posible, hasta ahora, obtener datos específicos sobre las actividades desarrolladas por los sentenciados antes y después de su paso a la clandestinidad, como tampoco de los cargos que se le formuló a cada uno, se sabe que la mayoría de ellos eran estudiantes universitarios o profesionales jóvenes que habían abandonado su oficio. Incluso en la lista proporcionada en México y que se agrega al pie de esta nota figuran cinco mujeres.

Se dijo que el factor que determinó la denuncia de estos hechos fue la extraña muerte del periodista chileno Eugenio Lira, cuyo cadáver fue encontrado en su departamento en París varios días después del deceso a comienzos de junio.

Lira fue subdirector del tabloide "Puro Chile", mascarón de proa del gigantesco aparato publicitario montado por la Unidad Popular. Ya durante el Régimen marxista exhibió sus discrepancias tácticas con el MIR, con el secretario general del PS, el ex Senador Carlos Altamirano, e incluso con el propio Salvador Allende a quien le otorgara por tres veces el "huevo de oro" (distinción sarcástica creada por el propio Lira).

Lira se asiló en la embajada de un país sudamericano en Santiago inmediatamente después del pronunciamiento militar. Desde allí, además de atribuir al MIR y al PS toda la responsabilidad por el desmoronamiento del régimen, trató de negociar con las nuevas autoridades chilenas concretamente—según declararon posteriormente algunos de sus compañeros de asilo—ofreció, a cambio de su libertad y salida del país, escribir un libro denunciando todas las corrupciones y luchas intestinas que socavaron al Gobierno Marxista.

La proposición no fue aceptada, pero Lira, meses después igual obtuvo su salvoconducto para asilarse, finalmente, en Francia. Allí aparecía como trabajando en "L'Humanité", órgano oficial del comunismo galo, pero se sabe que mantenía la idea del libro y que éste ya estaba en confección.

Oficialmente la muerte fue atribuida a un ataque, versión que no es aceptada por quienes le conocieron o mantuvieron un acto con él en los días previos a su deceso. El escepticismo frente a la explicación oficial tiene uno de sus orígenes en el hecho de que Lira estaba interiorizado de los poco idealistas manejos de los cuantiosos fondos recogidos por ciertos grupos de asilados. A ello debe agregarse su profundo conocimiento de las intimidades de la UP y su público convencimiento de que los más altos jerarcas del allendismo que deambulan por Europa han transformado el exilio en un muy lucrativo negocio.



Por lo demás, el 20 de junio pasado, el MIR reconoció formalmente haber condenado a muerte a nueve de sus militantes —acusados de delatores y traidores— y anunció la expulsión de otros cien que se acogieron a asilo político. La información llegó en forma de comunicado por correo ordinario a diferentes diarios de Santiago.

Por otra parte, la brutal decisión con que la secta terrorista aplica sus sentencias quedó demostrada a mediados de 1972, en pleno período marxista, cuando purgó a su propio secretario general, Luciano Cruz, en un burdo operativo para simular accidente o suicidio. Cruz habría estado dispuesto a romper los lazos político-financiero-familiares que ataban a ciertos dirigentes con Salvador Allende.

Finalmente, fuentes allegadas al ERP argentino han manifestado que fue necesario precipitar el comienzo de la "depuración" a raíz de la aceleración de los planes confeccionados por la Junta Coordinadora Revolucionaria (integrada por ERP, MIR, MLN de Bolivia y Tupamaros de Uruguay), que determinó intensificar la acción subversiva en el cono sur de América.

Se estima que la mayoría de los ejecutados en esa área fueron calificados como informantes de organismos de seguridad o, simplemente, exteriorizaron su intención de desertar de la aventura. La angustia que ha hecho presa de otros asilados deriva del convencimiento de que la razzia está recién comenzando.

LOS QUE CALLARON PARA SIEMPRE

Aguilera Peñaloza, Arturo Stalin; Arroyo Padilla, Rubén David; Arévalo Muñoz, Víctor Daniel; Andrónico Antequera, Jorge Elías; Alvarado Borguel, María Inés; Acuna Reyes, René Roberto; Bustos Reyes, Sonia del Carmen; Binfa Contreras, Jacqueline del Carmen; Bueno Cifuentes, Carmen Cecilia; Cabezas Quijada, Antonio Sergio; Carrasco Díaz, Mario Arnoldo; Chantreau Oyarce, Alfonso René; Chacon Olivares, Juan Rosendo; Contreras González, Abundio; Cubillos Galvez, Carlos Luis; Chaer Vasquez, Roberto Salomón; Drovilly Yurich, Jacqueline; Docken Lorff, Navarrete Muril; de Castro López, Bernardo; Espinoza Mendez, Jorge; Elgueta Pinto, Martín; Fuentes Riquelme, Luis Fernando; Flores Pérez, Julio; Gallardo Agüero, Néstor Alfonso; Garay Hermosilla, Héctor Marcial; Gaete Farías, Gregorio Antonio; Gajardo Wolff, Carlos Alfredo; González Inostroza, María Elena; Ibarra Toledo, Juan Ernesto; Jorquera Encina, Mauricio; Lagos

Hidalgo, Sergio Hernán; López Díaz, Violeta del Carmen; Lara Petrovich, Eduardo Enrique; Labrador Urrutia, Ramón Isidro; Montecinos Alfaro, Sergio Sebastián; Muñoz Andrade, Leopoldo; Miranda Lobos, Eduardo Francisco; Morales Chaparro, Edgardo Agustín; Martínez Meza, Agustín; Machuca Muñoz, Zacarías; Neira Muñoz, Marta Silvia Adela; Ortiz Moraga, Jorge Eduardo; Pena Solari, Nilda Patricia; Poblete Córdova, Pedro Enrique; Palominos Benítez, Vicente; Palominos Rojas, Luis Jaime; Quiñones Lambach, Marcos; Radrigán Plaza, Anselmo Osvaldo; Reyes Navarrete, Sergio; Reyes Pina, Daniel Abraham; Silva Saldivar, Gerardo Ernesto; Silva Peralta, Claudio Salinas Eytel, Marcelo Eduardo; Sandoval Rodríguez, Miguel Ángel; Tello Garrido, Teodoro; Pugas Morales, Rodrigo Eduardo; Urbina Chamorro, Gilberto; Villalobos Díaz, Manuel Jesús; Villarroel Ganga, Víctor Manuel; Zieda Gómez, Eduardo Humberto.

TERRORISMO INTERNACIONAL

LA UNICA VERDAD ES LA REALIDAD

FIDEL CASTRO
Más que nunca
igual a sí mismo



TERRORISMO INTERNACIONAL: "LA UNICA VERDAD ES LA REALIDAD"

El descubrimiento en París de una red terrorista internacional encabezada por funcionarios de la embajada cubana, el jueves 10, alertó seriamente a las autoridades francesas y de Europa Occidental (principalmente Italia, Alemania Federal y España) sobre los alcances de esa peligrosa conspiración amparada en altas esferas y por la sutil propaganda marxista de las grandes agencias internacionales de prensa, a las cuales esta vez les resultó muy difícil minimizar el episodio.

El silencio inicial de La Habana ante la expulsión de sus funcionarios equivale, a juicio de observadores pasaportados, a un reconocimiento de su responsabilidad en el hecho que indica de por sí que la guerra fría no ha muerto ni se ha congelado, sino que sólo cambió de nombre ante la pila bautismal de la sinarquía: ahora se llama "coexistencia pacífica", alias "distensión".

Más allá del asesinato de dos agentes del contraespionaje francés y de un informante policial, el 27 de junio, por el terrorista venezolano Ilitch Ramírez Sánchez (conocido como "Carlos" o "El Chacal"), que desató la ofensiva de París contra el complot marxista internacional, está la circunstancia de que tanto Fidel Castro como sus mecenas ideológicos y financieros no han abandonado sus designios de dominación mundial.

Pero también es deplorable que Francia recién haya tomado nota de esos planes luego de haber dado albergue a la cúspide del extremismo rojo dentro de sus fronteras, desde los "comités de ayuda a Chile" hasta la ETA de los separatistas vascos, los comandos anarquistas alemanes, los "grupos de acción proletaria" italianos y los mercenarios de la Cuarta Internacional. Aquí sólo cabe decir como Perón, que los conoció naranjo, que "la única verdad es la realidad". Y la realidad, incluso en la dulce Francia, siempre duele.

Fonte: Museo de la Memoria y de los Derechos Humanos. Disponible em:

<<http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsd/collect/textosym/index/assoc/HASH0144/d811f48d.dir/00000039000020000011.pdf>>

Anexo 8 - Memorando do Vice-Diretor de Operações para o Diretor Central de Inteligência (EUA)

~~SECRET~~ 552 [REDACTED]

23 AUG 1975

MEMORANDUM FOR: Director of Central Intelligence
VIA : Deputy Director for Operations
SUBJECT : Juan Manuel CONTRERAS Sepulveda
Visit to Headquarters

1. This memorandum will confirm arrangements made for the visit to Headquarters on 25 August of Col. Juan Manuel CONTRERAS Sepulveda, Chief of the Chilean Directorate of National Intelligence (DINA).

2. The Deputy Director of Central Intelligence plans to host a luncheon at Agency Headquarters for Colonel CONTRERAS on 25 August. The luncheon will be essentially for protocol purposes. Private discussions will be held between the DDCI and Colonel CONTRERAS after lunch when Colonel CONTRERAS will explain recent measures taken by the Chilean Government to improve its image on the civil rights issue.

[REDACTED]

signed
[REDACTED]
Acting Chief
Latin America Division

Attachment: [REDACTED] C-1
As stated

Approved for Release
July 2000

[REDACTED]

Fonte: National Security Archive. Memorandum for Director of Central Intelligence. Subject: Juan Manuel Contreras Sepulveda Visit to Headquarters. 23/08/1975.

Transcrição:

Memorando para: Diretor Central de Inteligência

Via: Vice-diretor de operações

Assunto: Juan Manuel CONTRERAS Sepulveda

Visita à sede

1. Esse memorado irá confirmar os arranjos feitos para a visita à sede em 25 de agosto de Juan Manuel Contreras Sepúlveda, chefe da Direção de Inteligência Nacional chilena (DINA).
2. O vice-diretor da Central de Inteligência planeja receber o Coronel Contreras com um almoço na sede da agência em 25 de Agosto. O almoço será essencial para cumprimento de protocolo. Ocorrerão conversas privadas entre o DDCI e Coronel Contreras após o almoço quando Coronel Contreras irá explicar recentes medidas tomadas pelo governo chileno para melhorar sua imagem na questão dos direitos civis.

Anexo 9 - Documento desclassificado "Meeting with Col Contreras"

243

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

SIGNAL CENTER USE ONLY

CLASSIFICATION: ~~SECRET~~

MESSAGE HANDLING INDICATOR: [REDACTED]

DATE-TIME PREFIX: 04 [REDACTED]

CITE: DIRECTOR

MESSAGE REFERENCE NUMBER: (518)

CONF: [REDACTED] INFO: FILE [REDACTED]

DISSEM BY: [REDACTED]

NO INDEX: [REDACTED]

RETURN TO: PER [REDACTED]

IF FILED: # [REDACTED]

4/ma

1. COL. CONTRERAS LUNCHEON WITH DDCI AND WH OFFICERS HELD AS SCHEDULED. FOLLOWING POINTS WERE STRESSED TO COL. CONTRERAS:

A. AGENCY CANNOT PROVIDE TRAINING OR SUPPORT FOR ANY ACTIVITIES WHICH MIGHT BE CONSTRUED AS "INTERNAL POLITICAL REPRESSION." IN THIS CONNECTION, AGENCY WAS VERY PLEASED BY THE 17 JANUARY 1974 MINISTRY OF NATIONAL DEFENSE CIRCULAR GIVING INSTRUCTIONS FOR THE HANDLING OF PRISONERS, WHICH CONFORMS TO THE NORMS OF THE 1949 GENEVA CONVENTION. WE HOPE YOUR GOVERNMENT WILL CONTINUE TO ADHERE TO THESE NORMS.

B. [REDACTED]

C. [REDACTED]

DATE: [REDACTED]
ORIG: [REDACTED]
UNIT: [REDACTED]
EXT: [REDACTED]

**Approved for Release
July 2000**

CLASSIFICATION: ~~SECRET~~

REPRODUCTION BY OTHER THAN THE ISSUING OFFICE IS PROHIBITED

COORDINATING OFFICERS: [REDACTED]

AUTHENTICATING OFFICERS: [REDACTED]

Fonte: U.S Department of State – Freedom of Information Act. Disponível em:
<<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print771.pdf>>

Tradução: Almoço do Coronel Contreras com o DDCI e com os oficiais mantidos como programado. Os seguintes pontos foram expostos para o col. Contreras: A. A Agência não pode fornecer treinamento ou apoio para quaisquer atividades que possam ser interpretadas como "repressão política interna". Nesse sentido, a agência ficou muito satisfeita com a circular do Ministério da Defesa Nacional, de 17 de janeiro de 1974, dando instruções para o tratamento dos prisioneiros, o que está de acordo com as normas da convenção de Genebra de 1949. Esperamos que seu governo continue a aderir a essas normas. B. Tarjado

REFERÊNCIAS

Fontes

ARCHIVO CHILE. “Pauta del MIR para unir fuerzas dispuestas a impulsar la lucha contra la dictadura”. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Miguel_Enriquez/doc_de_miguel/miguelde0008.pdf>

ARCHIVO CHILE. Agentes y estructura de la Central Nacional de Informaciones (CNI). Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/org_repre/DMorgrepre0001.pdf>

ARCHIVO CHILE. Dossier Pedro Enrique Poblete Córdova.. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/119/092poblete_pedro.pdf>

ARCHIVO CHILE. Entrevista com Manuel Contreras, chefe da DINA, concedida à Nancy Guzmán para “La Semana de Comlombia”. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/org_repre/DMorgrepre0015.pdf>

ARCHIVO CHILE. La CIA instruyó a la DINA. Entrevista de Nancy Guzmán a Manuel Contreras, ex-chefe da DINA. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/org_repre/DMorgrepre0015.pdf>

ARCHIVO CHILE. MIR, Declaración de Principios, 1965. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Archivo_Mir/Doc_Agosto_65_a_67/miragosto65a670001.pdf>

ARCHIVO NACIONAL DE CHILE, Ministerio de Justicia, Libro 28422, DINA nº404363, 25 de Octubre de 1976.

ARCHIVO NACIONAL DE CHILE. Comisión Chilena de Derechos Humanos. Caja 303. Carpeta 1 a 2. Análisis, 5 a 11 de junio de 1989.

ARCHIVO NACIONAL DE CHILE. Fondo Orlando Letelier. Carpeta temática “Presos Políticos”.

ARCHIVO NACIONAL DE CHILE. Ministerio de Justicia. Libro 28422, DINA nº 201728, 20 de agosto de 1976.

Auto de Prisión. Auto por el que se decreta la prisión provisional incondicional de AUGUSTO PINOCHET y se cursa orden de captura internacional contra el mismo, 16 de Octubre de 1998. Disponível em: <<http://derechos.org/nizkor/chile/juicio/captura.html>>

CHILE, Decreto-ley nº1878. Disponível em: <<http://bcn.cl/1v40d>>

CHILE. Acta de Constitución de la Junta de Gobierno, 11 de septiembre de 1973. Archivo Chile. Disponível em: <<http://www.archivochile.com/entrada.html>>

CHILE. Bando nº10. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/doc_jm_gob_pino8/DMdocjm0022.pdf>

CHILE. Bando nº15. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/doc_jm_gob_pino8/DMdocjm0021.pdf>

CHILE. Bando nº5. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/doc_jm_gob_pino8/DMdocjm0023.pdf>

CHILE. Decreto Lei nº 2191 (Ley de Amnistía), de 18 de abril de 1978. Disponível em: <<https://ww3.museodelamemoria.cl/sobre-las-colecciones/pieza-del-mes/ley-de-amnistia-n2191/>>

CHILE. Decreto- ley nº 521, 17 de junio de 1974. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/html/dic_militar_leyes_dm.html> Acessado em: nov. de 2016

CHILE. Decreto-Ley nº 527 de 1974. Estatuto de la Junta de Gobierno; CHILE. Decreto-Ley nº806 de 1974. Disponível em: <<https://www.leychile.cl/Navegar?idNorma=6164>>

CHILE. Ley nº 19047 que introduce modificaciones al Código Penal, 01 de febrero de 1991. Disponível em: <<http://bcn.cl/1uvs0>>

CHILE. Proclama, 11 de septiembre de 1973. ARCHIVO CHILE. Disponível em: <<http://www.archivochile.com/entrada.html>>

CHILE. Rol Nº 1-93, 16 de mayo de 2016. Disponível em: <<https://www.24horas.cl/nacional/article2017578.ece/BINARY/Corte%20Suprema>>

CONVENÇÕES DE GENEBRA, 12 de agosto de 1957. Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Disponível em: <<https://shop.icrc.org/icrc/pdf/view/id/2491>>

Covert Action in Chile 1963-1973. Staff Report of the Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities. 94th Congress, 1st Session, U.S. printing Office, December 18,1975. p. 9 Disponível em: <<https://archive.org/details/Covert-Action-In-Chile-1963-1973/page/n1>>

Foreign Relations, 1969–1976, Volume XXI. Chile, 1969- 1973. United States Government Printing Office Washington, 2014. Memorandum for the 40 Committee. March 5, 1970. p.73 Disponível em: <<https://static.history.state.gov/frus/frus1969-76v21/pdf/frus1969-76v21.pdf>>

Foreign Relations 1969–1976, Volume XXI. NSDM 93, November 9, 1970.

Foreign Relations of the United States 1969-1976, Memoradum for the Record, November 19, 1970.

Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI. Transcript of a Telephone Conversation Between the President’s Assistant for National Security Affairs (Kissinger) and President Nixon, July 4, 1973.

Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI. Central Intelligence Agency Information Cable, March 10, 1972.

Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI. Letter From John McCone to the President's Assistant for National Security Affairs (Kissinger). September, 14, 1970.

Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI. Memorandum for the Record, September 16, 1970.

Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI. op.cit., Editorial Note, September 15, 1970.

GOBIERNO DE CHILE. El discurso con que Patricio Aylwin reinauguró la democracia, 12 de marzo de 1990. Disponible em: <<https://www.gob.cl/noticias/el-discurso-con-que-patricio-aylwin-reinauguro-la-democracia-1/>>

Manual de Operaciones Secretas. Disponible em: <<http://www.theclinic.cl/2013/09/11/operaciones-secretas-el-manual-inedito-de-la-dina/>>

Manual Kubark. Disponible em: <http://67.225.133.110/~gbpprorg/mil/mindcontrol/Kubark_Counterintelligence_Interrogation.pdf>

MEMÓRIA CHILENA. Disponible em: <https://www.memoriaviva.com/criminales/criminales_m/malek_zacur_walter_abdul.htm>

MEMÓRIA VIVA. Proceso nº 2.182-98, episodio "Carlos Prats", 30/06/2008. Documento de fojas 6133.p.15. Disponible em: <<http://www.memoriaviva.com/fallos.htm>>

MIR. The MIR and the tasks of the resistance. California: Resistance Publication, 1976.

MUSEO DE LA MEMORIA Y DE LOS DERECHOS HUMANOS. Centro de Documentación (CEDOC). "Miristas muertos en argentina eran buscados en Chile", El Mercurio, 14 a 20 de Julio, 1975. Item 000065.

MUSEO DE LA MEMORIA Y DE LOS DERECHOS HUMANOS. Corte Suprema de Justicia, causa nº 1-91, Falsificación y Homicidio. Tomo I. p.31-32. Disponible em: <<http://www.cedocmuseodelamemoria.cl/wp-content/uploads/2012/01/TOMO-1.pdf>>

MUSEO DE LA MEMORIA Y DE LOS DERECHOS HUMANOS. Fragmento da Revista LEA com a notícia "La Vendetta Chilena" de 15 de julho de 1975. Disponible em: <<http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsd/collect/textosym/index/assoc/HASH0144/d811f48d.dir/00000039000020000011.pdf>>

MUSEO DE LA MEMORIA Y DERECHOS HUMANOS. Salinas e Iturriaga: jefes de brigada que ejecuto a Soria. In: "Los ejecutores de Carmelo Soria según fallo del juez Bañados" El Siglo 18 noviembre 1993. Disponible em: <<http://www.archivomuseodelamemoria.cl/uploads/1/7/176621/00000329000001000004.jpg>>

National Security Archive. Octubre 1975 - Primera Reunión de Trabajo de Inteligencia Nacional. Disponible em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB239b/PDF/19751000%20Primera%20reunio%20de%20Trabajo%20de%20Inteligencia%20Nacional.pdf>>

National Security Archive. "Pinochet's role in the Letelier Assassination and subsequent coverup", May 1st, 1987. Disponible em: <https://nsarchive2.gwu.edu//dc.html?doc=3212947-Document-01-CIA-Pinochet-s-Role-in-the-Letelier>

National Security Archive. Department of State, SECRET Memorandum, "Charles Horman Case," August 25th, 1976. Disponible em: <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB366/docs/Charles%20Horman%20Case.pdf>

National Security Archive. FBI, Operation Condor Cable, September 28, 1976. Disponible em: <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB8/docs/doc23.pdf>

National Security Archive. FBI, SECRET Memorandum, "Frank Teruggi," October 25th, 1972. Disponible em: <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB366/docs/Frank%20Teruggi%20FBI%202.pdf>

National Security Archive. Octubre 1975 - [invitación del Jefe de Inteligencia de Chile]. Disponible em: <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB239b/PDF/19751000%20%5binvitation%5d.pdf>

National Security Archive. Memorandum for Acting Director, FBI, Subject: Frank Teruggi, October 25th, 1972. Disponible em: <https://nsarchive2.gwu.edu/news/20001113/721025a.pdf>

PRATS, Carlos. Cartas a mis compatriotas. Disponible em: <http://www.carlosprats.cl/wp-content/uploads/2010/05/Carta-a-mis-compatriotas-del-libro-memorias-de-un-soldado.pdf>

Programa Básico del Gobierno de la Unidad Popular. p.7-8. Disponible em: http://www.bicentenariochile.cl/attachments/019_Programa%20b%20C3%A1sico%20de%20Gobierno%20de%20la%20Unidad%20Popular.pdf

Resolução da ONU do tema "Protection of human rights in Chile". A/RES/32/118 Disponible em: http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/32/118

Responsibility for the Conduct, Supervision, and Coordination of Covert Action Operations", February 17th, 1970. In: Richard Nixon Presidential Library and Museum Responsibility. Disponible em: <https://www.nixonlibrary.gov/national-security-decision-memoranda-nsdm>

School of the Americas Watch. Manual SOA . Manual SOA. Guerra Revolucionária e Ideologia Comunista. p. 85 Disponible em: <http://www.soaw.org/docs/SOA%20Guerra%20Rev%20I%2061-83.pdf>

School of the Americas Watch. Manual SOA. CounterIntelligence. Chapters 27-28. p. 262 Disponible em: <http://www.soaw.org/about-the-soawhinsec/soa-manuals/counter-intelligence/68>

School of the Americas Watch. Manual SOA. Interrogación. p. 4 Disponible em: <http://www.soaw.org/docs/SOA%20Guerra%20Rev%20I%2061-83.pdf>

Testemunho de Mário Irrázabal. Disponível em: < http://www.londres38.cl/1937/articles-82941_recurso_1.pdf>

Testemunho de Raimundo Elgueta Pinto concedido à Fundação Presidente Allende. Disponível em: < http://www.londres38.cl/1937/articles-82025_recurso_1.pdf>

Texto integro de la proposición de ley presentada el 2 de septiembre de 1996 en el Congreso de los Diputados por el Grupo Parlamentario Socialista (PSOE). Disponível em: <<http://www.derechos.org/nizkor/chile/juicio/extra.html>>

The Clinic, Año 19, n°763. La Segunda, 24 de mayo de 1977.

The Clinic, Año 19, n°763. La Segunda, 9 de diciembre de 1977.

The Clinic, Año 19, n°763. La Tercera, 20 de noviembre de 1975.

U.S Department – Freedom of Information Act. “Dr Carlos Lorca Tobar”. Sem data. Disponível em: < <https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/9600.PDF>>

U.S Department – Freedom of Information Act. “Modification of survey report resulting from conference between Robinson, Con and Armstrong”, May 24th 1948. Disponível em: < <https://foia.state.gov/downloads/documents/Print280.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Additional release: Chile declassification Project, sem data. Case number M-2015-1473. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print905.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Translation of Pinochet. July, 14th 1977. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/Chile2/00000258.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act “DINA its operations and power”, February 2nd, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print354.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act, “Interviews”, March 17th, 1978. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print399.pdf>>; Potential information on Letelier Case, April 11th, 1989. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print966.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Official decree on the creation of the National Intelligence Directorate (DINA), July 2nd, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/PDOD2/0000068F.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Analysis of death and disappearance of Chilean extremists, August 8th, 1975. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print309.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Assassination of Orlando Letelier, September 21st, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print219.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Attempt assassination of Bernardo Leighton, April 9th, 1980. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print668.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of information Act. Chile: Implications of the Letelier case, May 1st, 1978. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print921.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Chilean Gen Carlos Prats Gonzalez assassinated, September 30, 1974. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print757.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. CIA contact with Townley, March 14th, 1978. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print488.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. CIA Report. Claim that Navy to initiate Move to Overthrow the Government that Air Force will support. September 8th, 1973. Disponible em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pcia/9c9b.PDF>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Comments on assassination of Prats in Buenos Aires, October 25th, 1974. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print11.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Conversation with chilean Supreme Court president Jose Maria Eyzaguirre on chilean human rights, March 20th, 1976. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print235.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Daily Intelligence Report, June 26th, 1976. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print815.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Development in Italian Embassy body case, November 21th, 1974. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print533.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. DINA and CECIFA internal conflicts and the treatment of detainees, February 5th, 1974. Disponible em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pdod/9c01.PDF>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. DINA and CECIFA internal conflicts and the treatment of detainees, February 5th, 1974. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print293.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print459.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print876.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Embassy know on death of US citizen Charles Horman, June 14th, 1976. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print995.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Further Steps in the case of Charles Horman, December 10th, 1976. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print325.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Indictment of former DINA director, August 24th, 1978. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print354.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Juan Manuel Contreras Sepulveda visit to headquarters, August 23th, 1975. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print771.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Letelier lecturer at American University, March 6th, 1975. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print533.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Letelier/ Moffit case, October 19th, 1979. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print549.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Meeting with Col Contreras, March 4th, 1974. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print771.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Opposition in Chile, July 27th, 1973. Disponible em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/PCIA3/0000911F.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Pass on highlights of a conversation with Townley, whom I visited in Miami, October 17th, 1973. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print85.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Pinochet says CIA may have been involved an attempt to kill him, April 29th, 1987. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print892.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Pro's Nazis hibernating in Chile. May, 28th, 1976. Disponible em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/PCIA2/00000757.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Request for information concerning the death of Frank Teruggi Jr., February 7th, 1977. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print369.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. South America; Southern Cone Security Practices, July 20th, 1976. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print860.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. Travel in support of Junta, October 27th, 1973. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print369.pdf>>

U.S Department of State - Freedom of Information Act. United States Chilean Relations, June 8th, 1976. Disponible em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print937.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act. Your meeting with admiral Patricio Carvajal at Grenada. June 3rd, 1977. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print309.pdf>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act.. January 30th, 1975. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/8c2e.PDF>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act.. July 29th, 1975. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/8b8d.PDF>>

U.S Department of State – Freedom of Information Act.. October 24th, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/8c6f.PDF>>

U.S Department of State- Freedom of Information Act. ARA-CIA Weekly Metting – 30 july 1976, August 3rd, 1976. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print26.pdf>>

U.S Department of State- Freedom of Information Act. Terrorist bombings of United States-related facilities, August 8th, 1984. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print85.pdf>>

U.S Departmente of State – Freedom of Information Act. Alleged deterioration of human rights situation. August 29th, 1974. Disponível em: <<https://foia.state.gov/searchapp/DOCUMENTS/pinochet/9aa6.PDF>>

U.S. Department of State – Freedom of Information Act. President Carter President Pinochet bilateral, September 6th, 1977. Disponível em: <<https://foia.state.gov/downloads/documents/Print280.pdf>>

Notícias

“Chile gives free Rein to Secret Police”. **New York Times**, May 12th, 1975. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1975/05/12/archives/chile-gives-free-rein-to-secret-police-chiles-military-junta-20.html>>

“2 Sentenced in Murders in Chile Coup”. **New York Times**, January 18th, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/01/29/world/americas/2-sentenced-in-murders-in-chile-coup.html?_r=0>

“Hay al menos 10 agentes de la DINA que identifican a Labbé como instructor”, **Publimetro**, 20/10/2014. Disponível em: <<https://www.publimetro.cl/cl/politica/2014/10/20/javier-rebolledo-hay-menos-10-agentes-dina-que-identifican-labbe-instructor.html>>

“Auto de Ruz sobre el asesinato de Carmelo Soria”. **El País**, 23 Mayo, 2014. <<https://ep00.epimg.net/descargables/2014/05/23/84ca38cd8bfd4290bd2d506e4176265d.pdf?rel=mas>>

“El asesino de Berríos”. **CIPER**, 11/08/2015. Dispñível em: <<https://ciperchile.cl/2015/08/11/el-asesino-de-eugenio-berrios/>>

“World in Brief”, December 2nd, 1998. **The Washington Post**. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1998/12/02/world-in-brief/a5948290-4eda-4271-8f6f-bc2baf6820a0/>>

“the CIA is hiding key documents. Exposing America Role in Chile”, October 6th, 1999. **New York Times**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1999/10/06/opinion/exposing-america-s-role-in-chile.html>>

“Condenan a ex agentes de dictadura chilena implicados en muerte cabo Ejército”, 26/10/2015. **La Vanguardia**. Disponível em: <<https://www.lavanguardia.com/politica/20151026/54438402145/condenan-a-ex-agentes-de-dictadura-chilena-implicados-en-muerte-cabo-ejercito.html>>

“43 años después: justicia condena a 6 ex agentes DINA por desaparición de cúpula de PS en dictadura”, 18 Diciembre, 2018. **El Mostrador**. Disponível em: <<https://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2018/12/18/43-anos-despues-justicia-condena-a-6-ex-agentes-dina-por-desaparicion-de-cupula-ps-en-dictadura/>>

“Chile condena agentes de Pinochet por assassinato de ex-presidente democrata cristão em 1982”, 30 de janeiro de 2019. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/chile-condena-agentes-de-pinochet-por-assassinato-de-ex-presidente-democrata-cristao-em-1982-23414791>>

Relatórios e informes

Informe Hinchey. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?abstract&did=438476>>

Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (Informe Valech). Disponível: <<https://www.bcn.cl/bibliodigital/dhisto/lfs/Informe.pdf>>

Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (Informe Valech). Capítulo VI: Recintos de Detención. Disponível em: <<http://www.fasic.org/dumentos/Capitulo%206.pdf>>

Relatório da Comissão Nacional da Verdade, Vol I. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>

Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación (Informe Rettig). Disponível em: <<https://bibliotecadigital.indh.cl/handle/123456789/170>>

Bibliografia

ALTAMIRANO, Carlos. **Dialéctica de una derrota**. Cidade do México; Siglo XXI, 1977

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru/SP: Edusc, 2005.

AMORÓS, Mario. **Después de la lluvia**. Santiago: Cuarto Propio, 2004.

_____. **La DINA: El Puño de Pinochet.** Ponencia presentada en el 53º Congreso Internacional de Americanistas, México DF, julio de 2009. Disponible em: <<http://memoriando.com/noticias/1100-1199/1152amoros.pdf>>

_____. **Miguel Enríquez: un nombre en las estrellas.** Santiago: Ediciones B Chile, 2014.

ANSALDI, Waldo. Logros, falencias y límites de las democracias de los países del Mercosur, 1982-2005. In: Ansaldi (org.). **La democracia en América Latina, un barco a la deriva.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

AVILA, Arthur Lima de, História e destino: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner. **Revista Cena Int.**, 2005. pp.151-169. Disponible em: <<http://132.248.9.34/hevila/CENAInternacional/2005/vol7/no1/7.pdf>>

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia.** São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

BALLESTEROS, Elías Padilla. **La memória y el olvido.** Santiago: Orígenes, 1995. p. 25 Disponible em: <<http://www.luisemiliorecabarren.cl/files/libro%20E.Padilla.pdf>>

BARNETT, Frank R.; LORD, Carnes. **Political Warfare and psychological operations – Rethinking the US approach.** National Defense University Press. Washington, DC, 1989.

BASSO, Carlos. **La CIA en Chile.** Santiago de Chile: Aguilar, 2013. p. 223

BAUER, Caroline Silveira; GERTZ, René E. Arquivos policiais de extintos regimes repressivos: fontes sensíveis da história recente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BORGES, Elisa Campos. **Com la UP ahora somos Gobierno! A experiencia dos cordones industriales no Chile de Allende.** Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2011. Disponible em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1319.pdf>>

BRANDS, Hal. **Latin America's Cold War.** Cambridge: Harvard University Press, 2012.

BRUM, Maurício Marques. A via rupturista: o Movimento de Izquierda Revolucionaria e o governo de Salvador Allende (1970-1973). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016. p.131-151

CABRERA, Hernán Quezada. Sentencia dictada por la Corte Suprema en el Caso Prats. **Anuario de Derechos Humanos** nº7, 2011. Disponible: <<https://anuariodh.uchile.cl/index.php/ADH/article/view/17361/20539>>

CALLONI, Stella. **Operación Condor: pacto criminal.** Venezuela: Fundación Editorial El perro y la rana, 2016.

CALVEIRO, Pilar. **Poder e desaparecimento**. São Paulo: Boitempo, 2013.

CAPUTO, Orlando. “La nacionalización del cobre durante el gobierno de Allende y la desnacionalización actual”. **Rebelión**, 2 de setembro de 2008. Disponível em <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=71886>>

CEPIK, Marco. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

CHILE. **Libro Blanco del cambio del gobierno de Chile**. Santiago: Ed. Lord Cochrane S.A., 1973.

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas**. Nova York: Seven Stories Press, 1999.

COMBLIN, Joseph. **A ideologia da Segurança Nacional: o poder militar na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CORVALÁN, Luis. **El gobierno de Salvador Allende**. Santiago: LOM Ediciones, 2003.

CURY, Márcia. **O protagonismo popular. Experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2017.

DAVIS, Nathaniel. **Os dois últimos anos de Salvador Allende**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1990.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L’histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres.

DEL BARRIO, REYNA, y LEON REYES, J. **Terrorismo, ley antiterrorista y derechos humanos**. Santiago: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 1991.

DINGES, John. **Os anos do Condor: Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DORFMAN, Ariel. **O longo adeus a Pinochet**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, vol. 4, núm. 1, enero-junio, 2012.

DREYFUS, René Armand. 1964. **A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DUHALDE, Eduardo L. **El Estado Terrorista argentino**. Buenos Aires: Colihue, 2013.

ENGELS, Friedrich. **A origem da propriedade da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1984.

ESCÁRATE, Jocelyn; MUÑOZ, Nancyloreto; TAPIA, Marcela. **Violência política sexual en dictadura: Las mujeres torturadas pela DINA**. Disponível em: <http://mujeresenelmedio.org/wp-content/uploads/2018/09/Violencia-pol%C3%ADtica-sexual-en-dictadura_mujeres-torturadas-por-la-dina.pdf>

FERNÁNDEZ, Claudia; RIVAS, Rodrigo; RODRÍGUEZ, Raúl; PRUDANT, Elisabet, VIDELA, Enzo; HEVIA, Evelyn; LÓPEZ, Manuel Escobar Loreto. **Archivo y memoria. la experiencia del archivo oral de Villa Grimaldi**. Santiago: Corporación Parque por la paz Villa Grimaldi, 2012. Disponible em: <<http://villagrimaldi.cl/wp-content/uploads/2011/07/Libo-Archivo-Oral-Final.pdf>>

FRÜHLING, Hugo; HEINZ, Wolfgang. **Determination of gross human rights violations by State and State-sponsored actors in Brazil, Uruguay, Chile and Argentina, 1960-1990**. Netherlands: Kluwer Law International, 1999.

GARCÉS, Joan. **Allende e as armas da política**. São Paulo: Páginas Abertas, 1993.

GAJARDO, Constanza Martínez, **La prensa en torno a la Operación Colombo: Estudio de caso desde el Análisis Crítico del Discurso**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidad de Chile, 2012.

GIAP, Vo Nguyen. **People's war, people's army**. Nova York: Bentam Books, 1968.

GILL, Lesley. **Escuela de las Americas**. Santiago: Lom Ediciones, 2005.

GONZÁLEZ, Mónica. El hombre que disparó a Berríos. **Revista Siete+7**, n° 33, 25 de octubre de 2002. Disponible: <<https://ciperchile.cl/wp-content/uploads/el-asesino-de-eugenio-berrios.pdf>>

_____. Mónica. General Manuel Contreras endosó secuestro de Berríos a Pinochet. **Revista Siete+7**, n° 51, 28 de febrero de 2003. Disponible em: < https://ciperchile.cl/wp-content/uploads/general-manuel-conteras-endoso-secuestro-de-berrios-a-pinochet_02.pdf>

GLEIJESES, Piero. **La esperanza destrozada. La revolución guatemalteca y los Estados Unidos**. 1944-1954. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

GROPPO, Bruno. Dictaduras militares, archivos de movimientos políticos y sociales y archivos de la represión en América Latina. In: ACUÑA, M.; FLIER, P. et.al., **Archivos y memoria de la represión en América Latina (1973-1990)**.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. A Revolução chilena e a ditadura militar. In: WASSERMAN, Cláudia; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (Org.). **Ditaduras militares na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004

GUZMÁN, Nancy. **Ingrid Olderock: La mujer de los perros**. Santiago: CEIBO, 2014.

HERTZ, Carmen; RAMÍREZ, Apolonia; SALAZAR, Manuel. **Operación Extermínio: La represión contra los comunistas chilenos (1973-1976)**. Santiago: Lom ediciones, 2016.

HEVIA, Evelyn; STEDHLE, Jan. Colonia Dignidad: Verdade, memória y justicia. **Punto de Debate**, n°6, Jun. 2016. Disponible em: <https://rosaluxspba.org/wp-content/uploads/2016/07/ponto_debate_ed6_links.pdf>

HITCHENS, Christopher. **O julgamento de Kissinger**. São Paulo: Boitempo, 2002.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

HOROWITZ, David (org.). **Revolução e repressão**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1969.

JOFFILY, Mariana. A política externa dos EUA, os golpes no Brasil, no Chile e na Argentina e os direitos humanos. **Topoi, Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 58-80, mai./ago. 2018. .p. 77 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v19n38/2237-101X-topoi-19-38-58.pdf>>

KAY, Cristóbal. **El reformismo agrario y la transición al socialismo en América Latina**. Medellín: La Oveja Negra, 1986.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo do desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KORNBLUH, Peter. **The Pinochet File: A Declassified Dossier on Atrocity and Accountability**. New York: New Press, 2003.

KORRY, Edward. The USA-in- Chile and Chile-in-USA : A full retrospective political and economic view (1963-1975). In: **Estudios Públicos**, nº 72. Chile, 1998.

LOPEZ, Jose Leonel Calderón. **La política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) durante los dos primeros años de la dictadura militar (1973-1975)**. 2009. Santiago. Trabalho de Conclusão de Curso em História- Universidade de Santiago.

LÖWY, Michael e SADER, Eder. A militarização do Estado na América Latina. In: Pedro Calil Padis (org.). **América Latina. Cinquenta anos de industrialização**. São Paulo: HUCITEC, 1979.

MACHADO, Patrícia. Direito à Justiça ou esquecimento: as Leis de Anistia nos países do Cone Sul. **XIII Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**, 2016. p. 3 Disponível em: <http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1469058390_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2016PatriciadaCostaMachado.pdf>

MANRIQUE, Miguel. Los componentes autoritarios de la DSN. In: **La seguridad en las fuerzas armadas venezolanas**. Caracas: UCV, 1996.

MARINI, Ruy Mauro. **América Latina. Dependência e integração**. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992.

_____. **El reformismo y la contrarrevolución**. Estudios sobre Chile. Cidade do México: Ediciones Era, 1976.

_____. O Estado de Comtrainsurgência. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, vol. 2 nº3, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/20985/19316>

MARIANO, Nilson. **Operación Condor: Terrorismo de Estado en el Cono Sur**. Buenos Aires: Lohlé- Lumen, 1998.

MATTOS, Dyonisius Dias de. **A infame academia: a história da Escola das Américas sob a Doutrina de Segurança Nacional na América Latina (1959-1989)**. UFRGS. Departamento de História. Trabalho de Conclusão de Curso, 2013.

MATTOS, Renata dos Santos de. **Make the economy scream: o plano ITT-CIA e os impactos no governo de Salvador Allende (1970-1972)**. 2015, 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MCCOY, Alfred W. **A question of torture: CIA interrogation, from the Cold War to the War on Terror**. New York: Hanry Hold and Company, 2006.

MCSHERRY, Patrice J. **Los Estados depredadores: la Operación Cóndor y la Guerra encubierta en América Latina**. Santiago: Lom Ediciones, 2009.

MENDES, Clécio. **O papel da Direção de Inteligência Nacional (DINA) na Ditadura Chilena : para além da repressão (1974-77)**, 2016. 211f. Tese em História Social, PUCSP, São Paulo.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MIRES, Fernando. **La rebelión permanente: las revoluciones sociales en América Latina**. México: Siglo XXI, 2005.

MIX, Miguel Rojas. La dictadura militar en Chile e América Latina. In: WASSERMAN, Cláudia; GUAZZELLI, Cezar Augusto Barcellos (Org.). **Ditaduras militares na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MONTEIRO, Tiago Francisco. As divisões políticas da primeira elite castrense da ditadura chilena (1973-1978): grupos políticos, alternativas institucionais e formação profissional. **Revista Tempo e Argumento, Florianópolis**, v. 5, n.10, jul./dez. 2013. p. 397 - 429.

MORERA, José Luis e CALCINES, Rafael. **La guerra de la CIA contra Cuba**. La Habana: Agencia de Información Nacional, 1988.

MUÑOZ, Heraldo. **A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

NETO, Waldemar Dalenogare. **“Human rights is the soul of our foreign policy”: Jimmy Carter e a diplomacia estadunidense para o Chile**. Dissertação, Porto Alegre: PUCRS-Programa de Pós-Graduação em História. 2016.

OSORIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização**. A sociedade civil e o tema do poder. São Paulo: Outras Expressões, 2004.

PADRÓS, Enrique Serra. **Como El Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional. Uruguai (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar**. 2005. 875f. Porto Alegre. Tese. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. *Escolas Militares dos Estados Unidos e a pentagonização das forças armadas da América Latina. Outros Tempos*, vol.1, 2007.

PALIERAKI, Eugenia. **¡La revolución ya viene! El MIR chileno en los años sesenta.** Santiago: LOM Ediciones, 2014.

PEREIRA, Rafael de Aguiar. **Os crimes da ditadura Pinochet no banco dos réus: o processo espanhol contra a impunidade intocável**, 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PÉREZ, Cristian, **Historia del MIR. Si quieren guerra, guerra tendrán.** *Estudios Públicos*, 91, Santiago de Chile, 2003.

POLICZER, Pablo. **Los modelos del horror. Represión e información en Chile bajo la dictadura Militar.** Santiago: LOM Ediciones 2014.

PRATS, Carlos. **Cartas a mis compatriotas.** Disponível em: <<http://www.carlosprats.cl/wp-content/uploads/2010/05/Carta-a-mis-compatriotas-del-libro-memorias-de-un-soldado.pdf>>

RABE, Stephen. **Eisenhower & Latin America : The Foreign Policy of Anti-Communism.** Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1988.

REBOLLEDO, Javier. **El despertar de los cuervos.** Santiago: Editorial Planeta Chilena, 2016.

_____. **La danza de los cuervos.** Santiago: CEIBO, 2012.

ROJAS, Máximo Quitral. **Los desafíos de una agenda bilateral: Chile y Bolivia. Entre las diferencias políticas y los acercamientos económicos 1970-1990.** Santiago: RIL Ed, 2011.

RUMBERO, Alejandro Muñoz. De la DINA a la CNI: Pervivencia y cambio en los cuerpos policiales chilenos. **VI Encuentro Internacional Jóvenes Investigadores en Historia Contemporánea Zaragoza, 2017.** Disponível em: <<https://historiazgz2017.files.wordpress.com/2017/05/m-11-muc3b1oz-alejandro.pdf>>

SALAZAR, Gabriel. **Villa Grimaldi (cuartel Terranova). Historia, testimonio, reflexión.** Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2013.

SALAZAR, Luis Armando Suárez; LORENZO, Tania García. **Las relaciones interamericanas: continuidades y cambios.** Buenos Aires: CLACSO, 2008.

SALAZAR, Manuel. **Las letras del horror. Tomo I: La DINA.** Santiago: LOM Ediciones, 2011.

_____. **Las letras del horror. Tomo II: La CNI.** Santiago: LOM Ediciones, 2012.

SILVA, Vicente Gil da. **A Aliança para o Progresso no Brasil: de propaganda anticomunista a instrumento de intervenção política (1961-1964).** Porto Alegre: UFRGS-Programa de Pós-Graduação em História. 2008.

SIMÕES, Sílvia Sônia. **Canto que ha sido valiente siempre será canción nueva: o cancionero de Víctor Jara e o golpe civil-militar no Chile**. 2011. 428 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SERVETTO, Alicia. Memorias de intolerancia política: las víctimas de la Triple A (Alianza Argentina Anticomunista). **Antíteses**, vol. 1, n. 2, jul.-dez, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/1596/1640>>

SPEKTOR, Matias. **Kissinger e o Brasil**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009.

TAPIA, Cristian Gutiérrez. **La contrasubversión como política**. Santiago: LOM Ediciones, 2018. Kindle Editio. [e-book]

URIARTE, Sady Arenas. **La sorda justicia: El hoyo de José Domingo Cañas, cuartel Ollagüe de la DINA**. Santiago, 2016.

VALDÉS, Jorge A. Tapia, **El terrorismo de Estado. La doctrina de la Seguridad Nacional en el Cono Sur**. México: Ed. Nueva Imagen, 1980.

VEGA, Marcia Alejandra Merino. **Mi verdad**. Santiago: A.T.G. SA., 1993.

VERDUGO, Patricia. **Como os EUA derrubaram Allende**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WEINER, Tim. **Legado de Cinzas**. Rio de Janeiro: Record, 2008

WYNN, Peter. **A Revolução Chilena**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

YAZBEK, Mustafá. **A Revolução Argelina**. São Paulo; EDUNESP, 2010.

ZALLAQUET, José. **La mesa de diálogo sobre derechos humanos y el proceso de transición política en Chile**. Instituto Nacional de Derechos Humanos, 2000. Disponível em: <https://bibliotecadigital.indh.cl/bitstream/handle/123456789/182/Mesa_de-Dialogo_CEP2000.pdf?sequence=1>

ZÁRATE, Verónica Valdivia Ortiz. **El golpe después del golpe: Leigh vs. Pinochet. Chile 1960-1980**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2003.